

# Schroder



AMITY GAIGE



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Schroder

AMITY GAIGE

Tradução de Izabel Aleixo



Copyright © 2013 Amity Gaige

"Tired of Being Alone", de Al Green © 1971 Irving Music, Inc. e Al Green Music, Inc., com permissão de Hal Leonard Corporation.

"The Terms in Which I Think of Reality", extraído de *Collected Poems*, de Allen Ginsberg © 2006 Allen Ginsberg Trust, com permissão de HarperCollins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL

Schroder

PREPARAÇÃO

Rafaella Lemos

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Suelen Lopes

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo Livros

E-ISBN

978-85-8057-488-3

Edição digital: 2014

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



# Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Apologia pro vita sua](#)

[Errata](#)

[Apologia, cont.](#)

[A mais tenra idade](#)

[Fevereiro](#)

[Acessível, disponível, digno](#)

[Papai](#)

[A avaliação](#)

[O carrossel](#)

[Esquecer](#)

[Erster tag ou o primeiro dia](#)

[A estrada](#)

[As mais belas águas](#)

[Barcos a vapor](#)

[Sonhos desperdiçados](#)

[Os violadores](#)

[O uivo](#)

[Reticências](#)

[Zweiter tag ou o segundo dia](#)

[Em caso de dúvida, não](#)

[Tritão](#)

[Dritter tag ou o terceiro dia](#)

[John toronto](#)

[A minha primeira mentira](#)

[Vierter tag ou o quarto dia](#)

[Canções de amor](#)

[A teoria do silêncio](#)  
[Homens e mulheres](#)  
[Fünfter tag ou o quinto dia](#)  
[A tangerina e a raposa](#)  
[Mais uma surpresa](#)  
[Área sujeita a desmoroamento](#)  
[A serra](#)  
[Sechster tag ou o sexto dia](#)  
[Rapunzel](#)  
[Emergência](#)  
[Pediatria](#)  
[Razões para ficar em silêncio](#)  
[Coisas escondidas](#)  
[Você e eu, e as manhãs de inverno](#)  
[En fin](#)  
[Agradecimentos](#)  
[Sobre a autora](#)

Para o meu pai,  
Frederick H. Gaige,  
1937-2009

*here is the deepest secret nobody knows  
(here is the root of the root and the bud of the bud  
and the sky of the sky of a tree called life; which grows  
higher than soul can hope or mind can hide)  
and this is the wonder that's keeping the stars apart  
  
i carry your heart (i carry it in my heart)<sup>1</sup>*

— e. e. cummings

---

<sup>1</sup> Tradução livre: Aqui está o segredo mais profundo que ninguém conhece/ (aqui está a raiz da raiz e o embrião do embrião/ e o céu do céu de uma árvore chamada vida; que cresce/ mais alto do que a alma pode desejar ou do que o cérebro pode ocultar)/ e esse é o espanto que mantém as estrelas distantes/ eu carrego o seu coração (eu o carrego no meu coração). (N. da T.)

O que se segue é um relato de onde Meadow e eu estivemos desde o dia em que desaparecemos.

Meu advogado diz que devo contar a história toda. Onde estivemos, o que fizemos, quem encontramos etc. Como você sabe, Laura, não sou uma pessoa reticente. Falo bastante — pode-se dizer até que sou meio tagarela — para um homem. Mas há dias não falo nada. Foi uma promessa que fiz. Estou com um gosto velho e mofado na boca, como se ela fosse uma caverna. Acontece que não sei ficar em silêncio. Tem um monte de coisas que quero lhe dizer. O que pode explicar o entusiasmo com que estou escrevendo, apesar da história que vou contar.

Meu advogado também diz que esse relato pode me ajudar no tribunal. Então é difícil não pensar nisso como um tipo de apelo, não apenas ao seu perdão, mas também ao de um júri hipotético, se formos a julgamento. E se a palavra *júri* parecer interessante aos seus ouvidos (foi assim comigo, por um instante), devo lhe dizer que aprendi que um júri entende tudo pelo lado errado, atendo-se sempre às primeiras impressões, e no fim raramente oferece as absolvições ou punições que merecemos. Na maior parte das vezes, funciona apenas como um termômetro de como o caso vai ser distorcido pelos jornais. Ainda assim, é difícil não pensar neles, nos meus ouvintes em potencial. Advogados. Jurados. Uma multidão improvável, assistindo a tudo. Biógrafos. Mas, acima de tudo, você. Você, o meu guia, o meu país, a minha mulher.

Querida Laura. Se fôssemos só nós dois outra vez, sentados à mesa da cozinha, tarde da noite, eu provavelmente chamaria isso de um pedido de desculpas.

## APOLOGIA PRO VITA SUA

Uma vez, em 1984, criei um outro relato fatídico. Aparentemente era uma carta para a inscrição num acampamento de meninos no lago Ossipee, em New Hampshire. Eu tinha quatorze anos e estava morando nos Estados Unidos havia apenas cinco. Durante esse período, o meu pai e eu moramos no mesmo apartamento, no último andar de um prédio em Dorchester, Massachusetts, um bairro de imigrantes nos subúrbios ao sul de Boston, para o caso de você nunca ter estado lá. Naquela época, eu tinha conseguido disfarçar bem o meu sotaque e me camuflava com uma camisa do Bruins, o time de hóquei local, tentando parecer tão durão e mal-encarado quanto os meus colegas irlandeses, que eram minoria em Dorchester. Era como se eu tivesse acabado de descer do navio e descobria, diariamente, as peculiaridades da minha nova pátria. Eu me lembro do barulho metálico da minha primeira máquina de fliperama engolindo uma moeda, como também da visão de uma escova de dentes elétrica ligada, e como, um dia, enquanto esperava o ônibus, um garoto, não muito mais velho que eu, se aproximou da calçada num Corvette conversível e saltou do carro sem usar a porta. Eu me lembro dessa e de outras cenas parecidas, porque os sentimentos que elas despertavam em mim eram confusos. A princípio sentia certo deslumbramento infantil, mas a esse deslumbramento seguia-se a necessidade imediata de reprimi-lo, porque, se eu fosse um americano de verdade, não ficaria nem um pouco impressionado com nada daquilo. A autoconsciência era uma companheira constante; uma espécie de duplicidade mental com a qual eu contava para não viver fazendo perguntas imbecis, como quando papai e eu fomos até Rhode Island um dia, fazer uma

entrega, e me segurei para não perguntar por que não havia nenhuma fiscalização na fronteira entre os estados, para a qual eu tinha levado comigo — pode acreditar — meu passaporte alemão.

Vi o folheto do acampamento do lago Ossipee pela primeira vez no consultório do meu pediatra. Eu o lia com atenção toda vez que ficava doente até que o escondi dentro do casaco e o levei para casa. Fiquei olhando para aquele folheto por semanas — na cama, no banheiro, pendurado na minha barra de exercício — até que as páginas começaram a colar. Os garotos americanos nas fotografias se penduravam nos penhascos entre a montanha e o lago.

Carregavam canoas, com os braços levantados acima da cabeça, em grupos de três. Comecei a me ver nadando com eles. Eu me imaginava rastejando pelos campos ou algo assim, aprendendo a conhecer as trilhas e a amadurecer rapidamente. Eu queria ser o “cara”, o melhor de todos. Não exatamente um herói, mas aquele com quem todo mundo pudesse contar. Estava especialmente interessado no rito de passagem do lago Ossipee, apenas para os meninos mais velhos, no último ano — ir de barco à noite, sozinho, até a ilha que ficava no meio do lago. E foi ali, nessa imagem, que o meu eu futuro nasceu para mim: eu, Erik Schroder, um homem cheio de energia, acendendo a fogueira no meio da noite, *sozinho*, autossuficiente, livre das restrições da sociedade. Fui dormir e acordei no dia seguinte completamente modificado.

Tudo o que eu tinha que fazer para me inscrever no acampamento era preencher um formulário e escrever uma carta de apresentação. Que tipo de apresentação eles estavam esperando?, eu me perguntava. Que tipo de menino procuravam? Sentei-me na frente da máquina de escrever do meu pai, que ficava em cima da mesa de carteador, e fiquei olhando pela janela, para a esquina entre a Sagamore e a avenida Savin Hill, onde dois dos meus

colegas de classe estavam brigando por causa de um taco de hóquei quebrado. Coloquei uma folha de papel na máquina e comecei a escrever.

A minha apresentação foi, sob certos aspectos, a coisa mais verdadeira que já tinha escrito na vida. Misturava fardos históricos, a perda precoce da mãe, um sentimento despropositado de responsabilidade e uma destemida esperança no futuro. Claro que, sob outros aspectos — aqueles em que todas as outras pessoas se baseiam, até mesmo os tribunais —, a minha história era pura mentira. Uma ficção fraudulenta, distorcida, espúria, desonesta e desesperada, que tive que manter quando conheci você. Mas isso foi em 1984. Eu ainda não tinha conhecido você. Eu não estava mentindo *para você* — era apenas um menino sentado na frente da máquina de escrever do pai, com meias brancas esportivas puxadas até os joelhos e cabelo louro, muito claro, que ainda não tinha ficado mais escuro perto da raiz como agora. Coloquei o endereço no envelope. Roubei um selo. Quando chegou a hora de assinar o fim daquela página repleta de palavras, foi com certa facilidade que, pela primeira vez, assinei o nome pelo qual você viria a me conhecer. O sobrenome não foi difícil de escolher. Eu queria um nome de herói, e apenas um homem era chamado de herói em Dorchester. Um garoto do bairro, um irlandês perseguido, um semideus. Ele foi também aquele que fez um discurso para encorajar os cidadãos de Berlim Ocidental nos idos de 1963, deixando-os com um sentimento palpável de autoestima que durou até muito tempo depois de esse homem ser assassinado, e o status de herói que ele tinha ainda continuava intacto quando o meu pai e eu chegamos aos Estados Unidos, anos mais tarde. Na verdade, pode-se dizer que, no fim das contas, John F. Kennedy foi a razão de termos vindo para este país.

Passei meses vigiando o correio, esperando pela carta de resposta que o acampamento me enviaria. A carta me ofereceria uma bolsa integral para a estada no acampamento, bem como total solidariedade em relação aos meus problemas. Sonhei com essa carta tantas vezes que tive certa dificuldade de acreditar nela quando finalmente chegou. *Nós de Ossipee achamos que todo menino merece ir para um acampamento no verão (...). E oferecemos apoio a garotos das mais variadas condições (...). Venha se juntar a nós nas margens do nosso amado lago (...). Ossipee, onde bons meninos se tornam homens melhores ainda.* É isso aí!, pensei. É claro que eu vou! Tenho todas as condições que vocês quiserem! Minha euforia só foi controlada pelo barulho das chaves do meu pai abrindo a porta de entrada. Eu me dei conta de que não poderia lhe apresentar a carta, endereçada a outro garoto. Mas, em vez disso, mostrei-lhe o panfleto já todo rasgado. Contei a ele sobre o telefonema do diretor do acampamento. Até fiz parecer que a bolsa tinha sido por mérito escolar, alimentando ainda mais a fantasia para nós dois. Ficamos andando de um lado para o outro pelo apartamento a noite inteira. Aquilo foi o mais próximo que o meu pai conseguiu chegar de se entregar à alegria.

Ninguém checou a minha história. No dia marcado, peguei um ônibus até Moultonville, que ficava duas horas ao norte de Boston. Lá, um representante do acampamento veio me buscar, a mim e a outro bolsista que vinha de Nashua. Quando descemos do ônibus, uma mulher corpulenta, usando calças cáqui, veio na nossa direção. Era Ida, a cozinheira e única mulher do acampamento. O outro menino se apresentou de maneira desajeitada. Ida olhou para mim.

— Então você deve ser Eric Kennedy.

Por que eles acreditaram em mim? Só Deus sabe. Tudo o que posso dizer é que era 1984. Podia-se fazer a inscrição no seguro

social *pelo correio*. Não havia bancos de dados. E era preciso ser muito rico para ter um cartão de crédito. Guardavam-se testamentos em cofres de bancos e o dinheiro vinha em grandes maços de notas. Não havia essa tecnologia da onisciência. Ninguém *queria* nada disso. Você era quem dizia ser. E eu era Eric Kennedy.

E, pelos três verões seguintes, foi isso que eu me tornei. O Eric Kennedy de mãos firmes. O Eric Kennedy forjado no ferro. O Eric Kennedy com uma voz surpreendentemente afinada para cantar. A minha transformação foi espetacular. Durante o meu primeiro verão no acampamento, eu falava com um fiapo de voz, mas só eu sabia que estava tentando esconder algum vestígio de sotaque que ainda pudesse restar. Eu nutria certo medo de que um alemão de verdade virasse para mim e perguntasse: "*Wo geht's zum Bahnhof Zoo?*" Onde fica a estação do zoológico? Eu com certeza responderia como chegar lá. Mas isso nunca aconteceu e, além do mais, ninguém desconfiava de mim, ninguém me investigava ou queria me prejudicar de alguma forma. No acampamento, ensinava-se aos meninos que confiar nas pessoas era algo que se devia fazer para a sua própria honra, e esse ensinamento antiquado, mesmo que eu o tenha assimilado de um modo perverso, é uma dívida que ainda tenho com aquele lugar. Ao longo do tempo, deixei a periferia do grupo e passei a ocupar o centro das atenções. Tirava a camisa e me juntava aos outros, dançando ao redor da fogueira. Puxava a cantoria na hora da comida no refeitório. No fim do primeiro verão, já não podiam mais me calar. E, depois disso, nunca mais parei de falar.

Finalmente chegou a hora da minha grande viagem solitária. Era o meu terceiro e último verão no lago Ossipee, um verão surpreendentemente ameno. Um vento constante movimentava a superfície do lago, formando ondulações escuras e iridescentes que

batiam no fundo do barco do acampamento. Todos os garotos que eu admirava nos verões anteriores já tinham ido embora. Os novatos, com os cabelos ainda excessivamente penteados, perambulavam pelo deque assistindo à minha partida, e me dei conta de que tinha me tornado o menino mais velho, aquele de quem se lembrariam quando eu tivesse ido embora. O monitor dos barcos me levou até um lugar determinado e me deixou lá, numa praia de areia dura, com uma coroa de pernilongos ao redor da cabeça. A noite parecia não ter mais fim, mas esse não é o ponto mais importante da minha história. O que quero contar a você é sobre a manhã seguinte, quando ouvi o som do barco se aproximando no nevoeiro, e saí da minha barraca como se saísse de uma pele, e sabia que tinha conseguido algo verdadeiramente grandioso: eu havia escolhido a minha própria infância. Havia encontrado um passado que se adequasse ao meu presente. E assim, com a ajuda das recomendações entusiasmadas do pessoal do acampamento, e também de uma série de falsificações que reluto em detalhar aqui — apesar de bem recentemente terem empurrado fotocópias desses documentos por cima da mesa na minha direção —, fui aceito, como Eric Kennedy, numa universidade na cidade de Troy, no estado de Nova York. Lá, eu era um aluno com bolsa-trabalho, e ficava no caixa de um edifício-garagem. O restante da mensalidade foi custeado por um fundo do governo (dívida que, a propósito, já quitei). Fui estudar comunicação. Eu era um estudante mediano. Inteligente em sala de aula, como você pode imaginar, mas inconsistente quando me exigiam trabalhos de verdade e por conta própria. O meu bilinguismo secreto fazia com que me saísse bem ao aprender novas línguas — espanhol, e até mesmo japonês para conversação. Quando me formei, consegui um

emprego como tradutor técnico no Centro de Pesquisas Médicas de Albany, e fiquei lá por tranquilos seis anos, livre como um pássaro.

Mas é claro que pássaros não são livres. Pássaros não fazem quase nada livremente. Pássaros são uma das criaturas mais diligentes da natureza, passando todas as horas do dia procurando, coletando e evitando qualquer desvantagem competitiva, ocupados apenas em serem pássaros. Como um pássaro eu estava constantemente trabalhando para ser Eric Kennedy e, como um pássaro, eu não pensava nisso como um trabalho. Pensava que aquilo era apenas *ser*. Eu já tinha enganado de forma insensível e cruel, isto é, eu já tinha enganado o meu próprio pai. Toda vez que eu era Eric Kennedy, evitava contato com ele. Até no acampamento, disse a ele que não havia telefones no meio da floresta em New Hampshire, mas que, se ele quisesse, eu percorreria de bom grado o caminho a pé até a cidade mais próxima à procura de um telefone. Claro que ele disse não *Nein, nein, Erik*. E depois, num inglês muito estudado, *Vou ver você quando puder vê-lo*.

Certo. Ele iria me ver quando pudesse, e isso seria bem raramente. Durante a faculdade, eu era exatamente igual a qualquer outro rapaz, muito ocupado, tentando parecer mais interessante do que era — você sabe, colecionando discos, escrevendo mentalmente uma série de manifestos, uma ou duas vezes participando de uma peça de teatro. Ia a Dorchester apenas quando era absolutamente necessário. Participei da cerimônia de formatura sozinho, usando a beca e o capelo pretos, e esperei até julho para levar papai para uma visita ao campus, quando não havia quase ninguém lá, a não ser os poucos alunos da aula de tênis para adultos. Durante a faculdade, havia ficado amigo de um professor sem filhos, e esse homem, e não o meu pai, foi o fiador

no aluguel do meu primeiro apartamento, um quarto e sala ensolarado numa esquina do Washington Park.

Eu estava feliz em Albany e raramente saía de lá. Gostava dos horizontes protetores da cidade, dos seus políticos insignificantes e belicosos. E havia sempre uma garota — uma ou outra — e risos, e debochar dos turistas no shopping South Mall. Esses relacionamentos eram fáceis e sem compromisso. Eu tinha talento para escolher mulheres com um gênio naturalmente predisposto à felicidade, que não me usariam como um refúgio para as suas decepções. No tempo livre, trabalhava de forma errática na minha pesquisa (ver página 22) e jogava futebol com um bando de estrangeiros num campo da Universidade de Saint Rose. E o que viria depois, eu suponha, seria o que viria depois.

Eu não sabia que o que viria depois seria você.

\* \* \*

Você. A primeira vez que a vi, você estava colocando uma tala no braço de um garoto que tinha acabado de cair de uma árvore. E havia mais ou menos uma dezena de outras crianças em volta, vendo o que você fazia. Até aquele momento o garoto que tinha caído gritava tão alto que ninguém, a não ser você, conseguiu chegar perto dele. Eu estava na minha hora do almoço, o barulho me incomodou e então me levantei para sair dali. Mas você prendeu o meu olhar e eu fiz uma pausa.<sup>1</sup> O que provocou esse empecilho à minha saída? O que havia em você ou no momento que capturou a minha atenção? Foi a maneira como você continuou a enfaixar calmamente o pulso daquele garoto, apesar de ele estar histérico, gritando e esperneando? Era agosto. O fim de um verão quente e decadente. Mais tarde, fiquei sabendo que você era a

responsável por um grupo de vinte crianças carentes desde julho. Você parecia estar precisando de um banho. Mas a minha atenção esbarrou em você. O meu cérebro limpou você e a vestiu com um vestidinho de verão, colocou uma taça de vinho branco na sua mão e fez o seu rosto se virar para o meu. Então fiquei ali de pé, e depois caminhei até você e ofereci ajuda, perguntando-me se aquele sentimento iria durar, perguntando-me se eu poderia encadear dois ou três momentos dessa mesma atenção arrebatadora que me comandava. Quem pode saber por quê, Laura? Quem pode saber por que fulano se apaixona por sicrana em vez de por beltrana? Diversos poemas tentaram descobrir, mas não conseguiram. Quero dizer, desculpe-me por eu ter escolhido você. Mas acho que parte da minha motivação aqui, no meu relato, é lembrá-la de que não fomos um desperdício completo. Veja só:

Nós tínhamos algo em comum? Acredito que sim, tínhamos muito em comum durante certo tempo. Embora eu tenha achado você um pouco insegura numa primeira impressão, assim que decidi que eu era um cara decente, você se tornou um tanto grudenta. E não podia evitar. Você me dava livros, chás, damascos cristalizados. A sua maneira de seduzir era doce, um pouco meticulosa demais. Era como se você tivesse sido apartada dos homens durante toda a vida e, por isso, só soubesse me seduzir como se eu fosse uma garotinha.

Embora você tivesse nascido nos Estados Unidos, eu era muito mais americano. Era mais espontâneo. Mais relaxado. Eu ainda era, de muitas maneiras, o Eric Kennedy do acampamento no lago Ossipee, uma persona pela qual fui amplamente recompensado na universidade, mas que, à medida que me aproximava dos trinta, precisava de uma atualização. Com você, Eric Kennedy amadureceu. Você era quatro anos mais nova, mas ninguém dizia.

Você era rápida. Era responsável. Cautelosa. Era cuidadosa com a sua saúde. Sempre carregava um suprimento de castanhas, nozes e frutas secas. Você se sentia ofendida com facilidade. Havia uma lista inteira de questões sociais com as quais você se ofendia sempre (por exemplo, a falta de acesso para deficientes físicos nos edifícios públicos). A menor menção a essas questões fazia suas bochechas ficarem vermelhas. Você estava sempre pronta para um debate educado, mas acalorado. Era como se, ao longo da vida, tivesse ficado traumatizada com uma série de mal-entendidos recorrentes.

Com que rapidez dispensei todos os meus outros compromissos, todas as outras amizades, grupos e interesses. Eu sentia que amava você, apesar da sua juventude, como se eu fosse um aluno seu e, o que quer que você fizesse — não importa se fosse vago ou específico —, isso era a coisa certa para mim. Você tinha um cuidado especial com a verdade. Queria que tudo o que dissesse fosse verdadeiro nos mais variados níveis. Você levava horas para preencher um simples questionário no consultório médico, batendo com a caneta nos lábios. Você se exercitava todos os dias ou apenas algumas vezes por semana? Bem, você se exercitava várias vezes por semana, mas não *todos os dias*. Eu ficava atrás de você para ajudá-la a examinar minuciosamente as informações dadas de forma inconsequente que prendiam a sua atenção. Ficava feliz em analisar com você códigos de barras, listas de ingredientes e todo tipo de letrinha miúda nas embalagens. No supermercado ou no departamento de trânsito. Nos Estados Unidos, as oportunidades de sermos bem precisos são infinitas. E nada escapava aos seus olhos. Nada, a não ser eu, é claro.

\* \* \*

Casamento. O choque de expectativas produz um novo acorde. Tivemos uma cerimônia civil bem simples. Lua de mel em Virginia Beach. E, depois desses rituais, alugamos um apartamento, reorganizamos os móveis e então certa ociosidade se abateu sobre nós, e éramos como qualquer casal recém-casado se perguntando nervosamente: ok, mas... e agora? Como deveríamos seguir em frente? Por um tempo parecia que estava faltando alguém — um *outro* alguém, uma espécie de líder ou chefe. Uma terceira parte urgentemente necessária cujo papel seria direcionar o tráfego entre nós, negociar os planos conflitantes, estabelecer compromissos, traduzir as diferenças culturais ou religiosas. Ou alguém supunha que faríamos isso sozinhos? *Nós*? A noiva — você — nascida em Delmar, Nova York, no seio de uma família católica ligeiramente ignorante, mas de bom coração, lutando para ampliar a sua formação provinciana. E o noivo — eu — criado numa cidade (completamente fictícia) em Cape Cod que se chamava Twelve Hills, “do ladinho de Hyannis Port”, filho único adorado, cujo sobrenome só podia ser pronunciado com certo enlevo.

---

<sup>1</sup> O que é uma pausa? Para o propósito do que estou escrevendo, vou restringir minha resposta apenas à interação que acontece durante uma conversa, na qual uma pausa é a cessação de diálogo entre dois ou mais participantes (não é, por exemplo, um momento de contra-argumentação durante um monólogo interior, solitário e existencial na banheira). Comparada ao silêncio, a pausa é mais curta, uma espécie de silêncio infantil — o tipo de hesitação que ocorre quando alguém tenta decidir qual é a melhor maneira de dizer alguma coisa, por exemplo. Ou quando alguém está refletindo sobre o que outra pessoa acabou de dizer com um tom de crítica ou de mágoa. Ou quando alguém se distrai por outra conversa ou algum barulho muito alto, mas quer parecer pensativo. Ninguém me perguntou, mas eu, pessoalmente, diria que uma pausa dura de dois a três segundos. Deve ser verdade que as pausas são, ao menos historicamente, silêncios de segunda classe, já que os silêncios — aqueles vazios de tempo bocejantes, nos quais o coração para, a boca seca e a verdade começa a aparecer — são dignos de estudo e têm infinitamente mais consequências. No entanto, este escritor sustenta que ambos, pausa e silêncio, podem ser o que a teórica e

mãe da pausologia, Zofia Dudek, chama de *funcionalmente deficiente* (quer dizer, um nada que é alguma coisa). Ambos são dignos de estudo e atenção.

## ERRATA

Que fique registrado: o noivo *nunca* disse à noiva que era parente dos famosos Kennedy. Isso foi mencionado nos relatórios, e o noivo categoricamente nega essa alegação. Não. Tinha sido apenas a simples menção das palavras “Kennedy” e “do ladinho de Hyannis Port”, e todo mundo começou a tirar conclusões precipitadas. O noivo admite que uma ou duas vezes, já tarde da noite, quando estava com as colegas mulheres na universidade, ele *não desmentiu com firmeza suficiente os rumores de ser primo em segundo grau, que tinha ido duas vezes para o Hyannis Port dos Kennedy*. E também não negou que o sobrenome várias vezes azeitou as engrenagens da burocracia, *facilitando* o que, do contrário, teriam sido embates estúpidos com funcionários de banco encarregados de empréstimos, policiais de trânsito etc., mesmo quando ele negava qualquer relação familiar.

A noiva, no entanto, nunca pareceu muito interessada no noivo como um “Kennedy”. Se tinha ficado impressionada com o sobrenome no dia que eles se encontraram pela primeira vez no Washington Park e em todos os dias que se seguiram, nunca falou nada sobre isso. A noiva era uma mulher séria e honesta, que não se deixava impressionar com facilidade. Ela era também uma mulher que tinha adquirido, (diga-se de passagem) no período em que o noivo a amou, uma beleza incrível e cada vez maior, e o noivo só quis mencionar esse fato aqui para colocá-lo em palavras para o caso de eles se esquecerem disso. A verdade é uma só: a beleza da noiva deixava o noivo atônito, não importava em que momento a visse. Repetindo, *não importava em que momento a visse*. Bastava apenas vê-la. Indo de um cômodo a outro. Por

exemplo, saindo da minúscula cozinha do apartamento em Pine Hills, com um prato de ovos mexidos na mão. O noivo estava apaixonado por ela. Aquilo não era mentira. E quando ele estava apaixonado por ela, os minutos não pareciam mais ser a unidade de medida da hora. Em vez disso, um minuto era um fim em si mesmo, uma suspensão de tempo, de circularidade vaga, um território gentilmente sugerido onde estar vivo. Esse ardil que o amor fazia com os minutos dava às horas e aos dias uma espécie de falta de vontade transcendente, que encorajava uma completa falta de ambição no noivo e era a coisa mais próxima da alegria verdadeira que ele já tinha sentido, de um alívio verdadeiro. E ele ainda se pergunta o que teria acontecido se eles tivessem conseguido manter isso, se eles tivessem conseguido ficar apaixonados daquele jeito, talvez pudessem ter ido para uma espécie de casulo, um lugar onde o amor deles encontrasse a permanência. Porque, no fim, as grandes forças antagônicas da nossa existência não são *vida versus morte* (o noivo acreditava nisso), mas sim *amor versus tempo*. Na maioria das vezes, o amor não sobrevive à passagem do tempo. Mas, às vezes, sobrevive. Tem que sobreviver, às vezes.

## APOLOGIA, CONT.

Continuando. Logo após o casamento, o noivo se tornou corretor de imóveis, mas não por escolha própria. Não que fosse uma escolha ruim. Só não era a escolha dele. O pai da noiva tinha começado a importunar o casal com planos para o futuro do noivo. Ele suspeitava que o dinheiro que o noivo ganhava como tradutor técnico era muito pouco, e menos ainda com a sua “pesquisa independente” (ver página 53). A noiva se ressentia dessa intromissão por parte do pai. Não achava que o noivo devesse ter um estilo de vida mais *convencional*. Gostava da ideia de ele ficar em casa, perdido em pensamentos, e gostava de encontrá-lo sentado no mesmo lugar quando voltava para casa depois do estágio como professora numa escola. Na verdade, a noiva acreditava que se o noivo abandonasse a sua pesquisa, estaria *traíndo os seus princípios*. Ele estaria traíndo os seus sonhos, que mereciam uma chance. Em retrospectiva, parecia que o noivo tinha um tipo exemplar de integridade suicida, que a noiva gostava de estimular nos seus alunos do ensino fundamental.

Então a noiva disse ao pai para *não se meter*. Disse ao pai que a pesquisa independente do noivo daria resultado. A noiva disse ao pai que o noivo estava trabalhando duro, que ele podia até mesmo ser um *visionário*, um termo que deve ter alarmado o pai: *visões* muitas vezes soam como *alucinações*.

\* \* \*

Mesmo assim o homem era pai dela. E continuou preocupado. Logo que o casal voltou da lua de mel, o sogro veio até o apartamento

deles para um *tête-à-tête*. O noivo se lembra muito bem dessa conversa. O sogro — vamos chamá-lo de Hank, porque esse era o nome dele — sentou-se em frente ao noivo, no sofá usado que eles tinham em Pine Hills, com os joelhos estalando por causa da artrose, e os dois ficaram falando por um tempo sobre os muitos acidentes de carro que estavam acontecendo por causa da neve no Hackett Boulevard. Depois caíram num silêncio pesado e constrangedor.<sup>2</sup>

— Eric — disse ele por fim. — Não estou certo de como devo dizer o que quero lhe dizer, então resolvi contar uma história.

A história era sobre o próprio Hank, quando era um rapaz de vinte e poucos anos. Era sobre como ele, de volta a Troy, em Nova York, depois de ter se casado pela primeira vez, com a sua então esbelta esposa, escutou uma verdadeira preleção do próprio sogro num apartamento não muito diferente daquele. Na história, Hank teve que se sentar e ouvir o sogro discorrendo sobre responsabilidades e o futuro e economias e a importância de se ter muita segurança, o que estressou tanto o jovem Hank que ele quase quis voltar atrás na coisa toda, isto é, desfazer o casamento. Depois disso jurou por Deus que *nunca* faria nada parecido. Ele nunca pressionaria o futuro genro daquele jeito. Porque um homem recém-casado, disse Hank, era como o capitão de um barco à deriva. Em alto-mar, sem bússola, sem estrelas, sem tripulação, sem nenhum sinal de terra à vista. Mas no fim — e essa era a moral da história — o jovem Hank seguiu as orientações do sogro, embora de muita má vontade, e só depois que o velho morreu entendeu que ele estava certo sobre algumas coisas, e que talvez até tenha amado Hank também. Hank sentia falta dele às vezes, desse pai que ele não pediu, nas manhãs frias de inverno.

O noivo ouviu tudo, rindo agradecido, acenando com a cabeça em solidariedade, a noiva fazendo sorvete com raiva na cozinha. Mas durante todo o tempo o noivo pensava: Que estresse? Barco à deriva? Ele nunca tinha sido feliz na vida. Nunca estivera tão despreocupado. Naquele hotelzinho barato de Virginia Beach, ambos hilarantemente pálidos por causa do inverno da região norte, eles haviam ficado em lua de mel por cinco dias. Todas as noites comiam pratos imensos, decorados com abacaxi, e toda manhã chegavam à praia bem cedo, quando a maré ainda estava baixa, e colocavam as cadeiras de praia nos bancos de areia, que eles chamavam de *assentos mais baratos*. Aquelas manhãs de lua de mel pareciam sugerir algo ao noivo. E a sugestão era a seguinte: Seja feliz! *Decida* ser feliz. Se você quer ser feliz, seja feliz! Ninguém se importa se você é feliz ou não, então por que esperar que lhe deem permissão? E você acha que realmente importa se você foi muito infeliz no passado? Quem, a não ser você, se lembra disso? Esse foi um dos momentos mais extraordinários do noivo, uma espécie de libertação. Depois de se dar conta de que poderia ser feliz, de que poderia florescer, pareceu-lhe que não havia ninguém com poder suficiente para torná-lo infeliz de novo, e dali em diante a felicidade dele só pertenceria a ele mesmo, ainda que perdesse todo o resto. Seu corpo se fortaleceu, seu coração despertou. Finalmente tinha compreendido — o segredo americano — que a única pessoa que pode ficar no caminho de um homem é ele mesmo.

Então não há outra razão para que ele tenha insistido no seu elaborado e fundamentalmente desastroso embuste, a saber, a sua identidade falsa, a não ser pelo fato de que estava firme e sentimentalmente ligado a ela. A decisão de ser feliz parecia apenas convidá-lo a se dedicar novamente ao passado que tinha

inventado. Na última manhã de lua de mel, ficou observando as crianças na praia e ficou observando a noiva observar as crianças e pensou, Não, não vou contar nada a você. Nunca vou contar a você. Prefiro cortar a minha língua.

Então apontou ao longe.

— Laura — disse ele —, olhe lá aquele velho farol. Havia um exatamente assim em Twelve Hills. É um déjà-vu perfeito.

A noiva sorriu.

— Fale sobre ele.

— Sobre o farol? — Ele levantou os óculos de sol e sorriu também. — Bem, a gente podia subir até o alto. Por uma escada de pedra muita velha. Não havia corrimão. Era assustador e perigoso. Quando se chegava lá em cima, a gente tinha uma vista maravilhosa, podia ver a quilômetros de distância. E havia aqueles binóculos que se abrem quando a gente coloca uma moeda neles. Dava para ver Boston dali. Uma Boston minúscula. E minha mãe, minúscula também, esperando numa sombra lá embaixo. Nossa! É engraçado do que a gente se lembra.

A noiva fechou os olhos.

— Isso é tão bonito, Eric — disse. — Você é um homem de sorte. Tem muita sorte de ter lembranças como essa. Que infância encantadora.

— É verdade — disse o noivo. — E sou mesmo um homem de sorte.

A noiva arregalou os olhos.

— Temos que ir lá qualquer dia desses. Visitar o seu farol. Você acha que ainda está aberto? Podemos ir? Quero ver o que você via. Quero ver onde você cresceu. Twelve Hills, e tudo o mais.

Os olhos do noivo se iluminaram, ele estava emocionado.

— Vamos, sim — concordou.

O sorriso dela era tão amável, a praia, tão agradável, a felicidade dele, tão incontestável, que por um momento o noivo acreditou que *realmente* a levaria ao farol e que ele *realmente* tinha subido lá e que havia *mesmo* uma cidade como Twelve Hills e que sua mãe *realmente* tinha ficado esperando numa sombra lá embaixo. Fechando os olhos, ele podia até ver aquela Boston distante como que através de dois pequenos portais da memória, em meio a um véu de névoa.

\* \* \*

Quando o noivo voltou a si depois do seu sonho acordado, quando voltou para o sogro sentado no sofá, o momento de fazer objeções já tinha passado. Na verdade, planos bem específicos tinham sido traçados para o seu futuro. Planos tinham sido estabelecidos e o noivo não fizera nenhuma objeção. *Bom. O sogro estava assentindo com a cabeça, fazendo que sim. Então vou ter uma conversa com Chip Clebus, e ele vai lhe mostrar o caminho das pedras. Estou contente de que tenhamos nos entendido.* Por uma absoluta coincidência, os dois homens se entenderam. Afora pela sua pesquisa e pelo fato de amar muito a esposa, o noivo não tinha a menor ideia do que fazer nesta vida. E então, alguns dias depois, ele estava sentado numa sala de aula com um bando de outras pessoas extrovertidas e desatentas, se preparando para receber o certificado de corretor de imóveis, estudando as sutilezas contratuais de venda e *leasing*.

\* \* \*

Surpreendentemente, o noivo tinha talento para ganhar dinheiro como corretor de imóveis, e pelos três ou quatro anos em que os seus sonhos foram total e efetivamente reprimidos, recebeu uma quantia incrível em comissões. Essas comissões ajudaram o jovem casal na época do nascimento e da primeira infância da filha deles, Meadow. O dinheiro comprou um bercinho automático para o bebê, comprou óleo de calêndula para o bumbum dela, músicas lindas e tantas voltas no carrossel quanto poderia desejar alguém que não pudesse se lembrar de todas elas. Foram anos felizes. Mesmo. Se o noivo pudesse acabar de uma vez com todas as mentiras e excentricidades que contou e fez, não pensaria duas vezes. Não há explicação — e me dói muito saber que ninguém irá acreditar nele agora — para a maneira como o noivo amava a vida que levava. Quão grato era por tudo aquilo. Uma vez, olhando pelo desfiladeiro de Poestenkill no inverno, Meadow dormindo no *sling*, aquela faixa de carregar o bebê junto ao peito da mãe, ele observou a neve que caíra recentemente brilhando na base das árvores e os ramos nus que formavam uma espécie de teia sobreposta através da qual podia ver lá embaixo as torres da igreja e a fumaça das chaminés do vale, e sentiu como se tivesse caminhado por muito tempo — anos — e tivesse finalmente chegado ao seu destino final.

\* \* \*

Ah, Laura. Se tivesse vivido a minha vida como um homem só, um homem inteiro, será que eu seria capaz de prever o que estava por vir? Será que eu teria adivinhado que tudo estava fadado ao fracasso e que, cinco anos depois, nós nos separaríamos? Será que eu teria sido capaz de evitar isso — quer dizer, aquela noite, quando, com o rosto banhado em lágrimas, você me pediu para ir

embora? Você estava cansada de mim. Há anos você sentia — havia explicado depois — como se estivesse vivendo numa casa com o chão inclinado. Nós tínhamos dado errado.

Pine Hills. Estávamos naquela cozinha minúscula. Você, de costas para mim, apoiando as mãos na pia. Estávamos discutindo já há algum tempo. Discutindo e lavando os pratos. Meadow dormia. Ela tinha quatro anos naquela época, idade suficiente para perceber quando levantávamos a voz, então tentávamos manter os desentendimentos restritos às altas horas da noite. Por que estávamos brigando? Você resumiu as coisas: o seu crescente catolicismo fervoroso, a minha preguiça, a sua necessidade de ordem e estrutura, a minha falta de disciplina, a sua reticência martirizada, a minha tendência a falar demais. A casa estava infestada de camundongos. Peguei um deles um dia e, sem coragem de matá-lo, dei-o a Meadow como animal de estimação. Enquanto discutíamos, fiquei observando a caixa de plástico onde o roedor ficava.

— É por causa da escola? — perguntei. — Tudo bem. Vou melhorar. Vou levar Meadow no horário e parar com as viagens não planejadas ao campo, ok? Passa a valer agora. Não adoro essa escola, você sabe disso, querida, com todos aqueles Jesus Cristos sangrando por toda parte. Não acho que seja um lugar adequado para crianças. Você se lembra do poema dos irmãos de La Salle? “Os doces dias da infância que duravam o que parecem vinte dias hoje.”

Você não disse nada.

— Mas, está bem, está bem — continuei. — Vou melhorar. Vou me comportar melhor. Você me disse que era católica quando nos casamos, mas achei que isso não fosse tão *sério* assim.

Por fim você se virou. Pude ver então que estava chorando. Isso me deixou chocado. Tentei fazer uma brincadeira qualquer.

— Ah, Eric — você disse, soluçando. — Estamos tão distantes um do outro.

Minhas mãos ainda estavam prontas para pegar e secar os pratos que você lavava. Palmas para cima, com um pano de prato úmido pendurado no antebraço.

Uma coisa de que tenho certeza é que, apesar das discussões tarde da noite, apesar das nossas diferenças, apesar do jeito que a luz foi se apagando no nosso casamento, mesmo para os meus olhos cegos, nunca pensei em deixar você. Nem uma única vez. Mas havia um abismo entre a minha ideia de quanto as coisas iam mal e a sua ideia de quanto as coisas iam mal, e a nossa vida caiu nesse abismo.

— Estamos? — perguntei.

---

<sup>2</sup> Quanto alguém se sente confortável com uma pausa na conversa depende, em larga medida, das normas culturais e do que a sociedade em questão valoriza mais: taciturnidade ou volubidade. Tomemos os Finn, por exemplo, que são pessoas notoriamente silenciosas e, em certo sentido, depressivas. Ao se comparar os Finn com o arquétipo do americano, de repente eles parecem sofrer de um mutismo seletivo. O americano vai para o extremo oposto. Para ele, e não importa o *background* socioeconômico, falar por falar é considerado uma habilidade social a ser desenvolvida. Um americano que consegue ficar conversando animadamente por um período de tempo razoável é visto como um salvador social, um dissipador de tensões, uma pessoa que conta uma piada para as outras, presas no mesmo elevador escuro, por exemplo. Um pouco de silêncio a mais — o que podemos chamar de *pausa constrangedora* — é, em muitas culturas, algo a ser evitado. Frequentemente uma pausa desse tipo deixa transparecer sentimentos que a grande parte da nossa fala tinha tentado suprimir. Dudek, em seu trabalho fundamental *Pausologias* (1972), chamaria isso de *silêncio comunicativo*.

Vamos tomar um exemplo dos ingleses. Pausa nº 33: quando perguntaram a Margaret Thatcher se o seu sucessor, John Major, tinha se tornado um grande primeiro-ministro. A pergunta foi seguida de um retumbante silêncio comunicativo. "Acho que ele cumpriu as suas

obrigações”, respondeu Thatcher, mas não antes que aquela pausa constrangedora entrasse para os anais da política britânica.

## A MAIS TENRA IDADE

Já nem nos lembramos mais que, até meados do século XIX, as crianças e suas mães eram consideradas propriedade de um homem. Quando uma disputa familiar chegava a esse carnaval que agora chamamos de *divórcio*, a criança era atirada nos braços do pai, deixando a mãe aos prantos no meio da rua, sem alternativas. Todos nós lemos *Anna Karenina* ou já nos contaram um resumo do livro, não é mesmo? Mas não levou muito tempo, como podemos perceber, para o pêndulo da guarda dos filhos oscilar para o outro extremo. No fim dos anos 1800, uma *preferência pela mãe* nos casos de divórcio se baseava no princípio da “mais tenra idade”. Esse princípio determinava que crianças da “mais tenra idade” — isto é, menores de oito anos — deviam ser criadas pela mãe. Por isso, os homens que queriam a guarda dos filhos pareciam não apenas equivocados, como também um tanto ou quanto perversos. Mas a questão da guarda não era muito levantada nessa época, porque o divórcio era por si só bastante raro.

Bem, o tempo passou e, por razões que não vou mencionar aqui, os divórcios se tornaram mais frequentes. Num determinado momento, nos idos dos anos 1970 e 1980, algumas pessoas passaram a ver o divórcio como um ato de outorga de poder para homens e mulheres sufocados pelo casamento. O casamento se tornou o problema, e o divórcio, a solução. Logo todo mundo queria o divórcio. E ficou muito fácil se divorciar. Você podia pedir o divórcio em qualquer esquina. As pessoas se divorciavam no barco, no trem, num centro comercial ou em qualquer lugar.

Em contrapartida — e já vou acabar com esse assunto —, essas décadas deram ao campo do divórcio litigioso algumas ideias novas

e excitantes. Por exemplo, o divórcio *sem culpa*, no qual se alega que o casamento não correu bem por conta própria, independentemente do comportamento dos cônjuges. E mesmo que o conceito de divórcio sem culpa seja paradoxal — e que um termo melhor fosse divórcio com culpa de ambos os lados —, como categoria legal fez a coisa toda pegar fogo. O resultado dessa ideia do divórcio sem culpa — o ponto da questão para mim aqui — é que presume-se que não haja preferência *nem pela mãe nem pelo pai* na questão da guarda dos filhos. E mais: quando os pais passaram a ser encorajados a resolver as disputas pela guarda antes da audiência, através de uma mediação, o divórcio perdeu a sua dramaticidade inerente. Os depoimentos eletrizantes e em perjúrio de um membro da família contra o outro deixaram de existir. Isso fez a preferência legal evoluir para o conceito de *guarda compartilhada*.

\* \* \*

Você e eu escolhemos um sujeito baixinho, cabeludo e fã de música folk como mediador, um assistente social que usava shorts e sandálias de couro trançado mesmo no frio. Você se sentou diante de mim, olhando para baixo, exibindo toda a sua timidez, uma garota solitária e estudiosa por trás daquela aparência exterior de mulher justa, lutando para defender o seu desejo de se livrar da nossa união.

Será que vou me prejudicar dizendo que eu esperava ansiosamente para ver você durante as mediações do divórcio? Eu me barbeava, passava loção pós-barba e escolhia as camisas que você, um dia, tinha comprado para mim. O mediador trabalhava num chalé, perto da rodovia. Nos fundos, havia um jardim muito

agradável, cheio de dalias do outono, e duas cadeiras viradas esperançosamente uma para a outra no meio de um pátio de ardósia. A nossa separação ainda era muito recente. Eu ainda não entendia por que estávamos nos separando, e tenho quase certeza de que você também não. Vivíamos separados já há algumas semanas, e esse afastamento dava aos nossos encontros um ar de namoro. Eu sentia a sua falta, ok? Mesmo quando conseguiu a guarda temporária de Meadow, você sempre deixou que eu a visse quando ela ou eu queríamos. Parecia que ainda fazíamos parte da mesma equipe. Ela chegava à minha nova casa em North Albany sentada no banco de trás do imenso SUV preto do seu pai, parecendo glamourosa vista pelas janelas de vidros escuros. E a simpatia com que o seu pai me tratava contribuía para a minha sensação de que tudo, assim como o acordo sobre a guarda de Meadow, era *temporário*. Se eu lidasse bem com aquela situação, você voltaria a si.

Se alguma vez houve um homem que se iludiu com sonhos de reconciliação, esse homem fui eu. Quanto terreno perdi na disputa legal na tentativa de reconquistar você! Eu falava sobre como você era uma mãe excelente e sobre como Meadow a amava incondicionalmente. E quando as alegações eram em relação a mim — sobre como eu era insensível e tinha ignorado os inúmeros sinais de aviso, como o meu comportamento era ocasionalmente “errático” e como eu era um pai “imprevisível”, como a minha pesquisa era “esotérica” e tediosa, e talvez até mesmo fantasiosa —, aceitei todas as críticas e acrescentei mais algumas ao topo da lista. *Você está certa*, eu disse. *Você está completamente certa*. Queria persuadir você de que errava de propósito. Porque se eu errava de propósito, então eu era tão capaz de ser perfeito quanto

era de ser imperfeito. Eu tinha controle total de quem eu era. E era capaz de mudar.

Você ficava vermelha e mal olhava para mim. Agora percebo que estava constrangida por minha causa. Você estava constrangida de que eu soubesse tão pouco sobre a letra fria da lei. Somente quando percebi que era o *responsável sem direito à guarda* foi que me dei conta do meu erro, do meu sacrifício desperdiçado.

Num de nossos últimos encontros, quando finalmente tive noção da reviravolta amarga que o destino me impusera, o mediador me assegurou de que se eu tivesse objeções no futuro — se eu mudasse de ideia —, poderia apresentá-las no tribunal, durante uma audiência. Nesse meio-tempo, parecia a ele que havia muitas vantagens em dar a guarda da menor a apenas um dos pais e que esse acerto me ofereceria também o prêmio de muitos direitos de visitação. Para algumas crianças, especialmente as pequenas como Meadow (disse aquele hippie), era melhor viver numa casa só. E a *minha* nova casa podia ser o lugar onde Meadow viria dormir quando quisesse fazer algo diferente. Uma espécie de mudança de cenário emocionante.

Depois desse “acordo” entre pais, você e eu discutiríamos quaisquer detalhes por correspondência. Sem o impacto de vê-la, a nossa comunicação se tornou fria. O fato de que eu estava me dando mal começava lentamente a tomar forma para mim. As várias visitas que me haviam sido prometidas no início foram reduzidas a um fim de semana sim e outro não. O tom impessoal dessas negociações me desconcertava e começava a absorver as minhas noites insones.

Bati o pé e exigi arbitrariamente que, além dos fins de semana, eu pudesse pegar Meadow todas as quartas-feiras. Depois que fiz

esse pedido, ela curiosamente não pôde vir à minha casa por duas semanas. Telefonei várias vezes; ninguém atendeu. Fui procurar o nosso hippie, mas ele não podia fazer nada em relação a isso. E então voltei para o meu novo lar — uma casa cheia de infiltrações que eu estava alugando na avenida New Scotland — e me sentei imóvel, ouvindo o barulho da bomba de água no porão. Aquela semana era do tipo em que o tique-taque do relógio parecia uma recriminação. (*Veja como você está aprisionado pela sua resistência em se matar!*) Bebi, mas isso não conseguiu provocar uma revolução generalizada. Então me sentei na cozinha para pensar, e pensei até o meu cérebro ficar em carne viva, e pela primeira vez em anos me dei conta do meu enigma essencial. Eu era Eric Kennedy. Sabia disso, havia decidido isso e era verdade. Tinha sido verdade por muito tempo. Mas, sempre que me aventurava nesse espaço físico e emocional compartilhado — isto é, na sociedade —, minha identidade passava a ser afirmada por uma espécie de acordo coletivo. Em outras palavras, eu era Eric Kennedy apenas na medida em que conseguisse estabelecer um consenso de que era ele. E, de repente, vi que alcançar o consenso total, a unanimidade, era uma tarefa para a qual a minha vida era curta demais. Por exemplo, eu não tinha nenhum respaldo legal. Não podia me envolver numa batalha judicial pela guarda de Meadow! Não levaria muito tempo até que alguém fosse investigar registros antigos, procurando alguém que tivesse me conhecido nos tempos da escola — bastava que procurassem Twelve Hills no mapa. Afinal, eu tinha escrito a história da minha vida na tenra idade de quatorze anos. E não era lá uma história muito sofisticada.

Você deve estar surpresa de descobrir que, até aquele momento, eu nunca tinha me preocupado em ser desmascarado. Talvez eu não tenha me preocupado porque sou completamente

maluco (como presumem muitas pessoas que leram sobre o meu caso). Mas vou lhe *contar*: acho que não me preocupava porque me tornara Eric Kennedy havia tanto tempo e com tanta vontade que, anos depois, eu era completa e verdadeiramente *e/le*, mais do que já tinha sido qualquer outra pessoa. Mais do que a maioria das pessoas são elas mesmas. Porque, enquanto os outros são acidentalmente bons ou maus, otimistas ou pessimistas, eu havia criado um personagem determinado, um personagem estudado, pesquisado. E esse personagem era um cara legal — eu realmente achava isso, e *várias* outras pessoas também. E supus que ele seria agraciado com todos os benefícios e recompensas que são oferecidos aos caras legais (por exemplo, Clebus & Co., corretor do mês, fevereiro de 2007). Mas durante aqueles dias, sem poder me aproximar de minha filha, sem dormir, sem me barbear, desidratado, o potencial altamente inflamável da minha vida ficou muito claro para mim.

E percebi que o meu amor por Meadow seria a última coisa a ser destruída pelas chamas.

\* \* \*

Assim que comecei a pensar em me jogar de um penhasco no Thatcher Park, recebi pelo correio o seu ato de bondade. Você havia concordado em me conceder as quartas-feiras.

Claro que havia limitações. Eu teria apenas a permissão para pegar Meadow na escola (aquela mesma escola católica sobre a qual costumávamos brigar) e devolvê-la na sua casa às seis da tarde, em ponto. Tempo líquido para ficarmos juntos: três horas e vinte e três minutos.

Meio tonto, exausto, assinei.

O nosso acordo entre pais flutuou pelo tribunal de Albany para ser carimbado e passar a ser oficial.

Meadow chegou naquela tarde, trazendo os biscoitos de aveia que vocês duas haviam feito juntas. Não posso descrever a minha felicidade ao vê-la descendo do carro do avô. Foi tão bom quanto todos os melhores momentos. Tão bom quanto a primeira vez que a segurei nos meus braços, recém-nascida. Tão bom quanto o dia em que descobri que ela tinha estragado todos os meus cartões de visita escrevendo neles as letras do alfabeto que acabara de aprender. Abracei-a e me permiti acreditar que tempos melhores começariam dali em diante. Um tempo de cura e de recomeço. Ela também parecia feliz em me ver. Comemos todos os biscoitos de uma só vez.

De volta à insensatez, mais uma vez alimentei a ideia de que você ainda me amava.

Depois disso, bem... suponho que eu era o último inimigo que me restava.

\* \* \*

O inverno chegou. O primeiro inverno depois da nossa separação. Houve uma terrível queda no mercado imobiliário, o primeiro pequeno passo para o que se tornaria a Grande Recessão. Tentei novamente prosseguir na minha pesquisa. Mas acabei pegando uma virose que me derrubou na cama, delirando de febre, agarrado ao seu velho travesseiro. Assistia ao Animal Planet sem som na televisão e tentava pensar o que os animais estariam dizendo na verdade. Tentava me lembrar dos remédios caseiros da minha infância. Tentava esquecer que já era quase Natal. Foi nessas

circunstâncias que comecei a ter dificuldade para pagar a pensão de Meadow.

A mais tenra idade.

E era mesmo a mais tenra.

Do que me lembro de quando eu estava na mais tenra idade, muito tempo atrás? Do apito da chaleira no fogo. De minha mãe e eu, lado a lado, em profundo silêncio. Do prazer de comer uma banana. Da amizade de um cachorro. De uma canção sobre a testa de Lênin. Das nuvens de pólen na primavera, dos banhos a vapor, de um Trabant, um carro cor de creme produzido na Alemanha Oriental, que vivia enguiçando, dos holofotes, dos caramelos envoltos em papel-manteiga, da humilhação sem precedentes de ter que usar uma gravata borboleta. É isso. Tão pouco, e tanto.

## FEVEREIRO

Mas vamos seguir em frente. Você quer saber como cheguei ao que foi considerado por todos a minha decisão catastrófica em relação à nossa filha. Houve aquela cobertura no noticiário, constrangedora e com poucas informações relevantes, e sei que esse é justamente o tipo de enredo facilmente mal-interpretado que encontra espaço nos tabloides e nas revistas de fofoca, então vou me apressar em tentar responder a algumas das perguntas mais comuns sobre o meu caso.

### 1. *As ações do acusado foram premeditadas?*

Para responder a essa pergunta, tenho que começar com a descrição da cidade de Albany em fevereiro.

Em fevereiro, não há flora nem fauna em Albany. A neve fica escura por causa do tráfego, as crianças ficam trancadas nas escolas e os dias são longos e silenciosos. Os gatos ficam molhados e magros, e a chuva é intensa e amarga, como se não fosse apenas chuva, mas a líquida disposição de um conflito coletivo; é uma chuva gelada, uma chuva que machuca a pele de qualquer rosto que se volte para o alto, uma chuva de condenação, que faz os homens tirarem as rolhas das garrafas. Ah, fevereiro, o mês que transforma nossos corações em pedra.

Agora, em qualquer outra época do ano, Albany é uma cidade encantadora. Com o prédio monumental da Assembleia Legislativa do estado de Nova York, em estilo parisiense, o da Prefeitura, que se baseou no de Ypres, na Bélgica, nossa cidade-irmã, e as trinta e seis colunas de mármore ao longo do edifício do Ministério da Educação, Albany *surpreende* o turista ocasional. Esse turista se

pergunta como é que, no meio do estado de Nova York, ele depara com uma metrópole europeia. Ele caminha pela Empire State Plaza e fica boquiaberto com as proporções, com os edifícios altíssimos — mesmo aquele que parece um ovo imenso — refletidos no espelho d'água, que é, de uma ponta à outra, do tamanho de três campos de futebol.

Comecei a caminhar por ali, em fevereiro, procurando uma saída para a minha situação. Não conseguia ver a minha vida por uma perspectiva crítica adequada. Desde a nossa separação naquele outono, Meadow ficava comigo em fins de semana alternados, e essas visitas pareciam estar de acordo com as minhas expectativas. Eram dois dias de quebra-cabeças, purpurina, gritaria e guloseimas proibidas. Dois dias absorvendo o falatório dela, sendo o fantoche nas brincadeiras de casinha e de escola. E as quartas-feiras eram maravilhosas também, quando conseguíamos aproveitá-las. Mas assim que Meadow foi para o jardim de infância, ela começou uma vida nova e independente, e às vezes eu apenas ficava sentado, ignorado, e assistia enquanto ela brincava com um amiguinho que tivéssemos encontrado por acaso no Washington Park. Ou pior, eu recebia o aviso de que ela tinha que se preparar para um campeonato qualquer da escola, o que significava que não nos veríamos na quarta-feira.

Além disso, havia o problema inerente aos dias. Entre os fins de semana com Meadow estendiam-se as semanas. Dias carcomidos, desanimados e exageradamente longos que terminavam naqueles sábados e domingos apaziguadores com a presença dela. E então, mais um fim de semana *sem* ela. E a minha dor fazia esses fins de semana se arrastarem. Eu ficava sentado como uma adolescente ao lado do telefone, esperando que ele tocasse e que alguma confusão de horários tornasse os meus serviços de babá necessários. E à

medida que esse ciclo se repetia de forma implacável, comecei a ficar cansado de tudo isso. Na expectativa de que ela chegasse, eu caminhava de um lado para o outro, por horas a fio, no carpete imundo da minha casa, mas quando ela finalmente saltava do banco de trás do SUV do avô, um cansaço imenso tomava conta de mim. Eu estava exausto de tanto esperar. No fim das contas, a coisa mais difícil de um dia ter sido intensamente feliz é que, depois que a sua vida vira de cabeça para baixo, você deseja nunca ter conhecido nada diferente disso. Vendo-a sair do carro, eu ficava me perguntando se tudo aquilo valia a pena, se aquilo valia aqueles poucos dias. Meadow, por sua vez, estava sempre com o mesmo sorriso otimista no rosto quando chegava à minha porta. Ela não teria aprovado a minha autopiedade; não daria corda para as minhas lamentações. Ela sempre foi o melhor de nós dois, Laura. Soube disso no momento em que ela nasceu.

E, no entanto, você e eu ainda não estávamos divorciados. Você ainda não tinha entrado com a ação do divórcio. E comecei a imaginar por quê. Será que era por motivos religiosos? Ou será que você queria que *eu* puxasse o gatilho? Será que estava pensando em voltar para mim? Nunca vou saber. Quase não via você. Quase não nos falávamos. Você se protegia atrás dos seus pais e de sua filha diplomática. O seu pai era uma espécie de emissário. Acenávamos um para o outro através do vidro daquele carro pavoroso. Educado ao extremo, e acostumado a ser um cavalheiro, eu tentava lhe dar espaço. Tempo para pensar.

Essa paciência era uma encenação — a mais difícil de todas, sem sombra de dúvida.

Março trouxe dias um pouco melhores. Vendi duas casas. Comecei a fazer sexo com uma colega de trabalho da Clebus, uma mulher que você conhecia e de quem nunca tinha gostado.

Quando contei a ela que tínhamos nos separado, ela pareceu decepcionada e instintivamente tomou o seu lado.

## ACESSÍVEL, DISPONÍVEL, DIGNO

Quando entrei pela primeira vez no escritório de advocacia de Rick Thron, eu não estava com uma boa aparência. Precisava cortar o cabelo e estava congelando. Tinha ido mostrar uma casa em Delmar e esquecido o meu casaco de inverno lá. De forma inexplicável, não voltara para pegá-lo. O escritório ficava num dos andares mais altos de um prédio com vista para a Quackenbush Square, onde, no verão, veículos anfíbios levavam os turistas de Albany para um passeio pelo rio Hudson. Mas ainda não estávamos na primavera. Faltava ao mundo um desfecho final. Março estava quase no fim, mas uma nevasca de inverno tardia havia coberto as ruas da cidade com uma neve suja, já derretida. Minhas botas faziam barulho enquanto eu caminhava pelo saguão de entrada. Quando entrei, fui recebido de maneira gentil por uma secretária bonitinha, que estava ali justamente por causa de homens como eu, homens desesperados, homens que tinham vindo, afinal (muito tarde, tarde demais), procurar ajuda.

— Vamos ver se entendi direito — disse Thron, depois de escutar a minha triste história. — Você disse que ama a sua filha e que era um pai participativo, se não uma verdadeira mãe, antes da separação. Você, de fato, ficou em casa um ano inteiro, sendo o principal responsável por cuidar dela quando ela tinha três anos. É isso?

— Isso mesmo — respondi.

— E você disse também que, num gesto de boa vontade em relação à sua ex-mulher, deixou que esmagassem o seu saco no processo de mediação, e agora está com a sensação de que... está se sentindo...

— Destituído espiritualmente — completei. — Sem sentido.  
Vazio.

— Mal... — disse Thron. — Você está muito mal. E você está se sentindo ainda pior porque tem a sensação de que... por causa do seu bom coração... abriu mão dos seus direitos como pai, por... por...

— Amor.

— Amor. — Thron se sentou. — Certo.

— Ainda amo a minha mulher — falei. — Minha ex-mulher.

Thron, um homem de ombros largos, cujo escritório não tinha uma única planta ou fotografia, fez um movimento vigoroso com o braço, como se cortasse a própria garganta.

— Esqueça. De uma vez. Por todas. A sua ex-mulher *não* o ama mais. Uma mulher que está tentando afastá-lo dela e de sua filha *não* o ama mais. Não seja como aquela esposa agredida, Eric, que foi esfaqueada cinquenta e sete vezes pelo próprio marido. Como uma pessoa fica com outra por tanto tempo para ser esfaqueada cinquenta e sete vezes? Resposta: ela ainda estava esperando receber *amor*. Não se distraia, Eric. Não deixe essa mulher esfaquear você cinquenta e sete vezes. Ela acertou você uma vez, pronto. E você vai acertá-la de volta.

— Está certo.

— Você sabia, Eric, que os cônjuges que tomam a iniciativa de pedir o divórcio geralmente o encaram como uma "experiência de crescimento pessoal"? Eles até ficam com um sistema imunológico melhor. Mas você, o cônjuge que está sempre à disposição, o cônjuge leal, aquele para quem os votos do casamento *significaram* alguma coisa, o que *você* recebe em troca? Fica chupando o dedo. A separação pode até deixá-lo doente.

— Isso mesmo — gritei. — Fiquei com bronquite durante meses.

— Como se isso fosse novidade... Já vi acontecer mil vezes, Eric. Você tinha que ter me procurado há muito tempo. —

Displícitamente, Thron começou a juntar alguns papéis. — Quem deu entrada no processo?

— Processo?

— O processo de divórcio.

— Ainda não demos entrada. É que... estamos separados, mas é uma espécie de experiência.

— Então vamos dar entrada hoje.

Thron lambeu o polegar e destacou um formulário do bloco à sua frente.

— Vamos dar entrada hoje e começar o processo litigioso. Você não pode abrir um processo litigioso sem dar entrada na ação de divórcio. Do contrário, é apenas uma separação consensual. E isso já foi tentado, certo? Você precisa entrar com uma ação.

— Não posso — falei.

— Pode, sim. Vamos dar entrada no processo primeiro, Eric. Você vai ser o querelante, e não o réu. Não passe a vida contra-atacando.

— Preciso de mais um dia.

— Um dia. Apenas um dia. Amanhã você volta aqui e damos entrada no processo. E então, o mais rápido possível, damos entrada na vara de família pedindo a alteração do acordo da guarda de sua filha. Se a sua ex-mulher não concordar, *pou!*, vamos ao tribunal.

— Está bem — concordei.

— E também vamos contratar, sem dúvida alguma, custo não incluído, um avaliador independente e de primeira qualidade, especializado nesse assunto, que vai observar você sozinho e com a sua filha, jogando damas, tomando refrigerante, e vai escrever um

relatório elogiando as suas habilidades como pai, tenho certeza. Esse relatório será anexado à ação para ajudar a decisão do juiz se formos a julgamento. Certo?

— Certo.

— Porque... Quer saber de uma coisa, Eric? Você é um bom pai.

— Obrigado.

— Tenho *certeza* de que você é um bom pai. Posso ver isso nos seus olhos.

Não consegui evitar; fiquei com os olhos cheios de lágrimas. O meu coração batia aliviado. Não tinha me dado conta de como queria que alguém me dissesse aquilo. *Você é um bom pai*. Eu suava por todos os poros, debaixo do braço, na testa, nas costas, uma excreção nascida daquele sentimento de alívio.

Ao mesmo tempo, outra voz dentro de mim dizia: Não. Não faça isso. *Trottel. Idiot. Imbecil*. Será que você não sabe *nada*?

— Agora, Eric — disse Thron. — Vamos começar com algumas informações básicas. Data de nascimento?

— 12 de março de 1970.

— Onde você nasceu?

Olhei pela janela do escritório. As nuvens desciam o Hudson suavemente, como sempre faziam à tarde, e o sol cobria o vale com raios já cansados.

Naquele momento, cheguei bem perto de contar a Thron toda a verdade. *Não sou quem digo que sou, quase falei. Quando eu tinha cinco anos, cruzei a fronteira da Alemanha Oriental segurando a mão do meu pai (quase falei). Passei uma adolescência de merda num bairro de imigrantes em Dorchester, Massachusetts. E isso é apenas o começo (quase falei).*

Do lado de fora da janela, por entre os prédios da Quackenbush Square, eu podia ver o Hudson. Que coisa lamentável é um rio!

Nada lhe pertence, nem a água nem os sedimentos que carrega. Isso nunca vai acabar, lembrei a mim mesmo. Você criou tudo isso para que nunca tivesse fim.

— Nasci — comecei — em Twelve Hills, Massachusetts, um lugar não muito distante de Hyannis Port.

— Parece um lugar agradável — disse Thron, tomando notas. — É uma cidade pequena?

— Muito pequena.

— E você vivia na cidade?

— Bem no centro — falei. — Numa casa de estilo colonial modesta. Quase quinhentos metros quadrados, sem contar o porão. Não éramos ricos, embora meus pais viessem de famílias ricas. Meus avós paternos perderam toda a fortuna, enganados por um sócio no fim dos anos 1950. Eles se mudaram, então, para aquela casa, e o meu pai cresceu ali. E eu cresci ali. A propriedade era um verdadeiro achado. De frente para o mar. Urzes e rosas-bravas à beira da praia...

— Ótimo — disse Thron. — E os seus pais estão vivos ou já morreram?

— A minha mãe morreu quando eu tinha nove anos. Foi enterrada no cemitério da cidade. O meu pai é um empresário que vive no exterior. Raramente o vejo.

Thron deu uma olhada no papel e os olhos dele adquiriram uma iridescência bajuladora.

— Ei, você não é parente dos *Kennedy*, é?

Sorri, dando de ombros.

— O parentesco — revelei — é distante.

## PAPAI

Sofri bullying em Dorchester. Com frequência. As crianças negras eram legais comigo de uma maneira geral, nem que fosse pelo simples fato de ignorarem meu olhar vulnerável, como se eu nem estivesse presente. Mas os príncipes irlandeses, que eram parecidos comigo e moravam, como eu, em cortiços de três andares caindo aos pedaços, procuravam um bode expiatório. Eles me enganavam, me empurravam, se aproveitavam de mim, mas nunca eram cruéis demais a ponto de que eu pudesse reconhecê-los como inimigos. Eles debochavam do meu sotaque alemão mesmo quando eu podia jurar que já não tinha mais nenhum. Numa ocasião, um menino que não era nem maior nem mais forte que eu me enfrentou numa vala de drenagem que usávamos como atalho voltando da escola. Nunca tinha visto aquele garoto como um inimigo. Na verdade, muitas vezes até comparávamos nossos deveres de casa nos degraus da escola de manhã — e, por isso, fiquei surpreso quando ele levantou os punhos e começou a gingar de um lado para outro na minha frente.

— Vamos lá, Schroder — disse ele, ansioso.

Eu fiquei meio confuso.

— Vamos lá o quê?

— Vamos brigar. Brigar!

— Por quê?

— Porque sim!

Eu poderia ter lutado com ele. Provavelmente até teria ganhado. Sabia que uma vitória me traria certo alívio nas provocações e na xenofobia incontida com que deparava todos os dias. Mas não lutei. Só tinham me ensinado a fugir. Vi um portão aberto numa cerca de

arame qualquer e saí correndo, batendo o portão atrás de mim, na cara do meu perseguidor.

Corri. Corri durante muito, muito tempo. Corri de um modo histérico que foi aleatório o suficiente para despistar qualquer um que não fosse louco. Abrindo caminho por entre os arbustos e triciclos quebrados e quintais sujos de Dorchester, nem ao menos olhei para ver se o garoto estava atrás de mim. Corri loucamente, para cá e para lá, como uma espécie de expressão artística, imagino agora, olhando para trás, fugindo da maneira como me sentia sendo eu mesmo.

Mais tarde naquela noite, contra a minha vontade, comecei a chorar na frente do meu pai. Estava envergonhado. Conteí a ele o que tinha acontecido, que um garoto quisera brigar comigo, mas que eu não o enfrentara. Em vez disso, havia saído correndo.

O meu pai baixou o garfo e olhou para mim, pensativo. Olhei fixamente para a barba dele, de um vermelho muito escuro nas partes onde era mais espessa, e esperei que ele dissesse algo para me consolar. Ele era um homem de poucas palavras e, quanto mais tempo fazia que morávamos em Boston, menos ele falava. Depois de um instante, papai pegou o garfo novamente.

— *Natürlich hast Du nicht gekämpft* — disse ele. — *Es ist nicht natürlich, zu kämpfen. In Wahrheit ist es natürlich, wegzulaufen.*<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Claro que você não lutou. Não é normal lutar. O normal, na verdade, é fugir.

## A AVALIAÇÃO

Não vou reconstituir aqui a série de deturpações, artimanhas e surpresas dolorosas que levaram a nossa disputa pela guarda de Meadow à fase seguinte, a mais aguda. É claro que qualquer fiapo de esperança de uma reconciliação matrimonial se perdeu no momento em que contratei os serviços de Thron, mas acho que eu já sabia que seria assim. E embora a minha relação com ele fosse acabar sendo bastante curta, durante os meses de primavera Thron foi uma espécie de amigo para mim, e eu confiava nele. Então, quando me propôs que fôssemos em frente com a avaliação para a guarda da criança, concordei. Eu teria várias conversas longas, investigativas e particulares com o avaliador no escritório, mas na primeira vez eu o encontraria num local público, com Meadow, durante uma das visitas regulares dela.

Escolhi o local: o playground do Washington Park. Meadow tinha praticamente crescido ali. Quando ela era bem pequenininha, fez um banquete com as lascas de madeira que protegiam a terra em volta das árvores e, quando já tinha crescido o bastante para se segurar, ficava balançando para a frente e para trás nos cavalinhos de mola. Mais recentemente, tinha aprendido a soltar pipa no descampado ao lado do parque. Toda vez que eu queria mimá-la bastante, comprava uma pipa enorme, que parecia uma asa-delta, feita de náilon colorido e brilhante, e ficávamos esperando um dia de sol para soltá-la. Então imaginei nós dois lá, naquele descampado, presos à imensa barriga azul do céu pela linha toda esticada da pipa, parecendo os escolhidos do universo, de alguma forma dignos de aprovação.

O primeiro obstáculo surgiu com a notícia de que o avaliador escolhido por Thron tinha sido rejeitado. Fomos obrigados a aceitar uma substituição de especialista feita na última hora pela Parte Adversa. Além disso, não havia vento. Esperando pelo encontro, Meadow e eu tentamos empinar a pipa. Depois de várias tentativas, ela ainda permanecia inerte sobre a grama. Tentamos mais uma vez, e uma rajada trapaceira atingiu a pipa em cheio na lateral, e ela foi girando até parar nos galhos mais baixos de uma faia grande. Era um sinal de mau agouro. E eu — será que eu estava deixando Meadow nervosa?, porque tudo estava me deixando nervoso — *ainda* propus que fôssemos resgatar a pipa. Imaginei que Meadow pudesse pegá-la sem maiores problemas se ficasse de pé sobre os meus ombros.

Normalmente, é muito fácil deixar Meadow entusiasmada com coisas assim. Tudo o que se tem que fazer é acrescentar uma dose de intriga e um pouco de faz de conta, com os quais a nossa pequena tarefa se transforma numa causa nobre. (*Se não recuperarmos a pipa, fanáticos stalinistas vão dominar a cidade ao anoitecer!*) Mas, naquele dia, não estava conseguindo fazer Meadow entrar no jogo. Ela parecia distante, desconfiada. Acho que a mãe tinha conversado com ela sobre mim. E eu não as culpava em absoluto. Acredito que posso falar aqui por muitos pais divorciados quando digo que aparece tanta merda num processo de divórcio que a angústia emocional de uma criança é apenas um entre muitos problemas, e esses problemas são tão numerosos que você acaba se agarrando à esperança de que uma resolução legal seja uma espécie de desfecho, quase uma solução em nível molecular, algo que o faça esquecer de tudo, e até lá, bem, é quase um problema de *pessoal*; você não tem apoio; não há *vocês* suficientes para isso.

— O que é que há, meu doce? — perguntei.

— Nada — respondeu ela.

— Tem certeza?

— Tenho — disse ela. — Acho que só não estou muito animadinha.

— Você não precisa ficar *animadinha*. Mas, se não há nada errado, que tal colocar um pouco de alegria no seu dia? Um pouco de emoção no seu coração? Parece até que alguém roubou o seu cachorrinho.

— Eu não tenho um cachorrinho.

— Exato. Vem cá... Dê um sorrisinho... Por favor! Por mim.

Ela ficou perambulando pelo velho parquinho, depois se afastou, meio hesitante, na direção do trepa-trepa. Usava um vestidinho velho, violeta e sem mangas, e uma meia-calça branca um pouco suja na altura dos joelhos. O cabelo dela era fino e liso, escapando da tiara que usava. Esse foi um dos muitos momentos nos quais eu devia ter voltado atrás, desistido de tudo, acostumado-me à minha impotência, aprendido a ser paciente e conciliador — e nos teria poupado de tudo o que estava por vir.

Mas alguém bateu a porta de um carro perto dali e lá vinha ela, a nossa salvadora em potencial.

Nunca tinha visto ninguém igual. O rosto da mulher era redondo e branco como uma rodela de batata, e o cabelo, bem preto e crespo. Em suas bochechas gorduchas havia uma pigmentação qualquer, pontos escuros, grandes demais para serem sardas. Ela usava uma tala preta em cada pulso e saiu de um Toyota velho com um jeito de andar de quem está sentindo alguma dor. Embora fosse uma das mulheres mais feias que eu já tinha visto, lembro-me de pensar: Ótimo. Essa mulher vai se solidarizar comigo. Por que outro

motivo ela teria escolhido estudar psicologia, senão para resolver as suas próprias dores?

— Muito obrigado por ter vindo — falei, apertando apenas os dedos da mão dela. — A sua avaliação significa muito para Meadow e para mim. Quero resolver logo essa disputa e voltar à vida normal. Nós estávamos soltando pipa — acrescentei, apontando para o objeto pontudo em cima da árvore. — Que pena que você perdeu. Meadow sabe soltar pipa muito bem. Tem uma coordenação motora excelente para a idade dela. Por favor... — Indiquei uma das mesas de piquenique do parquinho na qual tinha colocado o meu material de apoio. — Trouxe algumas coisas para lhe mostrar.

A psicóloga, a Sra. Sonja Vang, me seguiu. Assobieei para Meadow. Ela me olhava da árvore, implorando com a cabeça que não.

*Por favor.* Articulei as palavras com a boca sem emitir nenhum som.

*Não. Não.*

*Por mim.*

*Não.*

Eu me virei para a Sra. Vang, que me olhava calmamente.

— Meadow às vezes fica tímida quando conhece as pessoas. Ela vai se aproximar.

A mulher deu de ombros e apoiou as talas na beirada da mesa.

— Ser pai — comecei — não é uma obrigação para mim. Não é um fardo. Alguns homens, eu sei, se martirizam por se sentirem presos às suas famílias. Eles gostam de acreditar, e essa é a minha opinião de leigo, que se não estivessem presos às suas famílias, estariam desarmando bombas em algum lugar ou quebrando um recorde mundial. Essa crença permite que eles a) inventem uma

explicação para o fato de não serem bem-sucedidos e b) evitem a parte chata de cuidar de uma criança, você sabe, limpar o bumbum, pedir para falar mais baixo, ensinar a fazer as obrigações, ou seja, estar atento à criança de forma inexorável. Essa crença dá a entender que eles foram *coagidos* a exercer esse papel, afastando-os de um propósito maior. Entende o que eu quero dizer?

Sorri, esperando alguma forma de encorajamento qualquer. Sonja Vang não fez nenhum movimento, a não ser ajeitar o traseiro no banco. E suspirou de leve. Tive o meu primeiro lampejo de dúvida. A Parte Adversa tinha conseguido infiltrar um olheiro entre nós?

— Desde o momento em que Meadow nasceu — continuei — participei de sua criação. Não porque achasse que tinha que fazer isso, mas porque queria fazer. Quando a recessão chegou com força total, passei um ano inteiro em casa, tomando conta dela, como o principal responsável. Eu era um pai que ficava em casa, o que me qualifica para a custódia em qualquer tribunal, embora eu não precise dizer isso a *você*, certo? Então, bem, foi a minha atenção permanente durante esse ano inteiro que me proporcionou aquilo que passei a ver como um entendimento único das necessidades de Meadow, da maneira como o cérebro dela funciona. As crianças não são um mistério. Não temos que ensinar a elas, como aos gorilas, a linguagem de sinais. Não. Apenas temos que prestar atenção ao que elas *já estão dizendo*. Você entende o que estou querendo dizer?

Tentei perceber se a Sra. Vang entendia o que eu estava querendo dizer. Ela estava esfregando os olhos com as costas das talas. Desamparado, continuei:

— Os pais não precisam ser “como as mães”. Os homens não são *suaves*. Homens têm um cheiro ruim. Você sabe, não têm

perfume de flores. Mas um bom pai é capaz de experimentar um interesse abstrato, humano, por uma criança que uma mulher é incapaz de ter. Um bom pai pode ajudar uma criança a desenvolver suas aptidões diante de um contexto social mais amplo. Encontrei um estudo — e, nesse momento, estendi a ela várias páginas que tinha imprimido da internet — que provou que crianças de ambos os sexos são mais saudáveis, psicologicamente falando, quando o pai tem a guarda delas devido a... Bem, você pode ler por si mesma.

A mulher puxou um estojo da bolsa surrada e, de dentro dele, os óculos de leitura. E ficou examinando o relatório.

— Essas talas... — falei por fim, incapaz de suportar o silêncio dela. — Você caiu?

Ela não levantou os olhos.

— Esforço repetitivo.

Então lhe estendi mais uma evidência.

— Agora, e sei que posso parecer meio coruja, mas queria lhe mostrar isso. O resultado de um teste de QI que Meadow fez quando tinha três anos. Foi feito num centro médico, por alguns colegas meus, só de brincadeira.

Uma sombra de irritação passou pelo rosto da mulher. Tive a sensação de que devia guardar aquilo.

— Esse material só é significativo porque sinto... como acadêmico que sou, e não vou importuná-la com os detalhes da minha pesquisa... que Meadow precisa de mim, como pai, mais do que nunca. Essa criança prodígio precisa que os dois pais, juntos e com todos os recursos que puderem reunir, a conduzam...

— Desculpe-me — disse a Sra. Vang —, mas onde *está* a criança?

Fiquei piscando, olhando para ela.

— Meadow? Está aqui, em algum lugar.

— Porque vim aqui para observar vocês dois. Juntos. Você sabe, brincando etc. Passando tempo juntos.

— Claro.

— Não sou um júri, Sr. Kennedy.

— Não, claro que não.

— E não estou *nem um pouco* interessada em teorias sobre paternidade.

— Não, claro que não.

Eu me virei e olhei por toda parte, procurando Meadow desesperadamente.

— E, com os índices de divórcio nos Estados Unidos chegando aos cinquenta por cento — continuou ela, tomando fôlego —, mais altos do que em qualquer outro país industrializado, tenho tido um bocado de trabalho. E o que mais vejo nessas disputas pela guarda dos filhos são pessoas que pensam demais. Pessoas que com certeza poderiam resolver suas diferenças se elas não estivessem tão cheias de *ideias*. Pessoas que preferem estar certas a serem felizes.

Eu me levantei, agora em pânico, a mulher, ali do meu lado. Não via Meadow em lugar algum. Ela não estava nos brinquedos nem na parede de escalada nem nos balanços. Um bando de rapazes sem camisa passou voando pelo playground. Era a equipe de corrida da Saint Rose.

— Desculpe-me, sei que é terrível... — falei, caminhando o mais rápido que conseguia na direção da fonte, onde tinha certeza de que encontraria Meadow fazendo carinho nos cachorros. — Fazer você andar desse jeito.

Como era de se esperar, a Sra. Vang não esboçou nenhuma intenção de me tranquilizar.

— Meadow adora ficar andando por aí. Pode perguntar à mãe dela. Ela está sempre fazendo carinho em algum cachorro ou admirando a bicicleta de alguém.

— Você devia prestar mais atenção — resmungou a mulher, andando a passos largos ao meu lado. — Há pessoas que fazem coisas com crianças que lhe dariam arrepios.

— Como é que você entrou nesse ramo? — perguntei.

— Comecei como policial.

— Sei.

— Na época, eu também ajudava o meu pai na loja de frutos do mar que ele tinha, mas aí ele morreu.

— Ah!

— E do limão fiz uma limonada. Voltei a estudar. Encontrei minha vocação.

Vários cachorros brincavam ao redor da fonte e seus donos passeavam por perto. Meadow não estava ali. Então, finalmente, abandonando toda a minha suposta compostura, coloquei as mãos em volta da boca e gritei o nome dela. Todo mundo olhou. Um funcionário do parque que podava as roseiras pegou o rádio transmissor. Aquela barbaridade de mulher, que tinha o meu destino nas mãos, apenas acomodou o traseiro na beirada de granito da fonte — construída por algum magnata em homenagem ao pai morto — e ficou olhando para mim com olhos vazios. Pensei: Foda-se. Foda-se, nunca tive a menor chance com você mesmo.

E foi então que vi a minha filha. Ela estava bem perto de nós o tempo todo, bem acima das nossas cabeças. Tinha subido na árvore em que a nossa pipa ficara presa. Podia vê-la claramente, agora que eu estava longe, a uma distância que parecia aumentar exponencialmente junto com os meus próprios remorsos crescentes. Conforme ela avançava com cuidado pelo galho, a mão tentando

alcançar a linha da pipa, seus óculos brilhavam no sol. As lentes eram como espelhos refletindo uma mensagem cifrada: *Estou completamente confusa. Vou tentar fazer isto aqui.* Ela era uma criança no céu. Eu a colocara ali. E embora vê-la cambaleando pelo galho fosse um choque para mim, vi, como nunca antes, que as coisas podiam ficar ainda piores.

## O CARROSSEL

O resto da história pode ser resumido.

Meadow não caiu. A pipa não foi recuperada. A avaliação independente não foi favorável a mim. Aproveitando a brecha, a Parte Adversa se reagrupou e, depois de vários fins de semana de visita sem Meadow, não havia nada que eu pudesse fazer a respeito, nada mesmo. Apesar de Thron ter dito que essa ameaça era ridícula, que perder completamente o direito às visitas semanais era quase impossível, caí numa depressão ainda pior do que aquela que me levara até ele. Por duas semanas, não saí de casa. A menos que conte como saída ir comprar bebidas e visitar a Dunkin' Donuts do bairro. Depois de algumas ligações furiosas, o meu último cliente ativo — um professor de ioga em busca de uma sala comercial — arrumou outro corretor.

\* \* \*

Maio chegou. Numa manhã, saí de casa e comecei a andar. Desci a New Scotland em direção ao centro, e horas mais tarde parei na frente do New York State Museum. Com o seu estilo moderno, em que centenas de degraus levam a um terraço monumental, o prédio se destaca na paisagem. Do terraço, pode-se ter uma visão bem nítida das quatro cordilheiras que circundam a região da capital: as montanhas Adirondack, as montanhas Verdes, as montanhas Brancas e as montanhas Berkshire. Daqui de cima estamos rodeados de montanhas por todos os lados.

Mas eu não tinha ido apreciar as cordilheiras. Foi mais como uma espécie de peregrinação. A minha Lourdes pessoal. Porque foi nesse lugar que Meadow e eu passamos muitos dias durante o ano que fiquei em casa com ela. Na época em que ela tinha três anos. O ano em que ela aprendeu a ler. O ano em que ela aprendeu a mexer no aparelho de som, a dançar valsa, a ler a tabela periódica e a falar um alemão bem razoável. Durante aquele inverno rigoroso, fomos à biblioteca quase todos os dias. Eu trabalhava na minha pesquisa (desculpe, mas, no fim das contas, eu não estou com vontade de falar da minha pesquisa) e ela se sentava num tapete perto de mim, com papel e lápis de cor ou uma porção de livros, e passávamos horas na companhia um do outro desse jeito. Mais cedo ou mais tarde, ela puxava a perna da minha calça e eu já sabia que era hora de irmos ao carrossel.

Que carrossel? Aquele que foi um presente dado ao povo de Albany pela nossa cidade-irmã, Ypres, em 1935. Com todos os seus espelhos ainda intactos, bem como o órgão original, um pouco ensurdecedor, o carrossel foi levado para o New York State Museum nos anos 1970. Exibindo orgulhosamente seus trinta e seis cavalos, dois veados, dois burros e um macaco, vale a pena visitá-lo se você estiver na cidade.

No dia em que fui ver o carrossel sozinho, notei que as pessoas na fila pareciam as mesmas de quando Meadow e eu estávamos entre elas — pais jovens balançando distraidamente seus bebês; crianças pequenas com o rosto enfiado no meio das grades. Fiquei pensando que as crianças eram jovens demais para entender a importância do que lhes estava acontecendo — o cérebro delas estava sendo impregnado por cada cheiro, cada toque, cada som, e era por esse modelo que elas passariam a ver o mundo pelo resto

da vida. E era assim que o mundo as deixaria para sempre com os nervos à flor da pele.

— Quantos meses ele tem? — perguntei a uma jovem mãe ao meu lado.

A mãe levantou os olhos do bebê.

— Oito.

— Que bonitinho. — Apontando para ele, questionei: — Aquilo ali é um dentinho?

A jovem mãe pôs o dedo na boca do filho, limpando o que eu pensava ser um dente. Os olhos do bebê se arregalaram.

— Não. Não sei o que era aquilo.

Ela ajeitou o casaquinho dele.

— Bem — continuei —, ele é um menino muito bonitinho.

— Eu sei que é.

Ela sorriu com uma beleza indescritível.

O cavalo favorito de Meadow era preto com uma sela dourada — o cavalo mais diferente. Fiquei de pé ao lado dele inúmeras vezes. Na primeira vez que ela andou no carrossel, tinha uma cintura gordinha, a barriguinha de leite dos bebês. Mas, a cada vez que voltávamos, seu corpinho estava diferente. De uma hora para outra, sua cinturinha afinou e suas pernas se alongaram, e seus pés começaram a me tocar quando ela subia e descia com o cavalinho, com seus sapatos de sola rígida e meias de renda. Quando ela era menor, mal me notava ali, de tão enfeitada pelos espelhos e pelas luzes do carrossel. Mas à medida que ia ficando mais velha, mesmo depois de já conseguir andar no carrossel sozinha, ela ainda me pedia para ficar a seu lado, e eu assoviava e cumprimentava o garanhão, e ela olhava para mim. Acho que nunca me senti mais contente do que vendo a minha filha ter uma infância feliz — o sonho dourado fugidio de todos nós, um maldito milagre.

O carrossel. Quem não teve um na infância, esse símbolo universal em torno do qual todos os desejos, os realizados e os não realizados, parecem girar magneticamente e para sempre? Havia um, acredite se quiser, no meio do Treptower Park, em Berlim Oriental, nos idos de 1974. E mesmo que a vida em Berlim fosse fora do comum em comparação com a de qualquer outro lugar, as crianças não eram. Isto é, uma criança em Berlim registrava as mesmas coisas que você: quantas voltas podia dar, quem estava olhando e que expressão tinha no rosto, como chamar essa sensação de subir e descer e girar ao mesmo tempo, se era boa ou ruim, o que a criança ao lado estava fazendo ou deixando de fazer, quem estava chorando e se o choro era sincero, como era a música, feliz, triste ou muito agitada, quase enlouquecida; prestava atenção em tudo, especialmente no que iria fazer depois do carrossel, tudo tornado especial e estranho por causa do movimento, por uma sensação de ter viajado. Como todas as crianças, a criança de Berlim Oriental pensava no carrossel na cama, tarde da noite. A reflexão era dupla; ao se lembrar do carrossel, ele sentia como se tivesse “guardado” ou como se “possuísse” o carrossel, mas ainda assim entendia que o carrossel não era uma coisa, como um balão ou um brinquedo, e não podia ser possuído. Ele percebia que a próxima vez que fosse ao carrossel — se fosse tão sortudo assim, se a *Mutter* o levasse lá de novo — nunca seria igual a vez daquele dia. Ele também estaria começando a entender que havia uma diferença entre segredos e mistérios, e que a vida era — para seu próprio azar — um mistério, e não um segredo, o que quer dizer que ninguém era dono dela, e por isso ninguém podia torná-la transparente para ele, e a morte de ninguém lhe daria uma resposta, e talvez ele houvesse entendido que dali em diante, toda vez que olhasse para o carrossel, não importa o quanto tivesse

crescido, não importa o quão grisalho, jamais seria capaz de matar a charada de como ele o fizera se sentir.

Girando, girando, lá ia o carrossel, os cavalos congelados, saltando.

O luto é um carrossel.

A culpa é um carrossel.

A vida é um carrossel.

Não... A história é um carrossel.

Não, não. A memória.

A *memória* é um carrossel.

## ESQUECER

Um dos conselhos dados aos pais envolvidos em casos de disputa litigiosa pela guarda dos filhos é o confisco do passaporte das crianças. Se um dos cônjuges suspeita de que há o risco de o outro cônjuge viajar com a criança — isto é, sequestrá-la (pronto, está dita a palavra) —, o cônjuge aflito pode requerer ao tribunal a retenção do passaporte da criança. No entanto, os pais devem entender que a) os Estados Unidos não têm controle de saída — em outras palavras, qualquer um de nós pode entrar ou sair a qualquer momento segundo a nossa vontade e b) não há como rastrear ou cancelar um passaporte uma vez que tenha sido emitido.

E é aí que as coisas se tornam obscuras.

Quero dizer, é aí que o inconsciente entra. O meu.

Encorajado, imagino, pela avaliação desfavorável, o seu lado entrou com um recurso contra o acordo anterior, alegando que eu era um perigo para a minha própria filha e solicitando que essa acusação só fosse descartada depois que eu me submetesse a um exame psicológico. Nesse meio-tempo, a sua advogada informou a Thron que estava fazendo uma petição para que o acordo de guarda se tornasse menos, e não mais, colaborativo. A intenção, a Parte Adversa nos alertou, era que eu fosse proibido, sob quaisquer circunstâncias, de estar com Meadow sem supervisão. As nossas visitas seriam monitoradas por um acompanhante indicado pelo Estado. Nunca mais, a sua advogada prometeu, eu colocaria a vida da menina em risco com o meu comportamento bizarro e negligente. Também não poderia falar com ela a sós. Se eu quisesse estar com Meadow, teria que ser sob a supervisão de alguém do conselho tutelar.

Reagi a essa nova situação enchendo a cara com tal quantidade de uísque que acordei na manhã seguinte no chão, sem camisa, com o rosto quente do sol do meio-dia que entrava pela janela. Olhei ao redor no quarto onde eu estava. Tudo o que não estava grudado no chão tinha sido derrubado — presumo que por mim mesmo —, a mesinha de cabeceira de segunda mão, a estante e até mesmo o armário velho, em estilo gótico, que levei do nosso apartamento em Pine Hills, alegando ser herança dos Kennedy. Quando tentei levantar o armário, algo escorregou por entre o fundo de compensado e caiu aos meus pés.

Mesmo que eu tivesse me livrado de todos os documentos da minha vida de *antes* de me tornar um Kennedy, não tinha, por necessidade, destruído o meu passaporte alemão. Eu não era um cidadão americano, portanto teria que usar o passaporte alemão no caso de uma viagem internacional de emergência, algo que sempre evitei com certa facilidade. Tinha escondido o passaporte dentro do armário havia um milhão de anos. Agora ele estava sugestivamente aberto no chão. Esfreguei os olhos e me abaixei para examiná-lo. Ali estava eu, uma década mais jovem, um homem solteiro, aos vinte e oito anos. Minha pele não tinha rugas e meu olhar era ligeiramente gelado. Quase não reconheci meu próprio rosto.

O nome?

Bem, agora todo mundo já sabe.

Schroder.

Erik Schroder.

Não, não. *Schroder*. Tente pronunciar com um *r* gutural.

*Schrroder*. Isso aí.

Onde está o trem? Renunciamos a ele. Antes de deixarmos a Alemanha, alguém advertiu papai de que os americanos não acreditavam em tremas e que também não gostavam de usar os

sobrenomes, preferindo cumprimentar uns aos outros com um Olá, Fulano! E já que o meu pai quase não havia se incorporado à cultura americana nos oito anos em que vivi com ele em Boston, acho que o tremão foi a única concessão que fez aos Estados Unidos, uma mudança para a qual ele chamava a atenção dos inspetores em 1979, quando íamos de fila em fila no aeroporto internacional.

Ele planejava conseguir a naturalização para nós dois, o meu pai. Mas nunca nem tentou. Continuamos estrangeiros residentes no país. Por isso, vivíamos com a ligeira paranoia daqueles que são vulneráveis à deportação. Dirigíamos devagar, nunca atravessávamos fora da faixa de pedestres, não contraíamos dívidas e tentávamos não oferecer nem receber favores, ou seja, nos alienamos dos rituais de fraternidade dos habitantes de Boston. Sempre cumpridor da lei, não importando o quanto não concordasse com elas, papai me fazia carregar o visto de residente permanente comigo o tempo todo, assim como ele carregava o dele.

Nunca entendi direito. Meu pai falava muito mal da Alemanha. Ele dizia que não ligava para o que as pessoas diziam contra ele ou os alemães, porque ninguém odiava mais a Alemanha e os alemães do que ele mesmo. Nenhum grande país tinha se *f\* dido* tão completamente quanto a Alemanha. Ele abriu mão do nosso tremão. E isso já não resumia tudo? Um dia, quando eu estava no ensino médio, trouxe para casa formulários de naturalização para nós dois. Fiquei perplexo ao ver que na Parte 1 (D) do formulário N-400, pergunta-se ao requerente se ele gostaria de *mudar de nome* legalmente depois da naturalização. Essa possibilidade fez o meu coração disparar, porque eu *já tinha* um novo nome na época, e agora havia uma chance de legitimá-lo. Se eu conseguisse dizê-lo em voz alta. Para ele. Dizer, *Esse é quem eu sou agora. É assim que me chamo. E eu gosto de ser quem me tornei.* De pé, ao lado

da mesa de carteadado que eu usava como escrivadinha, meu pai examinava os formulários. Observou-os por um bom tempo. Durante esse mesmo tempo, me dei conta de que a minha busca por legitimidade era ridícula. A diferença entre meu eu no verão e meu eu em Dorchester era tão grande, a distância entre nós, tão profunda, que nenhum garoto mortal poderia nos aproximar. Eu nunca conseguiria dizer o meu novo nome para o meu pai. Eu não podia ser os dois ao mesmo tempo para ninguém. Ao ver papai colocar os formulários de volta em cima da mesa, cruzar os braços e balançar a cabeça devagar, senti um alívio imenso.

— *Nein, Erik. Ich will das nicht.*

— Talvez você esteja certo — respondi, ao ouvi-lo dizer que não pretendia pedir a naturalização.

— *Das Problem hat nichts damit zu tun, deutsch zu sein. Das Problem liegt mit den Staaten. Und daß es Staaten gibt.*<sup>4</sup>

Ficamos assim por alguns instantes, ele de pé ao lado da mesa de carteadado.

— *Außerdem* — disse ele, dando de ombros. — Além do mais, Erik, você ainda não sabe? Não existe esse negócio de esquecer.

---

<sup>4</sup> O problema não tem nada a ver com ser alemão. O problema são os países. Que existam países.

## ERSTER TAG OU O PRIMEIRO DIA

Tempo estranho. Uma tempestade de raios e trovões se formou no vale. O céu estava escuro e bem carregado, mesmo ainda sendo de manhã, com pinceladas deslumbrantes de luz esmagadas no meio das nuvens. Folhas rodopiavam ao vento. Os cata-ventos em cima das casas rangiam. Os pássaros estavam em silêncio. Minha pele parecia diferente. E meu couro cabeludo, arrepiado. Eu estava tomado por uma espécie de responsabilidade — um impulso, um desejo de mudar o meu destino, de tomar uma nova direção. Precisava de algum tipo de ruptura.

Apesar de você ter arranjado uma advogada excelente, jovem, formada em Cornell, batalhadora, e de eu ter apenas Rick Thron e aquela maldita avaliação de guarda desfavorável, de algum modo nós pegamos vocês. Por causa da falta de visitas, um juiz a acusou de desobediência à ordem judicial. Não sei o que Thron fez, mas ele conseguiu suprimir o relatório da avaliação e, sem essa peça-chave nas provas, sua equipe entrou em pânico. Uma tentativa apressada de apelação foi frustrada quando o juiz nos lembrou de que um acordo já constava dos autos — um acordo entre os pais, duramente conquistado, que tinha funcionado muito bem para Meadow por um ano inteiro. Podíamos negociar condições e restrições, mas você *tinha* que deixar que ela me visitasse.

Nessa época, eu já havia parado de me preocupar com esses aspectos legais. Sabia que era apenas uma questão de tempo até que eu fosse descoberto. Eu agia de maneira imprudente, irracional, até um pouco sem caráter, mas *não* estava maluco. Tinha total consciência de que a sua advogada era bem melhor do que o meu

advogado. Thron nem checara meus documentos falsificados. A única coisa que eu sabia com certeza era que não podia mais suportar aquilo, aquela expectativa em relação a tudo. Podia até achar que algum dia, talvez, fosse me sentir melhor, fosse me acostumar com a minha nova vida, mas *naquele* dia eu não aguentava mais, não suportava o modo como o vento varria o mundo sempre que a minha filha ia embora. Quando ela ia embora, os jardins, os parques, as ruas de Albany, tudo parecia completamente abandonado. As coisas não tinham mais vida. E até que tudo voltasse ao normal, aos dias de fazer feijão e tirar um cochilo ou outro no sofá, eu experimentaria uma sensação de luto, uma espécie de contração espiritual, que não queria mais suportar. Não, pensei. Hoje não. Não posso fazer isso. Se você tivesse dito que eu morreria no fim do dia, eu diria *Ótimo*.

O conhecido SUV preto parou junto ao meio-fio.

Vim para a varanda com as mãos nos bolsos e esperei. O meu sogro me deu aquele sorriso de surpresa, sua marca registrada, como se dissesse *Nossa, você ainda é o mesmo*, e acenou para mim como se eu não estivesse envolvido num conflito de morte com a filha dele. Esperei Meadow sair do carro correndo, carregando a mochila dela.

Quanto à primeira pergunta:

*O acusado premeditou o rapto?*

A resposta é não.

Ou não exatamente.

Além disso, a palavra *rapto* está completamente errada. Foi mais como uma aventura na qual nós dois embarcamos em vários níveis de ignorância e negação.

— Bom dia, meu doce — falei.

Ela olhou para mim, as lentes dos óculos de armação vermelha refletindo os imensos salgueiros do quintal que se precipitavam por cima da nossa casa. O vento soprou, levantando as pontas de seus longos cabelos castanhos. Meadow colocou a mochila no ombro.

— Bom dia, papai.

## A ESTRADA

Depois do almoço, eu disse a Meadow para ir se lavar e pegar a mochila.

— Nós vamos cair na estrada.

Ela inclinou a cabeça.

— Nós vamos *cair* na estrada?! Mas eu não gosto de cair!

— Não, não, não — falei, rindo. — Nós vamos sair de carro.

Vamos viajar. Uma viagem surpresa. Você e eu. O que acha?

Ela deslizou no banquinho onde estava sentada, deixando as cascas do sanduíche de pasta de amendoim e geleia no prato do Mickey Mouse que eu tinha em casa só para ela.

— Está bem — disse ela. — Aonde nós vamos?

— Bem... O que você acha de a gente ir passar o dia no lago George?

Ela juntou as mãozinhas na frente do peito.

— Oba! Oba! Oba!

— Quem vai querer ficar *aqui* em casa sentado o dia inteiro, não é? Acho até que já está quente o bastante para a gente nadar, não está?

— Está!

— Você por acaso trouxe o seu maiô?

— Não!

— Não tem problema — respondi, entusiasmado. —

Compraremos um novo quando chegarmos lá.

Naquela manhã, antes de Meadow chegar, eu havia arrumado uma pequena sacola de viagem (sungá, escova de dentes, alguns livros), permitindo que essa pequena sacola ficasse flertando com o meu desejo de fugir, mas não tinha premeditado *com clareza*. Foi

assim, num rompante desesperado, que coloquei por último na sacola — e com certa hesitação — o meu passaporte. Para o caso de eu precisar. Nunca se sabe. Entramos no meu carro e abaixamos todos os vidros das janelas. Meadow se sentou no banco de trás, numa cadeirinha apropriada para a sua idade. O carro era limpo e impessoal, com um logotipo da Clebus & Co. em cada lado, para todo mundo ver.

Estávamos no meio do engarrafamento na periferia de Albany quando percebi algo pelo espelho retrovisor. A grande sombra preta de um carro que vinha atrás de nós a certa distância. Virei à esquerda sem motivo algum. O carro nos seguiu. Virei à direita aleatoriamente. E o carro continuou nos seguindo. Acelerei. O carro também. Entrei numa loja de conveniência e parei no estacionamento. O carro continuou em frente, mas parou num quiosque na beira da estrada, uns cinquenta metros à frente. Balancei a cabeça veementemente.

— O que foi? — perguntou Meadow.

— O vovô está seguindo a gente.

Ela espichou o pescoço para olhar.

Segurei-a pelo braço.

— Não. Não olhe.

— Por que o vovô está seguindo a gente?

— Não sei. Preciso pensar um pouco.

— Nós ainda vamos para o lago George, não vamos?

— Fique quietinha, Meadow — falei. — Deixe-me pensar.

Ela suspirou, cruzando as mãos no colo e resmungando.

— Você disse que a gente estava indo para o lago George. Você *disse* que a gente ia. Você *disse*.

Fiquei observando o SUV preto, parado bem à frente na estrada. Podia até imaginar o pobre homem, agarrando o volante com força,

tentando encolher a cabeça. Será que ele achava mesmo que eu não o estava vendo ali?

— É muito *chato* ficar em casa sentada.

— Por favor, Meadow. Deixe o papai pensar.

— É isso que a mamãe e o Glen fazem o tempo todo. Ficam sentados em casa falando, falando, falando.

Levantei os olhos e olhei pelo retrovisor.

— Mamãe e quem?

— Glen. Papai, o Glen fala *muito*. Ele é muito chato. Ele é advogado.

— Mas a advogada da mamãe é uma mulher, não é? Ou ela trocou de advogado? Ou, quem sabe, Glen é apenas um amigo que também é advogado? Ah... Quem se importa com isso? Certo? Quem se importa? Eu não me importo. Você se importa? Eu não.

Olhei para o tráfego na estrada. Pensei na minha ex-mulher confabulando com Glen, quem quer que ele fosse, brindando outra vitória nos tribunais com um jantarzinho caseiro. E quase caí na gargalhada — uma gargalhada estridente e derrotada —, pensando no Papai Urso da história que perguntava: *Quem comeu o meu mingau? Quem sentou na minha cadeira?* Virei para trás e me certifiquei de que o cinto de segurança de Meadow estivesse bem colocado e lhe dei um tapinha enigmático na perna. E então acelerei tão rápido que saí cantando pneu. Quase peguei o entregador da Pepsi quando fiz a volta pela lateral da loja para entrar na pista de duas faixas, indo na direção contrária, bem na frente de um caminhão enorme de verduras e legumes. Pelo retrovisor lateral, vi o SUV arrancar, contornando o quiosque e deixando o acostamento numa nuvem de poeira. Era tudo que eu precisava. Vovô estava nos seguindo. Atrás de mim, ele ficava tentando sem sucesso ultrapassar o caminhão num trecho de duas

faixas amarelas contínuas, os carros na direção contrária zunindo enquanto passavam. Fiquei empolgado ao perceber a disposição dele de dirigir dessa maneira tão arriscada e quis ver até onde iria. Num cruzamento congestionado, conduzi-o para a faixa dos que obrigatoriamente virariam à direita, em direção à autoestrada, apenas para, no último segundo antes de o sinal ficar verde, cruzar as duas faixas e ir para a esquerda. Estava indo na direção norte de novo pelo bulevar Van Rensselaer e não via mais o vovô no meio do engarrafamento que ele havia criado tentando não ser empurrado para a autoestrada. Uma sinfonia de buzinas soou. Apertei o maxilar com força, evitando soltar um grito de vitória.

A quem tínhamos tentado enganar, Hank e eu? Ele desconfiara de mim, com toda a razão, desde o dia em que me conhecera, mas havia sido generoso o bastante para esperar todo esse tempo para me odiar abertamente. Senti uma espécie de gratidão por isso. Ele sempre tinha sido, na minha cabeça, o tipo de pai animado e dedicado à família que, eu supunha, todo americano estava destinado a ser. Pisei fundo. Agora estávamos indo a quase cem quilômetros por hora no meio do trânsito intenso do Van Rensselaer.

Fiquei hesitante se devia olhar para trás, para a minha passageira. Não estava mais acostumado a passar muito tempo com Meadow. No ano da separação, quando deixamos de dividir o mesmo teto, ela entrou para a pré-escola. Era uma garota de seis anos, grande para a idade, mais alta e esperta do que os colegas de classe, e eu esperava me sair bem, enquanto ela ficava sentada ali, naquela cadeirinha forrada com tecido de zebra, fazendo um julgamento moral de tudo o que estava acontecendo. Eu lembrei que mesmo quando ainda era muito pequena, ela não apreciava sentimentalismos. Não gostava de palavras melosas ou beijos

muito longos. Então decidi pular qualquer comentário emocional ou justificativa frívola para o que eu estava fazendo. Eles não seriam suficientes de qualquer modo.

— O trânsito está terrível — falei.

— É — disse ela.

— Está tudo bem aí atrás?

— Na verdade, estou com sede — respondeu com a voz ligeiramente tensa.

— Bem, vamos achar algo para beber. O que você quer? Um suco ou um achocolatado?

— Na verdade, eu queria tomar um refrigerante de limão. Posso? A Mariah toma. A mãe dela deixa.

— Claro — concordei. — Nenhum problema. Vou parar mais à frente e vamos comprar um refrigerante de limão para você. E vamos tomar direto do gargalo, como no comercial. Isso não vai fazer mal nenhum, certo?

— Certo. Posso ver *Star Wars*?

— Talvez. Escute: uma coisa de cada vez.

— Está bem.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Tenho.

— Está tudo sob controle, ok?

Foi quando o vovô reapareceu, como um zumbi cambaleante, com um tiro na cabeça. O para-lama do carro estava amassado — eu podia ver de longe —, e ele dirigia feito um doido, visivelmente desesperado, piscando os faróis. Será que ele estava mesmo pensando que eu iria parar? Será que ele estava mesmo pensando que eu lhe obedeceria *agora* que as máscaras tinham caído? Eu não estava infringindo o tempo de duração estipulado para a visita de Meadow. Não havia nada no acordo parental que dissesse que eu

não podia dirigir pelos arredores de Albany em alta velocidade. Não, pensei, olhando pelo espelho retrovisor. Hoje não. Você vai ter que me matar.

Em algum momento, no início do processo do meu suicídio social depois do divórcio, representei um cliente na compra de um chalé em Loudonville. Depois do fim da transação, nos tornamos amigos, o cliente e eu. Ele também estava solteiro e deixou escapar uma dica, como devo ter feito também, de que estava totalmente desamparado. Quando decidiu viajar no verão, a quem mais — a não ser a mim — poderia pedir que tomasse conta da casa e, de vez em quando, ligasse o Mini Cooper novo dele, para manter a bateria funcionando? Eu já tinha ido uma vez à casa dele. Fiquei sentado na garagem com o Mini Cooper ligado, notando, sem muito interesse, que não era apenas um artifício dos roteiros de Hollywood: *é realmente impossível* sentir o cheiro do monóxido de carbono. E foi esse Mini Cooper que me veio à mente — mas com uma função inteiramente nova, como carro de fuga — enquanto eu seguia para o oeste na estrada e via lá atrás a carroceria danificada do SUV do meu sogro soltando fagulhas e se distanciando cada vez mais de mim.

## AS MAIS BELAS ÁGUAS

Os primeiros homens brancos que depararam com o lago George ficaram instantaneamente fascinados, parados ali, boquiabertos com a beleza do local. Ainda hoje o lago é imenso, como um quadro de um azul-escuro, meio acinzentado, que se vê depois de meia hora de viagem para o norte saindo de Saratoga Springs, localizado uns cem metros acima do nível do mar nas montanhas Adirondack. A bacia do lago se estende ao norte, da cidade de Lake George até Ticonderoga, e na sua margem oeste há uma série de agradáveis cidadezinhas meio bobas, repletas de pousadas, parques aquáticos e lanchonetes que servem panquecas.

Rumo ao norte e cheios de expectativa, Meadow e eu íamos cantando durante todo o trajeto. Cantávamos as nossas canções favoritas como “Yellow Submarine” e “Kentucky Woman”. Ela adorou o Mini Cooper que substituiu o meu sedã em Loudonville, e não fez nenhuma pergunta sobre por que estávamos naquele carro agora ou se vovô ainda estava nos perseguindo. Estávamos juntos novamente. E era fácil. Pela primeira vez naquele ano, senti um fio de esperança. Sentia como se eu finalmente estivesse retomando o controle. Não mais na defensiva, tentando obter alguma vantagem, como durante a mediação do divórcio. Sabia que conseguiríamos chegar ao lago George. Eu sabia disso, e não dava a mínima para o que aconteceria depois. De verdade.

Estava excepcionalmente quente para o mês de junho. Nós baixamos os vidros das janelas e colocamos os braços para fora. E não paramos, não paramos em lugar algum. Não paramos em Saratoga Springs; não paramos em Lake Luzerne, nem em Glen Falls nem em nenhum outro lugar. Nós nem ao menos diminuimos a

velocidade até entrarmos na estrada para o lago George, e Meadow começar a gritar Pipoca! Maçã do amor! Raspadinha de limão! O parque aquático e as pistas de kart abriam mais cedo naquela época, e os turistas, como nós, andavam de um lado para outro, seminus e meio amarelos por causa do inverno. Estivéramos ali no verão passado, Meadow, eu e você-sabe-quem-você-é, ou seja, a nossa família inteira, no que devíamos nos referir como o Ano Zero (que foi seguido pelo período pós-divórcio, ou *Annum Repudium*, o ano do repúdio), mas nenhum de nós mencionou esse fato.

Estacionamos na rua e fomos correndo, passando pela concha acústica e pelo parquinho, direto para a pequena praia lotada, perto das docas. Meadow ziguezagueava por entre os banhistas até alcançar a areia e, para minha surpresa, entrou na água de roupa e tudo. Parou apenas quando a água começou a molhar a barra do seu short cor de tangerina.

— Papai — gritou ela, virando-se para mim. — Está *muito* fria.

— Claro que está fria, bobinha — disse eu, suspendendo as minhas calças cáqui até os joelhos. — Tem uns sessenta metros de profundidade. Venha. Vamos comprar um maiô.

— Não, papai. Agora não.

Sorri, secretamente feliz, lembrando-me de como era sempre impossível arrancá-la de qualquer coisa que estivesse lhe prendendo a atenção: uma chapinha de garrafa, uma joaninha, a tentativa de tirar a cola que restara num rótulo de uma garrafa.

Coloquei as mãos na cintura e olhei para a multidão de pessoas à minha volta. Algumas entravam, bem devagar, na água gelada. Outras preparavam piqueniques, carregando travessas cobertas com papel de alumínio e caixas térmicas cheias de gelo. Todo mundo tentava economizar levando de casa sanduíches de mortadela ou fumando cigarros mais baratos, porque, na época,

estávamos todos no meio dela, da recessão; estávamos todos dentro dela ou sabíamos que já, já estaríamos. Uma família jovem e encantadora estava sentada próximo à beira da água, bem perto de Meadow. Sorri para eles, para os quatro, o quarteto americano ideal — o pai alto, forte e bonito, totalmente absorvido pela movimentação dos barcos a vapor ao longe, a mãe de cabelos louros acobreados, usando um biquíni grande e bem firme, com uma canga enrolada na cintura, e duas crianças concentradas em abrir um buraco na areia.

Falei alto, na direção deles.

— Um dia como este acaba com qualquer estresse.

A mãe pequena e magra olhou para mim.

— Hoje o dia está bonito *demais*, não é? O meu problema é que quando um dia está bonito desse jeito, quero que fique assim para sempre. Quero guardá-lo para que ele seja eterno.

— Ah, não pense dessa forma — falei, dando um ou dois passos na direção dela. — Assim você vai ficar triste.

Ela sorriu, inclinando um pouco a cabeça para o lado.

— Em todo o caso — prossegui —, sabe como preservar um dia como esse? Você deve mantê-lo no coração. Esse é o lugar certo para guardá-lo.

Eu mantinha um olho em Meadow, que, a essa altura, já estava dentro do lago quase até a cintura. Sorri para as duas crianças cavando na areia.

— Ei, vocês dois, já encontraram ouro?

As crianças me ignoraram, assim como o marido, e a mulher ficou vermelha. Eu podia até tê-la beijado na boca que o marido continuaria interessado apenas nos barcos a vapor. Senti certa simpatia natural por ela. Um sentimento de compaixão por aquela mulher e por mim, pelas crianças ali na areia e por minha filha, e

até mesmo por você, Laura, tomou conta de mim tão de repente e de forma tão intensa que quase perdi o equilíbrio. Fechei os olhos. Eu *estou sentindo*, pensei comigo mesmo. Abri as mãos e os dedos com força e depois fechei. Eu *estou sentindo*. Estou *vivo*.

Quando abri meus olhos, a mulher me olhava.

— Você está bem?

— Estou ótimo — respondi. — Nunca estive melhor, na verdade.

Pelos deques molhados, as pessoas passeavam calmamente. E por causa do rangido das tábuas de madeira e dos remos nas cavilhas, da falação dos vendedores ambulantes e da bateção distante das pás dos barcos a vapor, a multidão parecia quieta e admirada. O mundo estava suave, convidativo.

— A primavera sempre nos traz algo como um sentimento de vitória — falei. — Como se a gente tivesse feito algo de bom para merecê-la.

— Você tem *toda* razão — disse a mulher. — E, além do mais, tivemos um inverno tão gelado. Gelado, lamacento e urgh!

— Um dos piores. Pelo menos para mim. Mas — olhei para ela — garanto a você, este será um verão extraordinário.

Ela sorriu de novo, mostrando os dois dentes da frente, brancos como pérolas, com um pequeno espaço entre eles.

— É mesmo? Como você sabe?

— Apenas sei. Meu doce! — chamei Meadow. — Venha um pouco mais para a beira, está bem? Nos letreiros está escrito “Proibido nadar”. Ainda não tem salva-vidas.

— Eu não estou nadando, papai — falou ela, sem se virar. — Eu estou *pescando*.

Minha amiga e eu trocamos olhares de quem sabe como as crianças são, com o propósito dissimulado de legitimar o contato visual entre nós.

— Você e a sua filha estão hospedados aqui no lago? — perguntou a mulher. — Estão dizendo que será um fim de semana maravilhoso. Excepcionalmente quente para esta época.

— Não — suspirei. — Precisamos voltar para casa. Temos um longo caminho pela frente.

— Onde você mora?

— No Canadá.

— Ah, você é canadense? — A mulher ficou vermelha novamente, e detectei um leve tom de decepção em sua voz, como se ela já estivesse afeiçoada a mim. — Sempre imagino que os canadenses sejam diferentes, mas eles nunca são.

— É a maneira como a gente fala — disse, exagerando um sotaque canadense. — Espere até eu começar a falar com sotaque.

A mulher riu, mexendo o pé na água.

— E a mãe da sua filha? Ela está em casa?

— Está — virei o rosto para ela. — Minha mulher está em casa. Esperando por nós. — Ao fundo, o marido da minha amiga mal se dava conta da minha presença. — Ela não para de ligar. “Quantos quilômetros faltam agora? Quantas horas ainda?” Está com saudade.

— Claro que está — disse a mulher.

Observei seu rosto, levemente rosado por algum pensamento, seja lá que *pensamento* fosse, o do sonho universal, o do tão sonhado “nós”. O vento brincou com a bainha da canga, decorada com contas. Ela tirou um dos delicados pés da areia, que fez um barulho meio seco de sucção, o apito do barco a vapor soou a distância e eu finalmente desviei os olhos dela e avistei as montanhas do outro lado do lago.

— É lindo, não é? — falei, maravilhado. — A maneira como a luz incide nas montanhas do outro lado do lago. Olhe só. O modo como

as montanhas parecem estar numa outra dimensão. Que tarde! Você está certa, sabia? Este dia não deveria acabar nunca mais. Devíamos poder guardá-lo *para sempre*. Sabe de uma coisa? Esta é a primeira vez no ano em que eu não tenho vontade de me jogar de uma ponte — e olhei para a minha companheira. Uma brisa soprou o cabelo cor de pêssego dela, que franziu a testa em solidariedade. — Sei que você nem me conhece, mas estou contente por você estar aqui. Quer dizer, estou contente que você esteja aqui com a sua família. A sua família me deixa feliz.

— Ah.

— Isso é bom, não acha? Essa é a razão de tudo, você não acha? União. Desse jeito. Nas famílias.

Ela olhou para mim com uma expressão duvidosa.

— Ei, camarada — o marido berrou. — A sua filha está nadando de roupa.

Todos nós olhamos. A certa distância, mas com dedicação, Meadow estava nadando mesmo, mantendo a cabeça firme fora da água, com um grande sorriso no rosto. Nesse exato momento, o sol surgiu de novo, por detrás de uma nuvem solitária no céu, derramando pela superfície do lago uma luz que era um escândalo. A água parecia estar cheia de ouro em ebulição. Coloquei a mão na frente dos olhos e fiquei observando Meadow nadar.

— Olhe para isso — falei. — Eu nem sabia que ela sabia nadar.

— Você não sabia... — A mulher deu um passo à frente. — Ela está bem?

— Ah, está sim, muito bem. Olhe para ela. Firme. Deve ter aprendido a nadar no ano passado.

— Mas isso é seguro? Não tem mais ninguém na água, e está muito frio.

— Você tem razão. Vou me juntar a ela. Com licença.

Eu usava calças cáqui, enroladas até os joelhos, e uma camisa xadrez azul de mangas curtas, de uma loja de departamentos. Deixei a minha carteira e as chaves na areia e fui entrando na água congelante até a minha camisa inflar como um sino ao meu redor. Quando a água estava na altura do meu peito, dei um impulso para a frente. Virando a cabeça de lado na água, comecei a nadar preguiçosamente até a minha filha.

— Olá — falei. — Que surpresa encontrar você por aqui! — O rostinho dela impactava a minha retina, os óculos salpicados de água. — A água está tão fria que é capaz de fazer o coração parar de bater. Quer dizer, acho que o meu coração acabou de parar de bater. — A nossa risada ecoou pela superfície da água. Da praia, as pessoas olhavam para nós. Eu podia ver a mulher de cabelos avermelhados, bela e intrigada. Algumas coisas não podem ser explicadas, não mesmo, não importa o quão solidário e pessoalmente comovido seja o ouvinte.

## BARCOS A VAPOR

Ela queria andar num barco a vapor. Escolhemos o *Minne-Ha-Ha*.

— Ha-ha-ha — rimos. — Ha! Ha! Ha!

Corremos pela prancha, desviando da multidão que entrava, porque queríamos a melhor vista das rodas de pás. Fomos nos pendurar nas grades de proteção do convés superior o máximo que a segurança permitia e, depois de um longo apito, o barco começou a deixar o cais e tomamos um banho com a névoa úmida e fria que vinha das pás. Meadow gritou, atraindo outras crianças para perto de nós. Várias delas enfiaram a cabeça pelas grades de proteção até que os pais as chamassem de volta. Não nos importávamos. Quer dizer, já estávamos molhados mesmo. Atrás de nós, a costa se distanciava cada vez mais e o caos das gaivotas pairava sobre o rastro do barco na água, como se elas fossem damas de honra segurando o véu da noiva. O vento nos atingia, suave e fresco.

Ela falou:

— Vou contar uma piada. Você sabe onde é que o cachorro compra comida?

— Não sei. Onde?

— No “supermercão”.

— Essa é ótima!

— Eu que inventei. Sabia que eu já sei andar de patins?

— Você sabe nadar, sabe andar de patins... O que mais você sabe fazer?

— Eu sei voar.

— Nisso eu não acredito muito, não.

— Toc-toc — disse ela. — Laranja!

— Espere aí. Você esqueceu de me deixar perguntar “quem bate?”.

— Quem bate?

— Ah! Não, *eu* que pergunto isso a *você*.

O barco a vapor trepidava em direção à margem leste do lago George. O sol se punha quando estávamos quase chegando e vimos a grande bola amarela desaparecer em resplendor por trás das montanhas.

— Puf! — disse ela. — Boa noite!

— Se manda daqui, sol — completei.

— Se manda, sol.

— Vai lá pra *baixo*, sol.

— *Lá* pra baixo — falou ela.

— Vai lá para o outro lado.

Sorrindo, ela subiu num banco de metal no convés.

— Mas eu sei voar, *sim* — retrucou ela. — Olha só.

Abrindo os braços para manter o equilíbrio, ela colocou os pés bem na beirada do banco e começou a girar os braços, desajeitadamente.

— Cuidado — falei, embora ela estivesse bem longe das grades de proteção. Seu short estava enrugado nas coxas, parecendo uma sanfona, e a camiseta subia, mostrando um pedaço da barriga, enquanto ela se balançava em cima do banco. Quando pulou, seus cabelos embaraçados pelo vento se sacudiram como bandeirolas.

— Macacos me mordam! — exclamei. — Você sabe voar.

— Eu não disse?

— Venha aqui, maluquinha. Seus lábios estão roxos.

Entramos na cabine aquecida, para onde a maioria das famílias tinha fugido do vento do entardecer. Uma menina,

completamente solta, engatinhava pelo piso de linóleo cafona, batendo numa latinha de refrigerante vazia à sua frente.

— Estou com fome, papai.

Olhei ao redor na cabine.

— Vamos conseguir algo para você comer.

Ela apontou.

— Vamos comprar alguma coisa naquela máquina ali?

— Ótima ideia! — concordei. — Com certeza tem algo para comer ali.

Cookies e um achocolatado para ela. E café instantâneo bem quente para mim.

— *Voilà!* — falei, escolhendo um banco para nos sentarmos. — O jantar!

Sob os nossos pés, o motor potente roncava. A vibração era barulhenta e esvaziava a minha cabeça. Observei a parede verde de montanhas passando a estibordo, perto o suficiente para que fôssemos capazes de ver os pássaros brincando nos galhos das árvores.

Meadow falou:

— Papai, eu posso me casar com você quando eu crescer?

Involuntariamente, estremeci e olhei para o chão.

— Não — respondi, esquentando as mãos no copo de café. — Nããã. Além disso, você não vai querer se casar comigo, de todo modo. Mas é muito gentil da sua parte me perguntar. A verdade é que você tem que encontrar alguém mais ou menos da sua idade.

— Mariah é da minha idade. Eu posso me casar com ela?

— Em alguns estados, pode.

— Eu queria me casar com você, papai. Eu escolhi você. Toc-toc, papai? Toc-toc.

Olhei para ela, tentando não deixar transparecer a tristeza que estava sentindo.

— Eu amo você, sabia?

— Eu sei. Toc-toc.

— Amo você com toda a minha alma — falei. — Queria poder lhe explicar isso melhor.

— Eu já entendi.

— Ótimo — sorri. — Então você sabe o que é alma?

— Claro — disse ela, endireitando-se. — É a alma que mantém o corpo em pé.

Olhei para a vastidão escura do céu, a cabeça a mil e o coração apertado.

— Você tem um jeito muito especial de dizer as coisas — observei. — Um jeito muito especial de ver as coisas. Você tem uma cabecinha incrível.

— Eu sei — disse ela, levantando os ombros. — Você diz isso o tempo todo.

E pegou mais um cookie da embalagem.

Depois daquela confusão de sensações felizes e intenções mal percebidas, voltamos para o Mini Cooper, Meadow sentada na cadeirinha, com o cinto de segurança afivelado, enrolada numa toalha de praia bem grande onde se lia “O maior dos lagos americanos”. Estávamos na estrada de novo. Indo para o norte. A lua nos seguia com persistência por entre as árvores. Liguei o rádio. Al Green. *I’m so tired of being alone. I’m so tired of on-my-own.* Estou cansado de ficar sozinho. Estou cansado de não ter ninguém. Pelo retrovisor, vi Meadow disfarçar e colocar o polegar na boca. Imediatamente suas pálpebras ficaram muito pesadas.

— O dentista não falou para você parar de chupar o dedo, meu amor? — falei, lembrando-me de alguma recomendação transmitida

pelo vovô. — Senão os seus dentinhos vão crescer tortos.

— Eu não estou chupando o dedo — resmungou ela, com a boca cheia.

— Está com sono?

— Não. Eu estou bem acordada. Vou ficar acordada a noite inteira.

— Ótimo. Você pode me fazer companhia então. — Sorri para ela pelo espelho retrovisor. — É que eu não gosto quando tudo fica quieto. G.K. Chesterton chamava isso de a “réplica insuportável”. O silêncio.<sup>5</sup>

Eu estava dirigindo — apenas dirigindo —, margeando o lago George, a lua aparecendo por entre os galhos das árvores.

— E tudo fica muito quieto quando você não está por perto. Ninguém brinca de “Quem bate?”. Ninguém canta. Estou me sentindo como se tivesse perdido um ano inteiro da sua vida. Não é culpa sua. Mas você já sabe nadar, e eu nem fazia ideia disso. É como se tivessem feito uma pausa na minha vida, mas a sua... a sua continuou em frente. — Ri de mim mesmo. — Nossa, a sua mãe detestava isso, quando eu começava a falar e falar...

Como era de se esperar, não houve resposta vinda do banco de trás. O polegar dela pairava fora da boca, a cabeça tinha caído sobre um dos ombros e os óculos se seguravam na pontinha do nariz.

*People say that I've found a way  
To make you say that you love me  
Hey baby, you didn't go for that it's a natural fact  
That I wanna come back show me where's at, baby.*

As pessoas dizem que encontrei um jeito de fazer você dizer que me ama. Você nem percebe que isso é muito natural. Eu quero

voltar e ver como tudo é.

Perdemos o sinal do rádio em algum lugar ao norte de Ticonderoga.

---

<sup>5</sup> Tendo a concordar com Chesterton. No começo, antes de ser pai, quando nada tinha dado errado ainda, eu também não me sentia muito confortável em ficar em silêncio ao seu lado. Havia um cantinho ensolarado no andar de cima do nosso apartamento — nós o chamávamos de o quarto tropical — onde a luz resplandecia por várias horas no fim da manhã. Lembro-me de ver a sua mão aberta, como uma estrela-do-mar, através da folha do jornal, fina e iluminada, os seus cabelos despenteados no alto da cabeça, acima da primeira página, e a abertura desinibida do roupão mal fechado que você usava. Nunca fui capaz de prestar atenção a nada por muito tempo. Não consigo nem me concentrar no jornal. Então você lia, e eu falava, preparava o café da manhã ou acariciava a gata que tínhamos adotado durante o inverno. Eu costumava imitar o miado dela — anasalado, queixoso — e você ria, mas não estava escutando de verdade. Quando você se vestia e prendia os cabelos, saíamos de casa, cegos pela luz do dia. Lembro-me das nossas sombras gêmeas na parede dos edifícios, se beijando nos bancos, e me lembro também de como você esquentava as mãos entre as coxas, e as canecas de cerveja preta, os bares e aquele pequeno sopro de triunfo que eu recebia toda vez que vislumbrava o seu perfil. Você fazia com que eu quisesse me vangloriar, com que eu me sentisse mais forte, e como eu queria ser visto ao seu lado! Algumas vezes, quando estávamos a sós, o que eu sentia por você era intenso demais. Mas o barulho das ruas e dos bares aliviava esse sentimento. Você parecia sonhar olhando pela janela. E o jogo continuava. Eu encostava a minha mão ou a minha perna na sua, e você estava lá.

## SONHOS DESPERDIÇADOS

Deixe-me contar mais sobre a paisagem natural no caminho para o norte, ao longo do lago George, e sobre o meu estado mental. A noite já tinha caído, deixando visíveis apenas os contornos das montanhas Adirondack a leste, imensidões negras na escuridão púrpura. As estrelas se aglomeravam em cima dos letreiros de neon dos inúmeros hotéis de beira de estrada. Quase não dava para distinguir uns dos outros. Os nomes deles combinavam de maneiras infinitas as palavras *enseada*, *lago* e *aconchegante*. O ar que entrava pela fresta da janela do lado do motorista tinha um sabor fresco e característico, como se soprasse pela primeira vez.

Enquanto eu dirigia pela densidade da vida, em meio à escuridão do norte, fui tomado por uma saudade gigantesca. Eu me dei conta de que a minha situação era irremediável. Era como se eu fosse um homem morto, implorando a minha morte. Fiquei muito triste ao perceber que era tarde demais para isso, e seria insuficiente também. Mas por que eu não podia ter tudo? *Esse mundo*, esse mundo de união. Essas famílias enroladas em toalhas de praia andando na rua, descalças como tartarugas migratórias, ficando quatro ou cinco num mesmo quarto, dormindo debaixo de um ventilador de teto, os sonhos passando de uma cabeça à outra, o bebê agora abraçadinho à irmã, o pai — que acorda de repente — contando preguiçosamente toda a tropa, uma, duas, três crianças e a mulher, a mulher (querida, como você ainda consegue ser tão bonita?) no meio de um sonho já desgastado. O pai, de cueca samba-canção, indo até a máquina de gelo com um balde. Mariposas ao redor das lâmpadas. Meia-noite, um pouco de uísque num copo de plástico. Por que eu não posso ser ele? Mesmo o

tédio, o alcoolismo funcional — eu aceitaria tudo isso. Seria grato por tudo isso, todos os dias.

Mas o homem morto, com a alma em ascensão, vai para o norte. Fui mais longe do que tinha planejado. (Tem muita estrada pela frente.) Sabia apenas que se distanciar de alguma coisa é também se aproximar de outra.

Aproximar-se do quê, exatamente?

Distanciar-se de quê?

A mente culpada acelera, o pedal preso lá embaixo.

Pensamentos chegam com velocidade demais. É uma autopunição. Toda vez que via faróis no espelho retrovisor ou um carro chegando perto a certa distância, a velocidade entrava em ação. À medida que as luzes ficavam mais próximas, preenchendo todo o espelho, não conseguia evitar e dirigia mais rápido. Acelerado como a minha cabeça. Apenas quando os carros já haviam passado por mim sentia minha mente acalmar aos poucos. O brilho vermelho das lanternas traseiras me dava náuseas. Sabia que o que estava fazendo era errado. Mas já tinham feito muitas coisas erradas comigo. E às vezes fazemos coisas erradas em prol das coisas certas.

Passei por uma placa que dizia PARADOX, TRÊS QUILOMETROS e comecei a rir com amargura.

Meadow acordou no banco de trás.

— Papai? — disse ela, com sono. — Você está bem, papai?

— Claro que sim, estou ótimo. É muito bom estar com você.

Volte a dormir.

Foi aí que perdemos Al Green e tudo o que eu pude encontrar no rádio foram dois homens nervosos falando sobre beisebol. Fiquei espiando o borrão negro que era o lago Champlain a leste.

*Não existe esse negócio de esquecer.*

Desconcertado pela visão da vastidão escura do lago Champlain, vooi pelas estradas vicinais até a via expressa. Procurei no porta-luvas e, para o meu alívio, encontrei uma garrafinha de uísque e tomei um gole. Como eu já disse, tínhamos perdido o sinal do rádio. A essa altura, já era quase meia-noite. Ninguém parecia estar acordado além de mim. Ninguém parecia estar vivo. No banco de trás, Meadow dormia, a toalha de praia puxada até o queixo. Pensei em acordá-la só para ouvir a voz de alguém.

As luzes de Plattsburgh me socorreram. Plattsburgh é uma cidade que rosna para quem chega, surpreendentemente empobrecida, com alojamentos de homens brancos sem teto e sem trabalho, sem nada para fazer. Suas crianças ficam acordadas a noite toda. A evidente falta de policiamento em Plattsburgh me dizia que ali era um bom lugar para pararmos. Eu precisava de um descanso. Para recuperar meu discernimento. Meadow continuava dormindo. Parei no acostamento, debaixo de um anúncio de uma companhia de gás, saí do carro e caminhei, afastando-me dele o máximo que a segurança permitia. Os imensos holofotes do porto estavam às minhas costas. A minha longa sombra se estendia pelos arbustos. E foi então que comecei a ficar sem ar. Minha garganta estava se fechando. Levei as mãos ao pescoço. Meu Deus, pensei, agora não. Isso já tinha acontecido antes, é claro, mas havia muito tempo desde a última vez. Isso me acontecia sempre quando eu era pequeno. Naquela época obscura, com uma medicina de estilo soviético, o tratamento indicado havia sido uma série de longos e solitários banhos a vapor. O corpo da minha mãe era uma silhueta embaçada, me esperando na porta do banheiro, perguntando de vez em quando se eu já estava me sentindo melhor. Não quero sugerir aqui que a minha vida, e a série de erros que eu cometia, seja obra do destino. E, no entanto, e no entanto... Haviam se

passado anos desde a última vez em que eu tinha ficado sem ar como estava acontecendo ali, naquele estacionamento em Plattsburgh. Eu me senti como se tivesse acabado de acordar na escuridão absoluta apenas para ficar cego com uma luz muito brilhante e difusa. Finalmente eu estava acordado. Mas quem estava ali? Quem segurava o holofote?

Então foi isto o que eu fiz: decidi ir para o Canadá. Apenas por um tempo. Eu estava com o meu passaporte e sabia que mesmo que o vovô tivesse alertado a polícia sobre Eric Kennedy, ninguém na face da Terra estaria procurando Erik Schroder. E como eu não tinha o passaporte de Meadow e ela estava dormindo, pensei que era só pegá-la, colocá-la no porta-malas e cruzar a fronteira. Tinha ouvido dizer que praticamente se podia passar direto pela fronteira com o Canadá. A fiscalização não seria nada mais do que uma conversa amigável, mais ou menos assim:

*Olá.*

*Olá, senhor.*

*Cidadão alemão, não é?*

*Sim, senhor.*

*(Um olhar furtivo para o meu rosto.)*

*O senhor está aqui a passeio?*

*Isso mesmo. Quero muito conhecer o Canadá.*

*(Uma breve passada da luz da lanterna pelo banco de trás.)*

*Bem, vá em frente, senhor, e conheça o Canadá. Tenha uma ótima noite.*

Os holofotes da fronteira eram visíveis da estrada e davam a impressão de um grande incêndio à distância. Eu me virei e olhei para Meadow, dormindo no banco de trás. Sacudi delicadamente a

perna dela. Nada. Saí do carro e, sob um céu sem lua, abri o porta-malas. Era bem pequeno. Míni. Fiz uma espécie de ninho com o que eu tinha — toalhas do lago George e algumas roupas de amigos esquecidas ali. Afastei os cabos de ligação e dei uma esfregada no revestimento para que ficasse mais ou menos limpo. Abri, então, a porta de trás, me inclinei para dentro do carro e peguei a minha filha adormecida nos braços. Tirei-a dali e a deitei no porta-malas, envolvendo seus bracinhos e pernas nas toalhas. Parecia bem confortável. Afaguei-lhe o ombro. Ela dormiria durante todo o trajeto, disse a mim mesmo. A viagem até a fronteira não iria durar nem quinze minutos. E depois teríamos todo o tempo do mundo pela frente, o quanto quiséssemos — não, estaríamos *fora* do tempo, nos libertaríamos dele. Fui até o banco de trás para pegar a mochila de Meadow, voltei com cuidado pela lateral do carro e a coloquei aos pés dela, apenas para encontrá-la de olhos abertos, me encarando.

— O que você está fazendo, papai? — sussurrou ela. — Por que eu estou no porta-malas?

Fiquei ali parado olhando para ela, uma das mãos no porta-malas. Os olhos dela estavam brilhando e não tinham cor. As lanternas traseiras do carro iluminavam a grama, a estrada, o meu corpo, imersos numa luz vermelha.

— Você se importaria muito se... — pigarreei. — Ficaria muito ruim para você se...

Senti um embrulho no estômago. Dei alguns passos na direção da grama e vomitei. Fiquei lá, curvado sobre os arbustos por alguns instantes. Quando olhei de novo para o carro, Meadow estava sentada, com as costas eretas e a mão apoiada na borracha isolante da tampa do porta-malas, me olhando preocupada.

Mas a infância não é exatamente *isso*? Uma aventura involuntária? Um sequestro? Antes de nascer, antes do seu aparecimento específico, o que um anjo lhe perguntou, na luz astral do outro mundo: *Com licença, pequena presença, você gostaria de nascer agora? Você gostaria de nascer nesta família ou naquela? Para que tipo de vida? Em que circunstâncias?*

Diga-me: quando foi que você aceitou a sua própria vida?

## OS VIOLADORES

Um pouco de história alemã, se me permite. As guerras são quase sempre por causa de mapas — mapas e fronteiras —, mas às vezes também são por causa de muros. A maioria dos alemães se encolhe diante de alusões à história moderna. Eles são sempre apontados como vilões de um modo que poucos de nós conseguiriam tolerar, mas é preciso que se diga que talvez o resultado inesperado da derrota nas mãos dos Aliados na Segunda Guerra Mundial tenha sido o fato de a Alemanha ter sido *repartida*. Por um curto período, na verdade, antes que fosse dividido em Ocidental e Oriental, em 1946, o país foi fragmentado em quatro, com uma pequena porção dele sendo destinada até mesmo à França por algum motivo. E Berlim! Berlim em si era a imagem do todo dividido e também foi repartida (perdoe-me se você já sabe disso) em quatro zonas. Essa incoerência de cidade foi então colocada à mercê da antiga zona soviética. É claro que podemos pensar a Alemanha em termos de “divórcio”. O “divórcio” da Alemanha levou a uma espécie de guarda compartilhada na qual se esperava que vários poderes parentais monolíticos resolvessem, de forma madura, disputas que estavam, de maneira absurda, em desacordo com seus interesses nacionais antagônicos e suas ideologias arraigadas. E então a guerra se tornou fria e a civilidade, impossível, e o processo de mediação resultou numa espécie de acordo parental estranho e hostil (veja Potsdam), no qual os pais decidiram separar os irmãos, uma criança indo para o oeste e a outra, sendo arrastada, com uma relutância natural, para o leste.

Então a Alemanha foi dividida, Berlim foi dividida e, durante um tempo, todo mundo estava apenas tentando seguir em frente,

reconstruir o país e esquecer. (Prédios destruídos, corpos destruídos, um povo quase destruído, empilhado como destroços debaixo da sujeira de uma terra arrasada.) Logo em seguida, por motivos que não mencionarei aqui, principalmente porque não os conheço, a Alemanha Oriental entrou num estado de total privação econômica, e as pessoas tentavam apenas conseguir um pouco de manteiga, talvez uma banana ou algo do tipo. É claro que depois de dar uma chance ao socialismo, muitos alemães orientais ficaram decepcionados com ele. Era inevitável, a Alemanha Ocidental estava *perto demais*. Em Berlim Oriental, por exemplo, você podia sentir no ar o cheiro das torradas com manteiga vindo dos prédios de apartamentos da Bernauer Strasse. Quando, em 1961, ficou claro que o governo da Alemanha Oriental estava tentando encontrar uma solução para a enxurrada de berlinenses orientais exaustos, fugindo para Berlim Ocidental e para a democracia todos os dias, começaram a surgir rumores de que um *muro* seria construído. Um repórter perguntou ao Chefe de Estado da RDA e líder do Partido Comunista, Walter Ulbricht (1893-1973), se um muro seria construído para conter o êxodo dos alemães orientais. A lendária resposta de Ulbricht, como você deve saber, foi *Niemand hat die Absicht, eine Mauer zu errichten!*<sup>6</sup>

E, no entanto, um muro foi erguido. Uma estrutura pré-fabricada de concreto armado e concreto protendido. Ao contrário de outros grandes muros (China, Turquia), o de Berlim se transformou em algo realmente impenetrável ao longo dos anos, com muitos acessórios inovadores: holofotes, barreiras restringindo a circulação de veículos, cercas de arame farpado, bunkers de proteção, torres de vigilância e até mesmo canis para cães policiais. O Muro não era apenas um muro, mas uma larga faixa de terra árida e vazia na

qual os desesperados que tentavam atravessar de um lado para outro caíam facilmente na mira dos soldados.

Mas os berlinenses orientais não desistiram da obsessão da fuga. A impenetrabilidade do Muro fazia com que eles quisessem ainda mais atravessá-lo. Em nenhum momento na história da opressão se viu tanta criatividade como quando se tratava de cruzar a fronteira interna da Alemanha. Entre agosto de 1961 e novembro de 1989, milhares de cidadãos audaciosos de toda a Alemanha Oriental tentaram fazer história, lançando-se na tentativa de ultrapassar a fronteira de maneiras jamais imaginadas. Alguns destaques? Ano de 1965: um engenheiro de Leipzig atirou uma corda de lã acrílica bem grossa do alto do edifício de um dos ministérios da Alemanha Oriental e mandou toda a família para o outro lado, um por um, por essa espécie de funicular. Ano de 1968: Bernd Böttger, de Sebnitz, instalou um motor auxiliar numa boia, inventando assim o primeiro jet ski, que o levou pelo Báltico à velocidade lamentável de cinco quilômetros por hora. (Ele sobreviveu. Só estou falando dos que sobreviveram.) Ou, que tal esse outro caso, que aconteceu em 1975, logo depois de o governo da Alemanha Oriental ter assinado um pacto em Helsinki, prometendo aos seus habitantes *liberdade de ir e vir*: dois irmãos na Alemanha Ocidental construíram em casa um avião de alumínio, o cobriram com a bandeira soviética e depois o pilotaram até o Treptower Park, onde um outro irmão, que não viam há muito tempo, e seu filho mais novo subiram a bordo. Eles voaram de volta a Berlim Ocidental com o garotinho gritando de prazer e confusão durante a viagem inteira. Esse caso ficou famoso. Se não, deveria ter ficado.

Se há algo de que tenho certeza é que sair correndo em meio à poeira por aquela faixa de terra controlada não estava à altura do

meu pai. Ele era um cobrador, um funileiro, um caxias. O meu pai era vesgo, cético, vivia debruçado sobre documentos, uma pequena peça na engrenagem. Mesmo que, em algum momento, ele tenha considerado a nossa fuga — isto é, a minha e a dele —, imagino que tenha investigado o máximo que pôde todos os métodos usados para atravessar muros, pesando os prós e os contras. Deve ter analisado tudo: correr, saltar, cavar túneis, entrar num trem ou num avião, nadar, planar, mergulhar, escavar, falsificar passaportes, virar um marinheiro ou um impostor. Um memorando interno da RDA intitulado “Panorama das tentativas bem-sucedidas de violação das instalações de segurança da fronteira” (dezembro de 1974 – maio de 1982) é uma leitura interessante. De acordo com esse documento, 7.282 “violadores de fronteira” foram presos durante esse período. Apenas 313 conseguiram atravessar.

É um número pequeno, mas vamos supor que esteja correto.

Não estou lhe contando isso para me vangloriar.

Estou lhe contando isso porque entendo de fronteiras.

---

<sup>6</sup> Ninguém tem a intenção de construir um *muro* (grifo meu).

## O UIVO

Então, estávamos ali, na beira da estrada, a minha filha e eu. Ela estava sentada, obediente, no porta-malas de um Mini Cooper roubado, em algum lugar não muito distante de Champlain, Nova York. Eu estava com a mão no porta-malas, pensando em como explicar o que estava acontecendo. No fim, não consegui dizer uma palavra. Uma carreta se aproximou na autoestrada e quebrou o silêncio entre nós. Passou sacudindo, fazendo barulho e jogando seus faróis naquela cena triste. Não fiz nenhum movimento para me esconder. O motorista não parou. Um homem colocando uma criança no porta-malas não era da conta dele!

— Papai? — Meadow me chamou novamente, interessada no que eu estava pensando em fazer, mesmo que pressentisse perigo. Um sibilar em sua respiração revelava o nervosismo dela. Aquele som áspero, terrível, que parecia uma chaleira, assobiando com a água fervendo. Aquela constrição.

Estiquei a minha mão para ela. Meadow a pegou.

— Saia daí — falei, com um riso seco. — Não sei *onde* eu estava com a cabeça.

Ela saiu do porta-malas, se equilibrando na beirada da abertura, antes de pular para o chão. Olhou para trás, para a estrada, por um momento — mais caminhões se aproximavam. A luz dos faróis brilhava no espaço entre seus joelhos.

— *Onde* nós estamos? — perguntou.

— No norte — respondi.

— Ah... Vamos continuar seguindo em frente?

— Não por esse caminho — falei, apontando para a fronteira. — Não sei mais.

Sentei na beirada do porta-malas aberto e limpei o rosto na manga da camisa.

Ela se virou.

— Se a gente continuar indo em direção ao norte, aonde vamos chegar?

— No Canadá — respondi.

— E depois?

— Na baía de Baffin, eu acho.

— E depois?

— Na Groenlândia.

— E depois?

— Meu Deus, Meadow, a lugar nenhum. No oceano. Venha cá. Você precisa usar a bombinha.

Peguei a mochila dela, tirei a bombinha do bolso da frente e a sacudi. Ela se inclinou para a frente e recebeu dois jatos. Coloquei a bombinha de volta na mochila, bem ao lado do tubo de pasta de dente sabor morango.

— Não, *depois* do oceano — disse ela, exalando o cheiro do remédio no meu rosto. — Do outro lado do Polo Norte.

— Ah, entendi... Na Rússia.

— E depois?

— Não sei, Meadow.

— Papai?

Uma fila de carros passou por nós, um atrás do outro, como ondas no mar.

— Papai?

— O que é?

— O seu rosto está molhado.

Passei a mão no rosto.

— Ah — falei. — Acho que é porque estou chorando. Você se importa?

— Não.

— Ótimo.

Ficamos observando o tráfego.

— Você fica triste quando eu fico triste, Meadow?

— Fico.

— Bem, não há nada que se possa fazer em relação a isso. Você só precisa aguentar.

— Está bem.

— Você só precisa aguentar. Você vai ficar livre disso bem mais tarde, quando a sua mãe e eu não estivermos mais aqui. É normal se sentir aliviado quando alguém morre. Ninguém jamais vai dizer isso a você.

Ela me encarou.

— acredite em mim — eu disse.

— Está bem.

Enxuguei o rosto.

— Olhe só para você... — Dei um puxão na camiseta dela, fungando. — As suas roupas ainda estão molhadas. Isso deve estar causando esse ataque de asma. Que tal colocar o pijama no banco de trás, enquanto eu dou uma olhada no mapa?

— Você não sabe o caminho de volta para casa?

— Eu sei o caminho de volta para casa. Mas faça o que eu disse, ok?

Entramos no carro e, saindo do acostamento, fiz uma meia-volta fechada, cantando os pneus. Podia sentir Meadow me observando. Eu não sabia o que dizer sobre as minhas lágrimas. Não há nada para dizer sobre isso, mesmo agora.

— Você sabe o que poderia me deixar animado?

— O quê?

— Ir até uma montanha bem alta. Com você.

— Está bem. Tem alguma aqui por perto?

— Claro. Existem montanhas por toda parte.

— Ótimo. Porque eu tenho que ir à escola na segunda.

— É mesmo, a escola. — E de novo, a distância, eu podia ver o brilho alaranjado de Plattsburgh. — Quando é que eles vão deixar você sair daquele lugar? Os católicos não acreditam em verão? Que coisa! Já está muito quente. As amoras já estão aparecendo. A vida está aqui fora.

— Não sei, acho que em junho.

— Já *estamos* em junho, querida. Coloque o pijama.

No banco de trás, Meadow desafivelou o cinto de segurança, tirou os óculos e os colocou no assento. Depois de uma série de contorções, a cabecinha dela surgiu pela abertura da gola e ela fez a camisa do pijama macio deslizar pelo tronco, colocando os óculos no rosto novamente. À luz dos faróis atrás de nós, o topo da cabeça de Meadow parecia uma estrela com a estática que lhe arrepiava os cabelos. É ridículo, eu queria dizer. Como é que chegamos aonde chegamos? A vida é um processo sem fim. Eu queria pedir desculpas por tudo.

— Tenho uma ideia — falei. — E você vai dizer que sim ou não, certo?

— Certo.

— Veja só. — Fiz uma espécie de mapa no para-brisa. — Monte Washington. O pico mais alto do nordeste dos Estados Unidos. O lugar em que registraram as maiores velocidades de vento. E o que é fantástico é que podemos ir de carro até lá em cima. Até o ponto mais alto, onde podemos comprar frango frito e adesivos de para-choque.

Meadow ficou parada, escutando.

— Mas isso vai levar alguns dias — continuei. — Se você concordar, podemos fazer uma viagem *de verdade*. Podemos ir parando ao longo do caminho... Você sabe, aproveitando bem a viagem, fazendo bagunça. Faz muito tempo que nós... não ficamos muito tempo juntos. Com todas essas brigas entre mim e a sua mãe.

Meadow estava pensativa. Uma garota loura cantando no microfone estava estampada no pijama dela. Havia purpurina nos olhos da garota. Meadow colocou o cinto de segurança novamente e me examinou pelo espelho retrovisor.

Sorri sem hesitar.

— Posso escrever um bilhete para as freiras.

— As freiras não dão aula — disse ela. — Só cantam e rezam com a gente.

— Então posso escrever um bilhete para os leigos que não acreditam em Jesus Cristo que dão aula para você.

Meadow me deu um sorrisinho amarelo. Eu amava aqueles sorrisinhos amarelos, que eram sempre um sinal de que eu havia insultado a inteligência dela de certo modo. Eu não queria isso, mas que culpa eu tinha se ela era tão inteligente? Achei que ela fosse recusar a ideia. Suponho que, de alguma forma, eu esperava que ela nos salvasse.

— Está certo — disse ela, dando de ombros.

— Sério? Tem certeza? Você não vai poder ir à escola por uns dias.

— Não tem importância.

— Sério? Que ótimo. *Que ótimo.*

— Mas — acrescentou ela — eu tenho que perguntar à mamãe se posso.

O meu coração parou de bater. Ela tinha achado adequadamente o ponto que nos impediria de continuar fazendo o que queríamos. Éramos novamente prisioneiros das nossas próprias ações.

— Evidentemente — concordei, engolindo em seco. — Vamos encontrar um orelhão e a primeira coisa que vamos fazer de manhã bem cedo é ligar para a mamãe e ver o que ela diz.

— Bem, acho que não precisa ser a primeeeeira coisa — disse ela. — Pode ser em algum momento durante o caminho.

— Está certo, meu amor. É muito legal você pensar na mamãe.

— Quantos dias vamos demorar?

— De quantos dias você acha que vamos precisar?

Ela apertou os olhos.

— Seis?

— Seis dias inteiros? Isso é ótimo. É quase uma semana.

— É que eu tenho seis anos.

— É o seu número da sorte, não é? Faz muito tempo que não passamos seis dias juntos... Uma eternidade.

— E eu não aprendo *tanta* coisa assim na escola. Eu já sei tudo o que eles estão ensinando. Ler e tudo o mais. Aprendi tudo isso quando era bebê.

— Sinto muito, Meadow. Isso deve ser terrível.

— Então eu *gostaria* de ir ao topo do monte Washington. Mas estou com fome. Será que eu posso comer um donut?

— Claro. Claro. Tenho certeza de que vamos encontrar um donut em algum lugar por aqui... — Nós dois olhamos para a paisagem, uma parede espessa de árvores nativas, formando uma floresta dos dois lados da estrada. — Ou talvez em Plattsburgh. Aposto que eles têm zilhões de donuts em Plattsburgh. E você pode comer todos.

Mas ela já estava dormindo de novo quando chegamos a Plattsburgh. Posso apenas imaginar os sonhos com que o inconsciente dela explicava as sensações do que acontecia ao redor: o barulho dos caminhões que formavam uma fila ao lado dos carros de passeio, o rangido muito alto da rampa do convés da balsa descendo e a maneira como deve ter sentido as rodas do carro saindo do chão e deslizando sobre outra superfície.

Era uma e cinco da manhã.

A balsa que ia de Plattsburgh para Grand Isle estava surpreendentemente cheia. Entrei no convés quando me autorizaram, desliguei o motor e fiquei sentado dentro do carro, com um dos braços apoiado na janela aberta. A brisa do lago soprava sobre o convés. Meadow dormia no banco de trás. O sono dela já tinha evoluído para um estágio mais profundo, desconectado da realidade.

Abri a porta e saí do carro, acenando com a cabeça para o motorista do caminhão parado atrás de nós, que estava na cabine, lá no alto. Então cruzei o convés e subi as escadas de metal para o convés de passageiros. Fui me esconder numa das extremidades, de onde eu não podia ver o Mini Cooper. Eu me debrucei sobre a grade de proteção, olhando bem fundo dentro do lago. Era estranho. De repente, eu queria me afastar dela. Quer dizer, eu queria me afastar do meu amor por ela. Tinha me esquecido daquele redemoinho que se forma quando você ama uma criança. Porque eu queria ficar com a minha filha mais do que qualquer outra coisa e, no entanto, também queria ficar livre desse desejo. Queria ficar livre desse desejo porque sabia que ficar com ela teria necessariamente um fim. Você, eu, a morte, a adolescência dela — o que colocaria um fim nisso? O que quer que fosse, não dependeria de mim.

*Não existe esse negócio de esquecer.*

*Você só precisa aguentar.*

O lago Champlain era escuro como petróleo. Um colar de luzes distantes cintilava ao longo da margem. No alto do convés, fiquei observando a mais curiosa teia de aranha flutuando um pouco acima da água negra. Há pessoas silenciosas e há também coisas muito silenciosas.<sup>7</sup> O estranho silêncio desse lago sem vento foi quebrado pela recepção intermitente, vinda de algum lugar, de uma estação de rádio que tocava música pop. A música me despertou, me sacudiu, me fez sair da grade sobre a qual eu estava debruçado de forma imprudente. Pensei no motorista lá no alto da cabine do caminhão e fiquei me perguntando onde diabo eu estava com a cabeça para deixá-la sozinha, mesmo que por apenas um segundo. Corri de volta pelas escadas de metal. No banco de trás do Mini Cooper, minha filha dormia profundamente e estava a salvo. Assim que começamos a avistar a costa, desligaram o motor da balsa. Agora iríamos simplesmente deslizar o resto do caminho. O estado de Nova York tinha ficado para trás. Estávamos chegando a Vermont.

---

<sup>7</sup> Garças azuis, celeiros de grãos, desertos, anjos, monumentos, satélites, poemas, vigílias, estátuas, luas, veneno, assaltos, coragem, pegadas, naufrágios...

## RETICÊNCIAS

Como falei antes, meu pai era um homem relativamente quieto. Eu sempre o associava ao silêncio, porque essa era a trilha sonora da nossa vida juntos, quando eu não estava tagarelando em inglês sobre o que tinha acontecido na escola naquele dia e ele só conseguia entender metade do que eu dizia. Ele usava um sobretudo de lã e tinha cabelos cor de ferro nas costas e no peito, mas sua barba era do mesmo carmesim escuro do suco de cereja que ele tomava todos os dias para prevenir gota. Muito de vez em quando, eu engolia um copo desse mesmo suco, imaginando que engrossaria os meus pelos e me deixaria tão vigoroso quanto ele, capaz de trabalhar duro. Eu vivia doente.<sup>8</sup>

Papai não era cruel. Raramente me repreendia. E nunca me forçou a fazer nada, a não ser uma única vez. Depois dessa única vez, nunca mais me deu ordens nem qualquer tipo de orientação. De fato, parecia ter se esquecido por completo das convenções da paternidade. Eu sentia falta daqueles conselhos afetados que ele me dava quando eu era bem pequeno, quando estávamos todos juntos, na Alemanha Oriental, das reprimendas, das palmadas nas pernas, tudo isso. Mesmo com todas as dificuldades da nossa vida em Dorchester, a raiva que ele sentia deve ter me encorajado de algum modo. Mas a raiva dele desapareceu à medida que fui crescendo e, conforme isso acontecia, a nossa história fazia cada vez menos sentido para mim. Por que tínhamos enfrentado tantos problemas para chegar ali? Então, quando digo que o silêncio me faz lembrar do meu pai, talvez eu esteja me referindo ao silêncio no sentido de discurso censurado, de memória censurada, como a estática de uma fita apagada.

---

8 Nunca me livre de certa propensão a doenças respiratórias. Em parte, acho que fiz alguma espécie de conexão entre estar doente e receber atenção das mulheres. Houve um tempo, em Berlim Ocidental, quando eu tinha sete ou oito anos, que criei o hábito de ir para a enfermaria da escola, que era uma sala pintada de azul-turquesa claro, com duas macas. A enfermeira era uma fada de mãos frias, que tirava a varinha de condão de um vidro de remédios e a colocava na minha língua. Na minha primeira visita, ela me fez deitar numa das macas, e fiquei lá até que a minha tia fosse me buscar. Eu imaginava que era um homem velho, a enfermeira era a minha esposa e os meus colegas de classe, os meus advogados. Eu não apenas ganhei a atenção total da minha enfermeira, mas também tive que voltar para casa e jogar uíste com a minha tia maluca, só nós dois, sem ninguém ao redor, nenhum dos meus primos nem o meu pai reservado, ninguém. Eu devo ter ido até lá mais meia dúzia de vezes antes de descobrirem que eu não tinha nada. *Eu sei o que ele tem*, minha tia disse à enfermeira numa tarde, lá na escola, as duas ao lado do meu corpo prostrado. *A doença do Muro. Mauerkrankheit*, disse ela. *Não existe remédio para isso.*

## ZWEITER TAG OU O SEGUNDO DIA

Acordamos na manhã seguinte em Grand Isle, Vermont, com dor nas costas e o carro rodeado de galinhas. Eu estacionara ali na noite anterior, na escuridão, e fiquei contente de ver, à luz do dia, que tinha nos escondido bem. O carro estava numa área de terreno arenoso atrás de um outdoor com propaganda do Great Vermont Corn Maze. Exceto pelas galinhas e pela estrada, não havia sinal de civilização.

Agora, em qualquer outro contexto, sei que deveria ter me preocupado em tentar arranjar um café da manhã decente para Meadow ou encontrar um lugar limpo e seguro onde pudéssemos nos lavar e trocar de roupa. Mas algo estranho acontece com as pessoas quando elas começam a dormir em carros. Uma permissividade parecia ter se instalado em nós dois. Não tínhamos fugido para o Canadá, mas também não havíamos voltado para Albany. Estávamos viajando de carro. E, de repente, não fazia sentido Meadow ter que tirar o pijama e pentear o cabelo, como nunca fez sentido algum começar a dizer a verdade. Fomos andando pelo bosque atrás do outdoor. Acho que estávamos — nós dois — animados com a aventura. Eu acho.

E, sim, eu planejava ligar para você.

Você já viu alguma vez os campos de feno recém-ceifados de Vermont, os fardos grandes, cor de sálvia, lançando sombra na direção do oeste quando o dia está amanhecendo? Você já viu os celeiros vermelhos, com as portas abertas, revelando a penumbra fria, alimentada pela noite, que se pode pressentir de muito longe? Saímos do bosque num mar de ranúnculos, cujo canto dos pássaros

que eles abrigavam podia ser ouvido por cima do silêncio. O lago Champlain brilhava por entre as bétulas brancas do campo. No meio de uma clareira aberta havia uma velha casa de fazenda branca, que precisava de pintura, e na encosta logo atrás da casa, a geometria verde e marrom das terras modelava a colina perfeitamente. Tudo sussurrava com a chegada da manhã.

— Venha — eu disse a Meadow. — Suba nos meus ombros.

Levantei-a na direção do céu. Ela estava pesada, mas fiquei contente de carregá-la assim através do campo, porque ainda conseguia fazer isso. Tudo o que fazíamos estava carregado com um sentido de última vez: o último verão em que eu poderia carregá-la nos meus ombros, os últimos dias — pelo menos durante um bom tempo — em que ficaríamos assim tão juntos antes que eu tivesse que levá-la de volta para Albany e para as visitas supervisionadas ocasionais. Grilos, borboletas e pássaros cor de laranja saíam voando do meio da relva. Nos meus ombros, a minha filha enrolava o cabelo com umas das mãos enquanto furtivamente chupava o polegar da outra. Seus olhos tinham aquele olhar livre e satisfeito dos primeiros dias, quando ela se empanturrava de amor.

Já estávamos a meio caminho da travessia do campo quando a porta da casa de fazenda se abriu e uma mulher com peitos grandes e caídos apareceu e ficou nos observando com metade do rosto na sombra. Acenei com a cabeça e apertei o passo, mas dois cachorros saíram correndo da casa e ficaram dando voltas nas minhas pernas em meio aos caules nodosos.

— Cachorrinhos! — gritou Meadow. — Papai! Posso fazer carinho neles? Por favor, deixe eu fazer carinho neles.

— Não, meu amor. — Olhei para a mulher. — Temos que continuar em frente.

— Por favor, papai, por favor! Olhe como eles são bonitinhos e *pequeninhos*.

Fiquei ali parado enquanto Meadow de vez em quando sumia no meio da relva, brincando com os cachorros. Eu tentava não prestar atenção na dona deles, olhando para nós. Estávamos numa propriedade privada e eu estava determinado a evitar qualquer tipo de confusão ou qualquer pessoa que pudesse querer saber quem éramos e o que diabo estávamos fazendo ali. Além disso, ela parecia do tipo que atira em invasores. Ouvi a mulher gritar algo incompreensível.

Fingi que não tinha escutado.

— O quê?

— Você está querendo falar comigo? — gritou ela de novo.

— Não, não estou.

— Porque temos cabanas. — A mulher foi andando, com alguma dificuldade, do alpendre até os degraus na frente da casa, e chegou até a beira do campo. — Pensei que você estivesse procurando as nossas cabanas. Eu alugo, alugo as cabanas.

Acenei com a cabeça e dei um empurrãozinho nas costas de Meadow.

— Às vezes as pessoas vêm até aqui porque ficaram sabendo na cidade. Por isso que perguntei. — A mulher colocou as mãos nas costas, na altura dos rins. Ela era, eu podia ver agora, bem velha, com o cabelo grisalho cortado curto, como o de um homem. — Porque só aceito pessoas que ficaram sabendo que alugo cabanas lá na cidade. Que tenham sido recomendadas.

— Claro — respondi. — Faz todo o sentido.

— Está certo, então — disse ela e bateu palmas. Os cachorros correram na direção dela, olhando para trás, para nós. A mulher se virou e foi andando com dificuldade na direção do alpendre. Mais

uma vez, examinei a cena: a casa de fazenda caindo aos pedaços, o lago, a minha filha com os cabelos molhados de orvalho.

— Com licença! — chamei-a, abrindo caminho pela relva em direção à velha senhora, até conseguir chegar à clareira. Sacudi a grama da minha calça. Ela olhou para mim, piscando os olhos azuis opacos. — Desculpe demorar a lhe responder. A minha filha e eu... — Meadow tinha saído correndo atrás de mim e parecia uma menina levada, cheia de cardos nos cabelos. — A minha filha e eu estamos fazendo uma pequena viagem e precisamos, precisamos muito, de um lugar para ficar. Apenas um dia ou dois, antes de seguirmos viagem.

Os olhos da mulher se desviaram de modo impreciso para Meadow.

— Como você ficou sabendo sobre as cabanas? Alguém na cidade falou?

— Não — respondi. — Para ser sincero, nem sei de que cidade você está falando. Estamos viajando a noite toda.

A mulher parecia decepcionada.

— O negócio é que eu gosto que venham pessoas recomendadas. Nunca se sabe, não é? Vivo sozinha aqui. Nunca se sabe.

— Entendo perfeitamente. Mas somos apenas um pai e a sua filhinha, que precisa de um lugar para tirar o pijama. Ela poderia ficar numa das cabanas para descansar um pouco e se trocar.

A mulher fez que sim com a cabeça, mas eu apostaria que ela não tinha a menor ideia de que Meadow estava de pijama. Bingo! Ela era perfeita. Não conseguia *enxergar* direito. Redobrei os meus esforços.

— Isso deve parecer mentira para você — disse eu —, mas, acredite, nós *fomos* recomendados. Pela terra. Fomos atraídos por

ela. Desculpe-me... — Apertei os olhos com os dedos. — Dirigi a noite toda. Mas entendo completamente a sua política de segurança. Venha, meu amor.

— Bem — disse a mulher, como se eu não tivesse falado nada —, você pode entrar e dar uma olhada na Cabana Dois. A Cabana Um está alugada, então você não tem muita escolha. Não sei ao certo — a mulher falava para o chão enquanto andava —, a outra foi alugada para alguém que também não tinha sido recomendado.

— A crise econômica está terrível — falei, pegando Meadow pela mão. — Temos que nos virar.

— Não ofereço café da manhã nem qualquer outro tipo de serviço — continuou a mulher. — E não tenho internet. Que diabo, não tem nem telefone aqui. Mas, para dizer a verdade, a maioria dos hóspedes adora isso. De onde vocês são?

Apertei a mão de Meadow e dei uma piscadela para ela.

— Do Canadá — disse eu.

Meadow arregalou os olhos e depois os apertou com cumplicidade.

A velha nos levou por um caminho estreito de cascalhos que dava no lago, numa pequena praia em forma de ferradura e de areia escura. De cada lado da praia ficavam o que parecia ser dois galpões reformados, melhorados com treliças. As construções cor de chocolate eram tão pequenas que pareciam casas de boneca no meio do bosque. A velha pegou um molho de chaves no cinto e abriu a porta com esforço. Meadow entrou correndo e se jogou em uma das camas estreitas de ferro. O quarto estava úmido e empoeirado, cheirando a lã molhada. Havia um tapete de corda oval no chão e uma dezena de pequenos frascos de boticário, enfileirados no peitoril da única janela que quebrava a penumbra da cabana.

— E então? — A velha estava esperando. — O que você me diz?

O que eu disse? O que eu *devia* dizer? Devia dizer não... não, é melhor ir embora e voltar para casa? Fracassei no meu casamento, fracassei em manter os meus direitos como pai, fracassei nas minhas resoluções de várias maneiras, e agora a minha filha, de uma inteligência excepcional, tinha que voltar para a escola Nossa Senhora da Fadiga Crônica, para aquela educação inútil, para aqueles avós convencionais e para aquela mãe cruel, e nunca mais poderíamos falar sobre isso, nunca mais poderíamos pensar no que teria acontecido se eu tivesse dito sim? E eu? Eu devia dizer, na verdade tenho que voltar para o meu apartamento alugado na avenida New Scotland. Para poder passar mais uma noite no boxe do chuveiro, esfregando o limo do sabão no rejunte dos azulejos com uma escova de dentes e apoiando um copo de uísque na saboneteira?

Entrei na cabana minúscula e espirrei por causa dos diversos alérgenos visíveis.

— Obrigado — falei, apertando a mão da velha senhora. — Nós adoramos.

## EM CASO DE DÚVIDA, NÃO

Dizem que a recessão tornou as pessoas mais introspectivas. Sem trabalho, o pessoal de repente teve tempo de sobra para contemplar o tecido da sua alma. Gente que por décadas a fio se exauriu de tanto trabalhar, de uma hora para a outra estava assando pão, lendo poesia, fazendo mandalas na areia e perguntas existenciais a padres e rabinos. Não estou dizendo que isso tenha sido bom para nós. Só estou dizendo que tentamos tirar o melhor da situação.

Quanto a mim, imagino que eu vá entrar para a história junto com as legiões de jovens e promissores corretores cujas carreiras estavam em ascensão quando a bolha imobiliária estourou. Entre 2006 e 2007, eu vendia imóveis num ritmo constante. Ranchos e chalés em North Albany, apartamentos reformados em grandes edifícios de Pine Hills. E também pequenos apartamentos para quem estava começando a vida — um monte deles. Nada mal para alguém que nem estava se esforçando. Nos meus melhores dias, eu representava entre dez e quinze imóveis de uma vez, e todos eles sumiam do mercado antes do anúncio seguinte no jornal de domingo. Estava me saindo tão bem que simplesmente parei de atender ligações. O meu sucesso — ainda que numa área de atuação pela qual eu tinha pouquíssima consideração — despertou o meu brilhantismo latente. Então, embora tenha sido a recessão o que me derrubou, eu estava bem no meio do processo de destruir a minha carreira quando ela nos atingiu em cheio. Na verdade, foi provavelmente no auge da carreira (corretor do mês da Clebus & Co., em fevereiro de 2007) que perdi o interesse por ela. Depois de

ter provado minha capacidade de maneira tão fácil, era da minha natureza ficar entediado e procurar novos desafios.

No momento em que Meadow nasceu, eu soube que ela era fora do comum. Em primeiro lugar, ela não chorou. Embora eu entenda que o choro de um recém-nascido é um sinal de *vida* e *força*, tenho certa desconfiança de todos esses lugares-comuns. Para ser honesto, havia me interessado muito pouco por ela até aquele momento. Eu nunca quis ter filhos. Quer dizer, eu realmente nunca quis ter filhos, mas não estava preparado para defender a minha posição com clareza. Eu não queria *mesmo* ter filhos. Mas Meadow não chorou quando nasceu, e isso instigou meu interesse. Olhei atentamente para ela, deitada na balança de metal chutando o vazio, e pensei: Estou perdido, tem *alguma coisa* aqui.

No entanto, dois anos se passaram antes que eu lhe dedicasse mais do que um interesse superficial. Ela era uma gracinha, mas, de certo modo, não tinha a menor relevância, *ainda* não. Além disso, ela era sua, ali agarrada ao seu seio. Os pais entendem o recado.

Então eu não esbanjava paternidade naqueles primeiros anos. Eu era o provedor. Fiquei orgulhoso de poder dar a você aquele tempo em casa com o bebê. Eu gostava do meu horário de trabalho irregular e o usava para continuar jogando futebol no meu tempo livre. Eu me tornei amigo de alguns dos clientes. Tínhamos almoços de três horas no inverno e, sem mais nem menos, viajávamos para Saratoga no verão. Frequentemente, eu chegava em casa no fim do dia com as chuteiras penduradas nos ombros, saltando os degraus na escada. Até ouvir, por trás da porta, o ruído que Meadow costumava fazer, às vezes até esquecia que tinha um bebê.

Você, Laura, tinha mudado, claro. Meadow era a sua vida. Depois que você deu à luz, passou um ano em casa completamente largada. Você mesma fazia a papinha do bebê, se afligia com

qualquer possível contaminação do ambiente e, de uma maneira geral, ignorava os seus desejos profissionais. Às vezes, quando eu chegava, a cozinha estava um caos, como se a casa tivesse sido saqueada, e não havia sinal de vocês duas. Eu subia as escadas e, lá em cima, no banheiro cheio de vapor, você e a pequena Meadow estavam escondidas, juntas, na banheira, as roupas — a sua bata e o macacãozinho dela — deixadas na soleira da porta como se fossem as de dois amantes.

Não é preciso se esforçar muito para se conformar com a visão de mundo de outra pessoa. Ah, pelo amor de Deus, não é preciso se esforçar muito para se conformar com nada. Mas então, um dia, um impulso vem bater à sua porta, exigindo que você tome uma posição. Para mim, isso aconteceu no dia em que cheguei em casa do futebol e Meadow — com um ano e meio, um espirro de gente — apontou para o meu rosto suado e disse:

— Papai está chovendo!

Isso me deteve, exatamente da mesma forma que tinha acontecido quando ela não chorou. Como uma criança tão pequena construía uma frase tão bonita? Ela olhou para mim. Eu estava com trinta e quatro anos — não era um homem velho, mas já tinha idade suficiente para vislumbrar os limites que me haviam sido impostos pela vida. Essa criança. Será que alguma pista sobre a minha vida estaria ali?

Então para *mim*, para *nós*, a desaceleração da economia foi uma oportunidade de crescimento espiritual, eu fracassando no trabalho e você aceitando um emprego numa escola pública experimental em North Albany. Na primavera de 2009, o mercado imobiliário estava seco como um deserto. Parecia que tudo antes, o antigo vigor das transações, a permuta feliz entre vendedores e compradores, não tinha passado de um conto de fadas. E foi assim

que me tornei o pai-que-fica-em-casa. Foi assim que, naquele outono, fiquei ali na varanda da entrada do nosso prédio, sozinho, com a minha filha de três anos, que era uma verdadeira estranha para mim, vendo a mãe dela sair de casa, dirigindo o carro da corretora para a qual eu trabalhara, toda arrumada e muito bonita, na verdade, com uma blusa de babados e brincos de pérola comoventemente adultos.

Você se lembra dos meus primeiros dias sozinho com Meadow? Eu com certeza me lembro. Lembro-me de olhar para ela, ali parada, com o polegar enfiado na boca e o Cobertor Fedorento debaixo do braço, e entrar em pânico. A vizinhança era silenciosa como um túmulo. Até as folhas dos carvalhos estavam imóveis. O fruto de uma das árvores caído no capô de um carro. Eu podia ouvir o sangue correndo nas minhas veias. E ficava esperando que alguém surgisse na rua — qualquer um. Eu ansiava por aquele tipo de conversa mole e sem importância, na qual eu era tão bom. Como passaríamos um dia inteiro juntos, nós dois, duas pessoas com percepções tão distintas do que era diversão? Eu senti uma pressão esmagadora para fazer algo fora do comum e interessante. E me preocupava que ela pudesse simplesmente pegar o Cobertor Fedorento e me abandonar. O que eu não sabia é que ela já estava irremediavelmente ligada a mim. Era *eu* que podia abandoná-la. Eu poderia tê-la deixado na porta do quartel do corpo de bombeiros e ido embora, e — depois de um ano ou dois de autojustificativas empenhadas — mal pensaria nela de novo.<sup>9</sup> A minha filha ficou parada ali, mal olhando para mim, como se estivesse constrangida com a posição que ocupava, a calcinha de bolinhas aparecendo no cós de elástico da sua jardineira de veludo. O meu coração acelerou. Como era fácil *abandonar* uma criança.

Nossos dias começaram assim, com essa compreensão vaga da vulnerabilidade de cada um de nós. O território do apartamento rapidamente se exauriu, as bonecas e os lápis de cor sempre me entediaram. Ficar ao ar livre era melhor. Podíamos respirar. Brincamos na caixa de areia úmida e na grama molhada. Descobrimos que podíamos ficar no *meio* da cerca viva que delimitava a área do nosso prédio sem sermos vistos pelo carteiro. Descobrimos isso do *outro* lado da cerca, as amoras do fim do verão ainda presas àqueles galhos assustadores. Ficávamos debatendo que, se aquela cerca era nossa, as amoras também deviam ser. (Decidimos que sim.) Havia muitas plantas e arbustos no quintal do vizinho. Descobrimos que o cheiro das folhas de hortelã esmagadas entre os dedos ficava na pele por horas. Fizemos ensopadinho de capim. Percebi que a minha filha conseguia juntar a escrupulosa atenção aos detalhes da mãe com a incansável imaginação do pai. Cheguei a ver que sua aparente normalidade (a predileção por purpurina e gritinhos agudos de entusiasmo etc.) era uma espécie de camuflagem para a verdadeira essência daquela criança dotada de uma extraordinária percepção. Ela era — o que rapidamente percebi — *extremamente inteligente*.

Ó, pequeno imitador! Ó, espelho compacto! Com o passar dos dias, Meadow já estava usando palavras e expressões que eu usava frequentemente ao falar comigo mesmo, achando que ela não entenderia. Um dodói era uma *laceração*. Um arrote, uma *eructação*. E os frutos dos carvalhos eram *ubíquos*. Eu nunca falei de maneira simplificada com ela, nunca a subestimei. Sempre amei as palavras certas. Eu tinha gostado de aprender inglês quando criança, principalmente de perceber as semelhanças muito interessantes entre o inglês e o alemão. E então, quase sem querer, eu deixava escapar alguma palavra estrangeira, frases em

espanhol, japonês e até mesmo na minha língua materna quase esquecida. Ela guardava todas as palavras. Qualquer coisa que se ensinasse, ela aprendia. E, naturalmente, comecei a imaginar do que mais ela seria capaz.

*A-B-C-D-E-F-G.*

Um dia, sentei com ela, um velho bloco de papel de carta com a logo da Clebus & Co. e vários lápis apontados.

— Isto aqui — comecei — é um *A*. O som — eu disse — do *A* é *ah*, como em *ca-sa*. Se você colocar um acento agudo em cima do *A*, o som é mais aberto, como em *pá*. Se colocar um til, o som é anasalado, como em *rã*.

— *A, á, ã* — disse ela. — Posso comer um biscoito?

— Claro. Assim que acabarmos. *B*. O som do *B* é *bê*.

— *Bê*.

— Me diga uma palavra que começa com o som *bê*?

— Hambúrguer — respondeu ela.

— Bela tentativa. De novo.

— Beijo.

— Beijo! Isso mesmo! Beijo.

*H-I-J-K-L-M-N-O-P.*

No fim do outono, ela já sabia ler. E tinha apenas três anos.

Agora já posso dizer que cometi alguns erros? Claro. Agora posso contar abertamente que ela levou alguns tombos quando estava comigo? Que duas vezes a perdi no supermercado — eu também tinha que fazer compras — e que fui chamado pelo sistema de som a comparecer ao atendimento ao cliente? Que uma vez, em casa, recebemos a visita do corpo de bombeiros porque fizemos alguma coisa estúpida com o detector de fumaça em nome da ciência? Mas nunca vou me lamentar por tê-la ensinado a ler. Não me importo com o que possam pensar de mim.

Pergunte a ela; ela vai lhe contar. Nós nos *divertimos* juntos. Os nossos dias eram cheios de vida. Eu estava pegando o jeito. Não estava mais desgostoso por causa da falência do mercado imobiliário ou do meu baixo potencial para ganhar dinheiro. Podia aceitar a humilhação de pedir uns trocados para a minha mulher e até desenterrei o meu manuscrito de debaixo da pilha de contas e retomei — nos horários do cochilo dela — minha pesquisa independente. E tudo isso deveria ter sido bom, a não ser por um único problema.

*Q-R-S-T-U-V-W-X-Y e Z.*

— *Onde* vocês estavam? — perguntou você, com o rosto todo suado, ao sair da varanda na entrada do nosso prédio. — Eu já estava ficando *louca*, Eric. Andando para cá e para lá há duas horas. Duas horas! Está escuro. Estamos em *novembro*.

Você se ajoelhou e começou a apalpar o corpo da sua filha com as mãos, fazendo com que ela começasse a rir. Meadow estava toda embrulhada no casaco, com o capuz na cabeça e o cachecol enrolado no pescoço. Fiquei confuso. Por que ela não estaria bem?

Você me olhou.

— Você sabe que horas são, Eric?

— Acho que perdemos a noção da hora, querida. Sentimos muito.

— *Vocês* sentem muito? Ela não é responsável por trazê-los de volta para casa na hora certa. Meu Deus! Eu estava louca de preocupação. Você não podia ter telefonado? Não podia ao menos ter deixado um bilhete? Meu coraçãozinho... Você está com frio? Onde você estava?

— Na *biblioteca* — disse Meadow por trás do cachecol.

Você suspirou, se dando por vencida. Como professora, você tinha que estimular a visita às bibliotecas.

— Vamos, vamos — você disse, nos fazendo entrar no prédio, que resplandecia com uma luz dourada. — Vocês dois me *mataram* de preocupação.

Durante todo o inverno essa mesma conversa se repetiu inúmeras vezes, com pequenas variações. Eu podia ver a sua evidente exasperação com a minha incapacidade de gerenciar o tempo e a falta de compromisso com os horários etc., mas até onde eu podia dizer, eu era um guardião confiável — um homem forte, poliglota e que tinha sempre uma solução para todos os problemas —, então, por que você estava tão preocupada? Pelo que sei, um pai ou mãe atravessa um dia com uma criança misturando estrutura, improvisação e triagem. Isso exige concentração absoluta. Pensar em *você* ou em como *você* faria as coisas teria sido uma distração inútil. Você queria que ficássemos em casa o dia inteiro olhando pela janela?

Mas, tudo bem. Não quero que esse relato se transforme num monte de lamentações que não podem ser usadas no tribunal. Eu prontamente aceito algumas culpas, como as seguintes:

- a) Sempre me esquecia de deixar bilhetes dizendo em detalhes onde estávamos e o que estávamos fazendo.
- b) Às vezes, me esquecia de como era importante para você ver Meadow no fim do dia e que por isso devíamos estar em casa quando você chegasse.
- c) De vez em quando não lhe contava sobre certas atividades desaconselháveis para a idade dela ou passeios que fazíamos, que, na maioria das vezes, você descobria de qualquer jeito porque algum conhecido seu havia visto a gente.
- d) Eu não sabia seguir as suas orientações, especialmente as relativas a horários e regras (por exemplo, porções de frutas

frescas que ela deveria comer), e provavelmente, sim, eu sabotava conscientemente a maioria dessas regras e escondia o meu descontentamento, fingindo que tinha apenas esquecido delas.

Mas eu *tentava*. Eu tomei conta dela.

\* \* \*

Um dia, quando você estava brigando comigo por algum erro que eu tinha cometido, olhei para o seu lindo rosto, se contorcendo de irritação, e as suas palavras perderam a força: vi que você estava com ciúme. Estava com ciúme de que eu estivesse com Meadow enquanto você tinha que se contentar com as crianças dos outros. Essa percepção me comoveu. Eu me senti mal por você e por aquilo que parecia a vitória pírrônica de ser uma mãe que trabalha. Pedi desculpas por ensinar a Meadow palavras estrangeiras que usávamos com uma espécie de código secreto em público. Entendi que aquilo era alijar você. Então tentei incluir você cada vez mais, deixar mais bilhetes e relatórios do que fazíamos e, de um modo geral, ser carinhoso de um jeito quase sufocante. A sua felicidade ainda era o meu objetivo principal. Eu queria fazer você entender que tinha tudo o que queria. Um emprego excelente. Uma filha brilhante. Um marido que era seguro o bastante para ficar em casa com a filha por um ano inteiro. E um apartamento — tínhamos um belo apartamento —, um duplex alugado, na cobertura de um edifício azul-bebê na Morning Street.

Você se alegrava com a chegada da primavera, mas ainda havia uma parte sua que eu não conseguia agradar. Havia uma parte que eu não conseguia alcançar. Comecei a pensar que você queria ter outro filho. Talvez quisesse uma nova chance. Talvez quisesse se

certificar de que uma criança pertencia a você, e somente a você. Eu entendia isso. Entendo sua possessividade. Afinal de contas, eu queria que você pertencesse só a mim. Toquei no assunto naquela primavera, uma noite, quando estávamos na cozinha.

— Mais filhos? — você disse, se virando, com um prato na mão.  
— Por que você disse “mais”? Quantos filhos “mais” você quer?

Peguei o prato da sua mão para secá-lo. Novamente, estávamos lavando a louça e tentando conversar ao mesmo tempo, algo que provavelmente contribuía muito para nossa irritabilidade.

— Mais um. Mais um filho. Você quer, Laura?

Você me olhou por um longo tempo. Depois se virou para a pia novamente e disse:

— Ah, Eric.

Como você tinha se virado, o meu nome foi engolido pelo som da água correndo. Observei você olhando para os pratos sujos de molho de espaguete e esperei que continuasse.

— Você parece descontente — falei.

— *Descontente?!*

— Você tem alguma objeção a essa palavra também?

— Tenho. Tenho, sim.

— O que tem de errado com ela?

— É fria, é isso o que tem de errado com ela. *Descontente*. É uma palavra que poderia ser usada numa peça do século XIX.

— Vem do latim — emendei, dando de ombros.

— Não me interessa. Sou a sua mulher, Eric. Estamos só você e eu aqui. Não há plateia. A palavra que você devia ter usado era *triste*. Ou *infeliz*.

— Está certo. — Coloquei mais um prato seco na bancada. — Você está infeliz?

Você pensou por um tempo.

— Não.

— Bem, isso é bom.

— Sozinha, às vezes.

— Você está se sentindo sozinha? Por que está se sentindo sozinha?

— Não sei. Eu me sinto muito sozinha. Quando não nos entendemos. Às vezes, acho que não queremos mais no entender, como costumava acontecer. Às vezes, não consigo entender as coisas que você faz. Às vezes, você parece um estranho para mim. Não consigo entender se o problema é meu, se fiquei meio preguiçosa, ou se tem alguma parte de você que não conheço. Diga-me: eu estou maluca?

Você olhou para mim por sobre o ombro e eu olhei para você de volta.

— Sou apenas eu — falei. — Eric Kennedy. Sem grandes mistérios.

Você se virou devagar.

— Talvez eu esteja apenas cansada — você disse, esfregando as têmporas com as mãos. — Eu não sei, Eric. Não sei o que está errado. Penso nisso o tempo todo, mas nunca chego a lugar *algum*.

Fiquei olhando para os seus ombros enquanto você voltava para os pratos na pia — esfregando, enxaguando, colocando-os no escorredor. Você realmente parecia solitária. Isso me parecia impossível. Impossível no sentido de incrivelmente ruim — *inconcebível*. Parecia inconcebível que duas pessoas solitárias pudessem se *afastar* ainda mais na mesma cozinha. As conversas abertas, na cama, do nosso primeiro ano de casados não estavam tão longe assim. Meu Deus do céu, Laura, eu me importava com você. Cheguei por trás e a envolvi com meus braços. Encostei minha cabeça na sua. Ficamos assim por um bom tempo.

- Sou totalmente dedicado a você.
- Eu sei.
- Não quero mais nada além disso.
- É bom quando você me abraça. É bom. Não se mexa.

---

<sup>9</sup> Talvez eu devesse ter feito isso.

## TRITÃO

Meadow e eu nos instalamos na cabana. Tiramos nossas poucas coisas da mochila dela e da minha sacola e as colocamos dentro de uma gaveta. Depois fomos para o Mini Cooper e dirigi por uma hora até encontrar um banco. Saquei uma quantia em dinheiro do meu cartão de crédito, e guardei dois mil dólares em notas e moedas de vinte e cinco centavos, embrulhadas, formando um rolinho. Então dirigi de volta e paramos num Walmart nos arredores de Swanton. Comprei para Meadow um biquíni de lantejoulas que você teria odiado. Comprei também um barbeador, uma lanterna, balas, pão de forma, um pote de maionese, um pacote tamanho família de fatias de queijo embaladas uma a uma e um charuto Garcia y Vega sabor baunilha. Gastamos metade das moedas de vinte e cinco centavos nos cavalinhos de brinquedo na entrada do mercado. Ah, e eu deixei Meadow comprar um saco de ovinhos de páscoa de chocolate que estava com um bom desconto, os quais ela despiu dos papéis azuis e rosas que os envolviam, sentada no banco de trás do Mini Cooper, num êxtase silencioso. Pronto. Aí estão os detalhes de que você tanto gosta.

De volta à nossa cabana, escondi metade do dinheiro dentro de um livro, um romance de John le Carré, sentamos na areia cinza, comemos sanduíches de queijo e ovos de chocolate e eu fumei o meu charuto. A enseada ali era pequena, não navegável, e os barcos a motor que víamos no lago ao longe não podiam se aproximar. Só uma vez, duas moças num caiaque surgiram do nada no meio do junco, mas havia algo em Meadow ali de pé, vigiando a enseada, com um biquíni de lantejoulas e as pernas sujas de areia, que as fez remar e se afastar dali.

Naquela tarde, me transformei em todo tipo de monstro. Eu era uma manticora. Era um tritão. Era um hipogrifo. Um leviatã. Quando acabaram os anfíbios, foi a vez dos gigantes. Eu era Anteu. Paul Bunyan. Magog. O trabalho de Meadow era me matar. Ela me afugentava com pedaços de pau, me jogava pedrinhas, me bombardeava com as pinhas caídas das árvores. De uma maneira geral, eu era muito bom em morrer. Eu cambaleava, caía no chão, gritava assustadoramente. E sei ficar debaixo d'água por mais tempo do que você acharia possível. (Você devia me ver com os músculos enrijecidos por causa do tétano!) Toda vez que eu ficava debaixo d'água por muito tempo, podia ouvir Meadow estragando toda a nossa encenação, me chamando, dizendo que eu parasse com aquilo, e eu ficava estranhamente satisfeito em chegar ao limite da brincadeira. Eu me divertia fazendo a minha morte parecer ridícula. Depois nos secávamos com as toalhas ásperas da cabana e observávamos as estrelas aparecerem no céu como um bilhão de epifanias. E eu me perguntava por um instante se você não estava certa, Laura, sobre Deus, porque houve algo, algo sobre-humano, que me impediu de sucumbir àquelas terríveis ideias que tive na escuridão de fevereiro.

## *DRITTER TAG* OU O TERCEIRO DIA

Foi no final da tarde do nosso segundo dia em Grand Isle que comecei a ficar inquieto. Não havia nada de errado; provavelmente eu apenas estava há muito tempo sem conversar com outro adulto. Sugeri a Meadow que saíssemos para comer alguma coisa. Ela adorou a ideia. Entramos no Mini Cooper e pegamos a Rota 2, descendo em curvas sinuosas ao longo do lago Champlain, que parecia na iminência de derramar o dourado de suas águas na estrada. Dirigíamos em meio à mata nativa da região, cuja tonalidade cor de musgo fazia com que parecesse ainda mais antiga. Era mais um dia glorioso, o terceiro seguido. A luz parecia purificada. O inverno tinha recuado numa torrente de águas sujas, deixando para a primavera um mundo novo e lavado.

— Mesmo com todos os erros deste país — refleti em voz alta —, mesmo com todos os abusos, com a manipulação, a hostilidade, este é um país muito bonito. Você não acha, meu doce?

— *É* bonito.

— *É* realmente um país lindo. Muitas pessoas vêm para cá em busca de um lugar onde possam se sentir seguras e livres.

— Elas chegam por Ellis Island — disse Meadow.

— Normalmente, sim.

— Mas se vêm do México, os guardas atiram nelas.

Concordei com a cabeça para encorajá-la.

— Não acho que os guardas atirem só por isso. Mas, claro, é perigoso vir para cá às vezes. Os Estados Unidos não podem receber todo mundo, certo?

— Não entendo por quê. — Meadow apontou para fora da janela. — Tem muito espaço aqui. Elas poderiam morar aqui mesmo nesse bosque.

Sorri. Nós dois voltamos a olhar para Vermont.

— Você é uma criança muito especial — falei.

— Eu sei. Você me diz isso o tempo todo.

A paisagem do campo ficou para trás e deu lugar a um amontoado de casas pequenas, a periferia de uma cidade que logo descobriríamos se tratar de North Hero. A cidade era, em essência, um aglomerado de barracas em pátios comerciais cobertos com toldos flutuantes. A avenida da igreja era a mesma de qualquer outra cidade americana do interior: uma loja de material de construção, um pet-shop, um café e uma biblioteca pública incrivelmente pequena. Meadow apontou vários lugares onde poderíamos comer, mas continuei em frente. Quando estávamos quase chegando de novo a uma zona rural de Vermont, encontrei os letreiros de neon que estava procurando. Cantei pneu quando pisei no freio.

— Espere aqui — falei, e fui até a vitrine para dar uma olhada no lugar. Através do insulfilm todo enrugado na vidraça, vi um homem grande atrás do balcão enchendo uma caneca de cerveja preta.

— Ótimo — disse a Meadow, abrindo a porta de trás e tirando seu cinto de segurança. — Um barzinho aconchegante. O lugar perfeito para conhecermos um pouco dos costumes locais.

Meadow saiu do carro. A calça de moletom roxa e aveludada — a única outra peça de roupa que ela trouxera na mochila — estava salpicada de areia, e algumas mechas laterais de seu cabelo não lavado escapavam da faixa que ela estava usando na cabeça. Endireitei os óculos dela e sacudi a areia da sua calça.

— Pronto. Você é uma menina muito bonita, sabia?

— Tecnicamente eu não sou tão bonita assim. Sou bonitinha.

Rapunzel é bonita.

— Rapunzel? Está falando sério? E Maria Callas, Benazir Bhutto ou alguma outra mulher assim?

— Não. Rapunzel é a mais bonita. Vou mostrar para você no meu livro de histórias quando a gente voltar para casa, *casa* mesmo.

Ninguém se virou para olhar quando nós entramos. Havia apenas um homem grisalho, sentado debaixo da televisão, observando as garrafas de bebida atrás do balcão, e, numa mesa junto à parede, uma mulher passando batom e se olhando num espelhinho. Fiquei feliz de ver uma cestinha vermelha de plástico na frente dela. O boteco servia comida.

— Venha aqui, querida. — Dei uns tapinhas no banco ao lado do meu em frente ao balcão.

Quando o barman se aproximou, estiquei a mão para ele.

— Olá, como vai?

— Bem. — Ele apertou a minha mão uma única vez, com força.

— E você?

— Muito bem — respondi. — Excelente.

— Você teria que ser um idiota para não ficar feliz num dia como este — disse o barman, jogando um porta-copo no balcão. — O que vai querer?

— Uísque, com gelo. E a minha filha aqui quer dois cachorros quentes e um coquetel de cereja. Não é isso, meu amor? Pedi certinho?

O barman olhou para Meadow.

— E quantas cerejas a senhorita quer que eu coloque no coquetel? — perguntou ele, servindo uma dose generosa de uísque.

O gelo estalava como madeira seca na lareira.

Meadow enrubesceu e encostou a cabeça no meu braço.

— Vamos lá, querida — encorajei —, diga ao moço quantas cerejas você quer. Ela é meio tímida no começo.

— Podem ser quantas você quiser — disse o barman.

Meadow levantou seis dedos.

— Seis! — O barman deu um berro. — Só isso?

Meadow fez que sim com a cabeça.

— Uma para cada ano de vida — falei.

— Você tem *seis* anos? — Ele se debruçou sobre o balcão diante de Meadow, a pança enorme parecendo ainda maior por causa da iluminação. — Bem, então você provavelmente já sabe como o mundo funciona, certo? Você sabe sobre a lei da gravidade? E sobre os impostos?

De novo Meadow enterrou o rosto no meu braço. O barman deu uma risada e pegou um copo grande. Passei o braço sobre o ombro dela, bebendo um gole grande com a mão livre. O uísque era meio doce no início, mas de algum modo tinha me acostumado àquela bebida e não tolerava nada mais seco.

— É divertido, não é? — disse a Meadow. — Esse lugar é uma loucura.

Eu me virei e dei uma olhada pelo bar. A moça na mesa colada à parede tinha fechado o espelhinho e pareceu piscar para mim. Sorri de volta, mas ela se levantou para sair. Enquanto a moça cruzava o salão, tentei não olhar pelo espelho atrás do balcão para o enorme cabelo louro dela, que parecia um dente-de-leão.

— Conte as cerejas, querida — o barman disse a Meadow, empurrando o coquetel na direção dela. — Você não deve confiar em ninguém com mais de doze anos. Depois dos doze, são só

mentiras, mentiras, mentiras. Você sabe algo sobre a Área 51? E sobre Roswell?

O barman estava debruçado sobre o balcão de novo, sorrindo desafiadoramente. Ele tinha um rosto largo e irônico. Parecia que estava esperando que algo imprevisível acontecesse.

Há momentos — odeio admitir isso — em que a devoção de um pai abandona o navio e ele quer apenas que outro adulto qualquer goste dele. Mesmo os melhores pais não conseguem evitar, em raras ocasiões, tomar o lado de seus pares, daqueles que estão na curva descendente da vida, e, nesse processo, sentem a necessidade de implicar com alguém mais jovem, já que é impossível banir esse instinto completamente, de ostentar sua experiência duramente adquirida.

— E então? — o barman vociferou para Meadow. — Enganei você?

— Ele lhe deu as seis cerejas? — perguntei a ela. — Ou roubou alguma?

— Não *aquela* cereja — disse o barman. — Você só ganha uma desse tipo.

— Ha!

Cutuquei-a com o cotovelo.

— Como é que se diz, meu doce?

Meadow agora encarava o copo à sua frente, mexendo o coquetel com um canudo.

— O gato comeu a sua língua?

— Obrigada — murmurou ela.

— Ela fala! — disse o barman.

— Ela é meio tímida no começo.

— Não, ela é esperta. Sabe que não deve confiar num cara como eu. Veja. Tenho algo aqui que vai fazê-la sorrir.

O homem se abaixou para pegar algo sob o balcão e tirou de lá um pequeno sapo de corda, com uma chave prateada nas costas. Ele girou a chave algumas vezes e colocou o brinquedo no balcão. O sapo deu um salto para trás e caiu de pé. Meadow ficou observando.

— Gostou?

— Responda ao moço, meu amor — falei, tomando mais um gole.

— Gostou? Tome, é seu — disse ele. — Todos os meus filhos já estão crescidos e se recusam a dar uma merda de um sorriso sequer. E deixe-me lhe dizer uma coisa: você tem mais uns seis anos pela frente; depois ela mal vai falar com você. Então... Vocês estão hospedados aqui em North Hero?

— Infelizmente, não. Estamos só de passagem. A caminho do monte Washington.

— Ah, é um lugar que vale a pena mesmo conhecer.

— Estamos fazendo uma viagem de carro. Parando aqui e ali. Uma viagem de pai e filha.

— Você não tem esposa?

— Claro que tenho — respondi. — Mas, no nosso último aniversário de casamento, ela me deu de presente uma liminar me impedindo de me aproximar dela.

O barman bufou.

Sorrindo, fiz um gesto discreto com a mão.

— Mas não gosto de falar sobre isso na frente dela.

O homem balançou a cabeça e deu uma risada mais baixa. Ele estava olhando para Meadow com pesar. Ela finalmente tinha pegado o sapo e dava corda no brinquedo.

— Filhos — disse o homem. — Eles arruínam a nossa vida. Mas são a melhor parte do que nos resta.

— *Isso* — levantei o copo vazio — é a mais pura verdade.  
Ficamos em silêncio, melancólicos.

Olhei na direção do outro homem, sentado no lado oposto do balcão. Com as mãos em volta de uma lata de cerveja Pabst, ele observava atentamente a televisão sem som. Olhei para a tela. O noticiário local ia começar. Senti uma pontada de saudade de casa. Por um instante, senti saudade de Albany, dos seus invernos brutais, dos seus políticos amadores. A matéria de chamada do jornal parecia falar sobre o ataque de um urso.

— Engraçado.

O barman levantou a cabeça.

— O quê?

— A cerveja... Pabst. *Pabst* quer dizer papa em alemão. Estava pensando...

— Está de sacanagem? A cerveja do papa?

— A cerveja do papa.

— Talvez o papa tenha abençoado a cerveja. É uma cerveja sagrada.

— É como cerveja kosher, só que para católicos.

— Ha!

— Ha-ha-ha!

— Ha! Muito engraçado.

Dando risada, o barman apontou para o meu copo.

— Outro?

— Claro.

— Você quer rebater com uma cerveja sagrada?

— Deixa eu ver... O que Jesus faria no meu lugar?

O barman gargalhou bem alto. Senti um puxão no meu braço. Meadow estava olhando para mim.

— *Können wir Mommy anrufen?*

Engoli em seco. Na minha estupidez, achei que ela tivesse esquecido. Não... Eu esperava que ela tivesse esquecido.

— Claro, claro, meu amor. Podemos ligar para a mamãe.

— Eu não disse que ela era esperta? — disse o barman. — Isso é o quê, alemão?

Só então alguém gritou por trás das portas de vaivém e o homem foi lá dentro e voltou com os cachorros-quentes numa cestinha vermelha. Meadow ficou animada ao ver a comida. Ela escorregou para o outro banco, esticou o braço e pegou um vidro de ketchup, que estava junto com um pote de jujubas, entre o velho debaixo da televisão e nós dois. Ela abriu o vidro, virou-o em cima da cestinha e ficou batendo no fundo até que metade da cesta estivesse cheia de ketchup. Fiquei olhando ela comer. Estava completamente concentrada na tarefa. Dei alguns pequenos goles no meu segundo drinque. O primeiro uísque me fizera relaxar, mas esse segundo me fez ficar filosófico.

— Você é uma boa filha — falei. — Você sabe disso, não é? É uma criança ótima, muito responsável.

Ela olhou para mim, enfiando o último pedaço do cachorro-quente na boca.

Levantei a cabeça e olhei para o barman.

— Está certo — falei. — Prometi ligar para a mãe dela. Você tem um telefone por aqui?

— Logo ali, ao lado do banheiro. Mas talvez seja melhor você terminar o uísque antes.

— Ha! Certo, certo. Ei, se eu estiver prestes a explodir, me jogue um balde de água fria.

Eu me levantei e fui até o telefone preso à parede. Procurei as moedas no bolso da calça.

E foi nesse exato momento que experimentei uma das maiores reviravoltas<sup>10</sup> da minha vida. Porque ali, na televisão acima do balcão, apareceu o meu rosto.

*O meu rosto.* Uma foto tirada um pouco antes da nossa separação. E porque essa era uma época em que eu me cuidava melhor, porque eu era mais *equilibrado*, o meu cabelo estava bem cortado e eu parecia, a meu ver, decente e responsável. Apertei os olhos, observando a televisão, e lá estavam o meu nome, a minha idade, a cor da minha pele, a cor dos meus olhos etc.

O tom de discagem ecoava no meu ouvido.

Vasculhei o bar com atenção. O barman estava debruçado sobre o balcão, apoiado num dos cotovelos, olhando para fora pela vidraça. Meadow estava ocupada com seus cachorros-quentes. Mas o velho beberrão no canto do balcão estava olhando bem para a televisão, onde agora aparecia o rosto de Meadow, com os óculos vermelhos que eram a marca registrada dela, e os cabelos bem escovados — a foto do jardim de infância, tirada no outono. Soltei o telefone sem querer e ele bateu com força no revestimento de madeira da parede.

O barman se virou para olhar.

— Ela deixa você maluco, não é?

— Meu Deus do céu! — falei, sorrindo. — Sempre. Ela me deixa completamente maluco.

Segurei o telefone que balançava pendurado pelo fio sem tirar os olhos do barman.

— Mas agora está tudo bem. Ela sempre faz uma tempestade num copo d'água.

Fui direto até o balcão, me esforçando para não olhar para a televisão. Meadow me observava com atenção.

— Como é que essa geringonça funciona? — perguntei, pegando o sapo.

— Você tem que dar corda — disse Meadow, cobrindo o segundo cachorro-quente com ketchup.

— Assim? — Coloquei o sapo de pé depois de dar corda nele e olhei de relance para a televisão. O meu rosto e o de Meadow dividiam toda a tela, com um número de telefone para informações passando logo embaixo, e percebi com algum remorso que não havia foto recente de nós dois juntos. Tiveram que usar fotos separadas, e a razão pela qual não havia nenhuma foto de nós dois juntos era que, no pouco tempo que passávamos juntos, não havia uma terceira pessoa que pudesse tirar uma fotografia, um tirador de fotos qualquer, apenas as nossas vidas apartadas, um subproduto cruel da vida que tínhamos antes.

Corte para os comerciais. Sabão em pó. Um ursinho de pelúcia falando.

— Beeem! — falei, soltando o sapo, que logo em seguida caiu para o lado, chutando o ar. — Chega de conversa fiada, temos que cair na estrada.

O barman levantou as sobrancelhas.

— Mas já?

— Ainda não terminei o meu cachorro-quente — disse Meadow.

— Não tem problema, você termina no carro.

Coloquei o dinheiro no balcão e agarrei o braço de Meadow com firmeza. Ela me olhou preocupada, com o último pedaço de cachorro-quente na mão.

— Façam uma boa viagem — disse o barman. — E voltem sempre.

— Vamos, sim. Com toda a certeza.

Quando saí porta afora, não resisti e desviei o olhar para o velho no canto do balcão. Ele olhava fixamente para as garrafas de bebida na prateleira, brilhando na frente dele — o horizonte do álcool —, seu pescoço enrugado engolindo a água do gelo derretido que mastigava. E ao ouvir o barulho da sineta da porta, o homem virou a cabeça com uma lentidão impressionante, como se tivesse acabado de acordar, e tentei adivinhar o meu destino em seus olhos escuros.

---

<sup>10</sup> Aqui eu gostaria de dar um exemplo poético. Já que a poesia é escrita em versos, as frases transbordam de um verso a outro, com uma pequena, mas não insignificante, pausa bem ali, no precipício do verso. (Siga meu raciocínio. Só estou tentando mostrar como me senti.) Às vezes o verso subsequente satisfaz a expectativa do leitor. Mas às vezes a expectativa é subvertida. Gosto desse exemplo, de Allen Ginsberg:

*Here we're overwhelmed*

*with such unpleasant detail*

*we dream again of Heaven.*

*For the world is a mountain*

*of shit: if it's going to*

*be moved at all, it's got*

*to be taken by handfulls.*

(Em tradução livre: Nós aqui estamos soterrados/ em tantos detalhes desagradáveis/que sonhamos outra vez com o Paraíso./ Já que o mundo é uma montanha/ de merda: e se vai ser/ removido, terá/ que ser aos punhados.)

Reparem na passagem cruel de “Já que o mundo é uma montanha/ de merda” na qual “de merda” reverte a nossa calma e talvez até otimista disposição mental aguardando uma montanha feita de, você sabe, pedras e terra, uma montanha gloriosa, esse tipo de coisa. Quando Ginsberg destrói a montanha que você imaginou cobrindo-a de merda, você fica... bem, eu não sei como você se sente, mas eu fico decepcionado (não com o poema, mas com a minha tendência de descambar para o lado mais romântico). Há algumas reviravoltas poéticas como essa na vida, essa é a questão. Há pausas entre o saber e o entender.

Pausas nas quais nós esperamos por notícias atrasadas de nós mesmos, que brilhem em meio às cordas frouxas das marionetes que somos.

## JOHN TORONTO

— Meu doce? — falei na escuridão. — Você ainda está acordada?

Meadow se mexeu debaixo dos lençóis.

— Sim. Estou acordada.

Virei de lado e me apoiei num dos cotovelos, apoiando a cabeça em uma das mãos. Olhei na direção da cama dela.

— Você está gostando da viagem?

— Estou, sim. Gosto de brincar de tritão, gosto do nosso novo carro e gosto de comer porcaria. Estou contente de a mamãe ter deixado a gente sair de férias. Fiquei com medo de ela dizer não. Ela deve estar mudando de opinião sobre você. Eu fiquei *falando e falando*. Acho que ainda tem jeito.

Estremeci na escuridão.

— Sim. Tem jeito para tudo.

— Mas é engraçado.

— Sim, é engraçado — concordei. — A vida vai ficando mais e mais engraçada quanto mais a gente vive.

Fiquei olhando para o teto da nossa cabana. Não havia lua no céu naquela noite. Como se pudesse ouvir as minhas apreensões culpadas, Meadow acendeu a lanterna. O fecho de luz percorreu o teto, iluminando as teias de aranha.

— Ei, Meadow — falei. — Que tal se a gente brincasse de faz de conta enquanto estamos de férias, se você não se importar? Você pode ser uma garota que sempre quis ser, e eu ainda vou ser seu pai só que com um nome diferente, entende? Por exemplo, John. Você pode escolher seu nome. Um nome de que goste muito. E vou *chamá-la* por esse nome, e podemos inventar histórias sobre a nossa vida. Tipo, que você tem a irmãzinha que sempre quis...

— Ah, eu não quero mais ter uma irmãzinha.

— Está bem.

— Prefiro um caranguejo-ermitão. Mas eu quero um de verdade, não um de mentira.

— Bem, que tipo de animal de estimação de mentira você gostaria de ter?

Meadow pensou um pouco.

— Um cão d'água português? Como o que Sasha Obama ganhou?

— Certo, certo. Ótimo. Você vai ter um cão d'água português em casa. E nós seremos de Toronto. E o meu nome vai ser John e o seu nome vai ser...

— Acho que você devia ser o prefeito.

— De Toronto?

— É. O prefeito John Toronto. E no 4 de julho você vai disparar os fogos de artifício.

— Está certo. E o seu nome? Como devo chamar você?

Meadow ficou pensando, olhando para o teto.

— Chrissy.

— *Chrissy?* Sério?

Os olhos dela brilharam zangados no escuro.

— Tudo bem — falei. — Chrissy é bom. No caso de a gente precisar de um codinome.

— E eu tenho cabelo louro dourado. Como Rapunzel.

Meadow suspirou.

— Não consigo dormir, papai. Estou sem sono.

— Eu também. Quer que eu leia *Os pássaros vêm e vão?* Talvez isso faça a gente dormir.

Na pequena estante da nossa cabana, ao lado dos romances de John le Carré, encontramos um velho livrinho de poesia, de uma

senhora da alta sociedade, já falecida, chamada Kitty Tinkerton Bridge, que escrevia poemas rimados sobre pássaros. Na falta de outro livro apropriado para a hora de dormir, tínhamos lido *Os pássaros vêm e vão* e gostamos dos versos amadores mas de certa forma musicais de Kitty Tinkerton Bridge, e se tornou uma espécie de ritual lê-los.

— Está bem — suspirou Meadow. — Leia para mim.

Quando abri o livro, ouvi a batida de uma porta de tela lá fora. Na nossa enseada distante, tudo era, de um modo geral, de um silêncio atroz, portanto pude presumir que o hóspede da Cabana Um tinha voltado.

## A MINHA PRIMEIRA MENTIRA

Tecnicamente, uma fraude não é determinada pela mentira em si, mas pela *intenção de tirar proveito da mentira*. Se você mente para se divertir, ou por qualquer outra razão pelas quais contamos mentiras (por exemplo, para evitar sofrimento físico ou ser recriminado, ou para perpetuar ilusões desoladoras sobre nós mesmos), isso não é necessariamente uma *fraude*. Presumo que a minha primeira mentira *fraudulenta* tenha sido contada numa ala mais afastada da prefeitura de Berlim Ocidental, em 1975. Essa também é uma das poucas memórias nítidas da minha infância. O meu pai estava falando com um alemão ocidental em trajes civis. O homem tinha um cabelo desgrenhado que parecia uma espécie de aura loura ao redor da cabeça e usava uma camisa cujos dois ou três primeiros botões estavam desabotoados por distração, imaginei, porque esse tipo de experimentação com o decote masculino ainda não tinha alcançado a Alemanha Oriental, de onde tínhamos chegado havia apenas algumas horas. O homem e o meu pai ficaram discutindo boa parte do tempo. O cunhado do meu pai, o homem que nos deixaria viver na garagem da casa dele, saíra dali horas antes, deixando-nos com o endereço e a garantia de que todo o processo seria rápido. Mas o alemão ocidental louro parecia estar perdendo a paciência com o meu pai.

— Mas eu preciso de algum tipo de confirmação, entende?

— Você já tem uma confirmação — disse o meu pai. — Você tem dois vistos de saída.

— Mas você é casado. Não há nenhuma certidão de divórcio, que é exigida não apenas lá, mas aqui também. E você não tem

nada...

— Eu tinha uma hora para me apresentar na Friedrichstrasse. Você queria que eu desenterrasse o corpo dela?

A voz do meu pai estava ficando cada vez mais aguda, como sempre acontecia quando ele se sentia perseguido pela estupidez de outra pessoa. Finalmente, o homem com o cabelo de esponja olhou para mim e gritou na direção do corredor. Uma moça bonita, de cabelos castanhos, apareceu. O homem louro sussurrou alguma coisa para ela, e ela sorriu para mim.

— Olá — disse ela.

A moça desapareceu por um momento e voltou logo em seguida com uma latinha prateada que estendeu para mim. Eu me lembro disso claramente. A lata era de alumínio, com uma abertura em forma de pera por onde se bebia o que estivesse dentro, e ainda estava fechada, até que ela tirou o lacre prateado colado na abertura. A lata era linda, parecia um barril de pólvora bem pequeno. Prometi guardá-la com cuidado.

— Obrigado! — exclamei.

— Beba. É suco — disse a mulher, demorando-se ainda um pouco mais na sala, de maneira gentil. — Quantos anos você tem, querido?

Levantei todos os dedos de uma das mãos, bem abertos.

— Cinco? Nossa!

O meu pai me olhou de relance, sentado na cadeira dobrável ao lado dele, com um olhar que eu só poderia descrever como aflito, e apesar da minha fofura estar ofuscando as súplicas que ele fazia, saboreei um gole do meu suco com satisfação.

— Mas que *Süßer*. Que *strammer Kerl* — disse a mulher para o meu pai usando duas expressões em alemão que eu nunca tinha ouvido, porque embora certamente houvesse amor na Alemanha

Oriental, um amor sóbrio, privado, não havia, e você tem que acreditar em mim, nenhum afeto. Adorei o tom sensacionalista daquelas palavras imediatamente.

— Olhe só para ele — continuou a mulher. — Sentado tão pacientemente. Tão comportado. A mãe dele ficaria muito orgulhosa. Não é?

— É — disse o meu pai, muito pálido. — A minha esposa, a minha falecida esposa, o amava muito.

O homem com os cabelos louros olhou para mim, exasperado.

— É verdade o que o seu pai está dizendo? A sua mamãe morreu? Precisamos saber se ela não está sentindo a sua falta.

Os meus olhos se arregalaram. Eu não fiquei surpreso com a notícia de que minha mãe estava morta — sabia que era tudo inventado porque eu a vi naquela manhã mesmo. Estava apenas surpreso com o fato de o homem estar se dirigindo a mim. Depois de horas sentado ali, naquela sala sem janela e cheia de cadeiras dobráveis, vendo o meu pai negociando com todo mundo que ele encontrava, ninguém se dirigira diretamente a mim.

Agarrei a minha lata com força. Eu a guardaria para sempre e brincaria com ela. Não havia latinhas de suco prateadas na Alemanha Oriental. Sabia que o meu pai e eu tínhamos um acordo. Eu diria qualquer coisa que ele quisesse e ele defenderia o meu direito de ficar com aquela latinha de suco. Eu podia sentir o calor que vinha dele, diminuindo aos poucos, as mãos dele cheirando a tinta da almofada de impressões digitais na passagem da fronteira na Friedrichstrasse — o mesmo cheiro que permaneceria nas mãos para sempre depois desse dia.

Olhei para o homem louro no outro lado da mesa. Ele não me inspirava nenhum sentimento. Mas quando olhei para a saída, vi a moça de cabelos castanhos com a bochecha macia encostada na

soleira da porta. E mesmo que eu soubesse que a minha mãe estava *lá* — em algum lugar, do outro lado — deslizei para uma realidade em preto e branco na qual eu a tinha perdido para sempre, o que era bem próximo da verdade, de qualquer modo.

— Ei, garoto? Você sabe falar?

Comecei a chorar.

— Deixe-o em paz, Gerhardt — disse a mulher na porta. — Pelo amor Deus. O que isso importa agora? O que você vai fazer? Mandá-los de volta?

## VIERTER TAG OU O QUARTO DIA

Acordei com dor de cabeça, como se tivesse bebido muito. Fiquei sentado na beira da minha cama por um longo tempo, observando Meadow dormir. O amanhecer era um acerto de contas. Na luz do dia ficava difícil negar que eu só tinha uma única opção decente. Essa coisa de Meadow estar em perigo tinha sido um mal-entendido. Eu podia esclarecer tudo se a levasse de volta para Albany o mais rápido possível. Pagaria uma multa. Talvez até fosse preso. Mas nada disso me causava o sentimento de aversão quase física que senti quando me imaginava fazendo a coisa certa. Por quê? Porque eu não estava pronto para mandar a minha vida pelos ares. Talvez ninguém mais se importasse, mas aquela era a minha vida. A minha vida americana construída com todo o amor. Eu queria continuar sendo quem eu era. Queria continuar sendo Eric Kennedy. Se voltasse agora, eles me obrigariam a ser Schroder. E afirmar esse nome seria parte da minha punição, uma espécie de rito cerimonial. E ninguém me ouviria quando eu dissesse, Mas eu não sou Schroder, ninguém entenderia o que isso queria dizer. É o seu nome legal, diriam. Compreendo que esse seja o meu nome legal, eu diria. E eles diriam, Você acha mesmo que está em posição de fazer alguma objeção?

No vidro ondulado da janela acima da cama de Meadow, vi o meu próprio rosto, me olhando de volta, melancólico. Passei a mão pelo meu maxilar. E dei naquela cara triste e idiota alguns tapas merecidos, que encheram os meus olhos de lágrimas. Mais forte, pensei. Você não é capaz nem de bater com força. Parei para recuperar o fôlego.

— John Toronto de merda — murmurei, levantando para ir me barbear.

Meadow e eu saímos da cabana naquela manhã nebulosa. Eu não conseguia ter o mesmo entusiasmo do dia anterior. Fiquei olhando preocupado para o lago, me perguntando de que lado eles viriam. Talvez isso fosse apenas uma marca de todo o mecanismo da minha infância, mas me parecia que, se você provocasse uma pessoa o bastante, revelaria nela um potencial para a criminalidade e, nesse momento, ela seria capaz de usar desculpas ou pretextos questionáveis e distorcer completamente a lei e os fatos. E assim eu acreditara — até o exato instante em que me vi na TV — que não tinha “sequestrado” Meadow, que estava meramente muito, muito atrasado para devolvê-la da visita regular a que tinha direito.

— Papai — disse Meadow, sacudindo-me pelo pulso. — É hoje que a gente vai para o monte Washington?

— Não, hoje não — respondi. — Estou com vontade de ficar por aqui mesmo.

— Mas quantos dias a gente ainda tem?

— Muitos.

— Quanto dias são *muitos*?

— Nós ainda temos muitos dias, está bem? Por que você não vai brincar?

— Quero brincar com *você*.

— Estou com dor de cabeça.

— Por que a sua cabeça está doendo, papai?

— Não sei, Meadow. Talvez porque você fique me fazendo um monte de perguntas. Agora vá, por favor. Me deixe sozinho. Preciso de um tempo para pensar. Você nunca quer apenas ficar sozinha?

Ela fechou a cara. Ótimo, pensei, feri os sentimentos dela. Ótimo. Ela tinha, a meu ver, um dia longo e maravilhoso pela

frente, com a praia inteira só para ela. Ela tinha a vida inteira. Ela foi andando em direção à praia, de cara feia, chutando a areia, pegando pedrinhas no chão, sem ir muito longe.

Foi quando uma mulher alta numa camisola transparente saiu da Cabana Um, esticando os braços para alto, se espreguiçando.

— Ah... Oi — disse ela quando me viu. — Eu tenho vizinhos!

Meadow e eu demos um salto. Fiquei de pé e enfiei as mãos nos bolsos, e Meadow, que estava de cócoras na beira da água, batendo duas pedras uma na outra, se levantou.

— Oi — respondi.

A mulher caminhou preguiçosamente até a praia, que não ficava nem a dez passos da porta da cabana dela, e ficou parada ali, no caminho gramado que me separava de Meadow, com as mãos nos quadris. Eu podia ver os contornos da calcinha escura por baixo da camisola. A mulher não parecia nem um pouco preocupada com isso.

— *Ei* — disse ela, apontando um dedo ora para mim ora para Meadow. — Que engraçado! Vi vocês ontem. No bar da cidade. Eu me lembro porque pensei que era esquisito levar uma criança para um bar. Que mundo pequeno! — A mulher olhou para Meadow, ali de pé com o biquíni de lantejoulas, esfregando as pernas uma na outra como se fosse um grilo. — Aposto que você se divertiu, não foi, querida? Não ia querer ficar do lado de fora, não é? Claro que não. Vou lhe dizer uma coisa: a gente aprende muito num bar.

Os olhos de Meadow ficaram enormes por trás dos óculos. A nossa vizinha que parecia uma estátua ficava ainda mais impressionante do alto daquele montinho coberto de grama, nos observando com o sorriso da sua última pergunta ainda nos lábios. Ela era bonita? Tecnicamente não. Ela era grande demais para ser bonita. Voltei à cena no bar na minha cabeça. Eu me lembro, claro,

da mulher loura sentada na mesa do canto. Ela não tinha saído antes que a nossa história passasse no noticiário? Andei em sua direção com a mão estendida.

— Oi — falei. — O meu nome é John. — Senti um leve tremor. — John Toronto.

Ela apertou a minha mão com firmeza.

— Oi. E eu sou April. April Los Angeles.

— Certo — falei, puxando a mão rapidamente. Acenei na direção de Meadow. — E aquela ali é a minha filha, Chrissy.

— Ei, Chrissy! — gritou a mulher.

Meadow foi se aproximando devagar, equilibrando o corpo ora numa perna, ora na outra, talvez apenas para poder ver aquela mulher melhor.

— Então, Chrissy, como é que você vai ficar famosa?

Meadow apertou os olhos.

— Não entendi.

— Quando você crescer vai ficar famosa fazendo o quê? Todo mundo quer ficar famoso.

— Quero ser lepidopterologista. — E acrescentou, sem querer se exhibir: — Os lepidopterologistas estudam as borboletas.

— Você não vai ficar famosa fazendo *isso*. — A mulher deu uma risada meio rouca para Meadow. — Desculpe-me por não mudar a minha voz quando falo com você, amorzinho. Não fico falando que nem boba quando falo com crianças. E você não parece ser o tipo de criança que gosta que falem com você como se fosse boba, não é? Olha como você fica de pé de um jeito firme, forte. Você me deixa no chinelo. — E ela se virou para mim e disse: — Por que todas as garotinhas querem trabalhar com bichos?

Sorri.

— Será que é porque eles são bonitos e delicados, e o mundo é desagradável e cruel?

April tocou meu braço. Agora que estávamos de pé, lado a lado, ela parecia menos uma amazona. Olhei de novo para a camisola dela, que embora não fosse completamente transparente, não era uma roupa apropriada para se estar do lado de fora da cabana.

— Bem, isso é verdade, não é? — concordou ela. — Eu mesma uma vez tive um hotel de animais de estimação. Era um sucesso. Conto tudo quando eu voltar.

Mas a mulher não se mexeu.

— Ah — falei. — Aonde você vai?

— Fazer umas compras em Swanton. Estou sem nada para comer. Você têm um pedaço de pão ou qualquer outra coisa? Eu posso pagar. Precisam de alguma coisa? Trago para vocês. Estou *morrendo* de fome.

Meadow foi lá dentro da nossa cabana e trouxe duas fatias de pão de forma para a nossa vizinha. Colocou-as em cima da mesa de plástico ao lado de uma grelha, passou maionese, pôs uma fatia de queijo em cada uma, depois ficou ali de pé, olhando April devorar o sanduíche.

— Vou trazer carne para a gente fazer um churrasco — disse April, dando um chutinho na grelha. — Vou fazer um banquete, vocês vão ver.

Meadow ficou olhando para a mulher daquele seu jeito quieto, com um interesse antropológico. Para uma menina de seis anos, ela era bem boa em analisar as pessoas. Se dissesse *Essa mulher é chave de cadeia*, eu acreditaria nela. Mas um homem solitário é um incauto. Sentado numa cadeira de plástico ao lado da que ela estava, inspirei profundamente para disfarçar o meu desejo de pegar aquela mulher, mesmo que fosse apenas só o cheiro dela, de

dizer *Vamos!* para alguém, de dizer *Vamos!* para a cama. O meu cérebro parecia vacilar e parar de funcionar. E daí? Ele não tinha mesmo me ajudado até agora.

Quando Meadow era pequena, teve uma fase em que era fascinada pelo corpo humano, principalmente as entranhas. Queria saber de onde vinham o xixi e o cocô e como o coração funcionava e tudo o mais. Íamos para a biblioteca folhear os livros de anatomia, murmurando o nome das glândulas, dos órgãos, dos ossos e músculos vermelhos. Quando chegamos a um desenho do cérebro, ela ficou muito séria.

— Isso aqui é o cérebro — falei.

— Eu já conheço o cérebro.

— Ah, é? Então me fale sobre o cérebro. O que o cérebro faz?

Ela tinha três anos e já era um pouco míope. No ano seguinte, teria que usar óculos, mas antes disso ficava bem perto do rosto das pessoas quando falava, acho que para poder vê-las melhor — na época não sabíamos disso. Achávamos que era encantador. É assim que mais me lembro dela, bem perto de mim, respirando no meu rosto, os olhos castanhos arregalados e sérios.

— O cérebro — disse-me ela — é a coisa que faz gelo.

## CANÇÕES DE AMOR

April nos trouxe tudo o que pedimos de Swanton, com o recibo e o troco certo: palitinhos de cenoura, uva verde sem caroço, mortadela, uma lata de sopa italiana com pouco sódio, pipoca sabor cheddar, uma embalagem com uma dúzia de Pepsi Diet, um agasalho e um baldinho de praia. O meu plano era definir uma nova estratégia. Eu encontraria uma saída. Sairíamos dessa limpos. E, enquanto isso, iríamos nos divertir. Bastava descobrir como.

— Então, *John*. — April estava colocando o carvão na grelha com um pedaço de pau. — O que trouxe você e Chrissy para essas bandas?

Dei de ombros.

— Estamos apenas viajando. Fazendo uma viagem pelo campo. Viajando pelos campos. Para caçar borboletas. E fazer amizade com mulheres altas.

Ela bufou.

— Ah, conta outra!

Inspirei fundo, preendi a respiração e depois a soltei.

— E você? O que você está fazendo por aqui?

— Estou de passagem, como você.

Ela sorriu no meio da fumaça. Senti o meu rosto ficar quente. Falava como se me conhecesse bem mais do que de fato conhecia. Ela me deixava nervoso e, ao mesmo tempo, eu não estava em posição de recusar uma amiga. Dei uma olhada em Meadow, que estava vestindo o agasalho novo, ainda com a etiqueta, e brincando com o baldinho, também novo. O espólio de Swanton conquistara Meadow. April também a tinha deixado entrar na cabana dela, onde a borrifou com um perfume forte que eu ainda podia sentir por cima

do cheiro de verniz da madeira das casas. Odeio dizer isso, mas era bom — sedutoramente bom — sermos três de novo. Ter uma influência feminina por perto.

— Você tem sorte de me conhecer, sabe? — disse April. — Na verdade, sou muito famosa.

Sorri e tomei um gole de Pepsi Diet.

— Mentira...

— Sou sim. Você não reconheceu o meu nome?

— Não sei o seu nome.

— April Almond.

— Nunca ouvi falar.

Ela fechou a tampa da churrasqueira.

— April A.?

— Não tenho a mínima ideia — respondi.

Ela se curvou na minha direção.

— Você não conhece a música do Minor Miracles? *Oh yeah/ Spring again, cares are gone away-hay. Hey now/ Like a flower/ Here comes April A.* — Ela deu um passo para trás. *É primavera outra vez, os problemas se foram. Agora, como uma flor, vem chegando April A.* E fez um gesto com a espátula na mão. — Sou eu mesma.

— Está brincando?

O resto da música veio na minha cabeça de uma só vez, era um hit, que memorizei nos meus primeiros anos como falante da língua inglesa.

— *Ayyy-pril Ayyy* — cantei. — *Whose-a gonna be your lover next time...* Uau... *Quem vai ser o seu amor da próxima vez, April.*

Nossa! De quando é isso? De 1983? 1984?

— Ficou na lista das quarenta músicas mais tocadas por três semanas em 1981.

Ela se virou e foi se sentar numa das cadeiras de plástico que tínhamos colocado ao lado da churrasqueira.

— Conte-me toda a história — pedi. — Como foi que alguém escreveu uma canção sobre você?

— Eu tinha dezenove anos — disse ela. — É uma longa história.

Fiz uma conta rápida e vi que ela tinha quarenta e tantos anos. Mas parecia mais velha. O cabelo que caía em cachos reforçados com gel era louro na maior parte, mas havia mechas avermelhadas e castanhas, o que lhe dava um aspecto artificial. O rosto dela tinha o formato de um diamante, com bochechas generosas que iam afinando até chegar ao queixo marcante. Não havia sinais de preocupação naquela testa. Ela parecia mesmo alguém que tinha se divertido muito na vida. Uma pessoa que poderia mesmo inspirar uma canção de rock. Até o jeito de ela sentar era um convite para o olhar, uma das coxas levemente bronzeadas sobre a outra, o pé girando naquela sandália trançada no tornozelo. Ela usava um short jeans tão curto que o forro branco dos bolsos aparecia por debaixo da bainha desfiada. Uma espécie de bata lhe cobria o tronco curto e peitudo. Ela tinha pernas bonitas e jovens. Foram as pernas dela, decidi, que inspiraram a música do Minor Miracles. Relutei em desviar os olhos delas. Mas April já tinha percebido que eu estava olhando.

— Vamos beber alguma coisa — disse ela, sorrindo.

Voltou com dois vidros de geleia velhos cheios de um líquido verde amarelado e meio brilhante.

— Refrigerante de limão e vodca.

A maneira que ela disse *vódica* me era familiar.

— Você não é de Los Angeles, é?

— Eu não disse que era. Sou nascida e criada em Plattsburgh.

— Está brincando?! Passamos por lá. O que aconteceu em Plattsburgh? Por que tem gente lá que vive em alojamentos?

— Aquilo ali — disse ela, levantando o copo com a bebida verde brilhante — é o que restou da base militar de Plattsburgh. A base foi desativada nos anos 1980, mas acho que decidiram manter os alojamentos. Ocupá-los. Uma espécie de gueto. A bebida está boa?

— É muito... Sou muito grato por ela.

— Hã? Você está gostando ou não?

— Estou, sim. — Tomei um pequeno gole ácido. — Sobrou um pouco? Para minha filha. Quero dizer, sem a vodca. Ela adora refrigerante de limão, não sei por quê. A mãe dela ia morrer se visse. É uma neurótica por saúde, a mãe dela.

— Claro.

April foi até a cabana e voltou com um copo. Deu alguns passos no caminho de cascalho que levava até a praia e gritou com a voz rouca:

— Ei, *Chrissy!*

Naturalmente, Meadow não respondeu. Ela estava agachada na frente do baldinho, de costas para nós. Dali de onde estávamos, víamos apenas seus dois joelhos e suas costas.

— Meu amor — chamei —, você quer tomar um pouco de refrigerante de limão no jantar?

— Claro! — Meadow não se virou. — Achei um sapo.

— Que legal! — falei. — Que tipo de sapo?

— Bem, ele é *gigantesco*. Gigantesco e cheio de verrugas.

— É um sapo ou uma rã? — perguntou April.

Meadow olhou para ela de um jeito triste por cima do ombro.

— Não há nenhuma diferença científica entre um sapo e uma rã.

— Ótimo, então, porque eu sempre confundo os dois.

— Venha aqui mostrá-lo para nós.

— Ele tem uma mancha marrom nas costas e uma boca verde.

— Parece um sapo-boi.

— Quero ficar com ele — gritou Meadow. — Como eu fiquei com o rato.

Então a imagem resplandeceu ao cair da noite: o rato que peguei debaixo da pia da cozinha em Pine Hills e nenhum de nós teve coragem de matar. Compramos uma caixa de plástico, uma roda e um monte de serragem. E enquanto eu via o rato naquela caixa, também via você, Laura, pegando-o com as mangas arregaçadas, segurando aquela coisinha na palma da mão formando uma concha, falando com ele de um jeito carinhoso.

*Silêncio.*

— Por que você está tão calado, John? Parece perdido em pensamentos.

Olhei para a mulher ao meu lado.

— Eu estava pensando nas suas pernas.

— Ha! Até parece...

— Você tem belas pernas, April A.

— Continue.

— Você sabe que eu sempre me perguntei onde é que as garotas estariam.

— Que garotas?

— Vocês, as garotas das canções.

— Você está brincando, mas eu tentei reunir nós todas há um dez anos. Lola. Sharona. Roxanne. Roseanna. E *Layla*, claro.

— Peggy Sue!

— Ah, pelo amor de Deus, Peggy Sue deve ter morrido.

Escreveram a música nos anos 1950. Onde é que você está com a cabeça?

— Todas essas mulheres são de verdade? Pensei que tivessem sido inventadas.

— Algumas são de verdade. Eu sou de verdade, não sou? Achei que isso dava um bom reality show, entende? Ver o que aconteceu com essas garotas durante esses anos e saber como a música moldou a vida delas.

— E? O que aconteceu com a sua ideia?

— Bem, vamos dizer que há alguns problemas. Mentiras. Desculpas. Ciúmes. E agentes começaram a se meter. As garotas levaram tudo para o lado pessoal. Acho que nunca entenderam de verdade o que foram.

Olhei para ela, me divertindo.

— Elas eram as *musas*. Mas havia um *motivo* para aquilo tudo — continuou ela.

— Um motivo?

— A porra do rock'n'roll era o motivo. Você, John, aos dezesseis anos, de cueca no seu quarto, fingindo tocar guitarra. *Você* era o motivo. E isso não é *engraçado*. — April tomou um gole da "vódica". — Mas é claro que você não ganha a vida sendo musa. Ninguém lhe paga por isso. Você acha que o Minor Miracles me paga royalties? Não. Então, tive que procurar emprego como todo mundo.

— Você foi a Woodstock? — Sorri.

— Quantos anos você acha que eu tenho, seu babaca? Não. Mas fui ao Burning Man duas vezes. E tudo que ganhei foi uma picada de cobra e uma candidíase.

Dei uma risada e terminei de beber, mastigando o gelo.

Quando olhei de novo para April, ela estava me encarando, mexendo o drinque com o dedo.

— Então — disse ela —, mais tarde, depois do leitinho com biscoito, vou ficar esperando você ir me ver, John. — E ela sorriu

para mim por sobre a beirada daquele copo improvisado. — Vou ficar esperando você bater na porta. E dizer o meu nome. Vou esperar você. Vou esperar você e pensar em você. E você vai bater na porta e dizer o meu nome. E aí a gente vê o que acontece. Quem sabe é uma coisa legal.

— Parece ótimo — concordei.

Ela começou a rir com certa tristeza.

— Ah, John Toronto, você é um homem estranho.

\* \* \*

Já era tarde quando terminamos de comer e limpamos tudo da melhor forma que conseguimos usando apenas a pia do banheiro e a luz de uma pequena lâmpada. Meadow adia o momento de ir para a cama, dizendo que precisava cuidar do sapo. Fiquei olhando para ela, iluminada por aquela luz amarelada da lâmpada, agachada na frente do baldinho, falando com ele. Finalmente consegui fazê-la vestir o pijama e a coloquei na cama.

— April vai me ensinar como mudar o meu cabelo.

— O que há de errado com o seu cabelo? — perguntei, enquanto o assentava no alto da sua cabeça com a mão.

— Queria que ele fosse como o dela. Amarelo.

— Ah... Jura?

— Ela me deu um vidro para fazer isso. O amarelo está dentro do vidro.

— Não. Gosto do seu cabelo do jeito que ele é — falei, mas não estava ouvindo de verdade. Estava começando a sentir uma sensação de expectativa, aguçada pela pequena distância entre a minha cabana e a de April. Sentei ao lado de Meadow, fazendo a cama ranger, e lhe dei um beijinho rápido.

— Boa noite, então, meu amor.

Ela acendeu a lanterna.

— Aonde você vai, papai?

— Vou ali fora. Conversar com April. Será que você pode não apontar isso para o meu rosto? Não gosto dessa luz no meu rosto.

— Você pode ler para mim mais um poema de *Os pássaros vêm e vão*?

— Não, está muito tarde. Os pássaros já vieram e já foram. Feche os olhos e, muito antes do que pensa, já vai ser de manhã.

— Posso ir com você?

— De jeito nenhum.

— Quando você vai voltar?

— Daqui a pouco. Ou, como você gosta de falar, *daqui a pouquiiinho*.

— Estou com medo de dormir sozinha.

— Você não vai dormir sozinha. Com eu disse, vou voltar logo, logo.

— Só mais um poema?

— Meadow...

— Então você pode ficar na porta até eu dormir?

— Está bem, está bem. Eu fico na porta até você dormir. Agora durma.

Exceto pelas luzes na cabana de April, a noite estava completamente escura. A luz me alcançava e me tornava visível no meio da escuridão. Com apenas um movimento, April poderia me ver pela cortina rendada da janela. Pigarreei. O lago banhava a pequena praia, sem se deixar ver, escuro como o céu. Eu me encostei numa árvore de raízes grossas e altas, chutando a sujeira que tinha se formado em volta da churrasqueira, como uma espécie de colar. Podia ouvir Meadow falando sozinha na cama e via o facho

da lanterna passeando pelo teto da cabana. Depois de alguns minutos extremamente longos, o facho parou e eu só ouvia o lago batendo. Três, quatro, cinco passos, e atravessei um território.

April abriu a porta e ficou atrás da tela, com um copo numa das mãos e uma revista de celebridades enrolada na outra. Ela empurrou a porta de tela para abri-la.

— Você não ia me esperar bater? — falei.

— Não aguentava mais o suspense.

— Eu queria um autógrafo...

April sorriu.

— Você vai ter coisa muito melhor.

A cabeceira da cama era alta e fazia barulho. As pernas dela eram muito longas, e ela era forte, e espalhafatosa, e entusiasmada, e nenhum de nós estava muito limpo ou preocupado em ser gentil, e me ocorreu que havia muito, muito tempo que eu não fazia amor assim, quero dizer, sem apreensão, sem me preparar para alguma coisa ruim. Já fazia muito tempo que eu não visitava aquele território sexual vasto e sem regras, que se abria para duas pessoas que estivessem dispostas — sem riscos, sem cuidados, sem traições. Mas eu me lembrava. Tem até uma fotografia disso. O motel Delaware Bay, voltando de Virginia Beach para Albany. Nós não tínhamos uma câmera, então compramos uma descartável na recepção do motel, e também um pacote de pistaches e uma garrafa de cerveja escura. No chuveiro ficamos nos lavando um ao outro por inteiro. Tinha poeira da estrada no canto dos seus olhos e no seu couro cabeludo. Ensaboei a sua cabeça com força, completamente inexperiente, e você apenas riu. O sol lá fora nos dizia que era dia, mas quem se importava com a hora? O que deve ser feito dentro dessas convenções? Quanto tempo deve durar uma hora? Essa hora — em que ficamos deitados na cama depois

de tudo, olhando um para o outro naquela luz difusa de quarto de motel de beira de estrada —, essa hora ainda parece existir infinitamente, é um tipo de tortura revigorante, da qual não consigo me livrar.

Como você se livrou de tudo isso?

— Por que você está chorando, querido? — perguntou April. — Não chore. Vamos, John. Isso faz com que eu me sinta um lixo.

— Me desculpe — falei, enxugando as lágrimas. — Me desculpe. Você é maravilhosa. Você é boa. Gosto de você. É só que... faz muito tempo que eu não me sentia assim tão... — procurei a palavra certa — aceitável.

— Tudo bem. Mesmo. Está tudo bem.

— Você faz com que eu me sinta aceitável. Você entende o que eu quero dizer?

— Na verdade, não. Fiz amor com você porque eu gosto de fazer amor.

— Bem, isso é muito bom. Bom para você. Só estou mais triste do que pareço estar. Daí essa reação exagerada. — Passei o braço sobre o corpo nu dela para pegar a vodca na mesinha de cabeceira.

— Venha aqui — disse April, puxando-me em sua direção, e fiquei abraçado com ela, chorando e me desculpando, e tomando um gole de vodca, e escutando ela falar, até que tudo se dissipou e fez até algum sentido, e foi aí que adormeci. Os meus sonhos foram apenas ligeiramente perturbados pelo corpo ao meu lado que se esticava e se mexia, e a noite seguiu em frente, e praticamente esqueci que tinha uma filha e, o mais importante, acreditei que ela tivesse se esquecido de mim.

Só me levantei de manhã, quando a luz do dia atingiu o meu rosto.

Desorientado, olhei em volta. A minha filha estava parada, bem ali na porta, olhando para mim, com os cabelos descoloridos.

## A TEORIA DO SILÊNCIO

Agora me ocorreu que não falei da minha pesquisa neste relato. Não quero sobrecarregar um possível ouvinte com assuntos muito específicos, mas, por outro lado, parece que o fato de eu não fazer menção à minha pesquisa encobre algum tipo de constrangimento. E como hoje acordei arrependido das confissões que fiz ontem (ver página 141, ref: Motel Delaware Bay) e agora estou tomado pela amargura de a) em primeiro lugar, ter sentido tanta ternura por você, Laura, e b) ter imortalizado os meus sentimentos escrevendo sobre eles, acho que agora é um bom momento para trocar de assunto. Não devemos esquecer que a minha audiência é diversificada. Tenho a obrigação legal de me humanizar. Em minha própria defesa. E as pessoas podem querer saber: como contribuí para a sociedade? Com o que me preocupei?

Eu me preocupo com as pausas. Na verdade, coleciono pausas. Em 1990, quando eu tinha acabado de sair da universidade, depois de analisar os mais significativos momentos da história da humanidade, pensei que devia ser legal estudar os momentos — do ponto de vista literário, cultural e político — em que as coisas *não* foram ditas ou *não* foram feitas. Momentos de hesitação, de paralisação, de calma, de subentendidos. Todos os tipos de inatividade. Chamei o projeto de “Pausologia: uma enciclopédia experimental”. Esse trabalho era resultado do meu interesse de longa data pelo conceito de “falta de acontecimento” (que eu definiria como sendo os momentos na história em que nada estava acontecendo, produzindo uma insignificância significativa).

No começo, pensei que fazia algo revolucionário. Eu estava escrevendo uma anti-história. O negativo da história. Depois,

percebi o óbvio, que o material que eu tentava estudar não tinha qualquer documentação. Num verão contratei um pesquisador assistente através de um antigo professor na universidade, e passamos a estação inteira tentando descobrir por onde começar. Depois que Meadow nasceu, tive que ajustar as minhas ambições e reconhecer o fato de que não havia como a minha enciclopédia ser “completa”. Depois de um tempo analisando pequenas partes de capítulos e índices, pensei: Bem, pelo menos isso poderia ser um livro de curiosidades interessante. Não sei. As pessoas continuam me perguntando: Como vai o livro? Está conseguindo escrever o livro? E a verdade é que tinha falado sobre ele com tanta gente que não podia abandoná-lo.<sup>11</sup>

Com todos aqueles escritos maravilhosos, o dramaturgo e pausólogo não oficial Harold Pinter amava os momentos em que os personagens não falavam nada, deixando-nos peças repletas de pausas lancinantes ou “fecundas”. Embora mais tarde tenha renegado as famosas pausas que escreveu, ele criou, feliz da vida, cento e quarenta pausas para a peça *Traições* e duzentas e vinte e quatro para *A volta ao lar*, as quais, se fielmente encenadas, produzem algumas performances satiricamente longas mas muito esclarecedoras sobre o teatro em si, que ainda vão abastecer o repertório ruim dos universitários por muitas e muitas gerações. Eu gostaria de traçar aqui uma conexão entre as pausas dramáticas e as conjugais. Tanto umas quanto as outras variam em duração: as mais curtas, ou menos importantes, são facilmente ignoráveis (“...”) mas certamente já sinalizam alguma forma de luta interna; outras são mais longas e carregadas de um esforço de supressão ou confusão (pausa); no entanto, as mais longas (silêncio) são aquelas que ninguém devia ter que suportar. Falando pessoalmente, eu

teria preferido ser esfolado vivo do que ficar ali com a minha mulher sem nada para dizer — sem nada que ainda pudesse ser dito.

Por isso, qualquer um interessado nas pausas de Pinter poderia economizar o custo do ingresso do teatro e passar a noite assistindo ao casamento de alguém se desintegrar. Eis aqui um trecho do meu:

**Sanduíche de presunto: um casamento**  
*para Laura*

MULHER

*Levantando os olhos dos trabalhos da escola.*

Ah, eu não sabia que você estava aqui.

HOMEM

Estou. Eu estou... aqui.

MULHER

Bem... sente-se.

HOMEM

Onde?

MULHER

Em qualquer lugar.

HOMEM

Ao seu lado?

*Silêncio*

MULHER

Ela está dormindo?

HOMEM

Quem?

MULHER

A nossa filha.

HOMEM

Ah, está sim. Ela estava muito cansada. Mas feliz.

MULHER

Feliz... Feliz...

*Silêncio*

HOMEM

E você?

MULHER

*Assustada*

Eu?

HOMEM

Você está...?

MULHER

Eu não sei.

*Pausa*

Eu não sei.

HOMEM

Será que nós devemos...

MULHER

Ah, eu não sei mais.

HOMEM

Você...

MULHER

Não.

*Pausa*

Não mais. Eu...

*Silêncio*

*Pausa*

HOMEM

Bem. Você quer um sanduíche de presunto? Eu vou na cozinha.

Eu poderia...

MULHER

Quero. Está bem. Obrigada. Um sanduíche de presunto seria ótimo.

HOMEM

Tudo bem.

*Ele se levanta.*

MULHER

Espere.

HOMEM

O que foi?

MULHER

Na verdade, não quero um sanduíche de presunto. Não estou com fome.

HOMEM

Bem, você quer outro tipo de sanduíche? De ovos? De rosbife? Ou que tal um sanduíche de sorvete?

MULHER

Como eu já disse, não estou com fome.

HOMEM

Que tal um pretzel? Bolo de laranja? Cordeiro com geleia de hortelã? POR QUE TUDO QUE OFEREÇO NÃO É SUFICIENTE PARA VOCÊ?

*Silêncio*

**Fim**

Mas isso não é muito engraçado.<sup>12</sup>

Bem, Harold Pinter também não era um dramaturgo engraçado. Sempre fui fascinado pelas pausas — e sempre me senti incomodado por elas. A minha pesquisa me forçou a entender que

as pequenas bolsas de silêncio estavam por toda a parte e que até o som precisa do silêncio para ser som. Há minúsculos silêncios espalhados por esta página. Entre os parágrafos. Entre estas mesmas palavras. Ainda assim, esses silêncios podem ser solitários. Então, de todas as falhas do meu projeto, eu diria que a pior delas é que não me livre do sentimento de solidão que as pausas causam em mim. Às vezes, ainda desejo que não houvesse nenhum silêncio. E então é com alguma relutância que dou a você esse aqui.

---

<sup>11</sup> Com um material de pesquisa tão antigo quanto os textos de Pseudo-Dionísio, o pesquisador pode encontrar evidências de um debate contínuo que provavelmente está no coração do meu interesse pessoal pelo estudo do silêncio. Já ouvimos muito que a palavra é prata, mas o silêncio é ouro. Como alguém que é considerado tagarela — muito tagarela —, essa ideia é uma provocação para mim. Será que digo *menos* que uma pessoa silenciosa? O silêncio é uma verdade *em si mesmo*? Isto é, será o silêncio a única expressão da incomensurabilidade da verdade diante da nossa capacidade rudimentar de dizê-la? Será que minha boca pode falar assim? Será que os seus ouvidos podem ouvir dessa maneira?

<sup>12</sup> Talvez você já tenha ouvido esta:

Um homem idoso estava se sentindo doente e pediu à mulher que o levasse ao médico. Depois de examiná-lo, o médico mandou o homem para a sala de espera sem dizer muita coisa e pediu para falar com a mulher dele.

— O que ele tem? — perguntou ela, quando estava sozinha com o médico. — É muito grave?

— É muito grave — respondeu ele. — Ele tem uma doença rara que vai matá-lo em três meses. Apenas uma coisa pode salvá-lo: você tem que ter relações com ele duas vezes por dia, todos os dias. Isso, e somente isso, vai mantê-lo vivo.

Ela fez que sim com a cabeça, deixou o consultório e foi encontrar o marido na sala de espera.

— O que o médico disse? — perguntou o homem, ansioso.

Ela olhou para ele de um jeito triste.

(Pausa.)

— Ele disse que você vai morrer.

## HOMENS E MULHERES

Toda vez que você vestia um sutiã, costumava colocar as duas alças nos ombros e puxá-lo para baixo para tapar os seios. Depois botava as mãos para trás, fechava o sutiã e, em seguida, ajustava os bojos sobre os seios, e lá estava você, perfeita. Frequentemente, eu observava esse ritual da cama. Esperava por ele. Gostava da maneira que isso evocava uma reverência, o jeito como você ficava ali parada, parecendo esperar aplausos. Eu apreciava a provocação no ato de tirar a roupa, mas não há nada mais sedutor do que uma mulher se vestindo, peça por peça, colocando o pé pela abertura da perna da calcinha ou fechando o zíper, ereta, dizendo com o corpo todo, *Talvez mais tarde*. É claro que eu nunca me senti realmente digno de tudo aquilo. Sempre me pareceu que, como homem, eu era muito mais feio em comparação. Vejamos, por exemplo, como eu me arrumava. Ficava ali no banheiro com manchas brancas de desodorante debaixo do braço, enfiando o cortador de pelos de nariz na minha própria narina. Você deixava um perfume bom pela manhã. Eu deixava pelos minúsculos. Os meus passos eram pesados. Os seus, completamente inaudíveis. Você sabia segurar um copo. Eu parecia um idiota com uma taça de champanhe na mão, um verdadeiro gorila. Eu me sinto grato, e também um pouco triste, por você ser tão bonita.

## FÜNFTER TAG OU O QUINTO DIA

Aquele tempo maravilhoso não podia durar para sempre. Enquanto April e eu dormíamos, as nuvens tomaram conta do céu acima do lago Champlain e, com elas, os ânimos também tornaram-se sombrios. De volta à Cabana Dois, Meadow revirava as garrafas do frigobar, procurando alguma coisa que não estava ali. Não aguentava mais sanduíche de queijo. Por que eu não tinha comprado cereal?, ela queria saber. Pessoas normais comem cereal no café da manhã. E frutas. Frutas frescas. De três a cinco porções por dia. Todo mundo sabe disso. Fiquei olhando ela ir de um lado para outro na nossa cabana, ainda tentando se acostumar com a cor dos cabelos. Infelizmente não era um louro dourado como o da Rapunzel. Era uma cor ressecada, como espigas de milho queimadas pelo sol. Ela deve ter feito algo errado. Eu a seguia pela cabana, tentando manter a calma. Dei uma olhada para o banheiro, as toalhas e a pia manchadas me causaram nojo.

Depois que Meadow me pegou na cama com April, me vesti rapidamente e corri atrás dela. E agora ela mal olhava para mim, e eu podia entender por quê. Eu precisava urgentemente de um banho. E de uma lavanderia. Não. Precisava de uma fogueira. Precisava queimar minhas roupas e começar de novo. Eu cheirava a charuto e a April e a chuva e a "vódica" e o meu rosto estava todo inchado como às vezes fica de manhã, depois de uma noite de muita bebida. Meadow se sentou numa cadeira perto da mesinha de canto que fazia as vezes de mesa de jantar da cabana, apoiando aquela grande cabeça amarela na palma de uma das mãos enquanto, com a outra, comia a última fatia de pão de forma,

olhando para a toalha de mesa de plástico. Meu Deus, pensei, o que a mãe dela iria imaginar? Eu tinha quase mais medo disso do que das implicações legais do que eu estava fazendo.

E o nosso carro de fuga! Olhei pela janela, para onde aquela coisa estava parada no meio do nevoeiro. Que tipo de idiota rouba um carro com faixa branca de carro de corrida? Aquele carro era inútil. Tínhamos andado nele por North Hero e, antes, por Swanton. Era a porra de uma armadilha sobre rodas, como andar por aí com uma seta apontada para nós. O único lugar em que ficaríamos invisíveis era onde estávamos, mas não podíamos ficar aqui. Dava para ver que Meadow perdera o entusiasmo frágil que sentira no início da nossa viagem. Que diabo, ela estava me fazendo um favor o tempo todo! Dava para ver.

Mas o que *eu* queria? Apenas um pouco mais de tempo. Mas para quê? Que coisa espetacular eu faria com esse tempo? Eu não queria ser descoberto — quanto eu estava prestes a perder —, mas sabia que seria, mais cedo ou mais tarde. Agarrei as costas de uma das cadeiras e a apertei até ficar com a mão doendo. Ainda havia algo a ser feito. Eu ainda não tinha *acabado*.

— Meadow — falei. — Olhe para mim, por favor.

Sem mudar de posição, ela virou o rosto para mim.

— Por que você está triste? Não gostou do seu cabelo?

Ela passou a mão pela cabeça e puxou uma mecha do cabelo para a frente do rosto.

— Na verdade, gostei à beça.

— Bem, talvez a gente deva pintá-lo de novo. Desculpe lhe dizer isso, mas eu meio que sinto falta do seu cabelo verdadeiro...

— Não. Não, obrigada.

E balançou a cabeça com firmeza. Os olhos dela se encheram de lágrimas, mas ela não chorou. Parecia com vergonha de mim, como

se tivesse percebido que estar comigo não era nem de longe tão benéfico para ela como pensara antes.

— E então? O que é? O que há de errado?

Ela deu de ombros.

— Eu só não entendo por que temos que ser amigos de April.

— Ah — falei, aliviado. — Bem, não precisamos ser amigos de April. April e eu somos como dois barcos na noite. April e eu somos... duas peças de roupa que se enroscaram por acaso na secadora. April e eu apenas nos confortamos um ao outro. Eu a confortei e ela me confortou. Entende o que quero dizer?

— Não. Por que isso tudo? Por que você não se conforta sozinho?

— Mas eu *me* conforto também — respondi, com a voz mais grossa, por causa do duplo sentido. — Eu me conforto com frequência demais. Mas não é a mesma coisa. Todo mundo quer se confortado por outra pessoa.

— Por quê?

— Por quê? — frustrado, fechei os punhos no ar. — Por quê? O que há de *errado* com você? Você não gosta de ser abraçada e beijada? Você não gosta de receber carinho de mim ou da mamãe? Ou da vovó ou do vovô, ou do Cobertor Fedorento?

Vi as lembranças nos olhos dela acompanhando as minhas palavras, e eles se encheram de lágrimas no mesmo instante.

— Ah, não — falei, agarrando as mãos dela. — Ah, meu Deus. Eu não tinha a intenção de...

— Estou com saudade da mamãe — disse ela, as lágrimas caindo no tampo da mesa. — Estou com saudade da vovó e do vovô. Eu não gosto mais dessas férias. Não *ligo* para o monte Washington. Não quero mais ir lá. Não quero ir lá com você. Você não presta. — E me olhou com uma expressão de desaprovação

que eu nunca tinha visto no rosto dela. — Você não presta! Você disse que ia voltar logo! Que eu não ia ficar sozinha.

— Ah, Meadow. Por favor...

— E você não estava em lugar algum. Você tinha ido *embora*.

Ela puxou as mãos das minhas e enxugou os olhos. Levantou e saiu. O barulho da porta da cabana batendo ficou ressoando pela enseada.

Peguei a minha carteira e as chaves e saí atrás dela. Já quase não a conseguia ver na bruma da manhã, andando na direção da estrada. Carregava o baldinho com o sapo com certa dificuldade.

— Ei — falei, alcançando-a. — Me deixe ajudar você. Qual é o plano? Fale comigo. O que vamos fazer?

Ela continuou andando, com os olhos vermelhos mas secos. Espiei dentro do balde. O sapo estava boiando, com as patas abertas, em cinco centímetros de água. Meadow cobrira a abertura do balde com uma tela de arame para que ele não fugisse, mas me parecia que ele já estava morto. Segurei a alça do balde com cuidado para não encostar na mão dela. Entramos no campo que cruzáramos dias atrás com ela no meu ombro. Dessa vez, fomos pela beirada, passando bem perto das janelas de vidros escurecidos da casa de nossa anfitriã. Logo chegamos à estrada principal de terra, subindo uma ladeira. As vacas nos observavam por trás da cerca eletrificada. Eu estava impressionado. Como Meadow andava rápido, aquela distância toda e sem parar! Depois de passarmos por alguns celeiros no alto do morro, a estrada começou a descer de novo, e pudemos ver, no campo logo abaixo, um laguinho.

— Ótimo — disse Meadow, como se soubesse que ele estaria ali. — É ali mesmo que vamos colocá-lo. Então ele vai ter um lugar só para ele e vai poder começar a sua própria família.

— Ou talvez se torne poeta e escreva um livro chamado *Sapos vêm e vão*.

— Não — disse ela, estreitando os olhos. — Ele odeia poesia. Todos os sapos odeiam. Os anfíbios são alérgicos a poesia — e deu dois passos à frente e então se virou e olhou para mim, séria. — Você pode vir. Mas só se não segurá-lo com as mãos secas. Isso iria matá-lo.

Caí de joelhos.

— Meu amor — falei. — Se você quiser, quando voltarmos para a cabana, podemos pegar as nossas coisas e levo você de volta, direto para casa. Levo você direto para a mamãe. Quero que você fique feliz. Não quero que fique zangada comigo. É só me dizer que é isso o que você quer.

Ela não disse nada, mas a expressão nos seus olhos se suavizou. E finalmente enxugou a testa na manga do agasalho que era grande demais para ela. Arrancou o balde das minhas mãos.

— Vamos — disse ela, e continuamos na direção do lago, e naquele momento o sol apareceu por entre as nuvens.

## A TANGERINA E A RAPOSA

Ouçã. Eu não me considero assim uma espécie de Sócrates, mas, do meu ponto de vista, não me parece certo refrear a curiosidade natural de uma criança. Algumas crianças — crianças como Meadow — gostam de fazer perguntas difíceis, esteja você preparado ou não. Pegue o exemplo da tangerina. Ela viu uma tangerina há muito esquecida lá na fruteira em Pine Hills, que tinha ressecado e endurecido, e quis saber o que ia acontecer depois daquilo. A tangerina continuaria murchando até desaparecer? Ficamos observando. E reparamos que aproximadamente sete dias depois de notarmos o processo de endurecimento, começou um processo de amolecimento.

— Decomposição — expliquei. — É o contrário do crescimento. Mas primeiro tudo que morre resseca e endurece. É o *rigor mortis*.

— Rigor o quê?

— Quando um corpo morre, primeiro fica rígido assim — e fiz uma imitação vampiresca de um cadáver, que a fez rir — e aí, depois de um tempo, acontece a mesma coisa que aconteceu com a tangerina.

— Ela fica dura e depois muito mole.

— Isso mesmo. Tudo que morre fica mole depois de um tempo. Os olhos dela ficaram muito grandes.

— Até a gente?

— Sim — respondi. — Até a gente vai ficar mole um dia. Tudo o que está vivo morre. É importante aceitar isso desde já. Não adianta fugir.

Logo depois, quando encontramos uma raposa morta no nosso quintal, tentei usar a raposa com um exemplo mais avançado da tangerina. Colocamos o animal, com todo o respeito, num velho engradado de leite, atrás do galpão onde ficava o cortador de grama. E observamos, dia após dia, o sol deteriorar a carne dela, e as moscas carregarem-na em pedaços infinitesimais, e o vento desmanchar-lhe as formas, até que se tornasse quase só um tapete de pelo cor de cobre, afundando na terra. Passávamos horas observando a raposa se decompor. Sei que isso soa meio esquisito, mas não parecia estranho na época. Na verdade, eu achava que aquela raposa era algo assim como um sucesso pedagógico. O que é irônico, porque para você, a mãe de Meadow, que já estava tensa por causa do estágio avançado do nosso conflito conjugal, aquela raposa foi a gota d'água.

— Preciso falar com você — você me disse num dia pela manhã, com uma expressão dura no olhar.

Estávamos à mesa, tomando café. Era sábado, começo de verão. O seu primeiro ano como professora já estava quase chegando ao fim, e embora devêssemos estar ansiando por passar o verão juntos, aquela época me parecia conter um perigo que eu não conseguia admitir inteiramente. Os fins de semana se tornaram uma tensão contínua. Eu dormia até tarde. E quando eu acordava, você se aprontava para dar uma corrida. Naquela manhã — eu me lembro —, Meadow deve ter contado a você sobre algum dos nossos experimentos recentes enquanto eu ainda estava na cama. Você me lançou um olhar significativo do outro lado da mesa.

— Meadow — você disse, dando um tapinha na perna dela —, está quase na hora de *Dora, a aventureira*. Você pode ir assistir ao desenho enquanto eu e o papai temos uma conversinha.

Dei uma risadinha. *Enquanto eu e o papai temos uma conversinha* soava como se eu fosse um menino, prestes a receber um castigo, e não consegui ouvir aquilo sem rir. Você tinha passado a falar como se estivesse sempre na escola. Fiquei olhando Meadow limpar a boca e sair da mesa, com o suco adoçado com açúcar mascavo e misturado com um pouquinho de leite na mão. Depois que ela saiu, você se inclinou sobre a mesa, na minha direção.

— O que você está fazendo?

— Tomando café da manhã.

— O que você pensa que está fazendo guardando animais mortos? De onde você tirou essa ideia? Você quer que ela vire o quê? Vandinha Addams?

— Isso é engraçado, Laura.

— Não, isso *não* é engraçado. Eu não *aguento* mais.

— Não aguenta o quê? É a natureza. A morte é natural. Ela não ficou assustada. Ela sabe tudo sobre a morte agora.

— Ela não tem que saber tudo agora. Ela tem que ser apenas uma menina de três anos, tem que ser bobinha, rir muito e não se preocupar com nada.

— Bem, foi ela que quis saber.

— Eu não acredito em você — você disse. — Esse é o problema. Não *acredito mais em você*. — E pôs as duas mãos na cabeça. — Eu não acredito em você. Eu não confio em você. *Ajude-me*, Eric.

Fiquei sentado ali querendo fazer alguma coisa, talvez uma punição exemplar do tipo da que recebíamos lá na escola em Dorchester quando fazíamos algo errado ou éramos malcriados e nos mandavam escrever um milhão de vezes o que não devíamos ter feito, até que tivéssemos preenchidos páginas e páginas com uma espécie de cantochão.

Não devo empurrar os colegas na fila.  
Não devo empurrar os colegas na fila.

Escrevíamos até que as nossas mãos ficassem doendo, nos purificávamos completamente e saíamos de lá prontos para começar de novo, prontos para sermos melhores.

Olhei para você e vi as lágrimas escorrendo pelo seu rosto, intocadas. Você brincava com a alça da caneca de café.

— Por favor, não chore, Laura. É apenas um animal morto.

— Não — você disse. — Não é apenas isso.

— Não sei ao certo o que você quer — falei. — O que eu posso fazer por você?

— Quero saber como foi que isso aconteceu. Como foi que ficamos assim tão diferentes? Tão opostos? Como foi que esse espaço imenso se abriu entre nós? — E você olhava para mim, implorando uma resposta. — A gente sempre foi assim? Acho que não. Sinto falta de quem eu pensava que você era.

E então você não resistiu mais e começou a chorar, soluçando.

Não é totalmente relevante para mim me sentar aqui e descrever o que senti vendo a minha mulher chorar em desespero por algo que eu tinha feito — não, por algo *que eu era* e que não me parecia estranho ou digno de atenção. Apesar de eu já ter obviamente perdido a batalha da opinião pública — bom, sei que *infringi a lei* de incontáveis maneiras —, ainda assim estou curioso para saber se agi mal ou não no caso da raposa. Porque, no fim, eu realmente não sabia o que devia ter dito, e passei um tempo

enorme sentado aqui, me perguntando como eu poderia ter sido mais do jeito que você pensava que eu era — o que em alguns momentos me parece produtivo e, noutros, parece mais uma forma rara de autoflagelação. E então elaborei um questionário de múltipla escolha para quem quer que leia esse relato, se não for você, Laura, numa tentativa de conduzir uma espécie de estudo.

Aqui está:

É apropriado contar a uma criança de três anos que tudo que está vivo vai morrer um dia e se decompor, até mesmo o corpo humano?

Sim ou não?

Se você respondeu não, por quê?

- a) Porque é uma mentira. Um corpo que morre não se decompõe. Em vez disso é levado, completamente intacto, nos ombros de uma falange de seres celestiais.
- b) Porque a questão é irrelevante. O professor ficou desacreditado, por razões que se multiplicaram exponencialmente desde então, e por isso o que quer que ele tenha dito, qualquer factóide que tenha oferecido à sua filha excepcionalmente inteligente é espúrio.
- c) Porque um cara na posição dele deveria ter se submetido à vontade da esposa, e se ele tivesse um cérebro dentro daquela cabeça, saberia que a mulher não iria gostar daquela história, e o fato de ele ter ido em frente e profanado a raposa morta é a prova de que ele, com quase toda a certeza, *não* a amava mais de todo modo, ou tinha *desistido* dela, ou tinha desistido da capacidade dela de aceitá-lo pelo que ele era, e o fato de eles estarem brigando de forma tão feroz por causa de um experimento científico

era muito provavelmente apenas a ponta do iceberg e, por baixo disso, eles já estavam perguntando um ao outro a típica pergunta do último estágio: Por que você não me ama? Por que *você* não *me* ama?

Marque a sua resposta e envie para:

**Erik Schroder (Número de registro: 331890)**

ICC Albany

Instituto Correccional do Condado

Caixa Postal 3404

Albany, NY 12227

## MAIS UMA SURPRESA

O sapo ainda estava vivo. Quando Meadow colocou o baldinho dentro do laguinho e tirou a tela de proteção, ele pulou de volta à vida e rapidamente se afastou de nós, saltando escuridão adentro. Nós nos viramos e começamos a fazer o caminho de volta para a estrada de terra.

Assim que chegamos à estrada, ouvimos um carro se aproximar. O carro apareceu rápido na subida e acelerou passando por nós, mas foi parar não muito longe, no meio de uma nuvem de poeira. As lanternas traseiras se acenderam, o motorista manobrou e voltou, baixando o vidro da janela do lado do carona. Era April.

— Bem — disse ela. — Olá... De novo.

Não pude deixar de sorrir. Eu me debrucei em direção ao carro, apoiando a mão no teto. O braço dela estava enganchado no encosto do banco. Desde a última vez em que nos vimos, ela tinha se trocado e usava um vestido bem apertado, com mangas largas, que pareciam asas, amarelo, verde e vermelho. No banco de trás, vi seus pertences: várias caixas, um colchonete, uma sacola de viagem grande e um monte de revistas de celebridades.

— Estava tentando me acostumar à ideia de que não ia mais vê-la outra vez — falei.

— Não é necessário — disse ela. — Entrem. Posso dar um jeito nessa bagunça aqui atrás.

Balancei a cabeça.

— Não, obrigado, precisamos voltar e pegar as nossas coisas. Sabe como é, vamos voltar para casa. Chegou a hora.

April se esticou e deu um sorriso caloroso para Meadow.

— Ei, Chrissy.

— Oi — disse Meadow, sem se aproximar, mas sorrindo um pouquinho.

April fez sinal para que eu fosse pelo outro lado.

— Venha aqui — disse ela. — Preciso lhe dizer uma coisa.

Fui até o lado do motorista e me debrucei na janela.

Ela falou no meu ouvido.

— Então... Se você voltar agora, vai ser recepcionado por três policiais do estado de Vermont. Cada um num carro. O primeiro veio na frente e os outros vieram atrás com as sirenes desligadas. Eles já estiveram na sua cabana. Eu diria que tudo o que você tinha agora é propriedade do estado. As fatias de queijo e tal... Vem vindo mais gente por aí, eu acho. Aquela pobre senhora está em apuros. Ela ficou repetindo que tinha um mau pressentimento sobre você.

Levantei a cabeça. A estrada de terra terminava no céu. Tudo estava quieto.

April se debruçou para o lado de fora para olhar para Meadow, que estava brincando com o baldinho.

— Achou alguma borboleta, querida?

— Não. — Meadow se aproximou alguns centímetros do carro. — Mas libertamos o sapo.

— Bom. Isso é muito bom. É a coisa *certa* a se fazer. — Ela olhou para mim. — Então, *Sir John*. O que você vai fazer? Você tem um minuto antes de eu dar o fora. Nem acredito que estou falando com você.

Abri a boca, mas não consegui falar nada. A minha mente estava paralisada. Tudo o que eu conseguia pensar era: Por que a velha teve um mau pressentimento sobre mim? April suspirou e saiu do carro. Colocou a sacola de viagem no porta-malas. E então apontou para a porta aberta.

— Você devia ver a sua cara — disse ela.

— Tem umas coisas... — falei. — Tem umas coisas lá na cabana...

— E daí? — disse April. — Não estão mais lá. Não são mais suas.

Meadow estava me encarando fixamente. O rosto dela devia ser o espelho do meu, talvez apenas porque o meu rosto a estivesse assustando. Foi então que pensei naquela situação toda, no que me restava fazer.

— Entre no carro, meu amor — falei.

— E não batam a porta — acrescentou April.

— E fique quietinha.

— Por quê, papai? O que está acontecendo?

— *Entre.*

E lá estavam eles — vozes masculinas, lá embaixo, perto da água, amplificadas pelo lago, parecendo mais próximas do que realmente estavam. Pareciam estar bem atrás de nós na estrada, homens invisíveis. Os cachorros latiam enlouquecidamente.

Não consegui encaixar o cinto de segurança. Não podia sentir os meus dedos. Tentei e tentei. E já estávamos indo bem rápido naquele momento.

## ÁREA SUJEITA A DESMORONAMENTO

“Uma estrada para todos os destinos”, a Rota 2 leva você pela área industrial de Vermont, por uma série de atrações menores como os vinhedos de Calais ou o confuso labirinto de milho em Danville. E se o viajante não tem tempo para parar, se está tentando desesperadamente cruzar a fronteira do estado, ele pode apenas olhar pela janela do carro para os lendários bosques de Vermont, através dos quais, se viver o suficiente, o viajante pode voltar num micro-ônibus alugado pela casa de repouso onde vai morar, para apreciar o cair das folhas ainda distante. Se ele fechar os olhos, pode vê-lo naquele exato momento, embora ainda fosse junho: o mosaico do outono, em amarelo, cobre e vermelho, a mágica triste daquela paisagem.

Meadow não tinha falado nenhuma palavra desde que passamos pelos arredores de Burlington. Ela se sentou no banco de trás, com os olhos fixos, as mãos entrelaçadas no colo, parecendo pequena e pouco familiar, sem a altura extra que a cadeirinha lhe dava. Tentei falar com ela várias vezes, mas ao som da minha voz ela virava a cabeça para o outro lado. Estava zangada por ter deixado a mochila para trás (“e a minha escova *de dentes* e o meu *biquíni novo*”). Tudo o que ela possuía agora era, na verdade, um baldinho vazio. Quanto a mim, tinha trazido apenas a carteira, as chaves e a roupa que usava havia quatro dias — calças cáqui sem pregas, ainda dobradas até o joelho e molhadas com a água do lago, uma camisa xadrez azul, com um ranúnculo murcho no bolso. Tudo o mais na cabana estava sendo revirado por algum idiota de queixo quadrado com um rádio transmissor. (*Achei alguma coisa, Dawson.*)

É claro que, no cerne de tudo aquilo, havia uma imagem que me fez sentir um aperto no estômago. (*O que é isso, Peterson? Parece um passaporte.*) Eu o vi vindo na minha direção — não o policial, o garoto — com as meias de atleta puxadas até o joelho e a camisa não oficial do Bruins, dando voltas ao meu redor como um peixe faminto.

*Erik Schroder, está escrito aqui. Quem é esse tal de Erik Schroder?*

— O que essa placa significa? — perguntou Meadow de repente, apontando para fora da janela.

Estávamos passando por uma estradinha numa montanha de pedras soltas. Pigarreei, tentando manter a voz firme.

— Área sujeita a desmoronamento.

— Ah, que ótimo! — disse Meadow. — Agora, além de tudo, vão cair pedras em cima da gente?

Ventava muito, e as nuvens deslizavam rápidas pela frente do sol. Toda vez que ficávamos na sombra, as lentes dos óculos de Meadow pareciam espelhadas, dando a ela um olhar frio, mecânico.

— April está dirigindo rápido demais — murmurou ela. — Ela está dirigindo rápido para escapar das pedras desmoronando.

— Ei — disse April olhando para o espelho retrovisor. — É como a minha mãe costumava dizer, não reclame de mim que eu não reclamo de você.

Meadow cruzou os braços e virou a cabeça de novo.

— Eu não ligo para o que a sua mãe costumava dizer.

Mergulhamos outra vez no silêncio. Provavelmente nenhum de nós tinha ficado tanto tempo assim sem falar nada. Dei uma olhada para April, que segurava o volante com as duas mãos bem próximas, como se fosse uma senhora idosa dirigindo. Eu era *tão*

mau assim, estava *tão* desesperado assim, para acabar me tornando o alvo de uma boa ação de uma mulher como ela?

— Ei, April — disse Meadow de forma sombria.

— O que foi, querida?

— Chrissy não é meu nome verdadeiro.

April riu.

— Eu não achei que fosse, querida.

Não mexi um músculo.

— O meu nome é Meadow. Meadow Kennedy.

— Bem — disse April. — O meu nome é *mesmo* April Almond, embora pareça inventado. — Ela riu, dessa vez um pouco constrangida. — É engraçado como as pessoas vivem tentando me dizer a verdade, mesmo quando não devem.

— O meu pai às vezes não fala a verdade. Ele tentou me trancar no porta-malas de um carro uma vez.

Eu me virei para trás.

— O quê?

— Você fez isso *sim*.

— Mas *não fiz*. Não coloquei você no porta-malas. E, além disso, já pedi desculpa várias vezes. — Olhei para April. — Eu pedi desculpa.

— Não *quero* saber — disse April.

— E a mamãe diz que você mentia às vezes.

— Quando?

— Quando eu era pequena. E você me levava para todos os lugares com você.

— Para a *biblioteca*, por exemplo? Quando eu *tomava conta* de você? Enquanto ela *trabalhava*?

— Não. Quando você me levou naquela igreja onde todo mundo estava chorando. A mamãe disse que aquele *não* era um lugar para

crianças.

Olhei para April novamente.

— Era uma reunião do AA. Fui dar apoio a um amigo.

— Você a levou para uma reunião do AA?

— Foi um erro, eu sei.

— Bem, eu contei *tudo* para a mamãe — declarou Meadow.

— Você não pode contar esse tipo de coisa para a mamãe, Meadow. Ela não vai entender fora do contexto.

— Mesmo assim! — gritou Meadow. — Não é certo mentir. Se isso fosse uma coisa boa, você teria contado para ela!

— Está certo, está certo — disse April. — Querem saber de uma coisa? Não quero ouvir nem mais uma palavra sobre tudo isso. Tenho certeza de que vocês são pessoas importantes. Merecem até confetes, ok? Mesmo assim, animem-se! Estamos indo para New Hampshire, um grande estado. Vamos pela estrada Kancamagus. É lindo lá. Vocês não vão nem acreditar. Muito melhor do que isso aqui. As montanhas Brancas dão de dez a zero nas montanhas Verdes. Quem quer escutar rádio?

Ela procurava, irritada, as estações pelo dial. Ao longe, montanhas desembocavam em montanhas. As cadeias mais próximas eram escuras e verdes; as mais distantes, mais delgadas e altas, ecoando outras ainda mais delgadas, o horizonte recortado parecia uma série de estudos para uma montanha.

— Quero agradecer a você — falei a April, com a voz profunda, ferida. — Você tem sido... você tem sido...

— Sem problemas. Não tem de quê.

— Não sou uma pessoa má.

April suspirou.

— Você pode até não ser uma má pessoa. Sei que você é bem melhor do que outras pessoas que conheço.

— Obrigado.

— De novo, não tem de quê.

— Quero dizer, obrigado por levar a gente para a sua casa. Só estou precisando de um lugar tranquilo para pensar. Organizar as ideias.

— Você não vai ficar em lugar nenhum, John.

April se virou e olhou para mim, séria. Depois deu uma olhada em Meadow no banco de trás, que nos observava. Por fim, Meadow virou a cabeça para o lado e fingiu que olhava a paisagem lá fora. April aumentou o volume do rádio.

— E eu não disse que era a minha casa. É a casa do meu primo. Numa espécie de comunidade perto da serra.

— Não, escuta, não quero envolver mais ninguém nisso.

— O meu primo não está lá. É uma longa história, mas vamos supor que ele está na Geórgia. De vez em quando, fico na casa dele.

— Melhor ficarmos num hotel de beira de estrada. Você pode nos deixar em qualquer hotel.

— Fique calmo. Na casa do meu primo você vai ter mais privacidade. Você pode cozinhar uma comidinha caseira para ela e pensar um pouco para onde vai em seguida. Mas você não vai poder *ficar* em lugar algum, é o que estou tentando lhe dizer. Vai ter que continuar fugindo. Com ela ou sem ela. Tem um monte de gente por aí vivendo assim — e baixou a voz para sussurrar. — Minha nossa, não vou forçar você a nada. Mas *ela* vai. Olhe para ela.

Olhei. A minha filha abraçava o baldinho laranja. Tinha um sorriso esquisito nos lábios, e eu podia quase ouvi-la fazendo um monte de promessas a si mesma. Algumas mechas de seu cabelo descolorido esvoaçavam para fora da janela, dando-lhe uma

aparência bizarra, mítica. Era isso, pensei, era *isso* o que eu queria? Essa criança amarrotada, cheia de areia, com uma tolerância anormalmente alta para as perturbadoras reviravoltas do destino? Examinando friamente a minha própria consciência, percebi que estava querendo ver se ela conseguiria lidar com tudo aquilo, se ela era capaz de tolerar o mundo do jeito que ele era para mim — uma bagunça, uma bagunça catastrófica e aleatória —, e se ela podia suportar isso. E ali estava ela no banco de trás, suportando, a terceira integrante do nosso trio de pessoas perdidas, e seria ali que ela ficaria, num certo sentido, para sempre, não seria? Porque, quando ela crescesse, talvez a familiaridade com pessoas como April e eu a levasse a buscar a companhia de pessoas desse tipo, de modo que ela se sentiria atraída por elas e viajaria com elas em kombis ou nos sidecars das motocicletas, para sempre à margem das coisas, até que por fim se sentiria mais confortável com os esquisitos e excêntricos do que com as pessoas normais. Estremeci por dentro, experimentando pela primeira vez a mortalha fria do arrependimento, uma sensação de que essa vitória era a vitória errada, uma sensação de que *você estava certa*.

\* \* \*

Chegamos a St. Johnsbury no final da tarde. April parou num café em frente a uma escola pública e levou Meadow para ir ao banheiro. Era hora da saída da escola, ônibus estavam parados na rua, os pais se juntavam aos poucos diante do portão.

Fiquei sentado no carro, vendo os pais chegarem. Vários deles vestiam uniformes de trabalho sujos e bonés de caminhoneiro. Algumas das mulheres estavam visivelmente grávidas. Elas se

reuniam para conversar. Abaixei a janela e tentei não ficar olhando muito.

Vi um lampejo de cabelos muito louros por trás da vitrine do café. Meadow se virara e estava andando e falando na direção de alguém lá dentro que eu não conseguia ver. Uma garçonete? Ela estava fazendo que sim com a cabeça. O que será que estavam perguntando a ela? Ela esticou as mãos, aceitando alguma coisa.

Diga logo, pensei. Vá em frente e diga o que quer que tenham lhe ensinado a dizer para se salvar.

Depois vi April por trás da vitrine, sorrindo com o batom retocado, brincando, explicando, puxando Meadow pelo braço para sair logo dali. Os sinos pendurados na porta soaram. Um homem na rua tirou o chapéu e lá vinha a minha filha, saindo do café, com um donut na mão.

## A SERRA

Quando chegamos ao acampamento, já estava escuro. À luz dos faróis, o lugar era como se alguém tivesse copiado a pior das construções do projeto habitacional de Dorchester e a tivesse reconstruído, bloco de concreto por bloco de concreto, no meio de um campo em New Hampshire, e depois tivesse coberto tudo de poeira, como uma espécie de marco. O carro foi parando e o silêncio tenso dentro dele adquiriu uma outra camada. April desligou o motor, pegou um batom da bolsa e o passou no lábio inferior, para um lado e para o outro.

— Bem — disse ela —, se você acha feio agora, espere para ver na luz do dia.

— Alguém mora neste lugar? — Meadow quis saber.

— Claro. O meu primo criou os dois filhos aqui. O local é mesmo muito bonito. Naquela direção — e apontou com a mão para a escuridão — tem um riachinho com peixes e tudo. E nessa outra, uma colina que eles descem de trenó no inverno. Eles tinham tudo aqui. Uma plantaçozinha. Tomates. Cenouras. Endro. Um comedouro para os pássaros. Um fumeiro. Era a verdadeira vida no campo. — E ela se virou para mim. — Você nunca ouviu falar do movimento de volta à natureza? Casais que venderam tudo o que tinham, construíram uma casa de pedras e deixavam os filhos andarem por aí pelados, vivendo apenas do que plantam e colhem?

Assenti, ainda incapaz de dizer uma palavra sequer.

— Bem, acho que o meu primo veio atrás de algo parecido. É claro que deu tudo errado, mas ninguém pode culpá-lo por ter tentado. Foram bons tempos. Eu costumava vir para cá com os meus namorados. Eu até trouxe J.J. Torraine do Minor Miracles

naquela época. — E ela bateu palmas. — Vamos entrar. Vou deixar os faróis ligados, você não acha melhor? Para a gente poder enxergar. Você carrega a minha sacola, John. E você, pequena *miss* Borboleta, bem, você traz o seu baldinho.

Daquele jeito, April conseguiu nos tirar daquela paralisia inicial. Andamos na direção da casa em fila indiana, iluminados pelos faróis. Na minha frente, as pernas finas de Meadow caminhavam, se mexendo por baixo da bainha frouxa do agasalho grande demais para ela. A etiqueta presa na parte de trás da gola estava para fora. De repente, ouvimos o barulho de um galho de tamanho considerável quebrando, como se algo grande estivesse se movendo na mata. Congelamos.

— Que diabo foi isso? — sussurrei.

Vi o rosto de Meadow na luz dos faróis — assustada, mas também desafiadora, quase satisfeita. Como se ela estivesse pensando: vá em frente e me ponha à prova.

— Um alce, provavelmente — disse April, tentando abrir o cadeado da porta da frente.

Pelo que eu conseguia ver, a porta da cabana era uma peça reaproveitada coberta de couro e ornamentada com parafusos de metal, como se tivesse sido pilhada de uma igreja.

Quando April acendeu as luzes, nos vimos no meio de um cômodo estranho. Havia vários objetos domésticos espalhados, como se tivessem sido deixados para trás, na pressa de sair dali. Parecia que estávamos num cenário de Pompeia, algo montado — havia um livro aberto sobre uma mesa, uma cama de cachorro ainda com as marcas do corpo do animal que a usara, e vários casacos pendurados nos ganchos da parede. Tirando esses objetos, o ambiente não era nem um pouco harmonioso. O tapete era escuro, do tipo normalmente usado em áreas externas, as paredes

não tinham reboco mesmo do lado de dentro. E faltava uma ou duas placas no teto rebaixado, deixando à mostra fios e um revestimento isolante rosa. Aquele cômodo parecia ter sido usado para todos os fins, com armários, uma bancada, um bujão de gás e o que parecia ser uma geladeira velha encostados na parede mais ao fundo, formando uma cozinha. Estava claro que o lugar tinha sido construído e mantido por alguém que não sabia o que estava fazendo. Como uma confirmação disso, uma canoa de alumínio com um colchão dentro, que ficava na parede oposta a da cozinha, parecia ser o único móvel no ambiente.

— Essa é a sua cama — disse April, apontando para a canoa.

— Uma canoa? Vou dormir nessa canoa?

— Qual o problema? O meu primo tirou aquelas barras do meio. Comecei a rir de maneira um pouco agressiva.

— E Meadow vai dormir onde? Num caiaque?

— Não, ela pode ficar nos montes de feno lá fora — e April revirou os olhos. — Brincadeira... Ela vai ter uma caminha linda só para ela, bem ali, naquela porta. O meu primo dava o melhor para os filhos. Mas gostava de dormir nessa canoa. Nunca perguntei por quê.

— Claro. Por que se intrometer?

— Você tem alguma coisa contra este lugar, John Toronto?

— Não... — falei, coçando a cabeça. — Não.

April se virou para Meadow.

— Querida, vá ver o seu quarto.

Meadow foi andando na direção da porta. Eu podia ver que a impressão dela em relação àquela casa estranha era a mesma que a minha: o que será que *aconteceu* a essas pessoas? Aonde eles foram com tanta pressa? Parecia que eles ficaram em apuros, mas não por algo que tivessem feito. Apenas por serem uma família, e o

universo conspirava contra eles, para que não ficassem juntos. Meadow abriu a porta sanfonada que April tinha lhe mostrado e acendeu as luzes com a mão dentro da manga do agasalho. O quarto resplandeceu numa luz quente, menos fluorescente, revelando uma cama beliche e uma almofada gigante vermelha. April e eu fomos até a porta.

— Gostou, querida?

Meadow fez que sim com a cabeça.

— Sei que tem uns brinquedos por aqui. Brinquedos bons. Você gosta desses brinquedos de montar? Olhe. — April puxou um caixa da estante e colocou-a no chão. — Sempre gostei de montar coisas na sua idade. Você gosta de montar essas merdas?

Meadow fez que sim com a cabeça. Abriu a caixa e começou a tirar as peças de plástico de encaixar. Quando, por fim, ela parecia entretida, April se levantou e bateu uma mão na outra, sinalizando que a tarefa estava cumprida.

— Muito bem — disse, e saiu do quarto.

Eu a segui até a área da cozinha. Ela abriu os armários.

— Hum — disse ela. — Feijão em lata.

— Feijão em lata é a sua cara — falei. — Muito a sua cara.

Ela deu de ombros. Tirou um abridor de latas de um pote grande, aberto e cheio de coisas dentro, e o enfiou na parte de cima da lata. Abriu a lata. Cheirou o conteúdo.

— Se você não se importar, queria pedir para manear a linguagem perto da minha filha.

— Você é que tem que manear a linguagem — disse April. — *Você é que é a porra de um fora da lei.*

— Você tem razão de estar zangada comigo — falei.

— Não estou zangada, ok? Só estou com fome e cansada.

— Ela é a minha filha, entende? Eu não a roubei. E nunca a machuquei.

— Não quero saber.

— O problema é entre mim e a minha ex. Ela tentou me impedir de ver a minha filha. E agora, se eu voltar, aposto que nunca mais vou vê-la outra vez.

Suspirando, April ligou o fogareiro e despejou duas latas de feijão numa panela. Peguei uma colher no pote e dei a ela.

— Obrigada — ela agradeceu.

— Vou lhe dizer do que sou culpado. Sou culpado... Sou culpado de exceder o limite de tempo da minha visitação garantida por lei. É isso. E de roubar um carro E falsificar toda a minha identidade.

Comecei a rir. Uma risada longa, reprimida, uma risada adiada por muito tempo. Ri tanto e com tanto arrependimento que April me deu um pano de prato para enxugar os olhos. Tive que me debruçar na bancada, segurando-a com as duas mãos, até conseguir me controlar.

— Obrigado — falei, segurando o riso. — Obrigado. Muito obrigado.

— Tome aqui — disse ela, pegando outra colher do pote e mergulhando-a no feijão. — Tome. Coma. Este é o meu corpo.

Colocou a colher na minha boca. Os feijões estavam doces e quentes.

— Obrigado — agradei, me aproximando dela. — Muito obrigado.

Com a colher e a panela na mão, ela não podia me abraçar de volta. Fiquei encostado nela, com o nariz no meio daqueles cabelos.

— Oi — falei.

— Concentre-se, John. Ponha a mesa.

Ela me entregou outra colher. Fui até a mesa e dei outra olhada no cômodo. Num instante, achei que não era tão ruim assim. Podíamos ficar ali por um tempo se precisássemos. Seria fácil deixá-lo mais agradável. Alguns galões de tinta, um tapete felpudo, um abajur talvez.

— Você tem certeza de que o seu primo não vai voltar esta noite?

— Sim. Tenho certeza.

— Quando ele vai voltar?

— A menos que ele consiga uma condicional, só daqui a quatro anos.

Eu me virei para encará-la.

— Ele está na prisão?

— Ah, John. Não fique tão chocado assim. Você está me magoando, viu?

April desligou o fogareiro, andou na minha direção e segurou o meu rosto com as duas mãos.

— Pobre John — disse ela, beijando as minhas duas bochechas.

— Você é o pior criminoso que eu já conheci.

Encostei o meu corpo no dela. Ficamos assim, encostados um no outro, pesos iguais. Senti a minha garganta apertada. Cobri os olhos com as mãos.

— Sou um fracasso — falei, com a boca nos cabelos dela. — Um desastre. Tudo em que eu toco vira merda.

— Não. Tenho certeza de que isso não é verdade.

— Só queria um pouco mais de tempo com a minha filha. Só queria tirar férias com ela. *Eu* queria decidir isso. Sou o *pai* dela. Eu a ensinei a *ler*. Fiquei ao lado dela quando estava doente. Houve um erro aqui, entende? Um erro muito grave... uma perda imensa...

— Você devia ter ido falar com o juiz ou algo parecido. Devia ter arranjado um advogado melhor ou algo assim. Não devia ter sequestrado a sua filha.

— Por favor. — Afastei-a de mim, com delicadeza. — Por favor, não fique contra mim. O mundo inteiro vai ficar contra mim.

— Não seja convencido. O mundo inteiro não está prestando atenção em você. *Miss Borboleta?*

A voz de Meadow soou abafada lá do quarto.

— O que é?

— Você não vem jantar?

— Não, obrigada.

— Você tem que comer alguma coisa.

— Não estou com fome, obrigada.

April revirou os olhos.

— Isso não é da minha conta, mas tudo o que ela comeu hoje foi um donut. Quando foi a última vez que ela comeu algum legume?

Sorri e peguei a minha colher.

— Quer saber de uma coisa? A minha mulher iria gostar de você se a conhecesse. Mesmo que vocês sejam completamente diferentes. Acho que ela iria gostar de você. Pelo menos ficaria agradecida por você ter cuidado de Meadow.

April pegou uma colherada de feijão e soprou.

— Não me olhe com essa cara de gratidão. Não é como se eu estivesse apaixonada por você.

Sorri.

— Eu devia ter me casado com você. Devia ter casado com alguém como você. Devia ter me casado com uma mulher com senso de humor.

— Não preciso me casar. Já fizeram uma canção de rock para mim.

Fiquei observando-a do outro lado da mesa. Com uma das mãos, ela segurava os cabelos para trás e, com a outra, suspendia a colher para soprar.

— Ei, o que você acha de a gente... — Apontei para a canoa. — Depois...

Agora foi April que caiu na gargalhada.

— Ha, ha, ha! Pode tirar o cavalinho da chuva. Não vou mais fazer sexo com você, Toronto. Ainda mais numa canoa. A única coisa que eu vou fazer hoje à noite é tirar o meu da reta.

— Ah. Está bem. Que droga...

— Tudo isso é mesmo uma droga, você sabe, não é?

— Eu gosto muito de você.

Ao ouvir isso, April pareceu ficar um pouco triste.

— Ei, que tal você ir colocar a sua filha na cama? A gente continua a conversa depois. Tome aqui. Leve isso para ela — disse, empurrando pela mesa uma tigela de feijão. — Ela deve estar faminta, mas muito zangada para admitir. Se eu fosse você, tentaria ajeitar um pouco as coisas com ela enquanto ainda é tempo. Diga o que precisa ser dito. Depois de muito apanhar, descobri que a verdade sempre vem à tona, como dizem por aí.

Fiquei sentado ali por um instante.

— Me desculpe — disse ela. — Acha que fui longe demais?

— Não. Não. Na verdade, eu estava... Eu estava pensando a mesma coisa.

Levantei. Fui até o quarto de Meadow. Parei na porta e voltei até a mesa. Acariciei o pescoço de April. Olhei para o rosto grande dela e sorri. Houve uma pausa — e a menciono aqui porque..., bem,

porque foi uma pausa distintamente não pinteriana, leve, misericordiosa, segura.

— Tudo em você é grande — falei.

— Obrigada... eu acho.

— É, é um elogio. Você é um pouco *mais* do que maioria das pessoas.

\* \* \*

E essa foi a última vez que vi April A.

*Quem será o seu amor da próxima vez?*

\* \* \*

April estava certa sobre as montanhas Brancas. Havia algo nelas, algo misterioso, que as tornava uma lenda. À tarde tínhamos vindo pelo lado sul, pela rodovia Kancamagus. À nossa esquerda se erguiam os picos da cadeia de montanhas Franconia. O vento soprava forte, e podíamos sentir quando ele sacudia o carro. O silêncio era quebrado apenas quando April dizia, apontando com o queixo: “Esse aqui é o monte Moosilauke. Aquele ali é o Osceola.” *Moosilauke. Osceola.* Palavras de que Meadow e eu teríamos feito piada se estivéssemos nos falando. Eu sabia que o monte Washington ficava ao norte. Mas não podíamos mais ir até lá, não agora. Não da maneira que tínhamos planejado.

Fui até a porta do quarto de Meadow. Ela tinha deixado no chão a impressionante cidade que montara com o brinquedo e estava deitada na cama de baixo do beliche, com um braço sobre o rosto.

— Você está acordada? — sussurrei.

Havia um abajur numa cômoda num dos cantos do quarto. Fui até lá e puxei a cordinha para acendê-lo. Ela tirou o braço do rosto.

— Você quer jantar? — perguntei, levantando a tigela.

Ela olhou para mim, mas não disse nada.

— Ainda não quer falar comigo?

Ela deu de ombros e virou para o lado, socando o travesseiro onde apoiava a cabeça.

Ao pôr do sol, quando estávamos quase deixando as montanhas para trás, April anunciara que precisava fazer xixi e, sem nenhum outro comentário, saiu da rodovia para uma estradinha de terra margeada por azáleas. Fomos até um local onde era possível estacionar e saímos do carro. April correu para a mata, fazendo a túnica comprida que vestia tremular. Meadow e eu fomos subindo o morro em silêncio. Quando chegamos lá no alto, vimos a superfície de um lago tão tranquilo que parecia até vidro, incrustado na terra, como se o topo da montanha tivesse sido cortado e enchido com a água da chuva. Nuvens pesadas corriam sobre nossas cabeças impulsionadas pelas rajadas do vento, criando sombras púrpuras que atravessavam o lago. O reflexo do lago se fechava e se abria à medida que as nuvens passavam; parecia até que estávamos atravessando o tempo. Meadow segurou a minha mão. Isso me surpreendeu muito — e é por esse motivo que me lembro bem —, o fato de ela ainda precisar de mim de alguma forma, mesmo que de maneira inescrutável, ambivalente. E me lembro de que ela ali, segurando a minha mão, foi a razão por que fiz tudo o que faria depois, o que me levaria aonde me encontro hoje, escrevendo este relato. Porque vejo aquele momento como o início do meu desaparecimento. Quer dizer, o desaparecimento de quem eu tinha sido até então. É claro, ainda estou *aqui* — todo mundo sabe perfeitamente bem onde estou —, mas quando ela segurou a minha

mão, senti como um desmoronar da imagem que eu tinha criado para mim, de toda aquela impostura.

Na escuridão lá fora, ouvi uma porta bater. Espiei pela janela, através do revestimento de plástico, tentando ver se era mesmo verdade, se April estava mesmo nos deixando. Ela deu a partida e ficou parada onde estava, com o motor ligado, por alguns poucos instantes. Depois nos deixou ali, apenas nós dois de novo, à sombra da serra. E assim a minha última rota de fuga foi eliminada. Olhei para o meu reflexo opaco na janela.

— Meadow — falei. — Tem algumas coisas que preciso lhe contar.

## *SECHSTER TAG* OU O SEXTO DIA

Eu não quero parecer diferente. Quer dizer, estou com medo de ter me representado como alguém muito excepcional e que isso possa impedi-la de me ver como eu realmente sou. Afora meu nome famoso, não há nada capaz de me distinguir dos outros homens e mulheres tristes que definharam nos tribunais da vara de família. As decisões irremediáveis, a obediência exigida pela lei em assuntos da maior urgência. A questão aqui é mais profunda, você não acha? Está além de mim.

Nos Estados Unidos, um casamento dura em média sete anos. O sete é, claro, um número inerentemente simbólico. Existem as sete maravilhas do mundo antigo. As sete colinas de Roma. O número sete tem papel fundamental em todas as religiões (os sete dias da criação, os sete céus do Islã, os sete chacras e, é claro, os sete pecados capitais). Vamos tomar o nosso casamento como um belo ideal de divórcio, terminando precisamente em seu sétimo ano. O término foi lento, com movimentos suaves e delicados. Como já disse antes, em algum lugar, eu quase não percebia que tinha um papel nisso tudo. E, no entanto, no ano em que nos separamos, o quinto ano de vida de Meadow, nos juntamos a um milhão de outros casais nos processos de separação legal ou divórcio, colocando a nossa filha entre as dez milhões de crianças cujos pais são separados ou divorciados — sem sombra de dúvida o maior subgrupo a que ela jamais vai pertencer. Eles dizem que um em cada sete divórcios envolve a disputa judicial pela guarda dos filhos. Isso quer dizer que, naquele mesmo ano, quase duzentos mil pais descontentes levaram suas petições aos tribunais da vara de

família, pagando dez mil dólares para acabar mais frustrados do que quando começaram o processo. Eles se tornaram pessoas danificadas, de verdade. Pessoas transtornadas. Porque, é claro, se há uma coisa que realmente nos deixa transtornados, é o fim do amor.

Mesmo no ano em que nos separamos, no ano em que você se livrou de mim, nunca imaginei que o meu relacionamento com Meadow seria colocado em risco. Ela e eu éramos muito próximos. É claro que éramos; tínhamos acabado de passar um ano inteiro juntos. Mesmo quando esse ano chegou ao fim e voltei ao trabalho como planejado e ela foi matriculada, apesar das minhas objeções, naquela escola católica, eu acreditava que a nossa ligação era forte. A ligação entre mim e ela. A nossa ligação — entre mim e você, Laura — era tênue, na melhor das hipóteses. Enquanto eu trabalhava, de volta à agitação do mercado imobiliário com alguns dos outros sobreviventes da Clebus, você passava um tempo precioso com Meadow depois da escola. Quando eu chegava em casa, você juntava as provas que estava corrigindo e se retirava para o quarto. E? E então? O amor vai e vem, certo? Ser excluído pelos outros nos desperta uma autoconfiança esportiva. Comecei a jogar futebol de novo. Flertava acintosamente com as garotas que iam assistir aos jogos. Os rapazes me pareciam bem mais novos do que eram dois anos antes. Mantinha as fotos de Meadow na carteira para o caso de alguém querer ver. Dizia a mim mesmo que a frieza que tinha se abatido sobre o meu casamento era natural. Uma fase natural na evolução.

Da minha posição atual, vejo as coisas mais claramente. Penso em você. Penso em mim. Penso na mãe. Penso no pai. Penso na mãe e no pai, e em como o cérebro produz gelo. Penso no

*Vogelgesang. Ich denke an die Vögel wie sie in Treptower Park gesungen haben.* E penso na densidade da infância.

Se os meus pais se amaram algum dia, essa verdade foi rapidamente enterrada debaixo de um monte de outras coisas para ser útil para mim. Eu me lembro de sentar com o queixo nos joelhos e ficar olhando para aqueles dois, absorvidos em afazeres diferentes; papai examinando um relógio suíço quebrado com uma lâmpada presa à cabeça, mamãe lendo uma revista de moda do mercado negro, e eu ficava maravilhado com o silêncio deles. Como dois seres podiam ser tão calados? Como eles podiam se concentrar por tanto tempo sem se mexer? Nunca me ocorreu que eu também estivesse concentrado naquilo. Eu me concentrava neles. Eu me perdia observando os dois, me perguntando o que os fascinava tanto e quando eles diriam alguma coisa um ao outro. Eu podia sentir as minhas pálpebras batendo na superfície das minhas retinas. Podia ouvir as moscas queimando dentro das luminárias em forma de losango acima das nossas cabeças. Podia ouvir um barulho de panelas nos apartamentos ao lado do nosso. Por fim, mamãe olharia para mim e me cutucaria com a ponta do sapato. *Deixe disso,* ela diria.

Eu a amava? Ah, sim, muito. Disso nunca ninguém tentou me dissuadir. Eu a amava e amava o meu pai e amava o meu *Opa*, o vovô, e amava a professora da escolinha que eu frequentava e amava o pastor alemão que ela deixava tomando conta da turma enquanto ia fazer alguma outra coisa. Eu adorava sentar aos pés da minha mãe, brincando com blocos de madeira presos um ao outro numa fileira, uma espécie de lagarta cubista, enquanto ela balançava os pés preguiçosamente, com aquela bota elegante, com um pedaço de grama preso na sola do salto alto. Quem ela *era*, no entanto, continua sendo uma controvérsia acalorada. Uma vadia.

Uma fanática. Uma colaboracionista. Uma comunista. É muito difícil conciliar tudo isso com a mãe que me levava para passear no Treptower Park, o tecido sintético da calça boca de sino dela fazendo um barulho rítmico, reconfortante, de roupa sendo lavada. Essa era a mulher que me ensinou a perguntar, antes de me lançar sobre qualquer cachorrinho na rua: “Ele é mansinho?” A mesma mulher que — posso apenas presumir — me ensinou a segurar o lápis, a ler, a escrever, a dançar, a amarrar os sapatos, a olhar para os dois lados da rua antes de atravessar. Uma mulher que faz isso — que o ensina a amarrar os sapatos — tem uma alma. Ela tem alma mesmo que, como o meu pai me contou num acesso de raiva, tenha realmente se apaixonado por um membro do alto escalão do partido, que a seduziu com barras de chocolate branco.

Mas e sobre esse caso com o tal comunista? Ele foi o vilão da história? Como podia ser se, no fim, foi por causa dele que não tivemos que sequestrar um ônibus ou trem, ou cavar um túnel, ou cruzar a nado o rio Spree, de roupa e tudo, para chegar a Berlim Ocidental, o sonho dourado do meu pai? Em vez disso, conseguimos dois vistos de saída e exatamente uma hora para chegar à estação da Friedrichstrasse. O meu pai vinha tentando conseguir o visto durante anos. As nossas malas — três delas — já haviam juntado poeira na despensa. Então, finalmente, depois de ser recusado anos a fio, seu requerimento sendo sempre adiado, de ter a carreira estagnada, de ver a nossa família ser hostilizada pelos vizinhos, houve uma mudança de opinião da burocracia a respeito dele. Um milagre. E um mistério. <sup>13</sup>

O que quer que tenha acontecido, não conhecer toda a história da minha mãe era uma ideia fixa. Como eu tinha apenas cinco anos na última vez que nos vimos — ou seja, era muito jovem para explicações, mesmo que ela quisesse me dar alguma —, nunca ouvi

a sua versão sobre a minha partida. Mas ela sabia de tudo. Quer dizer, ela estava *lá*. Ela me levou para a escola, e na porta fomos interceptados pelo meu pai, que me trocou por um envelope. Não sei o que havia dentro daquele envelope. Dinheiro para o suborno? O visto de saída da minha mãe, para que ela o usasse quando fosse seguro? Durante todo o tempo que ficamos em Berlim Ocidental, eu continuava esperando que ela viesse se juntar a nós, mas ela nunca veio. Eu acho que o meu pai também esperava por ela. Haviam nos concedido o direito de morar em Berlim Ocidental, mas não fomos qualificados para ajuda financeira, e por isso vivíamos num estado de desorientação e quase pobreza em cima da garagem da irmã do meu pai, uma mulher maravilhosamente instável.

Berlim Ocidental era cheia de gente, de artistas, gays, pessoas idosas, e todos os que tentavam escapar do serviço militar. O meu pai, essencialmente um homem conservador, ficou chocado. Devia ser muito irritante lembrar da propaganda do outro lado, advertindo que o Muro existia para manter de fora os sabotadores e os inimigos do povo. Mas eu lembro que a vida em Berlim Ocidental naquela época era familiar, surreal, um pouco perigosa. Papai sempre estava trabalhando ou procurando trabalho, algo muito difícil de encontrar naquele tempo, e a minha tia ficava em casa aperfeiçoando suas idiossincrasias.<sup>14</sup> Minha tia tinha três filhos. Eu brincava com esses sabotadores mirins dia e noite. Eu me lembro de que houve certo hiato de supervisão por parte dos adultos, quando pulamos da janela numa pilha de colchões. Eu me lembro da visão do barril de madeira que rolávamos uns na direção dos outros e que fazia as suas vítimas pelo caminho. Nessa época, o Muro, que ficava lá em silêncio, no beco sem saída de algumas ruas, se tornou a maior área pública de arte do mundo.<sup>15</sup>

Esperamos por quatro anos.

No fim desse tempo, acho que ele não podia mais suportar aquilo. Ele começou a enviar cartas para patrocinadores em potencial nos Estados Unidos e na Austrália. Era 1979, e se você dissesse a qualquer alemão nas ruas *Espere um pouco mais, o Muro vai cair daqui a dez anos*, ele teria dado risada na sua cara. O cientista do momento ou a primeira bailarina em turnê pediam asilo, levando ao mundo notícias sobre a escassez de gêneros de produtos e de direitos humanos que existia por trás da Cortina de Ferro. E mais, eles precisavam de eletricitas em Boston. Então partimos. Vesti um agasalho esportivo e a imitação barata de calça jeans que chamávamos de “calças do Texas”, guardei as minhas revistas em quadrinhos e disse adeus aos meus primos.

Entre todas as surpresas que estavam reservadas para mim — porque eu vivia a minha infância numa época em que ninguém explicava nada às crianças —, estava aquela sensação arrebatadora provocada pela decolagem, quando deixei o aeroporto Tegel de avião com meu pai em 1979. Até o avião levantar o nariz, como se quisesse ir em direção ao sol, eu não tinha entendido que nós íamos realmente *levantar voo*. Quando o impulso da decolagem me pressionou contra o assento, eu quase desmaiei de confusão, com um sentimento de ter sido traído. O centro do meu coração amoleceu. Eu podia senti-lo meio solto no peito, escorregadio demais para ser apanhado, delicado demais para ser tocado. Não disse nada ao meu pai, que olhava pela janela em silêncio. O avião cortava os céus. Fomos para cima.

— Levante-se — disse o meu pai, por algum motivo.

Eu não disse nada, esperando que ele não desviasse os olhos da janela e visse o meu rosto abatido. Levante-se. Quando ele disse isso, uma das asas do avião se virou na direção da terra acentuadamente, fazendo com que o meu pai e eu ficássemos

pendurados sobre o reino de repente à mostra da Alemanha que desaparecia lentamente. Abaixo de nós, uma civilização de cidades, florestas e rodovias, claramente um todo, sem diferenciação, acima de tudo sem divisões. Então a visão se foi, escondida pelas nuvens. O meu pai não disse nada. Eu podia sentir o avião subindo, invadindo as nuvens sem a menor resistência, como se estivesse se libertando de uma teia ou de um abraço frouxo. Fomos para cima, para cima, para cima, até que o avião pareceu relaxar e se sentar no ar, deslizando como por um grande corredor de migração de pássaros pelo Mar do Norte, e eu soube que não iríamos voltar mais, nunca mais.

Nos primeiros um ou dois anos da nossa vida em Boston, desenvolvi um interesse renovado pela minha mãe. Talvez o plano fosse que ela nos encontraria *aqui*. Eu costumava observar as mulheres da mesma idade que ela nas ruas de Savin Hill. Eu observava as mães com crianças pequenas. Eu olhava para as mães e para as crianças. Esperava entender alguma coisa. Tentava estimular as minhas próprias memórias, que já começavam a desaparecer. Mas observar essas pessoas não deu em nada. As mulheres pareciam ocupadas e irritadas. Elas raramente riam ou falavam com alguém. Puxavam os filhos com tanta pressa que eles mais pareciam macaquinhos cambaleantes. Eu olhava para todas elas e amava todas elas e queria todas elas, até que finalmente comecei a odiar todas elas e fiquei aliviado de estar junto do meu pai. Eu prendia a respiração e me escondia dentro de mim mesmo, e logo, logo fui embora de Dorchester. Eu me mudei para Albany e voltei a Boston exatamente duas vezes — a primeira, logo depois de me formar na universidade, para pegar todas as minhas coisas e papai poder ocupar o meu quarto, e, a segunda, quando tinha vinte e seis anos e o meu pai precisou fazer uma cirurgia de catarata. Eu

ainda telefonava para ele. Mantinha contato. Mas papai raramente me ligava e nunca me exigiu mais que isso. Isto é, ele nunca pediu nenhuma explicação sobre o porquê de eu ter fugido. Era como se ele soubesse que eu estava escondendo algo e fosse solidário comigo.

E então conheci uma garota bonita no Washington Park, e uma ruptura total foi necessária. Não havia outra escolha. Porque de jeito nenhum eu colocaria em risco aquilo que estava vivendo — um relacionamento sério com uma garota séria e americana, tão inteligente que precisou fazer faculdade para domar a própria mente, que gostava de colocar os pés descalços ao sol, no painel do carro, enquanto eu dirigia, que me daria, anos depois, uma filha linda, com um coração perfeito, com os quatro ventrículos e átrios intactos. E embora eu pensasse com frequência em entrar em contato com o meu pai, não havia como fazer isso. Mesmo que eu pudesse me sentar com ele, como nos velhos tempos, na mesa de jogos, e ficar observando o movimento de Savin Hill, o que aconteceria? Haveria a expectativa de que nos encontrássemos novamente, e um novo plano seria traçado e depois abortado, seguido por outro longo silêncio.

Tudo isso estava na minha cabeça quando Meadow e eu embarcamos no ônibus em Conway. Na noite anterior, eu tinha prometido a ela que iríamos a um último lugar antes de voltarmos para casa. Estávamos perto de Boston. Nessa cidade, eu lhe disse, ela finalmente conheceria alguém muito especial para mim. Alguém que eu amava e que, por causa das más escolhas que eu havia feito, ela nunca tinha podido conhecer. E se houvesse uma última coisa que eu queria fazer, era corrigir esse erro, se ela pudesse me aguentar só mais um pouquinho. Eu queria que ela conhecesse o meu pai.

Talvez ela tenha acreditado em mim e se imaginado de volta aos braços da mãe em apenas um dia ou dois. Ou talvez ela não tenha acreditado em mim de maneira alguma, mas é que a paciência dela havia sido levada a um ponto tal que simplesmente já se libertara de todas as ansiedades de sobrevivência. Não sei, mas *ficamos de mãos dadas*. Nós *ficamos de mãos dadas* quando pegamos uma carona na estrada perto da serra, com um faz-tudo que ia para Conway. *Ficamos de mãos dadas* quando chegamos à bilheteria da rodoviária daquela cidadezinha na Nova Inglaterra. E quando o ônibus que ia para o sul parou diante de nós, *ficamos de mãos dadas* e subimos os degraus emborrachados que levavam até o corredor frio dentro do ônibus. Não levávamos nada. Nós nos encaminhamos instintivamente para o fundo, e Meadow ia batendo com a mãozinha no veludo preto dos assentos enquanto andava. Nós nos sentamos com meia dúzia de outros passageiros, e logo o ônibus deu a partida. Acho que ela pressentiu as dificuldades que eu, pessoalmente, enfrentaria. A dificuldade das coisas que eu tinha que dizer a ela.

Antes de deixarmos Conway, senti que ela estava olhando para mim. Ah, pensei, a capacidade que as crianças têm de entenderem tudo.

— *Conte* — falou ela. — Você disse que ia me contar umas coisas.

— Disse?

— Disse, sim. Você disse. Não brinque, papai.

— Está bem — concordei. — A história da minha vida.

Preparada?

Ela assentiu com a cabeça e continuou com os olhos fixos em mim.

— Então, fiquei pensando em como começar essa história e, como é uma história *muito, muito* longa, pensei que seria necessário fazer uma invocação. — E levantei as mãos aos céus. — Canta, ó Musa, o herói astucioso que vagou por terras distantes depois de saquear a famosa cidade de Troia... no estado de Nova York.

Meadow não sorriu.

— Ha! — falei. — Vou ficar por aqui a noite toda.

— *Conte.*

— Está certo. Ouça. Nossa, Meadow. Nunca fiquei tão nervoso em toda a minha vida.

— Não fique nervoso, papai. — Ela pegou a minha mão. — Você é o meu pai.

Os meus olhos se encheram de lágrimas. Não posso explicar o que senti ao me preparar para proferir palavras que nunca tinha dito antes — pelo menos não em inglês —, nomes, lugares, fatos que nunca transformara em som. Elas viriam à luz como palavras mesmo? Ou, se eu contasse certos fatos, o tempo pararia, e soldados de pesadelo entrariam naquele ônibus para me levar embora, de volta para o passado, para algum procedimento de rotina no qual eu morreria — ou seria sacrificado? Eu sabia que eu não era páreo para as minhas próprias mentiras. Então por quê, por quê? Por que razão eu as desafiaria agora?

Por causa de uma garotinha.

Olhei para a minha filha.

— Vá em frente — disse ela.

— Eu nem sempre, como você mesma observou antes, disse a verdade.

Meadow esperou.

— Na verdade só contei histórias inventadas, pura ficção, e embora essas ficções não pretendessem enganar ou machucar ninguém, eu sempre soube... Eu sempre soube... que elas iriam. E isso é uma confissão de que eu... mesmo agora... não posso contar tudo a você, porque acho que pode ser possível... É possível que, se deixar tudo às claras, se assumir a minha culpa, eu seja desprezado, execrado e morra logo em seguida.

Os olhos dela se arregalaram.

— Então *não* diga nada!

— Não, não, é apenas medo. É o meu *medo*. Eu não acho que dizer certas coisas em voz alta vá realmente me matar. Talvez eu esteja apenas com medo de que você me rejeite, e isso seria como a morte para mim. Você é tudo para mim.

Olhei discretamente para ela. Que papelão, hein?, pensei, você tentando se assegurar de que essa criança vai perdôá-lo.

Mas ela, muito esperta, apenas deu de ombros.

— Acho que você tem que tentar fazer o melhor que puder.

Sorri.

— Você está certa. Está bem — falei. — Deixe-me tentar explicar as coisas para você. Você se lembra de quando, por um tempo, quis ter uma irmãzinha? Lembra-se de que queria tanto, e pensou tanto sobre isso que às vezes achava que realmente já tivesse uma irmãzinha? E se lembra de como de vez em quando você até falava com as pessoas sobre a sua irmãzinha, com estranhos, e você meio que esquecia de dizer a elas que estava fazendo de conta? E elas acreditavam que você realmente tinha uma irmãzinha e até faziam perguntas sobre ela, como, por exemplo, quanto anos tinha e qual era o nome dela? E você se deu conta de que sabia as respostas? Porque, quando as outras pessoas acreditavam em você, mesmo sabendo que era imaginação sua,

tudo aquilo parecia real, quer dizer, parecia real para *você*. Entende o que estou querendo dizer?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ótimo — falei, enxugando a testa. — Ótimo. Está confortável? Esse ônibus é bem legal, não é?

— A-hã.

— Então, algumas coisas. Primeiro. Eu sempre contava a você sobre Twelve Hills, onde cresci, não é? Bem, não cresci exatamente *em* Twelve Hills. Eu queria ter crescido num lugar como Twelve Hills. Mas, em vez disso, cresci não muito longe daqui, num lugar chamado Dorchester, que você vai conhecer em breve. E antes disso, muito antes disso — pigarreei — nasci na Alemanha.

— Hã?!... — Ela me olhou, confusa. — Então você nunca morou em Cape Cod?

— Não. Mas, ah, droga, fui lá uma ou duas vezes. Eu amava o nome dos lugares lá. Cotuit. Barnstable. Wellfleet. Você conhece a família Kennedy, não é? Que tem o mesmo nome que nós, mais ou menos. Eles tinham uma propriedade em Hyannis Port. Uma família muito importante. John F. Kennedy foi o trigésimo quinto presidente dos Estados Unidos. Os alemães adoram Kennedy. Quando homens maus estavam governando a Alemanha, ele foi até a maior cidade do país e disse que era um cidadão de Berlim, que todas as pessoas no mundo eram cidadãos de Berlim, e que enquanto um ser humano fosse escravizado, ninguém seria realmente livre! O presidente Kennedy foi um verdadeiro herói para os alemães.

— Então o presidente Kennedy também era alemão?

— Não. — Olhei para as minhas mãos. — Hum..., sim e não. Mas, quer saber de uma coisa? Essa é uma grande questão teórica. Não quero confundi-la falando sobre geopolítica. A pessoa sobre a qual quero lhe contar é o seu avô. Não o vovô, ou o homem de

Twelve Hills. O seu *outro* avô. *Ele* é alemão. O nome dele... O nome dele... é Otto Schroder. É ele que eu quero que você conheça.

— Otto Schroder — disse ela, apertando os olhos. — Ele é meu avô?

— É, sim.

— Então quantos avôs eu tenho?

— Bem, dois. Ou três. Vai depender de quanto o seu avô Kennedy é importante para você. A questão aqui é... Ou o problema aqui é que você nunca conheceu nenhum desses dois avôs, só conhece o vovô. E lhe devo... Eu lhe devo desculpas por isso.

Parei para me recompor, olhando fixamente por sobre ela para os contrafortes das montanhas Brancas que iam ficando para trás.

— Eu lhe devo desculpas porque guardei em segredo uma informação a que você tinha direito. Guardei em segredo uma informação que pode ajudá-la a entender quem você é. Não saber disso... Eu ter tirado isso de você... Bem, espero que algum dia você possa me perdoar. Você tem apenas seis anos. Com sorte, vai se esquecer de algumas das coisas que eu disse e fiz.

Ela estreitou os olhos.

— E a minha avó?

— A sua avó? — estremeci. — Você está falando da vovó?

— Não.

— Está falando da sua avó Kennedy, enterrada em Twelve Hills?

— Não.

— Ah... Você está falando da mulher de Otto?

Eu tinha pensado que a pior parte dessa conversa seria começá-la e, no entanto, me dei conta de que aquele era o nome que eu não conseguia dizer. Fechei os olhos. Na escuridão da minha mente, ouvi o som da presença dela, aquele som ritmado dos passos dela ao meu lado, em meio ao canto animado e livre dos pássaros em

Treptower Park, e soube que a dor mais lancinante da minha vida era o fato de eu nem ao menos saber se essa mulher estava viva ou morta. Eu não sabia se queria que ela estivesse viva ou morta. Tudo o que sabia era que, durante o tempo em que eu fosse Eric Kennedy, ela não estava nem viva nem morta. Quando eu era Eric Kennedy, ela simplesmente não existia.

Meadow colocou a mão no meu braço.

— Papai?

Abri os olhos.

— Desculpe-me.

— Tudo bem.

— Ainda não posso contar essa parte. Tenho que começar... de outro modo.

*Silêncio.*

Meadow se virou para mim sorrindo.

— Você tinha algum animalzinho de estimação na Alemanha?

— Animal de estimação? — Eu ri. — Tinha. Quando morava com os meus primos em Berlim Ocidental eles tinham um cãozinho *terrier* que se chamava Brutus.

— Brutus!

— Brutus sabia andar de pé, se apoiando apenas nas patas traseiras.

— Que *louco!*

— E quando eu era garoto em Dorchester, meu pai me deixou ter uma cobra. Ha! Fazia anos que eu não me lembrava dela. Ela comia grilos. E eu a adorava. Na verdade, as cobras são excelentes animais de estimação.

— Como os ratos e os sapos.

— Isso mesmo.

— E como era a sua escola? A sua escola *de verdade*, papai, não a que você inventou.

— Eu não era muito feliz na escola. Eu não era feliz em Dorchester.

— Por que não?

— Não sei. Ninguém gostava de mim. Eu era um estranho.

— Mas você era triste o tempo todo?

— Eu... Eu... — Dei uma risadinha nervosa. — Me desculpe. Isso é mais difícil do que eu pensava.

Lembro-me de como as sombras tomavam conta do antigo prédio da escola, na esquina da Tuttle com a Savin Hill Road todo fim de tarde, como se assinalassem o encerramento das atividades do dia, e de como as professoras bonitas deixariam o prédio em seguida, enquanto eu ficava parado ali, esperando algo, algum enorme desejo não satisfeito. Depois de um longo tempo, eu cruzava a ponte de pedestres por cima do tráfego intenso da rodovia, indo com toda a calma para a orla da baía de Dorchester. Engraçado chamar aquilo de baía. Era mais como um tanque de água represada, cercado pela rodovia e por uma praia de areia escura. Quando eu era adolescente, eles limpavam aquela área e fizeram uma pista pavimentada para as pessoas passearem, com bancos e grossas correntes presas em pequenas colunas de concreto. Embora eu estivesse sempre sozinho, na minha adolescência, estar sozinho não importava muito quando eu estava ali, na baía. Podia perambular anonimamente e torcer para qualquer um dos times que jogavam no McConell Park. Às vezes, até encontrava algum conhecido.

Abri os olhos.

— Não. Eu não era triste o tempo todo.

— Ah, que bom.

— Quando nevava, a gente nem podia dizer que casa era qual. Vivíamos todos muito perto uns dos outros. As batalhas de bola de neve eram épicas. Exércitos inteiros de crianças. Catapultas. Fortes. Sempre havia alguma coisa acontecendo.

— Eu gosto de ir à escola — disse Meadow, puxando uma mecha do cabelo louro queimado para cima do ombro.

— Você gosta?

— Gosto. Gosto *muito* da minha escola. Mas nem sempre falo a verdade também.

Apoiei a cabeça no encosto do assento, grato por deixá-la falar, grato por ela querer falar comigo.

— O que isso quer dizer ?

— Que eu às vezes finjo que não sei algumas coisas, por exemplo, finjo que eu não sei ler alguma palavra. Se eu leio tudo em voz alta, eles dizem que eu sou metida a sabichona. — Eu não disse nada. — Não quero que falem coisas ruins de mim. Então finjo que não sei ler algumas palavras ou que não sei o significado das palavras grandes. Finjo que não estou enxergando direito. Então eles me chamam de quatro-olhos.

— Ah, Meadow. Isso me deixa muito triste. Nós temos que encontrar uma escola que saiba lidar com uma criança como você, uma criança prodígio. Você é *superdotada*.

O rosto dela se anuviou.

— Não quero ir para outra escola. Gosto da minha escola.

— Por que você gosta de uma escola onde não pode ser quem é?

— Os meus amigos estão lá.

— Então você tem que pular um ano. *Alguma coisa* tem que ser feita.

— Não quero pular um ano. Assim eu não ficaria na mesma sala que os meus amigos.

— Por que você está se punindo por ser inteligente?

— Você *sempre* diz isso. Você sempre *diz* isso. Você sempre diz as mesmas coisas! Eu escuto você, mas você não me escuta.

Meadow cruzou os braços e virou o rosto para a janela. Simples assim, perdi a sintonia com ela.

— Me desculpe — falei.

Logo abaixo de nós, o motor do ônibus funcionava em marcha lenta. Passamos por uma placa que indicava a distância até Albany, em New Hampshire, mas nenhum de nós dois fez piada sobre isso.

— Você merece um pai melhor, mas o que se pode fazer?

Acabou ganhando um pai como eu.

Ela olhou para o próprio colo, com os olhos frios. Então mexeu a cabeça como se debatesse consigo mesma, dando-me — porque ela não podia evitar — o benefício da dúvida mais uma vez.

— Ouça — falei. — Essa história vai ficar longa demais se eu tiver que me desculpar por tudo. Levaria a vida toda. E temos apenas — olhei para o relógio — duas horas e quinze minutos até chegarmos a Boston. Qual parte você quer que eu conte?

Ela levantou a cabeça e olhou pela janela.

— Quero que conte sobre quando você estava feliz.

Assenti. O ônibus pegou a estrada para algum lugar chamado Tamworth.

— Vou falar sobre felicidade — concordei. — O período em que eu fui mais feliz foi quando conheci a sua mãe.

Ela sorriu, mas não se virou.

— E tudo o que eu disser sobre mim e a sua mãe é verdade.

Ela virou o rosto para mim, com um sorriso largo.

— Pode contar.

— Nós nos conhecemos porque um garoto caiu de uma árvore.

— Você está brincando.

— Não estou, não. Um garoto caiu de uma árvore e quebrou o braço, e a sua mãe foi socorrê-lo. As pessoas... As pessoas estavam olhando... E eu fui olhar também e a vi, e me apaixonei por ela à primeira vista...

Durante todo o caminho para Nashua, contei a ela sobre nós dois. Contei sobre os presentes que você me dava, os chás, os damascos, a nossa lua de mel em Virginia Beach, as piscinas que as ondas do mar formavam no meio dos rochedos na praia, os desejos que você tinha quando estava grávida dela, a sua barriga imensa, o nascimento dela, sobre como ela não tinha chorado quando nasceu, a musiquinha bonitinha do móbile favorito dela, o nascimento do Cobertor Fedorento, o cheiro do óleo de calêndula, invernos, galhos de árvores, silêncios bons.

Uma mulher de meia-idade entrou no ônibus em Nashua. Ela usava um cardigã branco, calça jeans novinha em folha e carregava uma bolsa debaixo do braço. Assim que a vi, torci para que ela se sentasse lá na frente. Mas rejeitando os assentos por uma razão ou outra, ela acabou vindo se sentar perto de nós, bem na nossa diagonal.

Depois de um tempo, reparei que ela nos observava. Então olhei para ela, e ela sorriu constrangida e voltou para a revista que estava lendo. Senti um arrepio. Ela era o tipo de maluca que ficava o dia inteiro vendo aqueles programas de televisão em que as pessoas eram encorajadas a ajudar a prender fugitivos.

— Indo para Boston? — perguntou ela por fim, fechando a revista sobre as pernas.

Tentei ignorá-la.

— Vocês estão indo para Boston? — perguntou ela mais alto.

— Perdão?

— Perguntei se vocês estão indo para Boston.

— Ah, estamos sim.

— Você não trouxe nada para ela, nenhum joguinho ou alguma coisa para distraí-la? Não tem papel e lápis para ela desenhar?

— Não. Jogo? Não... Não tenho.

A mulher jogou a cabeça para trás, com pena de Meadow.

— Uma viagem tão longa... É muito tempo para uma garotinha ficar sentada sem nada para fazer. — Ela abriu a bolsa e começou a procurar algo lá dentro. — Deixem-me ver se eu tenho alguma coisa para ela desenhar. Você gosta de lápis de cor, querida? Hum... Só tenho essa caneta, mas não trouxe papel.

— Vamos ficar bem — falei, aliviado.

A mulher deu de ombros.

— Mesmo assim...

— Obrigado pela preocupação.

— Imagina. É que é uma viagem muito longa sem nada para fazer.

Eu me virei e olhei para Meadow, que estava sorrindo. Pisquei o olho para ela.

— Ei, papai — sussurrou.

— O quê?

Ela fez um gesto com a mão para que eu me aproximasse.

— Você sabe o que aquela moça não sabe sobre a gente?

— O quê?

E então ela colocou o rosto bem perto do meu, exatamente como fazia antes de começar a usar óculos, e pôs uma das mãos no meu ombro.

— Ela não sabe como a nossa imaginação é grande.

---

13 O filho em mim gosta de pensar: *um sacrifício*. Ela fez o que tinha que fazer. Desempenhou um papel. Foi uma isca. Uma mãe faria isso. Uma mãe não faria isso em circunstâncias extraordinárias?

14 Minha tia era engraçada. Não tinha nada a ver com o irmão, que era tão meticuloso. Ela não gostava de limpar nem de cozinhar. As únicas coisas de que ela gostava eram fumar, conversar e jogos de azar. Quando descobriram que era o meu aniversário de oito anos, a minha tia se levantou da mesa de jogos e declarou que ia fazer um bolo para mim. Eu a segui até a cozinha numa mistura de esperança e descrença. Ela colocou uma pilha de pratos sujos na pia e esfregou as mãos. *Ovos?*, sugeri tentando dar um empurrãozinho na memória dela. *Ovos*, disse ela, indo até a geladeira. *Farinha?*, e subi no armário à procura de farinha. Não havia manteiga, mas ela tinha uma garrafa de óleo, e também um pacote de açúcar cobrido, que combinamos de espalhar por cima do bolo. E precisávamos de uma forma. Seguiu-se o barulho de tabuleiros de alumínio. Ela parou, sorrindo. Tinha encontrado algo que serviria. *Eureka*, disse ela. *Temos apenas que limpar o cocô de rato primeiro*.

Às vezes, ela e eu íamos a Kreuzberg para passear em meio aos turcos. Dizia-se que se Berlim Ocidental era o hospício da República Federativa, esse bairro era a área de isolamento. De onde todas essas pessoas tinham vindo, com aqueles xales cobrindo a cabeça, as calças de pernas muito largas, e por que elas estavam deixando as cabras pastarem no Victoriapark? Nos fins de semana, os turcos transformavam a área do canal Landwehr num gigantesco mercado a céu aberto. A minha tia e eu adorávamos aquilo, e passávamos a tarde sentindo a textura dos tecidos e das esculturas em madeira, comentando um com o outro. Eu fazia tudo o que ela fazia, o que significa que nós dois parecíamos loucos, ou pelo menos famintos de estímulos sensoriais, o que era verdade, já que quando se ia a Kreuzberg percebia-se o quão estranho era o resto de Berlim Ocidental, totalmente esvaído de cheiros e cores, cabeça-dura, confuso, meio ressurgido de tentativas de se livrar do velho, catedrais bombardeadas e galpões modernos de concreto e metal, um projeto que não daria certo nunca, porque havia muita poeira e história naquela cidade-ilha, voltada para o lastro do passado. Era necessário um tipo particular de estrutura mental para se apreciar a arquitetura em desarmonia de Berlim Ocidental. E a minha tia possuía essa estrutura mental. Ela a compartilhava com os punks, skinheads e os radicais que povoavam Kreuzberg ao lado dos turcos. Ela me levava à estação de metrô abandonada em Bülowstrasse, onde comprávamos kebabs e ficávamos observando as roletas inertes, uma música do Clash reverberando pelos corredores. Essa era a minha vida. A minha vida na ilha.

15 Nem mesmo o vento conseguia passar pelo Muro. Em vez disso, ele soprava de volta para nós como num túnel, levantando poeira e pedaços de papel, contribuindo para a impressão feérica de que aquela estrutura coberta de grafites parecia um metrô muito longo. As crianças chutavam bolas nele. As pessoas cultivavam plantas que não gostavam de sol ao lado dele. Mas o que quer que o Muro fosse ou não fosse, qualquer que fosse sua aparência, por mais que fosse intransponível ou proibido, ele também era, para mim, um limite escandalosamente pequeno que me separava da minha mãe, um limite que

provavelmente me enbuececeu um pouco, o que é algo que admito sem pretender que seja uma justificativa, isto é, uma defesa por alegação de insanidade. Afinal é fácil evitar enbuecer. Tudo o que você tem que fazer é fingir que o quer que o esteja enbuecendo é impotente. Depois de um ano ou dois, eu já brincava perto do Muro sem prestar atenção nele, como eu teria ignorado um adulto recriminador que ficasse ali, bloqueando o sol com os ombros largos, até que, dia após dia, eu fui me esquecendo de que aquilo era um muro, no sentido de ser algo que separa; ou seja, esqueci que havia algo do outro lado. Esqueci que uma vez estivera do outro lado. Ter estado do outro lado tinha se tornado impossível; não havia nada lá. Havia um muro e, além dele, o fim da realidade, como num sonho em que a porta da nossa casa amada se abre para um deserto.

## RAPUNZEL

Ficamos do lado de fora do terminal rodoviário, usando bonés de beisebol verde-escuros que eu comprei num quiosque. Agarrei a mão de Meadow.

— Nossa, Boston tem um *cheiro*... — falei. — Está sentindo? É um cheiro de água parada, meio podre. Não é cheiro de fumaça como em Nova York.

Era fim de tarde e ventava, mas o sol ainda brilhava em Boston. Eu tinha planejado ir direto para a casa do meu pai, mas, assim que desci do ônibus, me lembrei de todas as coisas do meu passado verdadeiro que se ofereciam agora como se eu estivesse passeando em meio aos destaques fascinantes de uma feira de quinquilharias. Nossa, isso era bem melhor do que a infância aristocrática no country club em Cape Cod — isso aqui era *Boston*, a cidade da América Colonial, lar dos Red Sox. Perambulamos pelas ruas da pequena mas festiva Chinatown e caminhamos junto a uma multidão de turistas às margens do rio Essex, até que percebi o olhar de alguém, alguém nos olhava de um jeito estranho. Virei na Harrison Avenue, em direção a Kneeland, que parecia mais seguro. Eu não estava mais seguro em Boston do que no interior de Vermont, mas me senti assim porque Boston era a cidade da minha infância e juventude, e quando era ainda bem criança, sem nenhuma objeção do meu pai, eu frequentemente pegava o metrô e ia de Savin Hill até a centro da cidade, o que não era uma viagem muito longa, não mesmo.

Seguimos o nosso caminho até pararmos em frente do edifício John Hancock, que nos deixou meio tontos com todos aqueles espelhos da fachada. Caminhamos até a praça Copley e ficamos

olhando o prédio da biblioteca pública, cuja fachada brilhava de um branco acinzentado como um coliseu na última luz da tarde. Compramos castanhas torradas numa carrocinha e nos sentamos para comê-las em meio aos bêbados e aos pombos. Fomos até o hotel Copley Plaza e fingimos que éramos hóspedes. Tentamos contar os cristais no lustre. Perguntei quanto custava a diária e, dando uma olhada na minha carteira, desisti da ideia. A escassez de fundos aumentava a minha ansiedade. Tinha deixado mil dólares atrás de um romance de John le Carré na estante da cabana em Vermont. Eu sabia que o nosso tempo estava se esgotando. Sabia que esse era o nosso *grand finale*. Queria dar a Meadow tudo o que ela quisesse.

Depois de uma bola de sorvete para ela e um uísque para mim no salão central, saímos novamente. Quando estávamos descendo a Boylston Street, Meadow começou a ficar para trás.

— Papai, estou cansada.

— Cansada? O que você quer? Quer tomar um refrigerante?

— Estamos andando muito.

— Ah, o que é isso? — falei. — Você está ótima. Está animada. Estamos quase chegando ao parque. Você não quer andar naquele barco de cisne grande? A gente não conhece Boston de verdade se não tiver andado num deles. — Dei uma olhada no céu. Os barcos provavelmente já tinham parado de rodar naquele dia.

— E *depois* podemos ir para a casa do vovô Otto?

— Não se preocupe, querida. Vamos chegar logo lá.

— Está bem. Posso subir no seu ombro, papai?

— Claro, meu doce. Venha.

E eu era o camelo dela e estávamos cruzando o deserto do Saara, e ela riu quando corri debaixo dos salgueiros, galopando em meio à multidão que atravessava a ponte de pedra sobre o lago dos

jardins, dizendo: Com licença, me desculpe, com licença, dê passagem ao camelo atrás de você. Nós entramos na fila no momento em que o funcionário fechou a corrente atrás de nós, e nos sentamos no último barco do dia, que foi deslizando pela lagoa seguido por uma fila de gansinhos sujos.

Já estava escuro quando chegamos a Beacon Street. Caminhamos pelo lado norte do parque, enquanto eu tentava me orientar. Um homem estava encostando em um poste, vestido como um valete da virada do século XX. Dois cavalos cinza-claro esperavam atrás dele, com chapeuzinhos de papel vermelho no alto da cabeça.

— Com licença, estamos perto da estação do metrô? — perguntei ao homem.

— Não está muito longe, não. Por aqui você chega à estação Park Street.

— Essa é a Linha Vermelha ou a Verde?

— As duas.

— A Linha Vermelha ainda vai para a Savin Hill Road?

— Isso mesmo, cara. Em Dorchester, não é?

— É. Faz muito tempo que não venho aqui.

Observei Meadow se aproximar dos cavalos. Eles viraram o rosto, com aqueles olhos que piscavam muito para ela. A parte traseira do cavalo mais próximo estremeceu quando ela tocou nele.

— Ei, e você?

— Eu? — perguntou o homem.

— Você pode nos levar a Dorchester?

— Está brincando? Você não entende nada de cavalos, não é?

Sorri.

— Não, não entendo. Quanto custaria?

— Custaria o preço de um cavalo novo. — O homem riu. — Apesar de esse ser novo.

— Só queria fazer um retorno triunfal, acho.

O homem ainda estava rindo com vontade.

— Esse aqui é um cavalo novinho, cara. Obrigado.

Meadow virou a cabeça para o meu lado.

— Nós vamos para a casa do vovô Otto agora?

Coloquei a mão na cabeça dela. Acabou ficando tarde demais, muito tarde mesmo para que o meu pai ainda estivesse acordado. Eu poderia dizer agora que tive um pressentimento de que eu não estava preparado para enfrentar o que me esperava. Mas a verdade é que estava feliz por estar de volta — de ter voltado para *casa* — e mesmo a memória de mim mesmo como um pária e um monstro agora me parecia exagerada, era apenas o jeito que todo mundo se sente, em algum nível, naquela idade. Olhei para a minha filha, que estava ali, com a camisa levantada, esfregando a barriguinha. Foi ela — foi voltar para casa com ela — que me fez sentir como se tivesse deixado tudo aquilo para trás.

— Infelizmente — falei —, perdi a noção da hora. Conheço o vovô Otto e sei que ele vai para a cama cedo. Amanhã nós vamos até lá. Bem cedinho. Além disso, não estamos preparados. As suas roupas estão um pouquinho sujas. Temos que comprar um vestido novo para você.

Um sorriso bem de leve.

— Um vestido novo?

— Um vestido novo e elegante. O que você acha? Com um aro e laços. E punhos de pele. Para você encontrar o seu avô bem bonita. Vou levar você à Filene, uma loja que fica, ou ficava, bem aqui perto do parque. Com licença — perguntei ao condutor, apontando. — A Filene fica naquela direção?

— Você quer dizer a Macy's? Na Winter Street? É Macy's agora.

\* \* \*

Vestidos de seda com anágua. Mantos de veludo com botões de prata. Vestidos com luvas ou bolsinhas combinando. Meadow corria pelos corredores da loja antes de conseguir se acalmar o bastante para poder tocar em alguma coisa. Àquela hora, o departamento infantil estava vazio, com uma ou duas vendedoras exaustas, arrumando as mercadorias. Acenei para elas com a cabeça e tentei parecer despretensioso, mas quando vi Meadow sorrir, colocando um dos vestidos na frente do corpo, não pude deixar de dizer bem alto.

— Experimente esse!

Eu estava dando uma olhada num guia de hotéis de Boston quando ela saiu do provador.

— Você já se viu no espelho? — falei, tentando não cair no choro.

O vestido era turquesa e batia bem abaixo dos joelhos dela. A parte superior era de seda, e havia um organdi cintilante sobre a saia, que brilhava debaixo das luzes da loja de departamentos. A parte superior do vestido era lisa e suave como o peito dela, e uma fivela prateada marcava a cintura. Por cima, ela usava uma jaqueta curta também turquesa. O efeito do vestido era de algum modo amenizado pelas meias sujas que ela não pensou em tirar no provador.

— O seu avô vai adorar você — murmurei. — Ele vai achar que você é uma princesa.

Ela estava dando voltinhas diante do espelho tridimensional, e não escutava nada, os ombros encurvados, o queixo encostado no

peito. Três Meadows, três vestidos turquesa. Três pais, olhando para ela. Três óculos vermelhos e seis meias sujas, três cabeleiras descoloridas. Eu não tinha certeza de já tê-la amado tanto assim.

— Estou igualzinha à Rapunzel, não estou? Finalmente eu estou igualzinha à Rapunzel, não estou, papai?

## EMERGÊNCIA

Acabei me acostumando com o silêncio entre nós, Laura. Sabia que era cruel não ligar para você para lhe dizer que Meadow estava bem, que não era tão ruim quanto você estava pensando. Mas me acostumei à sua ausência, e já tínhamos nos acostumado a certa crueldade naquela época, a crueldade ocasional de pessoas que estão acabando com a vida que tiveram juntas. É estranho que haja tanta ponderação antes do divórcio. As pessoas fazem um bocado de rapapés, e ninguém quer ser o malvado da história. Mas então assim que o divórcio é anunciado, que as linhas são demarcadas, começa uma disputa de poder desesperada, e então não há mais cavalheirismo, não há mais sutileza nem delicadeza. Apenas vitória ou derrota.

Sentei no quarto do hotel olhando fixamente para o telefone. Eu queria ligar para você. E não era porque eu estivesse com medo e soubesse que tinha me metido numa confusão terrível; e não era nem porque eu soubesse que aquilo era a coisa certa a fazer, mas porque eu queria falar sobre Meadow com você. Queria falar com a única outra pessoa no mundo que tinha se dedicado a Meadow tanto quanto eu. Queria falar sobre as pequenas coisas, sobre como ela tinha nadado de roupa e tudo, ou sobre o hábito que ela adquiriu de começar as frases sempre com um *na verdade* ou *nesse caso*. Queria contar a alguém sobre o que ela tinha feito ou dito e que essa pessoa fosse tomada pela mesma onda de ternura que me varria quando essas coisas aconteciam bem na minha frente. Queria falar com alguém sobre o vestido turquesa. Ela estava usando o vestido agora, com as meias soquete de babado sujas, enquanto comia um pacote de salgadinhos deitada no chão na frente da

televisão. Eu queria contar a alguém como ela estava encantadora e meio fora de lugar com seu vestido novo na recepção do hotel Best Western.

Em vez disso, larguei o telefone. Fiquei deitado na cama, com as mãos cruzadas sobre o peito, bem quieto. O nosso casamento tinha acabado. Eu não podia mais ser casado com a mãe de Meadow. Eu não podia ser casado com essa ideia. Eu não podia mais ligar para você para falar sobre as pequenas coisas.

Virei de lado e fiquei olhando para a parede. As vozes de um desenho animado discutiam na televisão e Meadow gargalhava. Podia ouvir alguém puxando uma mala pelo corredor. Tentei me concentrar no que tinha vindo fazer em Boston.

*Papai*, pensei. O meu pai. *Vater*. Como me preparar para vê-lo? Eu me perguntava como ele estaria, se o inglês dele tinha melhorado, se tinha se casado de novo, quem sabe não teria finalmente retribuído as atenções da mulher caribenha que morava no apartamento embaixo do nosso e que adorava o meu pai, apesar da sua falta de jeito engraçada, parecendo um pedaço de pau, muito reto e duro, quando encontrava com ela. Não me perguntei, em nenhum momento, se ele estaria zangado comigo pelo meu longo silêncio. Não queria me bajular achando que ele houvesse ficado zangado comigo por isso. Na verdade, quanto mais eu pensava nele, mais tinha certeza de que ele não teria mudado nada, e mais feliz eu ficava com isso, embora, quando garoto, eu tivesse querido muito que ele fosse diferente.

\* \* \*

Acordei sem saber direito onde estava, deitado de roupa e tudo, em cima da cama ainda feita. Era tarde, mas a televisão estava ligada,

sem som. Um vento úmido entrava pelo basculante acima da janela. Meadow estava sentada muito reta na outra cama, ainda de vestido, e parecia um pouco abatida.

— O que aconteceu? — perguntei.

Ela olhou para mim de um jeito vago e não respondeu.

— O que *aconteceu*, Meadow?

Eu me levantei da cama e fui até ela, segurando-a pelos ombros. Depois de um tempo, ela inspirou com força, ofegante.

— Estou bem — disse ela, com a respiração difícil.

Eu me levantei.

— O quê? — perguntei. — Ah... Certo.

Olhei em volta, tentando me lembrar de onde estávamos.

— Nós estamos em Boston.

— Estou bem estou bem estou bem.

Dessa vez, falar a deixara exausta, ligeiramente inclinada para a frente.

— *Está* tudo bem — falei. — É claro que *está* tudo bem.

Acendi o abajur na cabeceira dela.

— Não. — Ela fechou os olhos. — Apague, papai. Claro demais.

— Você tem razão — concordei, obedecendo e nos deixando novamente na escuridão que tremeluzia com a luz da televisão. — Aposto que se eu me sentar aqui do seu lado e lhe contar uma história bem interessante, você vai conseguir respirar normalmente e vai adormecer. Certo? Venha para perto de mim. E sente-se bem retinha. Isso sempre ajuda você a respirar, não é? Sentar bem retinha?

Ela sorriu, reunindo todas as forças, e eu ajeitei os travesseiros ao redor dela.

Meu Deus, pensei. Isso não.

— A minha história — comecei — se chama “O camelo do parque de Boston”.

Esperei. Podia ouvir a respiração dela no escuro. Fique calmo, disse a mim mesmo. Ficar calmo seria a minha tarefa mais importante. A aflição dela — posso chamar assim? — começou quando ela tinha quatro anos, em algum momento durante o último ato do casamento dos pais, e talvez por essa razão nunca tenha pensado em sua asma como algo completamente físico. Quer dizer, eu a tomei metaforicamente, a ameaça do sufocamento espiritual. O que não significa que eu ignorasse as soluções médicas. Eu estivera lá quando os tratamentos foram prescritos — uma pequena bombinha com um broncodilatador, na qual ela imediatamente colou uns adesivos brilhantes. Não era um caso sério, disse o pediatra. Podia ser bem pior. Mas ela devia manter a bombinha com ela o tempo todo.

— Era uma vez um camelo que se perdeu em Boston. Ele, hum, ele nunca estivera em Boston antes, então não sabia que as pessoas de lá tinham preconceito contra os camelos. Na verdade, havia uma lei que mandava matar todos os camelos em Boston, uma lei obscura que os ativistas pró-camelos estavam tentando revogar, mas não conseguiam os votos necessários por causa do clientelismo e do sentimento geral contra os camelos. Você está melhor?

Com um chiado no peito, ela fez que sim com a cabeça.

— Está melhorando? Ótimo. Então o camelo, o nome dele era Alá, ele ficou completamente perdido em Boston, separado do... do quê? Da *manada* dele. Em todos os lugares que ia, as pessoas eram muito grosseiras, chamando-o de corcunda e pata de cabra, e ninguém queria lhe dizer o caminho do deserto do Saara. Em algum lugar, perto da esquina da Boylston com a Arlington, ele viu uma

extensão de grama bem verdinha. Era, todo mundo sabe, o parque municipal de Boston.

— Papai?

— Diga, meu doce.

— Você pode me dar a minha bombinha?

Engoli em seco.

— Como você deve se lembrar, a sua bombinha ficou na mochila, lá em Vermont.

Ela se virou para mim, apoiando a cabeça numa das mãos, e suspirou como uma alma muito velha.

— Podemos comprar uma bombinha nova, claro. Mas não agora. Porque são três da manhã. Vamos achar uma farmácia de manhã bem cedo, está bem?

Ela olhou para mim na luz tremeluzente da televisão. O olhar dela, meio vazio e opaco, me fez fazer uma pausa.

— Não fique com medo.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Não fique com medo. Assim você vai piorar.

— Parece que... alguém está... apertando...

— Apertando...

— ... apertando aminha garganta com uma corda.

— Ah, Meadow, eu não deixaria ninguém fazer isso com você, está bem? Não fique imaginando coisas — falei, sentando-me na cama. — Sei o que vai fazer você se sentir melhor.

Fui até o banheiro e abri o chuveiro, falando alto para o quarto.

— Eu costumava ter dificuldade para respirar também quando era menino. Já lhe contei sobre isso? Quando eu estava na Alemanha Oriental. Não tínhamos muitos remédios lá, naquela época. Não tínhamos bombinhas. Quando as coisas ficavam feias, eles levavam a gente para o hospital e colocavam um tubo na

nossa garganta. — Saí do banheiro, abri a cama, tirei o lençol e a cobri com ele. — Então, claro, a minha mãe tentava usar remédios caseiros. Eucalipto. Orações para o deus da lua, o que quer que fosse. Mas a única coisa que ajudava mesmo — levei Meadow para o banheiro e a coloquei ali, de pé, nos ladrilhos frios — era um banho a vapor.

Ela estava absurdamente pálida no meio do vapor. Ajudei-a a tirar a jaqueta turquesa e depois ela mesma tirou o vestido todo amassado. Ela ficou ali, tremendo, só de calcinha, e nem se lembrou de cobrir o peito com os braços como sempre fazia. Eu podia ver as costelas que afundavam debaixo da pele com a força que ela fazia para respirar.

— Se você não melhorar, vamos para o hospital.

Ela respirou fundo.

— Não quero ir para o hospital!

— Ai, meu Deus... Deixe-me dizer uma coisa: eu também não. Então vamos manter o pensamento positivo. Vamos lá, ânimo!

Coloquei-a dentro da banheira e ela ficou sentada ali com a mão debaixo do queixo. Imediatamente os óculos dela ficaram embaçados. Tirei-os do rosto da minha filha, e quando fiz isso, fiquei meio tonto também, me lembrando daqueles tratamentos distantes.

— Respire fundo o vapor — falei. — Vou ficar sentado bem aqui, na privada. Muito respeitável.

Ela não disse nada. Fechei a cortina de plástico e me sentei ao lado da banheira na tampa da privada fria. A cortina do chuveiro saía da banheira. Na barra da cortina, a água escorria para o chão e descia pelos ladrilhos até a porta, formando uma espécie de afluente sujo. Eu podia ouvir o barulho da água batendo na cabeça de Meadow.

Havíamos feito tudo o que o médico tinha mandado. Ela teve umas crises menores, então compramos um desumidificador, nos livramos do rato e cortamos o glúten da dieta, e então nos divorciamos. Eu ainda me lembrava dessas e outras emergências tão claramente como se elas estivessem acontecendo naquele exato momento: uma queimadura grave quando ela tentou fritar massinha de modelar; a vez em que engoliu um enfeite da árvore de Natal na casa da avó e nós choramos durante todo o caminho para o hospital; várias febres muito altas, nas quais tivemos visões fantasmagóricas durante a noite que passamos acordados ao lado da cama, como se tivéssemos trocado de lugar com ela, conforme pedimos nas nossas orações. No passado, nós com certeza a teríamos perdido em pelo menos dez ocasiões. E, no entanto, isso nunca aconteceu. Nunca a perdemos. Qualquer que fosse a força que a levava àqueles limites, sempre a trazia de volta para nós.

— Meu doce?

— O que é?

— O vapor está ajudando?

— Está.

— Que bom!

— Mas...

— Mas o quê?

— Está tudo rodando.

— Você quer que eu coloque uma cadeira aí dentro? Para você se sentar?

— Quero.

Rodando, pensei, indo até o quarto. Isso não podia ser bom. Tinha me acostumado a contar — vejo isso agora — com a eficácia da bombinha e tinha esquecido — nunca havia aprendido, na verdade — que doença era aquela, o que estava fisicamente

acontecendo com a minha filha e o que devia ser feito. Eu acreditava — ou me lembrava — que os banhos a vapor tinham *me* ajudado quando eu era criança e estava doente, mas doente de quê? Coqueluche? Eu tinha crescido. Dorchester me curou, o que quer que eu realmente tivesse. Cresci e me liberei daquilo, ou aquilo tinha sido expulso de mim, e então eu esperava que ela ficasse curada quando crescesse, mas, veja, ela ainda não tinha crescido e a verdade é que eu não sabia o que fazer.

Foi quando eu escutei o baque no banheiro.

As argolas deram um grito agudo, deslizando rápido na haste, quando abri a cortina. Ela estava caída na banheira de barriga para baixo, debaixo do jato de água, os cabelos, molhados e mais escuros, caíam nas costas e no rosto dela. Meadow virou a cabeça para mim devagar, meio desmaiando, com olheiras escuras debaixo dos olhos.

— Está certo — anunciei. — Vamos embora.

— Aonde?

— Procurar ajuda.

— Não... — ela arfou.

— Vamos, sim — insistindo, puxando-a pelo braço molhado e escorregadio.

— Não!

— Vamos. Vamos. *Levante-se.*

— Não! — Ela puxou o braço de volta.

— *Levante-se, Meadow, que droga!*

Fechei a torneira, embrulhei-a numa toalha para conseguir segurá-la com firmeza, e a levei de volta para o quarto. Ela lutava quase sem forças, seminua, com a calcinha encharcada.

— Pare com isso! — gritei. — Pare de me chutar!

Enfiei as calças roxas nela e o agasalho do Walmart. A calcinha encharcada molhou a calça toda imediatamente. Tentei secar um pouco o cabelo dela, mas Meadow cobriu a cabeça com as mãos, como se estivesse sendo atacada sem motivo algum. Éramos inimigos agora. E então, tentando se segurar na cama, com frio e toda molhada, ela se deu conta da injustiça grave daquela situação, na qual não podia ter a própria cama de volta nem tampouco o aconchego que mais desejava no mundo. Levantando o queixo para o teto, encostando os joelhos no peito, ela deu um grito:

— MAMÃE!

— Pssiii, Meadow. Shhhhh!

— MAMÃE! — gritou ela de novo. — MAMÃE! MAMÃE!

Ela esticou as pernas com força, as narinas muito abertas, e ficou toda rígida, costas arqueadas, olhos fixos, como se estivesse tendo uma convulsão. Tinha parado de gritar e eu ouvia o chiado da respiração dela. Ela ficou quieta.

Saí do quarto, ouvindo a batida seca da porta atrás de mim. Desci as escadas, dois lances apenas, até a recepção, onde o funcionário de plantão meio sonolento, que assistia à TV, olhou para mim, sem entender nada, com um sorriso solícito nos lábios, mesmo depois de ver a minha filha rígida nos meus braços. A cabeça molhada de Meadow tinha manchado toda a minha camisa, os olhos dela estavam abertos mas vazios.

— Fale comigo! — pedi. Mas ela não falou comigo. — Qual é o hospital mais próximo?

O homem ficou de pé, um sanduíche caiu do colo dele.

— O Hospital Geral de Massachusetts. Fica bem perto daqui. Você precisa de um táxi?

— Por favor. Por favor. Me ajude.

Não tinha nenhum táxi parado do lado de fora. O hotel Best Western fica de frente para o cais, entre a rodovia e a ponte Charleston. Um milhão de carros passavam por essas duas vias, mas nem um único sequer pela nossa rua deserta.

— Chame uma ambulância — disse eu. — Chame um táxi. Qualquer coisa.

— Agora mesmo. Mas...

— Mas o quê?

— Você pode ir a pé. Deve ser mais rápido. Veja.

Olhei na direção do prédio iluminado que ele apontava. Parecia mesmo muito próximo, mas assim que comecei a correr, entendi que parecia mais próximo do que realmente era.

Saí da área do hotel e entrei numa rua com pouco tráfego, escorregadia por causa da umidade da noite. Os faróis dos carros passavam por mim e atrapalhavam a minha visão. Tropecei. Uma buzina soou. Meadow não se mexia nos meus braços. O peso dela parecia indefinido, inanimado. Era como se ela não ligasse se nós dois caíssemos no meio da rua ou se fôssemos atropelados. Era como se ela não ligasse de estarmos indo para o hospital ou não. Era como se ela realmente não acreditasse no hospital. E eu me perguntava — naquele segundo no qual um homem testemunha, com lucidez, a sua própria ruína — se era possível que ela também não acreditasse mais em mim. Ela suspeitava, mas ainda não tinha certeza, de que eu não estaria por perto no futuro, de que partiria, banido do convívio de todos. Desacreditado. Preso. E ela — a Meadow adulta —, que dali a alguns anos iria morar num prédio pequeno, com poucos apartamentos e um jardim, ainda solteira, talvez, e sem filhos, iria dizer a si mesma: E eu dei a *e/e* anos da minha vida? Eu contava com ele. Ou, mais velha, iria rir quando subitamente se desse conta de que certa quantidade de tempo

havia sido retirada dos seus anos de vida, um ano ou dois, talvez mais, para serem doados ao pai quando era criança, pela força do amor que sentia por ele e pela misericórdia inesgotável, para sustentá-lo, antes que ela entendesse completamente os termos dessa transferência. Essa forma de autocanibalização das crianças, bem, essa foi uma das razões por que fugi. Por que fugi de Dorchester.

Faróis me cegaram. Era um carro de polícia que tinha passado por nós e agora fazia a volta e vinha na nossa direção, e chegou tão perto que eu não pude mais andar. Com Meadow nos braços, eu não podia nem proteger os olhos. Ela virou o rosto para o meu peito. A porta se abriu e um vulto saiu do carro e veio com uma lanterna apontada para nós.

— Vocês dois estão bem? — perguntou o policial, apontando o fecho da lanterna para o meu rosto.

— Vamos ficar bem. Por favor, não consigo enxergar direito.

— Vocês não parecem muito bem.

— Precisamos ir para o hospital.

Ele apontou a lanterna para o rosto de Meadow.

— Ela está consciente?

— Está. Nós só temos que... — tentei passar por ele e ir na direção do prédio iluminado, que parecia estar acenando, fazendo sinais para nós. — Por favor! Nos deixe ir.

O homem parecia surpreso. Por que ele não nos deixaria ir? Será que eu não tinha entendido que ele estava ali para nos ajudar? A pele recém-barbeada acima das orelhas dele pulsava.

— Vou fazer melhor — disse ele. — Entrem. Eu levo vocês até lá.

— Não, obrigado.

— Vamos, entrem. É melhor, senhor. Ela não me parece nada bem.

— Teve um ataque de asma. É apenas asma. Mas ela não está melhorando.

Entramos no banco de trás. Meadow pareceu momentaneamente reviver dentro do carro de polícia, segurando a grade preta com força.

— Destino sul pela Stanford — o policial anunciou pelo rádio. — Destino Hospital Geral, com criança, sexo feminino, sete ou oito anos...

— Estamos sem a bombinha dela — falei. — Ela não consegue respirar.

— A vítima provavelmente precisa de oxigenação.

De forma abrupta, Meadow se largou no meu colo. Aquilo me assustou, era como se fosse uma despedida. Ela murmurou alguma coisa.

Baixei a cabeça.

— O que foi que você disse, meu amor? O que foi que você disse?

— Vocês são a minha casa — disse ela com nitidez.

— Ah... Ah, meu amor. O que você quer dizer com isso?

— Vocês são o lugar onde eu moro. Você e a mamãe.

— Ah... Está bem. Tente não falar.

Ela começou a chorar. Um choro agudo, fraco, sem ar.

— Eu vou morrer?

— Por favor, Meadow. Me desculpe!

— Eu vou morrer, papai?

— Não diga *isso*.

Ela fechou os olhos.

— Ela fechou os olhos — gritei para o policial.

— Estamos quase chegando — respondeu ele.

— Ela vai morrer. Vá mais rápido!

— Estamos quase chegando, senhor.

Ele puxou o rádio do painel.

— Vinte e dois para central. Chegando a Blossom Street, entrada do Hospital Geral. Blossom Street...

Tiveram que arrancá-la das minhas mãos. Eu a sacudia com força. Agora ela ia bem rápido pelo corredor do hospital, deitada na maca. Tentaram me deter. Eu não queria deixá-la sozinha. Eles não entendiam. Eu não ia deixá-la morrer. Segurei firme na alça da maca. Eu tentava ajudá-los a empurrar, mas acabava caindo, caindo no nada. O policial corria ao meu lado. Todo mundo estava correndo.

— Não vou tirar os olhos dela de jeito nenhum — falei para o policial que me parecia agora, depois que tinha se mostrado interessado em saber como aquilo iria terminar, alguém com quem eu podia falar.

— Ninguém vai tirá-la do senhor.

— Eles vão ter que me matar primeiro.

— Ninguém vai fazer nada a não ser ajudá-la. Relaxe.

— Venha por aqui — disse uma das enfermeiras, que segurava a máscara de oxigênio no rosto de Meadow.

A enfermeira entrou de repente numa sala muito iluminada, levando a minha filha para aquela luz ofuscante.

## PEDIATRIA

Num hospital as luzes nunca se apagam. Não completamente. Os ponteiros do relógio andam; a noite cai. Enfermeiros e auxiliares trazem e levam bandejas pelos corredores não totalmente escuros, e o não silêncio prevalece — bipes, rangidos, o sopro do respirador. Na pediatria, os rituais da hora de dormir se seguem à hora do lanche. Uma criança fica na porta do quarto de pijama, escovando os dentes, pensativa. Ela observa... Tremendo, levei as mãos à cabeça. Se eu ficasse quieto, se eu ficasse imóvel... Estávamos dividindo o quarto com um garoto que ninguém tinha ido visitar ainda. Ele dormia debaixo dos lençóis presos na cama, o rosto escuro e imaculado, enquadrado como se o travesseiro fosse de papel de seda amassado. Ele parecia tão completamente sozinho. Mas *eu* não podia cuidar dele. Se algum silfo entrasse flutuando no quarto, eu teria dito: “Leve *e/e*. Leve *e/e!*”

Outras vezes também havíamos ficado assim, sentados ao lado da cama de Meadow a noite inteira, mortos de preocupação, calculando aquele intervalo de tempo inconcebível entre chamar os médicos e esperar. Provavelmente uma daquelas febres de quando ela era bebê. E que febres *altas* eram aquelas! Tínhamos certeza de que encontraríamos apenas um punhado de cinzas pela manhã. Eu me lembro do médico cheio de sono, que só iria tomar café da manhã dentro de uma ou duas horas, nos dizendo, pelo telefone, para ficarmos prontos para levá-la para o hospital se o estado dela piorasse. Por toda a noite, ficaríamos obstinadamente esperando as coisas piorarem, o que era como uma luz acesa em nossa vigília. E ali, espreitando as nossas conversas silenciosas ao lado da cama, estavam todas as criancinhas que passaram por seus pais, na ponta

dos pés, em noites com aquelas, séculos atrás, aquelas pequenas almas invisíveis que já tinham ido embora e agora riam. E, no entanto, nós nunca a perdemos.

Alguém bateu à porta.

— Olá, pai.

Levantei a cabeça e vi uma mulher pequena, que parecia de origem eslava. Apertamos as mãos. Os ossos dela pareciam ocos como os de um passarinho.

— Doutora — falei, me levantando meio desajeitado, pegando o copo de café vazio que eu deixara em cima da bandeja na cabeceira de Meadow. — Entre, por favor. Estou tão contente de vê-la. Muito obrigado. Dou graças a Deus por você e por esse hospital.

A médica fez uma expressão estranha.

— Estou muito contente que vocês tenham conseguido chegar aqui. Mas ainda não está tudo bem.

A médica franziu a testa olhando para o prontuário e então nos sentamos, a médica de um lado da cama onde Meadow dormia e eu do outro. Por um momento ficamos examinando o rostinho pálido da minha filha, os meus olhos indo do rostinho dela para o da médica.

— Tivemos que dar à sua filha alguns medicamentos muito fortes para que ela voltasse a respirar — disse a médica. — Aplicamos uma medicação intravenosa, o sulfato de magnésio, mas também tivemos que dar a ela cetamina, que é um anestésico dissociativo. Não podíamos perder mais tempo. Essas drogas impedem a parada respiratória, mas são drogas muito fortes. Fortes até para um adulto de noventa quilos. Como tudo o que fazemos, pai, sempre há uma consequência. Na pediatria não podemos forçar muito, mas temos que forçar o suficiente.

— Entendo — falei. — Nossa, você parece tão jovem para ser médica.

Ela sorriu, de novo com uma expressão aflita.

— Certo — disse ela. — Preciso saber por que vocês não vieram antes.

Fiz uma pausa.

— Antes?

— Você disse... você nos contou quando chegou aqui, que ela já teve outras crises de asma. Você sabe quão grave é a doença dela? Tenho certeza de que sim. Milhares de crianças morrem todos os anos por causa de uma crise de asma.

— Você não vai acreditar, mas perdemos a bombinha dela no parque. Lá na lagoa do parque. Hoje.

— Você quer dizer ontem?

— Isso. Ontem. Caiu da mochila dela. Na lagoa.

— Que coisa!

— Para ser sincero, ela nunca... nunca teve uma crise tão grave assim. Pelo menos, eu nunca vi.

— Bem, deve ser por causa da bombinha. Porque a bombinha salva a vida dela todas as vezes. E, claro, não é nenhum crime perder a bombinha. Mas você não pode esperar tanto para procurar ajuda. Você tem que trazê-la imediatamente.

— Estou entendendo — concordei com a cabeça. — Eu fracasei como pai.

— Não, não estou dizendo isso.

— Mas eu realmente fracasei como pai. *Eu* estou dizendo isso.

— Ouça, eu também tenho filhos. E já cometi alguns erros. Não exijo perfeição de ninguém. Mas você e eu temos sorte porque ganhamos uma nova chance. Algumas crianças não melhoram. O tratamento pode não funcionar.

Os meus olhos se moveram na direção do menino que dormia e com quem dividíamos o quarto.

— Mas... ela vai ficar boa?

— Vai, vai sim. Mas precisa estabilizar.

Nesse momento, Meadow bocejou.

— Olhe — ri. — Ela está ficando entediada com essa conversa.

— É — disse a médica, sorrindo. — Isso é um bom sinal. Ela ainda está dormindo, mas um sono mais leve agora.

— Então vamos poder ir embora logo? Eu realmente fico muito ansioso num hospital. E a mãe dela iria adorar que fôssemos para casa o mais rápido possível.

— Vamos ver. Descanse um pouco, pai. Esse lugar fica muito agitado de manhã.

Enquanto eu observava Meadow se espreguiçar, o sono dela ficando cada vez mais leve, tive uma visão do fim, e disse para mim mesmo: *Eu nunca mais vou dormir, nunca vou pegar no sono*. E, no entanto, de algum modo caí no sono. E tive um sonho bem nítido. Eu estava indo embora. Eu pegava a estrada e saía da cidade. Tinha desistido de tudo aquilo. Eu perdia a forma. E surgia outra vez, inteiramente novo. Ninguém mais voltaria a me ver.

O barulho dos sapatos de borracha no chão me acordou. Alguém tinha entrado no quarto enquanto eu cochilava. Levantei a cabeça, me preparando para sorrir. Era ninguém menos do que o meu amigo, o policial. Podia vê-lo melhor agora, na luz do dia, com o rosto recém-barbeado brilhando. Vi que ele era mais ou menos da minha idade. E enquanto ele fazia comentários pouco poéticos, percebi, aqui e ali, aquele sotaque familiar, o jeito de falar de Dorchester, meio misturado, e fiquei me perguntando se já tínhamos nos conhecido quando éramos crianças. Fiquei me perguntando se ele seria alguém com quem eu tinha me sentado ao

lado de uma das imagens de Nossa Senhora, comendo sementes torradas e salgadas. Alguém que tinha jogado basquete comigo quando não havia mais ninguém para jogar. Alguém com quem troquei insultos (Seu irlandês imbecil! Nazista cretino!). Agora ele estava ali, dizendo quanto estava feliz por tudo ter acabado bem. E eu estava agradecendo a ele por ter salvado a vida da minha filha. E estava falando sério. Porque eu pensava: É, recebi uma chance, não é tarde demais, e hoje — hoje — vou fazer uma visita àquela velha casa na Savin Hill Road, e vou subir aquelas escadas já gastas e ver o meu pai, e mostrar a ele a neta de seis anos que ele não conhecia, e lhe explicar algumas coisas, colocar um desfecho em algumas coisas...

— Podemos ir até o corredor um minuto? — perguntou o policial.

— Claro — respondi, sem me mexer. — Está tudo bem?

— Tenho apenas que fazer um relatório. Tenho que prestar contas do que fiz.

— Claro — sorri, tentando ler a expressão no rosto dele, ao mesmo tempo sincera e opaca.

— Não acho que vamos ter nenhum problema — explicou. — Não acho que você tenha feito nada de errado. É só protocolo.

— Ah, certo. — Fiquei de pé. — Entendo completamente.

Uma enfermeira com um uniforme rosa-bebê veio até a porta com uma bandeja com suco de maçã e biscoitos e olhou para Meadow.

— Ela ainda não acordou?

— Ainda não. Isso é normal?

A enfermeira se aproximou da cama.

— Ela vai ficar bem — disse a enfermeira e pegou o prontuário de Meadow. — Vai acordar já, já. Vou checar os sinais vitais dela.

Saí do quarto com um pressentimento que me surpreendeu.

O policial e eu fomos até o corredor. Expliquei a ele: a minha filha e eu pegamos um ônibus em Conway anteontem pela manhã, apenas um pequeno passeio de fim de semana de um pai com a sua filha, viemos a Boston para ver a cidade (os barcos de cisne, as castanhas torradas, o lustre no Hotel Copley etc. etc.) e deixamos a bombinha dela cair na lagoa, e muito provavelmente ficar acariciando os cavalos no parque ajudou a piorar as coisas. Mas notei que, depois de um tempo escrevendo o relatório com aqueles garranchos de canhoto, ele tinha parado de escrever e ficara ouvindo com uma espécie de interesse forçado. Ele me perguntou onde estava a mãe da criança e eu disse que ela estava em Conway com o nosso caçula, esperando que fôssemos liberados logo. Estávamos muito abalados com o que tinha acontecido, eu disse a ele, mas sabíamos que o Hospital Geral de Massachusetts era um dos melhores hospitais do mundo e, além disso, não iríamos nunca mais a lugar algum sem a bombinha dela. E então ele finalmente me perguntou o meu nome e eu disse:

— John Torraine.

Apertamos as mãos.

— E a sua filha é...?

— Jessie. Jessie. Diminutivo de Jessica. Ela odeia ser chamada de Jessica — acrescentei.

E então o policial disse que estava tudo certo, mas que provavelmente eu teria que preencher a papelada do hospital. Eu não tinha seguro-saúde, eu disse, mas ele podia apostar que eu começaria a pensar nisso. Ele disse que eu podia resolver tudo com o hospital.

Por fim, o policial falou que eu podia ir.

Voltei para o quarto, tremendo. E então parei de repente. Meadow tinha acordado. A enfermeira de uniforme rosa-bebê

estava debruçada, colocando os óculos no rosto dela, e depois apertou um botão e começou a levantar a cabeceira cama. Meadow sorria porque estava conseguindo enxergar.

— Papai! — sussurrou.

Fui até ela e agarrei um daqueles braços muito magrinhos que pareciam até meio bronzeados contra os lençóis brancos. Eu queria chorar. Eu queria chorar por anos a fio.

— Nossa, que alívio ver você acordada de novo.

— Também é bom ver você de novo, papai.

Ajeitei o travesseiro embaixo da cabeça dela, sem motivo.

Encostei o meu rosto no dela.

— Tudo certo agora — falei. — Tudo certo.

— Tudo certo — disse ela com a voz rouca.

— Tudo certo — sorri. — Isso é maravilhoso!

A enfermeira sorriu também.

— É maravilhoso. Mesmo — disse ela, e recolheu os aparelhos.

— Meadow estava justamente me perguntando pelo papai, não é?

Cheguei um pouco para trás, olhando para a enfermeira, com um sorriso ainda no rosto.

— Bem, aqui estou — falei, depois um longo instante.

— Eu disse a você que ele voltaria logo — disse a enfermeira.

— É, você me disse, sim — murmurou Meadow, esfregando o rosto no travesseiro.

E então eu disse um pouco sem ar:

— Eu nunca iria abandonar você.

— Eu *sei* disso — disse Meadow e levantou o braço. — Olha, eu tenho um bracelete.

Quando a enfermeira passou por mim, agarrei o braço dela com mais força do que deveria. Ela levantou os olhos, assustada.

— Desculpe-me — eu disse, me afastando. — Meu Deus, me desculpe por ter agarrado o seu braço desse *jeito*. — Enxuguei a testa com o punho da camisa. — Só estava querendo saber se já podemos ir embora agora.

A mulher sorriu.

— Você quer ir embora agora?

— É possível?

— Bem, eu vou ter que perguntar.

— Ah, claro. Para quem?

— Tenho que perguntar para a doutora. Ela deve querer dar uma olhada nela.

— Ah, ótimo. Você vai perguntar para ela agora?

A mulher olhou para trás, enquanto saía do quarto rapidamente.

— Com certeza.

Olhei para a minha filha, que estava brincando com os próprios dedos e com as bochechas bem rosadas, como uma menina de um conto de fadas. Fui até a porta e olhei para os dois lados do corredor. Nada de correria, nada de alarme, apenas uma enfermeira, sentada no posto de enfermagem, conferindo papéis. Pelas janelas dava para ver o dia amanhecendo lá fora. Uma claridade ainda bem discreta. Pegue-a, pensei, e corra. Ou corra você sozinho. Agora. Pelas escadas. Ou pelo elevador. Ela disse o nome dela. Meadow. *Disse o nome verdadeiro dela*. Voltei para o quarto. Meadow estava tomando suco de maçã de canudinho, com um acesso intravenoso na outra mão. Meu Deus, pensei. Está bem, dez minutos. Mais dez minutos e então iríamos embora. Achei as roupas dela dentro de uma sacola de plástico branca pendurada no armário de criança.

— Vamos nessa — falei e levantei os lençóis. Ela não ficou curiosa de eu ter vestido as calças roxas dela por debaixo da

camisola do hospital. E então parei. O vento soprou pela janela, enchendo o quarto de um ar quente e seco. Não a peguei no colo e não saí correndo. Também não saí correndo sozinho, como um sobrevivente egoísta, o criminoso perfeito, enfim. Em vez disso, me sentei. Os meus joelhos já velhos estalaram. O garoto do outro lado da cortina deu um suspiro, ainda dormindo.

— Meadow — chamei. — Me dê a sua mão.

Ela deu. Era pequena e fria.

Coloquei a mão dela no meu rosto. Ela tentava manter os olhos abertos.

Não me lembro de quanto tempo se passou. Quinze minutos. Quinze anos.

Alguém pigarreou na porta do quarto. Não me virei, mas sabia exatamente quem estava lá. O cara simplesmente não conseguia ficar longe de nós. Tentei tirar a expressão de profunda insatisfação do meu rosto e olhei para trás.

— Achei que fosse a médica.

O policial também olhou para mim, sem qualquer expressão.

Ele ficou parado ali na porta, constrangido, e então disse que eu tinha que preencher a papelada do hospital e que ele me mostraria aonde eu tinha que ir. Eu não podia preencher a papelada ali no setor de pediatria mesmo?, perguntei. A minha filha tinha acordado e eu não queria deixá-la sozinha.

Ele disse:

— Vai levar apenas um minutinho. Venha comigo, por favor.

Eu me levantei e me debrucei sobre Meadow.

— Meu amor — sussurrei.

Ela abriu os olhos devagar.

— Tenho que ir ali rapidinho, está bem?

Ela balançou a cabeça.

- Tudo bem.
- Volto logo.
- Você vai voltar logo?
- Vou — confirmei.

Ela segurou a minha mão.

- Promete?
- Prometo.

Foi o que eu disse.

A enfermeira no posto de enfermagem olhou para mim quando saí do quarto e rapidamente desviou o olhar. Não havia mais ninguém ali.

O corredor parecia não ter fim. Enquanto andávamos, o que não havia sido dito entre nós parecia se aprofundar de forma concreta. Ele andava bem perto de mim, mas a uma pequena distância protocolar. Senti a jaqueta dele roçar no meu braço nu, e podia ouvir o chacoalhar das algemas que carregava. Mais à frente viramos. Outro corredor. A tensão fazia os meus intestinos se contraírem. Quase parei. Quase parei e agarrei o braço dele e gritei: *O que você quer de mim?* Mas de repente, ele parou. E apontou na direção de uma porta vaivém no final do corredor. E me disse que, passando aquela porta, eu veria um balcão. Tentei esconder a minha surpresa. Ele estava me deixando ir embora? Eu tinha passado no teste por ter suportado aquela caminhada? Concordei com a cabeça. Caminhei os vinte passos sem olhar para trás. Quando empurrei a porta, entrei num terraço com teto de vidro. Eu estava pensando que às vezes a gente só tem que acreditar que tudo vai dar certo.

Acho que assustei os outros policiais que estavam esperando por mim. Eles pareciam não estar nem um pouco preparados quando entrei no terraço. Havia dois policiais, um homem negro muito

grande e uma mulher branca de costas largas, que conversavam tranquilamente sentados de forma relaxada. Eles tiveram que pular por cima das cadeiras quando saí correndo ao vê-los. Agora tudo estava claro. A animosidade, a luta. Eu já tinha passado de novo pela porta vaivém, e corria, com uma boa vantagem, para o setor de pediatria quando eles começaram a se aproximar. As pessoas arregalavam os olhos e ficavam paralisadas. Não tentavam me deter nem saíam do caminho. Um médico que estava debruçado sobre uma maca no corredor suspendeu uma bolsa coletora acima da cabeça para evitar que ela fosse derrubada. Todos olhavam sem saber o que fazer, sem saber quem era o vilão naquela história. Olhe. Olhe para mim. Tente me imaginar naquela situação. Um homem de quarenta anos, com calças cáqui sujas de areia e uma camisa xadrez. Entrei correndo no corredor onde ficava o quarto de Meadow e lá, numa jogada brilhante, o meu oponente conhecido vinha na minha direção, com as mãos posicionadas para cima.

— Deixe-me falar com a minha filha — pedi.

— Para trás — gritou ele. — Para trás. Como é que você conseguiu chegar até aqui?

Os outros dois policiais chegaram e seguraram os meus braços por trás. Quando eles me seguraram, senti a tensão desaparecer e a esperança me abandonar. Os meus joelhos fraquejaram, mas os policiais não me deixaram cair no chão, me sustentando pela cintura. *Enfim*, observou o meu atormentador interior, *o abraço com que toda a história de amor termina*.

— Esperem — disse o policial no comando. — Esperem. Aqui não, pessoal. Calma!

— *Por favor* — implorei a ele. — Me dê apenas um minuto para dizer adeus.

— De jeito nenhum. Venha conosco. *Venha*. Não vamos fazer isso aqui, pessoal.

Desabei nos braços daquele policial, numa espécie de súplica abjeta, o meu queixo no ombro dele. Assim debruçado nele de forma tão íntima, podia ver todo o corredor. Um guarda fazia a segurança do lado de fora do quarto de Meadow e me observava com atenção. A médica de jaleco branco fechou a porta do quarto e desapareceu. Uma enfermeira saía do quarto ao lado com uma bandeja de copinhos de papel. Ao me ver, voltou correndo para o quarto, batendo a porta atrás de si. Portas se fechavam por todo o corredor.

— Ela vai pensar que a deixei aqui no hospital — chorei no ouvido daquele homem que me segurava. — Ela vai pensar que a abandonei. Eu disse a ela que ia voltar logo. Eu prometi.

— Você está encrocado, cara. Existem outras coisas para você se preocupar neste momento.

— Você não entende — retruquei. — Não dou a mínima para essas outras coisas. Não há *outras coisas*.

— Acalme-se. Se você ficar calmo, podemos sair daqui. Nós tiramos você do quarto para não perturbar a garotinha.

— Mas ela vai ficar muito chateada quando souber que o pai dela foi embora.

— Essa decisão *não* é sua.

— *Por favor*.

— Fique calmo.

— Então ligue para a mãe dela.

— Ela já está vindo. Nós a localizamos. Estava esperando ao lado do telefone há uma semana.

— Deixe-me ficar até ela chegar. Quero explicar tudo a ela.

— Você está *brincando* comigo? Não sabe que está em todos os noticiários?

— Ligue para o meu pai. Ele mora aqui, em Boston. Ele é da família.

— De jeito nenhum.

Concordei com a cabeça, olhando para as mãos que me seguravam.

E então comecei a gritar.

— MEADOW KENNEDY! EU ESTOU AQUI! O SEU PAI ESTÁ AQUI! Imediatamente me jogaram contra a parede.

Fiquei imprensado ali, chorando. Tentei argumentar com os policiais, mas nada saiu da minha boca a não ser sussurros. Foi inacreditável o modo como eles me levaram, me puxando como se eu fosse uma criança, me segurando por debaixo dos braços. Os meus pés deslizavam pelo assoalho. Tentei me controlar, mas as minhas emoções — repentinas, explosivas — provocavam sensações físicas. Os policiais abriram a porta de vaivém com a minha cabeça, e estávamos de volta ao terraço iluminado, o dia já tinha amanhecido.

— Está bem, está bem — falei. — Vejam. Estou calmo agora. Estou muito calmo. Me deixem andar.

Eles pararam para olhar para mim e me segurar com mais força ainda. Estávamos de pé em frente a um semicírculo de cadeiras, meia dúzia de espectadores inocentes, que liam o jornal ali no terraço. Eles olharam para nós sem entender nada.

— Estou calmo — repeti. — E estou vendo o carro da polícia esperando por mim. Vou caminhar calmamente se vocês derem um recado à minha filha. Eu agradeceria muito se vocês pudessem lhe dar um bilhete meu. Tudo bem?

O policial deu de ombros.

— Algum de vocês fala alemão?

Os três me olharam com antipatia.

— Ótimo. Então digam a ela isso, por favor: *Ich liebe Dich und werde Dich immer lieben*. E também: *Danke. Danke. Es war meine schönste Zeit*.<sup>16</sup> Está bem? Por favor. Por favor, digam isso a ela.

Comecei a chorar de novo.

— Caralho!

— Você é doido, cara. Você está na merda.

— Digam *a ela*. Essas palavras são para *ela*.

— Meu Deus...

— Me deixem escrever — gritei. — Vocês podem dar o papel a ela. Ela vai entender.

— Ei — disse o policial mais jovem, me empurrando pela porta giratória para o ar frio lá fora. — Faça um favor a si mesmo e cale essa boca!

---

<sup>16</sup> Eu amo você e sempre vou amar. Obrigada. Obrigada. Foi a melhor parte da minha vida.

## RAZÕES PARA FICAR EM SILÊNCIO

Infelizmente, chega-se a um ponto em todo projeto de pesquisa em que os interesses pessoais de cada um de nós são de nossa inteira responsabilidade. Perdemos o rumo do projeto original, às vezes sem ter como voltar. Por um ano ou mais, pensei em ampliar a minha “Enciclopédia Experimental” e incluir não apenas momentos de silêncio famosos, mas também pessoas famosas silenciosas ou grupos de pessoas silenciosas.<sup>17</sup> Mas tive que abandonar uma coisa ou outra, por exemplo, uma fascinante mas infrutífera investigação sobre Abbas Diadochus, bispo do século V. Como havia feito durante todo o projeto, ficava menos interessado na abrangência ou na completude da minha pesquisa do que nos arabescos de coisas interessantes que aprendia folheando livros mofados de ciência obsoleta.

Ao mesmo tempo, o pesquisador é um *buscador*. Ele nunca sabe muito bem o que procura ou por quê. Depois que aceitei o diletantismo essencial do meu projeto, ainda me debruçava sobre o assunto com admiração genuína. No começo, pensei que o silêncio fosse genérico. Mas logo percebi que era o inverso. O *som* era genérico. O som era *óbvio*. Mas não o silêncio. Há tantas formas diferentes de silêncio. O silêncio como princípio. O silêncio prático. O silêncio necessário. O silêncio ritualístico. O silêncio religioso. O silêncio do sofrimento incalculável.

Vou desenvolver um pouco mais.

### O SILÊNCIO COMO PRINCÍPIO

Pitágoras não era um homem silencioso, mas, na Grécia antiga, ele ensinou legiões de rapazes sobre os rigores do silêncio. Ele chamava os discípulos de “ouvintes”. Durante cinco anos de cada

vez, os discípulos de Pitágoras guardavam completo silêncio. Os professores lhes faziam perguntas que eles eram proibidos de responder, e essas perguntas ficavam ressoando na cabeça deles durante cinco anos. De forma que, quando o período de silêncio acabava, você podia apostar que eles tinham algumas respostas substanciais. É claro que, uma vez terminados seus estudos, os discípulos se descobriam numa perda absoluta de assunto com todos os que conheciam antes. As pessoas queriam que eles explicassem o que tinham aprendido ficando em silêncio por cinco anos. Mas não se pode simplesmente explicar o silêncio puro. Era como tentar enviar um feixe de luz pelo correio. E, de todo modo, por que deveria haver um atalho? Se você quer entender o silêncio, por que *você* não para de falar por meia década? E logo foi decretado entre os filósofos pitagóricos que *não era legítimo estender às pessoas comuns algo que havia sido obtido com grande esforço e assiduidade tão diligente.*

Nem me fale.

### O SILÊNCIO DO MEDO

Num *gulag*, uma mulher brilhante de meia-idade que tinha sido professora de música num conservatório de renome da região do Báltico cumpria pena de dez anos de trabalhos forçados por causa de alguma transgressão contra o Partido Comunista. Ela nunca tinha sido acusada formalmente, mas estava claro que era culpada de qualquer maneira. Era uma espécie de crime de pensamento, alguma manifestação da fúria que sentia. Depois de passar aqueles longos dias quebrando pedras grandes em pedras pequenas usando pedras médias, a mulher passava o tempo livre no alojamento trabalhando em seu projeto predileto, um piano silencioso. Ela tinha feito a estrutura de um piano com uma caixa de madeira deixada pelo prisioneiro que a precedera. Trabalhou em cada uma das teclas

meses a fio, guardando tábuas de madeira bem fina e baixadores de língua. A caixa era resistente, assim como as teclas — pretas e brancas — e tão sensíveis quanto as teclas de um piano de verdade. Só que o instrumento não produzia som. Bem, a princípio não. E, então, um dia ela já era capaz de tocar todas as variações de Handel. Ela percebeu que tinha desenvolvido a capacidade de criar música silenciosa. E, assim, mesmo depois de voltar para sua vida de privações, ela sempre se referia a si mesma, para a surpresa de todos, como uma “pessoa de sorte”.

### O SILÊNCIO DA SOLIDÃO

Eremitas e reclusos se encaixam nessa categoria, embora você possa dizer que o silêncio deles também funciona como princípio e como silêncio prático e ritualístico. Uma observação pessoal: anos atrás, depois de uma longa depressão, um amigo meu — o cara de Loudonville, cujo Mini Cooper roubei — decidiu ir morar no deserto por algum tempo, para ver se isso o ajudaria. Ele tinha perdido os pais recentemente, a namorada o largara; enfim: era uma época ruim. E, além disso, ele tinha nascido triste. Então foi para o deserto. Levou uma barraca, vários livros, água e comida. Durante o dia, ele se sentava e escutava o silêncio. Quer dizer, ele esperava que o deserto fosse silencioso. E ficou surpreso de quão rápido o silêncio passou a atormentá-lo. Ele se sentia confrontado pela indiferença essencial do universo. E então, com grande desgosto, começou a inventar cançõezinhas, coisas do tipo “Você não ama o meu dedão do pé” ou “Alguém está fazendo mau uso das minhas ferramentas”. Essas canções o constrangiam não porque poluíssem o silêncio que viera observar, mas porque eram completamente infantis. Depois de um tempo, o meu amigo juntou suas coisas e voltou para casa. Tinha aprendido algo. Ele não sabia exatamente o quê, mas estava se sentindo melhor.

Acho que ele aprendeu que seria triste para sempre.

\* \* \*

Um homem entra na sala onde eu estava sentado e diz:

— O seu pai morreu.

— Não morreu coisa nenhuma — retruco.

— Ele morreu há três anos. Aqui está o atestado de óbito. Otto Schroder. Não era o seu pai?

A sala é escura, sem luz natural. Eu me debruço sobre a mesa para olhar o papel que ele empurra na minha direção, mas não o pego, apesar de já terem tirado as algemas dos meus braços horas antes.

— Não — eu digo.

— Não? Ele não era o seu pai?

Olho fixamente para o papel.

— Não — digo novamente.

O homem senta na minha frente.

— Você sabe que há um mandado de prisão para você em três estados? Nova York, Vermont e New Hampshire. Dependendo da legislação, você pode ser acusado de sequestro qualificado. A pena máxima é de vinte e cinco anos.

Eu não digo nada. A minha cabeça começa a girar.

Eu tinha ficado sentado, praticamente sem me mexer, numa sala de espera em algum lugar nos porões da Prisão de Nashua Street, sem água, sem comida, sem nenhum contato com outro ser humano. Quando eles me trouxeram para esse prédio, fui acompanhado até aquela sala por um verdadeiro cortejo, uma multidão. Esse homem grisalho não estava entre eles.

— Quem é você, afinal? — perguntei.

— Tenente Stavros. E quem é  *você* ?

— De onde é o seu nome, Stavros?

— É um nome grego. E Schroder?

— Alemão — digo. — Eu sou alemão. Estrangeiro residente nos Estados Unidos. Essa minha confissão é apenas uma formalidade agora, não é? Quer dizer, você está com o meu passaporte...

— Fale-me sobre Erik Schroder. Por que você está fugindo dele.

— Claro. — Dou de ombros. — Vou contar tudo.

— Como? — O homem parece surpreso.

— Vou contar tudo o que quiser saber.

— Certo. Mas você pode esperar um minuto? Preciso chamar algumas pessoas.

— Claro. Pode ir.

O homem se levanta.

— Sinto muito pelo seu pai — diz ele. — Você quer falar com o padre? Temos um aqui.

— Por quê? Estou bem. Não acredito que esse atestado seja verdadeiro.

O homem parece confuso.

— Você... não acredita?

— Não. É alguma armadilha. Tortura psicológica. Quero que a autenticidade do documento seja confirmada por uma parte independente. E — digo, levantando um dedo — quero falar com a minha filha.

O homem hesita por um momento.

— Você está falando sério? — pergunta ele.

— Sim, estou falando sério.

Ele chega mais perto e me olha nos olhos.

— Vou ser honesto com você: vai ter que lutar muito para que isso aconteça. A sua filha é a vítima de um crime que  *você*

cometeu.

— Eu não vejo dessa forma.

— Não importa.

— Eu sou o *pai* dela.

— Você está preso. Tem os direitos de uma pessoa na prisão.

Que não são os mesmos que você tinha ontem.

Eu me endireito na cadeira tanto quanto era possível.

— Então quero falar com um advogado — digo. — Um bom advogado. O melhor que você conseguir.

O homem suspira e vai até a porta.

Sai da sala.

E não volta por um longo, longo tempo.

\* \* \*

## O SILÊNCIO DO LUTO

Você já ouviu falar em Bob Kaufman? Ele foi um poeta de que ninguém ouviu falar. Uma vez, fez um lendário voto de silêncio que durou dez anos.

Nascido de uma mãe afro-americana católica e de um pai judeu ortodoxo alemão, Bob Kaufman viveu uma vida corroída pelas drogas, como *beatnik* em São Francisco, nas décadas de 1950 e 1960. Embora a sua biografia seja cheia de lacunas e sumiços, alguns de nós sabemos que ele é o autor de *Solitudes Crowded with Loneliness* — ou será *Abomunist Manifesto*? Estava sempre escrevendo e recitando poesia em lugares inacreditáveis. Nos telhados. Na esquina das ruas. No dia que o presidente Kennedy foi assassinado, Bob Kaufman fez um voto de silêncio. Por dez anos ele não falou com ninguém. Não recitou poemas. Ninguém nem sabia onde ele estava.

No dia que a Guerra do Vietnã acabou, Bob Kaufman foi até um café e recitou um poema, oferecendo aquele momento de glória a um punhado de estranhos. Depois disso, a vida dele se alternou entre períodos de vício em metadona, extrema pobreza e inspiração criativa. Era como se ele estivesse querendo apagar a vida conforme vivia. Escrevia poemas em guardanapos e jornais, coisas que voavam pelas ruas. “Quero ser anônimo”, ele declarou uma vez. “A minha ambição é ser completamente esquecido.”

---

<sup>17</sup> Monges, *quakers*, budistas, índios apaches, George Harrison, viúvas aborígenes, o meu pai, o abade Rancé de La Trappe, Isaac Luria, Abraham Lincoln, capricornianos, os neoplatônicos, só para citar alguns. Você, leitor, poderia se incluir entre as pessoas silenciosas, mas, de acordo com Milroy-Dudek (1993), *ouvir* não é uma forma de silêncio, sinto muito.

## COISAS ESCONDIDAS

— Certo — diz o advogado designado pelo tribunal. — É verdade, sobre o seu pai. Ele faleceu há três anos. Suponho que sem ter o seu endereço... sem outros parentes vivos... Olha, não é culpa de ninguém. Acontece. Ele morreu de causas naturais. O atestado do médico fala em complicações decorrentes de uma pneumonia. Ele tinha setenta e dois anos.

Eu não digo nada. O advogado se ajeita na cadeira. Ele é um cara absurdamente jovem. Magro, pele escura. Paquistanês, decido. Um defensor público, recém-saído da universidade. Eles o chamaram para cuidar da minha transferência, para me mandar para longe. E depois disso, eu vou ter que achar um outro advogado — não Thron, mas um que seja mais qualificado para lidar com alguém como eu, alguém com várias facetas. Olho para as unhas do meu advogado (imaculadas), para a gravata dele (de seda) e, por último, para o rosto dele, que me encara com uma receptividade abjeta. Mas estou olhando para ele do fundo do poço. Não há nada no mundo que alguém tão jovem e tão encantador possa fazer por mim.

— Sinto muito — diz ele. — O meu escritório está tentando rastrear os bens do seu pai. O que quer que ele tenha deixado pertence a você agora. Talvez, vendo essas coisas, você consiga tomar alguma decisão.

Eu não digo nada. O advogado parece desconfortável. Eu me sinto mal por ele. Aquela aparência jovem deve enfurecê-lo às vezes.

— Quanto à sua ex-mulher — continua ele. — Bem, ela está consternada. Quer cooperar inteiramente com a promotoria do

condado de Albany, para onde você será levado em breve. — Ele olha por cima do ombro, como se o guarda que iria me acompanhar, a cegonha do sistema de justiça criminal, tivesse perdido a deixa para entrar. — Assim que alguém estiver disponível para levá-lo. Haverá uma audiência preliminar. E a sua esposa terá que testemunhar nessa audiência. Mas você sempre pode ter esperança — o advogado faz uma pausa, sondando as possibilidades — de que, quando ela estiver calma... quando estiver menos zangada... ela não queira se livrar de você para sempre. Quer dizer — o advogado ri, meio sem jeito —, ela *não* pode se livrar de você para sempre. Vinte e cinco anos é a pena máxima para o crime de sequestro. Claro, parece *quase* para sempre. Uma acusação de interferência na guarda, em vez de sequestro, tem pena máxima de apenas quatro anos. Bem melhor, não?

Eu o encaro.

— Há também a possibilidade de uma acusação de fraude. Você está usando um nome falso. O que o coloca sob suspeita imediatamente. E tenho que lhe dizer a verdade: você pode ter que se defender duas vezes. Como Eric Kennedy e como... como... — ele dá uma olhada nas anotações — Schroder.

Pigarreio, mas não faço nenhum comentário.

— A sua participação vai ser muito importante. Então, para que os seus advogados possam fazer a melhor defesa possível, você tem que contar a história toda. Do seu casamento, da sua vida familiar e principalmente do seu passado... — Ele faz uma pausa, olhando para mim bem de perto, esperando. — Você pode até pegar um ano se a sua história fizer todo mundo chorar. Você disse aos detetives que está disposto a dar a sua declaração. Mas aí parece que você mudou de ideia.

Eu não digo nada. Até pensei em explicar: *Olha, não é nada pessoal, eu simplesmente fiz um voto de silêncio. Não vou dizer uma palavra sequer até falar com a minha filha ou com a minha mulher. Alguém em quem eu confie. Alguém que eu conheça.*

— Pense na situação da sua mulher — continua ele. — Ela acabou de descobrir que você não é quem dizia ser. A sua identidade, o seu passado, tudo, não é o que você dizia. Até mesmo o sobrenome dela, o sobrenome de casada, é uma invenção.

Nada que eu mesmo já não tenha pensado, quero dizer a ele.  
(Charlatão! Vendido! Vigarista! Trapaceiro!)

— Mas também... Eu ainda não tenho filhos, Sr. Kennedy, então posso ver essa história toda de um outro ângulo. Ela pode alegar que você colocou a sua filha em perigo, o que iria aumentar a sua pena significativamente. Vocês foram parar no pronto-socorro. A vida da sua filha estava em sério risco. E isso pode ser visto de muitas maneiras num julgamento. Eles podem chamar médicos especialistas...

Uma centelha de raiva passa pelos olhos do rapaz.

— O senhor poderia pelo menos assentir com a cabeça ou algo assim, Sr. Schroder, para mostrar que está me acompanhando?

Não digo nada. Não concordo com a cabeça.

— Você não está com vontade de falar — diz ele. — Ótimo.

Ele tira da pasta um bloco amarelo e uma caneta e os empurra pela mesa, na minha direção.

— Então escreva — diz ele. — Escreva. A história toda.

Olho fixamente para ele.

— Você sabe... — continua ele — estava pensando sobre esse caso ontem à noite e... para ser sincero, é um dos meus primeiros casos, e só estou aqui para cuidar da sua transferência... Mas é uma história comovente. Fico pensando nela o tempo todo. Fiquei

pensando, se *eu* fosse a mulher desse cara, o tivesse amado um dia e jamais tivesse suspeitado de que ele fosse uma pessoa diferente da que dizia ser, o que eu iria querer que ele me dissesse agora?

O meu advogado se recosta na cadeira e cruza as pernas, relaxado agora que tinha perdido uma vitória certa, e abre as mãos de repente, num gesto de surpresa, mostrando-se desarmado. Talvez porque eu tenha ficado em silêncio o tempo todo, ele deve imaginar que está falando consigo mesmo só que na minha presença.

— Eu ia querer que ele implorasse por perdão? Sim. Ia querer que ele me contasse quem realmente era e por que tinha mentido para mim? Sim. Mas, acima de tudo, ia querer saber *tudo* sobre os dias em que fiquei longe da minha filha. Tudo. Ia querer saber por que estradas ela passou, como estava o tempo, o que ela comeu, com quem falou, se ela se divertiu ou não. Se ela escovou os dentes todos os dias ou não. Se ela se *machucou*. Se *chorou*. — E, como a sala não tem janelas, ele olha para o duto de ventilação do teto. — Porque a pior parte é não saber de nada, não é? Não saber de nada é o que nos corrói por dentro.

Por um momento, nenhum de nós fala nada. O advogado parece ter esquecido de mim e balança a cadeira, inclinando-a nas pernas de trás como se fosse um menino.

— Depois disso — diz ele —, depois que eu soubesse de tudo, poderia até pensar em *você* de novo. Como uma pessoa que um dia conheci. Poderia até ser capaz de ter compaixão por você, de aceitar as suas desculpas, desde que...

O rapaz para no meio da frase. Finalmente sorri. Eu tinha puxado o bloco e pegado a caneta.

Começo a escrever.

*O que se segue é um relato de onde Meadow e eu estivemos desde o dia em que desaparecemos.*

Como dá para ver, é uma longa história.

Ainda não sei como termina. Mas começa com amor.

## VOCÊ E EU, E AS MANHÃS DE INVERNO

No primeiro trimestre da sua gravidez, tudo o que você queria eram nectarinas, nectarinas e mais nectarinas. Já no terceiro trimestre, você ficou fissurada em filmes ruins da década de 1980, estrelados por atores pouco famosos, como Kurt Russell. Assim que ficou grávida, a sua personalidade mudou completamente. Os seus olhos perderam aquela expressão desafiadora, a sua voz perdeu aquele tom cortante. Eu amei a sua versão grávida. A sua versão grávida era, apesar do terrível mau gosto, uma criatura mais calma e amável. O cansaço deixava você mais dengosa. Aquele tamanho todo fazia com que você aceitasse ajuda mais rapidamente. Sem a supervisão intensa da sua autocrítica racional, você se tornou mais simpática e, pela primeira vez, era *eu* quem tinha que esperar enquanto você ficava conversando com balconistas e atendentes de postos de gasolina, enquanto o sorvete descia em espiral até encher aquele pote enorme que você pedia. E foi bem no começo da gravidez que entendi o efeito neutralizador que essa mudança teria em você. Você tinha sido atingida por um raio de normalidade: ia ter um bebê.

Nós somos corpos, todos nós. Ninguém pode deixar de ter um. Todos nós entramos na vida da mesma maneira e a deixamos morrendo. Talvez o seu corpo grávido tenha forçado você a ver que era uma pessoa como outra qualquer, no fim das contas. Você sempre quis sentir que pertencia a alguma coisa. Talvez esse desejo tenha sido a razão por que passamos a maior parte do seu último trimestre assistindo ao time de beisebol amador da cidade, das arquibancadas daquele estádio bem-cuidado que eles tinham. O

meu horário de trabalho flexível como corretor tornava essas tardes possíveis para nós dois. Por um tempo, gostei de segurar o seu braço para você não cair, de fazer brincadeiras, de ir comprar batatas fritas. Mas conforme o verão foi ficando para trás e você não parou de querer assistir àqueles jogos, tenho que admitir que fiquei meio confuso. Eu não gosto de beisebol, e você sabia disso. (Esse esporte me deixa nervoso por causa daquelas horas em que, estranhamente, não acontece nada, mas há um silêncio tenso no ar, e também da possibilidade de uma bola de vez em quando acertar alguém nas arquibancadas.) Mas você... Era realmente você ali do meu lado, torcendo e gritando o nome dos jogadores?

Quando tentei me livrar daquilo, você insistiu para que eu fosse. Você ficava nervosa sem mim, falou. Sentia-se vulnerável ali, sozinha e grávida. Além disso, adorava a minha companhia. As minhas histórias, as minhas brincadeiras, o meu estoque inesgotável de invenções, o meu talento para imitar sotaques engraçados. Então continuei indo aos jogos, mas com certa desconfiança. Será que você tinha detectado alguma coisa em mim, algum traço estrangeiro? Eu tinha tanto cuidado com o meu jeito de falar, com o meu sotaque, com as minhas peculiaridades alemãs. Durante trinta anos, havia praticado, mas talvez tivesse me esquecido de algo bem óbvio. Algo escondido, mas aparente. Eu costumava olhar em volta, pelas arquibancadas de ferro quentes, para os homens americanos de cabelos curtos e espetados, e me perguntava apreensivo se eu tinha que ser mais como eles, se era isso o que você queria, e se eu podia fazer aquilo.

O que será que era tão inaceitável assim no meu jeito de ser? Pensei que estivesse me saindo bem. Estava me saindo bem no trabalho. Claro, com o mercado aquecido, eu vendia imóveis muito rápido. Eram apenas pequenos sítios e chalés, mas vinha

crescendo. As pessoas pareciam gostar de mim. Muito antes de a economia de energia ser uma causa nobre, da moda, eu tinha um jeito professoral meio tímido de levar os meus clientes a pensarem nas possibilidades escondidas de se fazer economia (por exemplo, usar os inesgotáveis lençóis freáticos para regar as plantas). Simultaneamente eu os provocava com a percepção de raridade de um colecionador. *Vejam essa janela de ferro*, eu diria. *Vejam esse palheiro esquecido. Venham ver a litografia incrível de uma mulher linda que encontrei no sótão*. E, além disso, eu era jovem e bem-apeado. Um tanto convencional, usando camisas sempre limpas. O meu cabelo tinha escurecido com a idade, mas ainda era louro, de um louro avermelhado nas raízes. Com aquelas camisas de camurça azul e as botas de caçador, e o meu nome gravado na porta lateral de um sedã da corretora, em cima do respeitável nome da Clebus & Co., eu era um membro da comunidade.

Mas, às vezes, no meio do jogo de beisebol, sentado lá com um saquinho de batatas fritas na mão, sorrindo para todos os clientes em potencial, eu ficava com medo. O que estávamos *fazendo*? Por que não continuávamos apenas você e eu? Você e eu, e as manhãs de inverno, e os jornais, e as conversas, e o silêncio, e a poesia, e regar demais as flores sem pensar em nada. Por que não tivemos a coragem de envelhecer daquele jeito? Por que ter um *filho*? Por que chegar a esse ponto?

Mas já estávamos longe demais. Isto é, você estava longe demais. Com oito meses de gravidez, você era uma linda redoma, protegendo o amor que carregava. Você era uma cobra que tinha se apaixonado pelo que engolira. Recostada nas arquibancadas, com os cotovelos apoiados, você olhava sobre o seu próprio horizonte, vestindo uma camiseta que mal conseguia cobri-la toda, deixando uma faixa de pele aparecer por cima do seu short. Em vários

momentos durante o jogo, você gritava: *Vai, vai, vai, vai, vai!* E o seu entusiasmo quase fazia com que eu me sentisse melhor. Você, essa visão graciosa da vida, gritando para pessoas que nem ao menos podiam escutá-la. Tentei relaxar e curtir o fim da gravidez. Mas, na verdade, o medo que eu sentia de ser pai era apenas uma versão aumentada do medo de qualquer outro homem. Os pressentimentos, em geral, são verdadeiros: você vai se apaixonar pela coisa que está lá para capturá-lo.

*Vai, vai, vai, vai, vai!*

Você. Você sabe quem você é. Um homem jovem, lançado ao desconhecido quando, de repente, numa noite inocente, ele chega. O visitante chega.

Para o hospital. Pegue as suas coisas! A bolsa! Apague as luzes. Não demore! Você corre até a porta para só então perceber que se esqueceu da sua mulher, aquele ser místico, curvado para a frente, gemendo na cozinha. Ela se recusa a andar, mas tem que andar. Dê-lhe alguns segundos! Ela está tremendo; isso é normal? Não! Não é normal de jeito nenhum! Mas, de algum modo, você não sabe como, o telefone está coberto de manteiga e você não pode pegá-lo, portanto não há como falar com o hospital ou chamar uma ambulância! Muito melhor é tranquilizar a sua mulher e fazê-la entrar no carro. É mais rápido do que esperar a ambulância! Mas será que você não deve movê-la, como se fosse uma dessas pessoas correndo o risco de ficar parálitica? Será que ela ficar parada ali, como está, vai *quebrar* o bebê? Vários minutos incômodos se passam enquanto a sua mulher continua olhando para o chão. A expressão dela é como a de um toureiro chifrado pelo touro. Será que ela consegue falar? Não! Isso é normal? A informação foge da sua cabeça como o ar de dentro de um pneu furado. Tudo em que você consegue pensar em dizer é *Eu ame*

*você e, com isso, quer dizer: "Fiz o melhor que pude, mas agora estou vendo que você vai morrer e que é culpa minha, e quero deixar registrado que eu realmente amo você. Eu não estava tentando matar você!"* E esse comentário enfim devolve a consciência ao olhar da mulher em trabalho de parto.

*O que você disse?*

Eu disse que eu *amo* você!, você grita, colocando o braço dela nos seus ombros, arrastando-a porta afora. Eu amo você! Me desculpe por ter feito isso com você!

Você não fez isso comigo, seu bobo, a sua mulher ri.

As contrações dela devem ter passado. Agora ela se encosta voluptuosamente em você, como se tivesse todo o tempo do mundo. O trabalho de parto a está deixando débil. A testa dela brilha de suor nas luzes da rua onde vocês moram. Você tenta encontrar as chaves.

*Nós* fizemos isso conosco, ela esclarece. E, P.S., eu também amo você. Estou tão feliz por você fazer parte da minha vida. Você sabe disso, não sabe?

Às vezes eu sei, você diz.

Eu estou, ela diz. Muito feliz. Eu amo você em silêncio o dia inteiro. Sempre fui — ela procura a palavra certa — meio careta. Posso ser uma verdadeira estraga-prazeres, eu sei disso. Mas quando estou com você, me sinto mais solta. A vida é gostosa e luminosa e cheia de movimento. Eu fico *inspirada*. É assim que eu me sinto quando estou com você.

Você olha para ela, o coração disparado. Você acredita nela. Você deseja poder parar e fazê-la repetir tudo de novo para que registre com um gravador, mas sabe que tem provavelmente um minuto ou dois antes de perdê-la para a próxima contração, e você precisa continuar fazendo-a *andar*, precisa mantê-la *focada*, porque,

apesar de todos os exercícios úteis que eles ensinam nas aulas de pré-natal do centro comunitário, nenhum deles é “Como fazer o parto do seu próprio filho no banco de trás do carro usando apenas um abridor de garrafas, uma lanterna e um mapa de Albany”.

*Madame*, você diz, abrindo a porta de trás.

E ela fica no hospital por horas, exausta, esperando sentada na cama e de vez em quando diz: Bem, esta é a *primeira* vez que não tenho que esperar horas na emergência. A noite se alterna no ritmo dos gritos angustiantes dela seguidos por alguma conversa sem importância. Nesse meio-tempo, vocês chupam cubos de gelo juntos. As enfermeiras entram e saem, entram e saem, e placas tectônicas se movimentam e estrelas morrem e finalmente o obstetra aparece e diz vamos induzir o parto, e então começa a indução e as contrações se aceleram, mas infelizmente não há nenhuma mudança na dilatação do colo do útero. É como tentar fazer uma parede dilatar. Prazos são definidos agora e várias autorizações são impressas para que vocês concordem e assinem e, de repente, vocês dois são os convidados de honra de uma emergência médica. A você — o pai — dão um jaleco azul e um par de sapatilhas, com que você fica parecendo um armário de vassouras, enquanto a sua mulher é levada para a sala de cirurgia, seguida por um anestesista alto que é, na verdade, por uma ironia do destino, alemão.

Mas você está tão feliz de não ser você o responsável por operá-la. (Quando eles lhe deram aquele jaleco, você ficou imaginando coisas.) Você tem apenas que correr muito e se trocar e encontrar a sala de cirurgia, e nesses momentos devastadores em que você está longe dela, se trocando, você percebe que nunca, nunca quis perder essa mulher e que agora vocês dois estão ligados por algum tipo de conexão mais forte que qualquer cordão, qualquer cabo,

qualquer âncora. Mais forte que tudo que o ser humano possa fazer com as mãos. Ela está deitada naquela luz, crucificada, os pulsos amarrados a uma mesa que faz um T, quando você chega e se senta numa cadeira que foi colocada bem ao lado da cabeça dela. E você enxuga o rosto dela porque ela está chorando. E você a conforta. Você diz, está tudo bem, meu amor. Você diz, eu estou aqui. E quando eles cortam a barriga dela você nem olha. Porque você não está mais falando com o *corpo* dela. Você não está falando com o corpo dela, não. Porque um lugar é criado por todo amor em seu ápice. E você está falando com a alma dela nesse lugar distante. É um lugar onde você nunca esteve antes, um lugar onde nunca vai estar novamente. Você nem deveria saber que esse lugar existe.

No fim das contas, você percebe que nunca se sentiu tão próximo de alguém em toda a sua vida.

Você diz para si mesmo, eu nunca vou me esquecer disso. Eu nunca vou trair isso. Vou viver a minha vida tendo *isso* como parâmetro. E mesmo que eu nunca mais o alcance, nunca vou abrir mão do meu compromisso de acreditar nisso e de viver por isso.

Mas você não faz isso.

Isto é, você esquece. Você se torna complacente. E numa noite de verão alguns anos depois, na colina ao lado da universidade, no meio de um jogo de futebol improvisado, você olha para o verde intenso do vale do Hudson e se pergunta: Sim, mas qual era mesmo aquela outra coisa? Qual era o sonho de que eu deveria me lembrar? Você está atrasado para chegar em casa, mas imagina que ninguém vai ligar se terminar pelo menos o primeiro tempo. E logo antes de começar a correr pelo campo, você percebe, sem nenhuma emoção, que não pode nem ao menos classificar o que esqueceu na categoria de esquecimento. Foi apenas assim, você

abriu mão. Você gostava do sentimento do amor, mas não estava interessado em se esforçar por isso, então abriu mão dele. Você desistiu porque teria sido difícil. Você gostava apenas quando era bom, quando fazia você parecer bom. Quando o amor lhe pediu um pouco mais, você relutou. Na verdade, você fingiu que nada lhe tinha sido pedido. Você esqueceu que devia algo a elas, que devia a elas o esforço do amor. Você esperava que, mais cedo ou mais tarde, elas também se esquecessem. Você tinha esperança de que elas se esqueceriam de você e de si mesmas e seguiriam em frente veneravelmente sustentando a sua imagem. Levou anos para ela descobrir isso. E então descobriu, de algum modo. Mas você. O seu entendimento ficou para trás. Você nunca tinha imaginado nada além da conquista. E esses são os arrependimentos que consomem você agora, com todo esse tempo à sua disposição.

Muito. Muito. Tempo.

Eu decepcionei você.









decepçionei você. Eu decepçionei você. Eu decepçionei você. Eu  
decepçionei você. Eu decepçionei você. Eu decepçionei você. Eu  
decepçionei você. Eu decepçionei você. Eu decepçionei você.

## EN FIN

Já não falo nada há algum tempo. Vinte e um dias pelas minhas contas. A minha voz, quando a ouço nos meus sonhos, adquiriu uma profundidade estranha pela falta de uso, uma espécie de rouquidão virgem. A minha greve de silêncio tem sido um experimento interessante, me dando praticamente tudo, menos aquilo que eu esperava. Como método estratégico, foi um fracasso total. Consideraram que eu não queria cooperar e, apesar dos meus bilhetes educados explicando o meu silêncio, fui colocado sob observação e deixado na minha cela quase o tempo todo, exceto por uma hora diária, quando fico perambulando solitário pelo ginásio. Não vi a minha filha. Não soube nada dela. Tudo o que eu sei é que a carta que tentei enviar contra o conselho do meu advogado para o velho apartamento em Pine Hills voltou sem ser aberta, sem nenhum novo endereço para correspondência. Sou forçado a acreditar que tudo o que ganhei com o meu silêncio foi este relato, que jamais teria sido escrito se eu tivesse me permitido falar. Eu ficaria tagarelado o dia inteiro na sala de convivência com os outros caras. Teria cantarolado baixinho à noite. Teria feito amizade com os guardas ou dado um jeito de ir para a enfermaria, ou de participar de algum dos workshops de desenvolvimento infantil oferecido àqueles que estavam interessados em saber como vieram parar aqui. Em vez disso, escrevi.

Escrevi para você, Laura. Escrevi para você e por sua causa e com você em mente, sentada na mesa da cozinha, vestindo o velho cardigã cinza. Eu não poderia ter escrito este relato se não fosse para você. Eu não poderia ter escrito este relato se pensasse que você não está me escutando. Mas agora que cheguei ao fim, ao

momento presente, deparei com a súbita compreensão de que eu não posso exigir que você o leia. Ou talvez eu entenda agora que você nunca irá lê-lo. É apenas isso, você nunca vai lê-lo. Mesmo que este relato passe pelo veto do meu advogado, mesmo que ele decida que o que escrevi pode amenizar, em vez de agravar, a acusação contra mim, alguém vai enviá-lo para você (no seu novo endereço) como uma pilha de papel inerte num pacote. Você vai chegar em casa um dia e encontrá-lo ali e fazer uma pausa. Vai levantar o pacote do chão e colocá-lo na mesa. Meadow vai lhe perguntar o que é e você vai responder *Nada importante*. Ela vai correr para trocar a roupa da escola e você vai olhar pela janela e suspirar. Nessa noite, depois que Meadow for para a cama, com os cabelos ainda úmidos do banho, guardando os óculos dentro do tênis, depois que você beijá-la cinquenta vezes em todos os lugares que fazem parte do ritual da hora de dormir, você vai se sentar no sofá com as pernas para cima e tentar ler.

Mas não vai muito longe. Uma página ou duas. É demais para você. Vai lê-lo depois. Você quer cada vez menos cumprir todo o processo. O seu testemunho na audiência será breve, relutante. Você quer seguir em frente. Não quer mais o meu mal, mas também parou de se preocupar com o que vai acontecer comigo. Em algum lugar na sua alma, você se desconectou de mim, se desatrelou, você abriu mão. Você se voltou para a sua filha, para encorajar a felicidade dela e enfrentar as questões que ela vai lhe trazer. Na verdade, isso só me ocorreu agora, a única razão pela qual você leria este relato é se quisesse interceder. Se quisesse me salvar.

Como é estranho ficar em silêncio aqui, neste lugar específico. Muitas vezes quero falar alguma coisa, qualquer coisa, apenas para contribuir com o barulho do ambiente. Um barulho constante, uma

luz constante. E eu, sentado como um poeta no meio de tudo isso. É engraçado ouvir as pessoas falando quando você não pode responder. As pessoas falam *tanto*. Tagarelam longos monólogos sobre preferências pessoais sem importância. Literalmente, repetem conversas sem sentido. Trechos de memória não interpretados. O homem na cela ao lado, por exemplo. Um reincidente clássico, um verdadeiro poderoso chefe da cadeia. Ele parece quase aliviado de voltar para cá apenas para poder falar o quanto quiser. Ele fala o dia inteiro. Ele chegou uma semana depois que me transferiram para cá. Como estava lá fora quando o meu nome aparecia nos noticiários, ele se tornou um fã do meu caso, e fala sobre mim através dos dutos de ventilação sem parar. Ele diz que conhece a promotora do meu caso, e por horas a fio ele analisa o histórico de julgamentos dessa mulher com certa admiração impassível, e não posso fazer nada, a não ser ouvir.

— Não se preocupe, Kennedy — diz ele. — Você vai ficar bem assim que eles perceberem que você não é um monstro. Você *não* é um monstro. Você nem estaria aqui se não fosse esse seu nome famoso. Irônico, não é? Se você não fosse um Kennedy, ninguém ligaria para você.

Eu apoio a lateral da minha cabeça na parede e massajeio o meu couro cabeludo na superfície áspera. Estou sentado na escrivaninha de metal. A minha cadeira é pequena, feita para crianças, e com o assento quebrado aqui e ali, como se fosse um velho biscoito mordido. Pego o meu bloco amarelo. Pego o meu lápis já quase sem ponta. Raros cinco minutos se passam sem nenhum comentário. Fecho os meus olhos e deixo a minha cabeça dançar suavemente, lembrando. Depois de um tempo, vejo, nos azulejos de uma cozinha, uma sombra familiar se aproximando, hesitante. Alguém entra na cozinha, com o rosto envolvido por uma

atadura. Abro os meus olhos, esperando que memórias mais agradáveis venham à tona. Mas elas não vêm.

— É, você vai ficar bem, Kennedy. Você vai ficar bem.

Ouço o meu amigo pressionar a porta da cela com o peso do corpo, e me admiro com a capacidade que ele tem de ficar em pé o dia todo.

— Mas você sabe o que é ficar tudo bem, não sabe? Eles não vão deixar você chegar perto da sua filha. Eles vão tentar mandar você de volta para casa, para a Baviera ou sei lá onde.

Dou um suspiro e me levanto. Eu me deito no colchão e coloco o antebraço sobre os olhos. As minhas pernas, o colchão, tudo está envolvido pelo mesmo material descartável, de má qualidade. Os lençóis são de verdade e você poderia dizer que são macios.

A voz do meu amigo flutua até mim pelo duto de ventilação.

— Fico me perguntando... Você sente falta, Kennedy? Da sua vida inventada?

Quase rio. Sinto? Será que sinto falta de Twelve Hills? Será que sinto falta da mãe e do pai que inventei para mim mesmo? Será que sinto falta até mesmo da minha conexão intangível com uma família famosa?

Eu tinha imaginado tudo muito bem. Cheguei a um ponto em que podia me *ver* criança, cavando um buraco na areia fina da praia onde cresci, ouvindo a minha professora preferida contar uma história ou andando pelas ruas ao lado das minhas babás de bundas largas. Essas visões eram tão vigorosas que, se eu procurasse na minha cabeça e construísse a cena, ela se espalharia infinitamente — não superficialmente, mas infinitamente —, e se você tivesse me perguntado o que havia além disso, o que podia ser visto, bem, eu diria a você. A oeste havia as dunas. Ao norte, o brejo onde eu ia pegar alface. E lá, despontando no meio do oceano, o farol

desativado em cujo comitê filantrópico de restauração a minha própria mãe trabalhava.

Acho que eu precisava de uma vida que pudesse revisar. E se eu tivesse aceitado a minha vida, minha primeira vida, teria respeitado os seus limites. Teria vivido calmamente, quase sem sonhar. Teria convencido a mim mesmo que uma vida triste e quieta era adequada. Mas, em vez disso, eu sonhei. Decorei todos os quartos do meu passado com os prazeres que encontrava por toda parte. Até mesmo me apaixonar por você, Laura — *especialmente* me apaixonar por você e me sentir tão diferente... O amor foi o meu contra-argumento. De repente, havia festas de Natal por todo lado em Twelve Hills, mulheres bem-amadas com vestidos de seda, garotos alimentando paixões pelas mães de outros garotos, tapetes macios para os bebês e irmandades para os homens. Meu Deus, isso soa tão sentimental quando colocado desse jeito, mas foi isso que a minha segunda vida fez por mim.

E dor. Mesmo a dor. A dor não é boa se é anônima, monolítica, genocida. A dor na minha vida inventada era do tamanho de um garoto. E era *melhor*, porque eu podia *suportá-la*. Não tinha mais que ser meio suicida, vivendo uma vida pela metade ou menos que isso — permitindo-me apenas alguns momentos agradáveis, brandos, não ameaçadores —, a menor parte dela. Eu não tinha mais que estar meio vivo. Um meio suicídio como o meu pai.

Meus olhos se fecharam, ele entra cegamente na cozinha mais uma vez, com as mãos estendidas à frente do corpo, tateando o ar, procurando a porta da pequena geladeira que nós sempre mantínhamos meio vazia. *Vater*. Pai. Eu mando ele ir se deitar. *Eu levo para você*, eu digo.

Se nós pudéssemos *saber*, se pudéssemos ser avisados, poderíamos reivindicar nossos bens dispersos antes de a morte

chegar. Falando assim fica parecendo que tentei? Aqui está uma lembrança:

Foi em 1994. Um domingo. Estou dirigindo um carro emprestado, indo na direção sudeste. É um Firebird da Pontiac, amarelo, de colecionador, com um rádio fantástico, que acabou de engolir uma fita do Aerosmith de um jeito que me pareceu até sexy. Tenho vinte e seis anos e marco o compasso da música batucando no volante. Acabei de cruzar a fronteira de Massachusetts e pego uma estradinha que corta o estado pela trilha Mohawk. Eu gosto dessa estrada por causa da vista do topo do monte Greylock e de uma lojinha de quinquilharias que fica ali como um templo budista açoitado por ventos de todos os lados.

Estou atrasado. Tinha dito ao papai que voltaria a Dorchester dias antes. Ele vai fazer uma cirurgia de catarata nos dois olhos na segunda e precisa da minha ajuda para resolver algumas coisas. Apesar de o atraso em si ser perdoável — não me lembro do motivo do atraso — ir por aquela estrada pitoresca pela trilha Mohawk não é. Mas, mesmo assim, dirijo sem pressa. Eu não vejo o meu pai desde que a visão dele começou a degenerar e, quando chegar lá, vou estar desgraçadamente despreparado para a debilidade física dele. Tenho uma namorada — não é a minha mulher, não é a pessoa certa —, uma garota com quem estou saindo, que se chama Angela. É o carro de Angela que estou dirigindo. Ela era minha colega de classe nas aulas de espanhol, no último ano na universidade. Ela me perseguiu por bastante tempo depois da formatura até que cedi e fui para a cama com ela. E agora passamos muito tempo juntos, a maior parte dele nus. Estou pensando nisso — em Angela — enquanto vou descendo o vale dos Pioneiros, mal reparando na vegetação lúgubre dos dois lados da

Rota 91. *Volte logo, Angela* pediu quando estávamos na cama naquela manhã. *Prometa que vai voltar logo.*

Eu não amo Angela. Eu disse isso a ela numa tentativa de me livrar de qualquer dívida futura. Ela diz que tudo bem. Ela diz que amor é apenas uma palavra. Na minha experiência limitada, parecia tudo bem. Eu não amo Angela, mas enquanto dirijo pela trilha Mohawk, sinto saudade dela. Ela é a minha namorada. Ela é um projeto em construção. Associo a ela tudo o que amo em Albany, que é não ter nenhuma conexão familiar, cultural ou filosófica com a cidade. Estou preso apenas ao exercício do meu livre-arbítrio.

No momento em que entro no apartamento da Savin Hill Road, papai se senta e diz, em inglês:

— Obrigado por ter vindo.

Embora esteja completamente vestido, parece ter acabado de acordar de um sono profundo. Como sempre, não estou preparado para a formalidade dele, o modo como é sempre tão calmo que chega a parecer frio. Nem estou preparado para perceber que estou frustrado por ele ainda dormir no sofá, em vez de na cama de solteiro onde eu dormia antes. Preciso de ar, inspirar e expirar várias vezes, e estou evidentemente exausto depois de subir os três lances de escada. Apenas alguns instantes antes, eu mal havia sobrevivido à entrada do prédio, onde costumava apoiar a minha bicicleta velha e suja na parede. Por que aquela entrada me incomoda tanto? Por que a lembrança daquela bicicleta suja me incomoda tanto? Não sei. E ainda não sei. Tirando a chave da fechadura, ofereço ao papai um sorriso encorajador. Ele me olha sem certeza da poltrona onde está sentado e percebo que estou sorrindo para um homem cego.

— Ah — diz ele e tateia a superfície da mesinha da TV. Ele pega algo que parece mais um escudo de proteção e coloca por cima dos

próprios óculos. Ele me encontra com os olhos aumentados. —  
*Agora* estou vendo você — afirma ele.

Ando em sua direção e seguro seu ombro, repentinamente comovido.

— Oi, pai. Estou aqui.

— Me desculpe pela minha aparência — diz ele.

— O quê? Não, você está ótimo.

— Não enxergo mais.

— Bem, está me vendo.

— Muito mal.

— Você vai ficar *bem*.

Ele aperta o meu braço.

— Meu filho, você veio.

Sinto um aperto na garganta. É — eu me lembro agora —, havia um pequeno risco de cegueira permanente na cirurgia. Ele está com medo. Mas em vez de encorajá-lo, sinto um aperto no estômago e um choro de criança começar a subir por dentro de mim. Meu Deus, não, penso. Você não pode chorar, seu merda. Se começar a chorar, nunca vai se perdoar. Vai morrer de vergonha. *Trottel. Idiot. Imbecil. Idiota. Fraco.* E é quando faço um acordo. Digo: Meu Deus, se você me ajudar a sair de Dorchester sem chorar, nunca mais ponho os pés neste lugar novamente. Vou desaparecer.

O choro para bem no alto da minha garganta e afunda de volta no silêncio.

A cirurgia corre bem. No fim do dia, levo papai de volta ao apartamento. Conduzo-o pela escada, segurando-lhe o braço. A metade de cima do rosto dele está coberta por uma atadura. Eu desobedeço às regras de trânsito e deixo o carro bem na entrada do prédio, bloqueando a passagem. Faço papai se sentar no sofá e coloco alguns travesseiros nas costas dele. Ele pede uma cerveja.

Vou até a geladeira velha e caindo aos pedaços, pego a cerveja, tiro a tampa e coloco o gargalo gelado perto da boca dele. Eu me sento ao lado dele enquanto ele bebe e, por um momento, quase gosto daquela sensação familiar do silêncio.

— Falta de comunicação — diz papai, engolindo. — Essa é a expressão em inglês.

— O quê? — pergunto. — O que foi que você disse?

— Nós éramos estrelas em direções opostas.

— De quem você está falando, papai?

— Da sua *Mutter*. Da sua *Mutter* e eu.

Dou uma batinha no meu joelho.

— Você tem que descansar.

— Mas é uma coisa simples de dizer. Falta de comunicação. Ia acontecer de qualquer jeito. Perdemos a capacidade de falar. Nós nos tornamos crianças pequenas outra vez. — Ele vira o rosto enfaixado na direção do meu. — Eu queria explicar tudo para você.

— Papai, você não precisa me explicar nada. É uma história muito antiga.

— Fiquei confuso por muito tempo. Amor. Oportunidade. Ela dizia que eu não era amoroso. Mas veja onde *estávamos*. Veja onde vivíamos. A sociedade em que vivíamos. Um regime falso, éramos o brinquedinho de outro país. Artificiais. *Paranoicos*. Calados. O coração precisa de inspiração. O coração precisa de oportunidade...

— Papai, por favor, pare.

— Você era muito *jung* para entender naquela época. Então vou lhe explicar agora.

— Não — digo. — *Nein*.

— Não? Por que não?

— Porque não...

— Não estou entendendo.

Dou uma risada, procurando algum apoio no apartamento vazio.

— Meu Deus, você acabou de fazer uma cirurgia. Onde é que está escrito na receita do médico que o paciente deve ficar contando histórias longas e dolorosas de um passado distante? Histórias que ninguém mais... Que todo mundo... Além disso, você tomou uns doze sedativos diferentes, então não acredito em você.

— Quero contar o que aconteceu.

— Não.

— Você não quer saber o que aconteceu conosco?

— Não.

— Durante a cirurgia, fiquei pensando, e se me acontece alguma coisa e deixo você sozinho? Eu estou aqui e vou lhe contar agora.

— *Nein.* — Estou tremendo. — *Ich will es nicht wissen,* papai.

*Ich will es nicht hören.*

— Me deixe contar. Está tudo bem.

— *Du bist krank. Du bist betrunken.*

Coloco a mão sobre a minha boca, contente de que ele não pudesse me ver. Eu me levanto e vou até a janela. A rua lá embaixo está vazia. Do outro lado, há uma sombra no alto do edifício branco na esquina, e ele parece a página de um livro com a ponta dobrada. Nenhum de nós fala nada.

Então o meu pai diz, com uma voz rouca:

— Tínhamos uma hora para chegar à Friedrichstrasse...

— Chega — digo e volto para o sofá, tirando-lhe a garrafa de cerveja da mão, e ele fica tentando pegá-la no ar. — Você não pode beber isso. Não está dizendo coisa com coisa. — A minha voz vira apenas um sussurro. — Não está dizendo coisa com coisa.

Ele se endireita no sofá.

— Filho, vejo você tão pouco.

— Eu sei.

Um buzina contínua soa lá fora. Nós dois viramos a cabeça para olhar para a janela.

— A garagem — diz papai. — Você tem que tirar o carro dali.

*Ei! Ei! Alguém aí!* Uma voz de mulher grita lá embaixo. *Ei, imbecil!*

— Acho que ela está me chamando. — Pego as chaves do carro. — Já volto.

— Não — diz papai, cansado. — Pode ir. Vá. Viva a sua vida. Estou em casa agora. Só quero dormir um pouco. Vá, vá.

Enxugo os olhos.

— Eu disse que volto logo. Onde é o estacionamento?

— Victoria *Strasse* — diz ele calmamente, apertando a atadura sobre os olhos. — De segunda à quarta, estacionamento na Victoria *Strasse*.

Desço as escadas devagar. Atrapalho com a minha lentidão as poucas pessoas que sobem. Saio pela porta lateral. Ouço a batida da porta. Uma mulher num carro sujo me olha pelo espelho lateral, com uma guimba de cigarro entre os dedos. Entro no carro de Angela e saio dali.

Dirijo rápido. Muito rápido. Estou de volta à rodovia, indo na direção norte. Não encontrei o estacionamento na Victoria *Strasse*. Quer dizer, não procurei pelo estacionamento na Victoria *Strasse*. Piso fundo no acelerador e entro na pista da esquerda. Até então eu sempre ficara bem atento aos limites de velocidade, instintivamente com medo de carros de polícia. O Aerosmith parece esquisito agora e fico olhando firme para a estrada, tentando me lançar umas duas horas à frente, em meio aos vales verdejantes entre Stockbridge e Austerlitz, a expectativa de chegar rápido ao estado de Nova York, querendo voltar logo para Angela.

*Volte logo. Prometa que vai voltar logo.*

Finjo que tenho uma emergência e que é por isso que fico cortando sem parar entre os carros na estrada indo para a Costa Norte. Finjo que sou insensível, que não tenho nenhuma dívida e nenhum futuro para me prender. Finjo que nunca vou ter nada que não suporte perder. Finjo que ninguém pode me deter, sem saber que, treze anos depois, vou entrar por uma porta de vidro, que eu não sabia que estava ali, e essa porta de vidro vai ser o meu pai. Essa porta de vidro vai ser a minha primeira vida. Essa porta de vidro vai ser eu mesmo. E agora estou coberto de cacos.

*Das Ende.*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que me apoiaram enquanto eu escrevia este livro, entre elas Emily Foreland, Emma Patterson, Libby Burton, Brian McLendon, e o meu editor, Cary Goldstein, que acredita muito em mim. Dedico este livro à memória de Wendy Weil, minha amiga e luz da minha vida, e à minha sogra, Ellen Arnold Groff. Sinto saudade de vocês duas. Sou grata a Corporation of Yaddo, a MacDowell Colony e a Amherst College. Por sua *expertise*, agradeço à família Scott-Kunkel, Mira Kautzky, Dan Hart e Leah Rotenberg. Por suas opiniões sinceras, agradeço a Adam Haslett, Nam Le, Sarah Shun-lien Bynum, Jonathan Franzen, Youna Kwak, Sarah Moore, Judith Goldman, Daniel Hall, Catherine Newman e Ted e Kathy Beery, e também ao trabalho dedicado de Adam Jaworski. Quero agradecer ainda à minha família, Karina Gaige, Norman Cohen, Robert Groff, Ted Watt, minha inestimável mãe, Austra, meu filho extraordinário, Atis, e à irmãzinha dele, Freya, e, em especial, ao meu marido, Timothy Watt, cujo amor, admiração e espírito literário inspiram cada palavra deste livro.

## Sobre a autora



AMITY GAIGE tem ensaios, artigos e contos publicados em diversos jornais e revistas, entre eles *The Yale Review*, *The Literary Review* e *Los Angeles Times*. Foi agraciada com uma bolsa de estudos da Fundação Fulbright e, em 2006, eleita pela National Book Foundation uma das cinco escritoras americanas mais promissoras com menos de trinta e cinco anos. *Schroder*, seu terceiro livro, considerado um dos melhores de 2013 pelo *The New York Times* e pelo *The Washington Post*, figura entre os finalistas do Folio Prize. Amity vive em Connecticut com a família.